

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA LITERATURA**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO LITERATURA COMPARADA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***  
**DOUTORADO**

**Fabio Mario Iorio**

**RASTROS DO COTIDIANO: FUTEBOL EM VERSIPROSA DE**  
**CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

**Rio de Janeiro**

**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Fabio Mario Iorio**

**RASTROS DO COTIDIANO: FUTEBOL EM VERSIPROSA DE  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Tese de doutorado em Letras apresentada à  
coordenação dos cursos de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Resende.

**Rio de Janeiro**

**2006**

Fábio Mário Iorio

**RASTROS DO COTIDIANO: FUTEBOL EM VERSIPROSA DE  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Tese apresentada à Coordenação dos  
Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de  
Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Resende**

---

**Prof. Dr. André Luís Gardel Barbosa**

---

**Prof. Dr. Marildo José Nercolini**

---

**Prof. Dr. Geraldo Luiz dos Reis Nunes**

---

**Prof. Dr. Luiz Edmundo Bolças Coutinho**

## AGRADECIMENTOS

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Resende pelo ensinamento, amizade e orientação que tornaram possível a realização deste trabalho.

Ao incentivo e companheirismo em todas as horas do irmão Vitor Mario Iorio

À fraternidade de Rafael Mario Iorio.

À colaboração da hora exata da formatação dos sobrinhos Rafael e Pedro Henrique.

À parceria de minhas mulheres Maria Ignês e Ana Carolina.

Aos mestres do Curso de Doutorado da UFRJ

A todos que contribuíram de alguma forma para este sonho ser realizado.

## RESUMO

Rastros do cotidiano analisa a importância do futebol brasileiro nas crônicas jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no Correio da Manhã e no Jornal do Brasil durante 1954 até 1983 e reunidas na coletânea “Quando é dia de futebol” de 2002. Aborda o período de afirmação e supremacia da escola do futebol-arte brasileiro no âmbito internacional, enquanto resultado da participação étnica e social de grupos excluídos desde da profissionalização, dos anos 30, concomitantemente ao contexto republicano pós -1950, pressionado pela conjuntura internacional da guerra fria. As crônicas traçam a tensão entre o texto e o contexto, relacionando futebol e política, desdobrada em arte e mídia. Delimita a geração Maracanã até os anos 80, assinalando sua contribuição pelo discurso do oprimido.

Palavras-Chave: Drummond. Crônicas. Futebol. Arte.

**ABSTRACT**

“Rastros do cotidiano” analyzes the importance of the Brazilian football in *Carlos Drummond de Andrade’s* journalistic chronicles published in the “Correio da Manhã” and the “Jornal do Brasil” from 1954 to 1983, all gathered and republished in 2002 through the “Quando é dia de futebol” collectanea. This thesis approaches the affirmation and supremacy period of Brazilian art-football under the international scope as a result of social and ethnic participation by excluded groups since the professionalization in the 30’s, concomitantly to the republican context after 1950, under the pressure of Cold War’s international conjecture. The chronicles outline the tension between the text and the context, relating football and politics, unfolding in art and media. It delimits the “Maracanã” generation until the 80’s, detaching its contribution by the speech of the oppressed.

Key-words: Drummond. Chronic. Football. Art.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>1</b>   |
| <b>2. OBSERVADOR LITERÁRIO .....</b>                                | <b>5</b>   |
| <b>2.1. Diamundo .....</b>  | <b>5</b>   |
| <b>2.2. De notícias e não notícias faz-se a crônica .....</b>       | <b>12</b>  |
| <b>3. QUANDO É DIA DE FUTEBOL .....</b>                             | <b>30</b>  |
| <b>3.1. O torcedor .....</b>  | <b>36</b>  |
| <b>3.2. Seleção de ouro.....</b>                                    | <b>62</b>  |
| <b>3.2.1. Do pioneirismo inglês às primeiras copas da fifa.....</b> | <b>62</b>  |
| <b>3.2.2. Geração maracanã.....</b>                                 | <b>75</b>  |
| <b>3.2.3. A grande ilusão – Suíça 54 .....</b>                      | <b>83</b>  |
| <b>3.2.4. O divino caneco – Suécia 58 .....</b>                     | <b>86</b>  |
| <b>3.2.5- Na raça ou na graça – Chile 62 .....</b>                  | <b>119</b> |
| <b>3.2.6- Taça de amarguras – Inglaterra 66 .....</b>               | <b>146</b> |
| <b>3.2.7- Vencer com honra e graça – México 70.....</b>             | <b>190</b> |
| <b>3.2.8- Esperanças picadas – Alemanha 74.....</b>                 | <b>239</b> |
| <b>3.2.9- O que importa o não ter sido?- Argentina 78 .....</b>     | <b>256</b> |
| <b>3.2.10- A hora dura do esporte - Espanha 82 .....</b>            | <b>268</b> |
| <b>3.2.11- Sem revolta e sem pranto – México 86.....</b>            | <b>291</b> |
| <b>3. 3- Pelé, o mágico e Garrincha, o encantador .....</b>         | <b>294</b> |
| <b>4- CONCLUSÃO .....</b>   | <b>320</b> |
| <b>5. BIBLIOGRAFIA .....</b>  | <b>330</b> |
| <b>6. NOTAS .....</b>   | <b>338</b> |



## 1- INTRODUÇÃO

O futebol chegou bem cedo, aos seis anos, O Vasco da Gama era supersupercampeão estadual e a Seleção Brasileira conquistava o caneco. Nascia um torcedor solitário em seu lar, mas abrigado pelo sonho de estar um dia no imenso gramado.

Como eu era o caçula, meu irmão mais velho logo me levou ao Maracanã assistir o primeiro jogo do Vasco. Como ele era tricolor também assisti confrontos de outros times.

Jogava bola em qualquer oportunidade, no espaço interno da vila que morava, nas ruas sossegadas, nas quadras e por último nos campos, sempre sonhando em me profissionalizar.

Joguei o tempo todo, torcendo, na mesa de botão e nos bonecos.

Aos quatorze anos comecei a trabalhar em um banco à tarde, pois estudava pela manhã, o tempo diminuiu e o futebol foi se distanciando. As peladas foram interrompidas, tornando-se esporádicas.

Completada a faculdade descobri um novo lugar de jogar, nos jornais, nas revistas e nos textos acadêmicos. Esse jogo foi se organizando dentro do ambiente acadêmico, que passei habitar como professor.

Conheci o texto de Carlos Drummond de Andrade ainda no ensino médio, estudando o modernismo através de suas poesias. Como todos a primeira leitura foi *No meio do caminho*.

Na faculdade de comunicação seria impossível não lê-lo, ainda mais no contexto político dos anos 70, suas crônicas no caderno B do Jornal do Brasil e as poesias de *A rosa do povo*.

Nesse momento ainda não sabia que ele era vascaíno, pensei que apenas homenageara Pelé e Garrincha. Na relação futebol e a política eu me transportava com os cronistas especializados João Saldanha, Sandro Moreira e outros. Drummond era poesia, quando o lia em crônicas era Rio de Janeiro, desconhecia o conjunto da obra. Rio de Janeiro para mim é Brasil, um carioca de Vila Isabel. É Maracanã, Mangueira, hoje mulato sambódromo.

Recordo como em conversas percorria suas crônicas, eram bastante lidas e respeitadas, o que me faz acreditar, que ele desorientou a parte conservadora da crítica literária.

Crônicas do século XX, crônicas bem atuais na linguagem e na escolha temática, ainda mais corrosivas quando assentadas no “diário oficial” da notícia.

No curso de doutorado em ciência da literatura pude melhor freqüentá-lo, tive novamente quem me levasse ao lugar sonhado. Comemorava-se o centenário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade em 2002 e como escolhera fazer o curso para estudar crônica, fui presenteado pela professora Beatriz Resende em ter a oportunidade de pesquisar a crônica carioca, no período mais fértil, a partir de seu maior expoente.

Disse crônica carioca, não só de carioca, nem só para carioca. A crônica vem de longe, não se limita a um território, mas é inegável que o tambor do Rio de Janeiro sempre foi o ponto de partida, ecoando por todo território brasileiro. Tivemos e temos crônicas de cariocas fundamentais ao estudo literário, mas o grau de pertencimento à cidade por parte de Drummond está em suas atividades no serviço público do Ministério de Educação e Saúde Pública e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e na obra poética.

Cada crônica produz a crítica, retirando o silêncio cotidiano ao reconstituir sua escrita. Invade a notícia em seu esquecimento histórico, depositando no dia, lado a lado, a memória e o desejo. Responde a problemática da leitura, com a complexa relação entre analisando e analisado, onde o objeto recorta o sujeito na inclusão de sua análise.

Na leitura das coletâneas de crônicas de Drummond publicadas não pude esconder o meu achado, li com muita emoção, afetado por uma descoberta no meio do caminho. O livro recém lançado *Quando é dia do futebol* reúne uma discussão que persigo sobre o papel do futebol brasileiro. Futebol, arte, história e desejo. Brasil, Rio de Janeiro e Maracanã.

É momento de concluir, antecipando-se a futura corrosão do monumento. A emergência vem da ameaça de uma cultura comprometida com a mercadoria do espetáculo. Com uma sociedade subordinada à agiotagem internacional. Estética e fome. Cidade partida. Futebol das marcas.

A comercialização do futebol acentua-se na geração atual. A exportação, então se torna seu corolário, propiciando a evasão incessante de amadores e profissionais para os mercados internacionais. Tal processo diminui o tempo de formação das novas gerações, já desvinculadas de uma tradição. Em compensação, aumenta o poder das marcas, dos investidores no setor, dos intermediários nos contratos dos atletas e da conexão central na mídia, difundindo-se assim o novo paradigma da cultura híbrida.

Hoje predomina na camisa da CBF a seleção dos “estrangeiros” sendo um uniforme que promove patrocinadores, ao configurar como padrão os jogadores desraizados e vinculados às marcas multinacionais, sem ter ou tendo pouco envolvimento com uma camisa e um estádio brasileiros. A comissão técnica é cada vez mais numerosa, especializada e bem remunerada, amplia seu poder sobre a equipe, limitando-se apenas às exigências contratuais dos migrantes, e no caso dos restritos jogadores que atuam nos clubes brasileiros, são remunerados por estas agremiações, ampliando lucro da empresa CBF.

Nesse período transitório há múltiplos deslocamentos entre o antigo e o novo, depositados como potência do atual futebol brasileiro, que continua no topo com resultados determinantes para aprovação da lãbia tecnocrata. A descaracterização inevitável permite outra dialética em torno do que Drummond apontou, crise enquanto “dissolução da cultura”.

## 2- OBSERVADOR LITERÁRIO

### 2.1- Diamundo

Muitos amanhecem ouvindo o noticiário no rádio, outros ligam a televisão, alguns acessam a Internet e um grupo ainda bem sedimentado lê os jornais que chegam bem cedo nas bancas, nos domicílios, nas empresas, nas instituições. Estamos na pauta de ontem, mas no transcorrer das horas o jornalismo eletrônico torna-se nosso verdadeiro acompanhante, trazendo para nossas conversas as emoções do hoje.

O imediatismo do fato dá relevo à velocidade da informação, mas se oculta com a imprecisa conceituação de “tempo real” da produção jornalística. Há uma distância entre o acontecimento e o fato, que é impossível transpor, até mesmo quando concomitantes. O intervalo sempre se mantém, pois são ordens distintas e assimétricas.

O acontecimento é efeito do Real, no sentido do que houve, sendo impossível de ser dito e só representado pela mediação simbólica do discurso, enquanto estrutura da falta, que o presentifica pela ausência na ação discursiva do tipo de inclusão do sujeito. Dois conceitos básicos em suas reelaborações sustentam esse campo de representação, que foram produzidos na escuta psicanalítica em relação transferencial de retorno ao campo do mestre austríaco Sigmund Freud, o Discurso do Outro nos *Escritos* e no seminário *Formações Inconscientes* e o Real no seminário *RSI* de Jacques Lacan, e devem ser entendidos no resgate do campo freudiano

da contribuição hegeleana em *Fenomenologia do Espírito* e do conceito pré-socrático de Ousia.

O fato resulta da versão da Notícia, enquanto narrativa de um evento, que se constrói pela via cultural da Mídia. O evento quando noticiado torna-se um fato, que ocupa o lugar da região ideológica, preenchendo o espaço simbólico pela imaginarização descritiva da realidade. Com isso substitui ou ocupa o lugar do que se deu de forma consistente pelos laços sociais dos significados, formando uma historiografia extensa, intensa e instantânea. Extensa por incluir qualquer uma personagem de múltiplos enredos. Intensa por prosseguir continuamente nos liames institucionais. Instantânea por perseguir o dia.

A versão da Notícia está além do seu enunciado factual e análogo, misturando e diluindo em suas impregnações imaginárias os outros gêneros jornalísticos que dela se servem. Seu entendimento encontra-se na descoberta do princípio mercantil da informação na ação vigente da Mídia, segundo o conceito de Indústria Cultural de T.W. Adorno e Max Horkheimer, no livro *Dialética do esclarecimento*, servindo-se do conceito de Fetichismo da Mercadoria de Karl Marx em *O Capital*.

A mercadoria cultural da Mídia revela sua abrangência quando comercializada, já que também se antecipa na comercialização das outras mercadorias. Se antes um bem espiritual só se representava enquanto um valor cultural, delimitado na distinção de bem produzido, agora a valoração resulta dessa anterioridade mercadológica enquanto potencial de consumo.

O que se produz na Mídia funciona como coisificação da lógica do Capital, representando-se como sua mercadoria primordial, que articula o tempo todo o sistema em suas instâncias, localizando sua cogitação estrutural. Tal privilégio exercita o significado da ideologia dominante.

No exercício da mediação da Mídia o primeiro produto é o jornalístico através da Notícia, que atua como o ponto de partida, a agenda encadeadora de todas as versões dos eventos e procedimentos culturais. Ela busca na luz do cotidiano, retratar o abrigo da realidade, com seu princípio de ordenamento dos corpos sociais, autorizando como unitário o olhar unidimensional presente na janela fechada da coesão de seus fatos diversos, sem impedir a sombra significativa na fresta desse discurso ideológico, onde se sobrevive pela atmosfera da leitura de sua ficção. Essa invenção é o Evento da invasão real, que abandona na escuridão o que se filtra no absoluto e ilumina o que foi vedado. O Evento segundo Alain Badiou em *Para uma nova teoria do sujeito* suporta a relação do sujeito com a verdade.

O que se publica na Notícia tem o espaço do anunciante, o olhar do público-alvo e a diferença editorial da empresa, considerando ainda a relação com o suporte do Estado. A distinção da veiculação pela via eletrônica não é só da velocidade do circuito produção-consumo, mas o valor do minuto em seu preço e forma de exposição, que integra o verossímil, o envolvimento sensorial da informação e o entretenimento.

A empresa de comunicação, não importa a dimensão da propriedade dos meios de produção, trava relações de produção capitalistas dominantes, sustenta-se e se caracteriza pelos interesses oligopolistas. Possui um tipo de esquematismo industrial, combinando ritmo, padrão e série de produção. Conforme o veículo de comunicação, uma forma se consagra e segundo a demanda, um segmento se atende com uma linha de produção. Qualquer dúvida, a pesquisa de mercado e a aferição de opinião são recrutadas. O verdadeiro sustento de um instituto de pesquisa é o investimento da cultura midiática.

O lucro contabiliza-se por um investimento planejado, adotando princípios estratégicos, servindo-se principalmente das ferramentas da propaganda, da publicidade e da promoção conjugadas em campanhas e orquestradas no circuito informacional.

Esse circuito distribui-se em dois processos, um como tráfego globalizante e outro como tráfico de função hegemônica. No tráfego transita-se a dimensão do sistema como progresso material das forças produtivas avançadas, que desde o século XVIII vem sendo estudado. Aqui se transporta uma viagem entre metrópoles, superando as distâncias e os isolamentos. No tráfico troca-se o debate iniciado no século XX sobre a relação da sociedade moderna com a ação da Mídia, desde a definição de cultura de massas até as discussões mais recentes acerca da era da informação, com suas tribos e mentalidades desterritorializadas, sempre



margeando o papel do mercado, a função pedagógica e a estratégia política soberana da sua mensagem.

A Mídia revela a vigência da atividade cultural, produzindo discursos e difundindo os novos padrões epocais. Seu tráfico associa informação e entretenimento, serve-se da estética pela estilização e transforma a cultura em espetáculo.

Na sociedade midiática, seus roteiros traçam as manifestações dos ambientes institucionais. Da família ao Estado, a vida imita o simulacro midiático, tornado-se exibição, status e sucesso.

A família saiu para a rua, deixando no lar o dormitório e a comunicação eletrônica. Desfazendo-se de cenários em suas ordenações hierárquicas anteriores, movimentos e disposições espalharam-se em cada instituição. No Estado e nas demais organizações da sociedade civil, a simulação midiática pontua a estratégia do poder, desde os modelos de palanque eletrônico, de fundamentalismo e de outros regimes totalitários atuais, fundados no “ovo da serpente” nazista até o voluntarismo das ONGS e das empresas cidadãs. Os conceitos de personalismo, paternalismo ou populismo entram em cheque, emergindo a “ditadura da informação”.

Passou a predominar o anonimato, o que permite várias formas de representação das multidões, com demandas segmentadas na pauta sintonizada da midiatização. Livres em depoimentos estão mesmo as “personalidades atraentes”, as celebridades do showbusiness e os

plantonistas especializados ao atendimento da rotina diária, que opinam sobre qualquer assunto, indicando atitudes e comportamentos.

Para subir no palco móvel da construção da obra-dia, o mito de hoje e sua crença definem-se com o público, traduzindo o circuito dessa aldeia global e a trama de um agente passivo e dissimulado, movendo-se na consolidação da estrutura, que Jean Baudrillard conceituou como "maioria silenciosa".

A representação do discurso midiático na sociedade contemporânea pode ser vista de vários ângulos. A separação consumada em que o espetáculo é parte e instrumento de unificação da imagem da vida, onde o seu produto é a própria vida. Esse princípio mercantil da cultura repete a dominação da mercadoria sobre o processo econômico, onde a mercadoria se contempla a si mesma. Uma união dividida entre o perpétuo e o mutante, o dogmático e o sistêmico, a desideologização ideologizante, a irreversibilidade do tempo global.

O espetacular integrado manifesta-se como concentrado (ocultado) e difuso (generalizado), de múltiplas especializações profissionais conjugadas, fundindo o econômico e o Estado, renovando tecnologias incessantemente, combinando o segredo e a ilusão sem contestação e cultuando de forma permanente o presente.

A *sociedade do espetáculo* assim definida por Guy Debord também permite outra acomodação sistêmica na associação do trabalho com a informação, por meio de um mesmo atributo – o prazer, anulando a oposição

clássica grega do Negócio (dedicação integral do tempo à exploração do trabalho para a criação de riqueza) com o Ócio (o tempo dedicado por cada um na busca do habitat interior de sua significação).

Assim a Mídia postula o lugar da histórica, insinuando saber do desejo do outro e apostando na lesa perversista do seu discurso fetichista, apontado em *O sublime objeto da ideologia* por Slavoj Žižek. Ao cultivar o hedonismo direciona a repressão no alvo inimigo. Uma de suas práticas mais utilizadas conjuga o oportunismo com o cinismo na acusação ao opositor. A outra prática mais empregada rege o moralismo da transparência por uma pretensa doutrinação libertária mais moderna.

O álibi da liberdade do tráfego que se percorre de forma acelerada, sem fronteiras e limites temporais, convalida o rito atual estudado em *Mitologias* por Roland Barthes. Sua verdadeira novidade é a vacina ideológica, que absorve qualquer substância antagônica, perpetuando na narrativa apenas o situacionismo. A regra é simples: qualquer posição significativa quando codificada difunde uma demanda a ser atendida, estabelecendo com isso os ciclos modistas. Uma história sem barreiras, uma história sem história, uma história que sempre se refaz, porque se torna a outra história. Ela é oficial, com a versão dos vencedores de uma realidade, que se alimenta pela subsistência ficcional. Sua única concretude está no sentido.

Outra vez se retorna à realidade pela via da ficção. Novamente a cultura não escapa de seu impasse, pedindo à crítica sua dissolução. Essa

crítica vem dos rastros cotidianos que fica aquém dos cenários demandados, sem ser específica. Encontra-se além do controle da recepção das massas, onde se lê a comunicação. Fala da presente história, relaciona intelectual e mídia e confronta os cânones acadêmicos.

Nessa abordagem a Notícia provoca o debate da Mídia, trazendo os novos paradigmas da sociedade pós-industrial, seguindo em direção do confronto da realidade a partir da possibilidade daquele distanciamento crítico, que se localiza no entrelaçamento da verdade com a ficção.

Parece estabelecer um debate teórico sobre a comunicação, embora também tenha abrangência no campo da história, tudo isso em torno dos relatos e das produções discursivas que permitem estender relações interdisciplinares entre o jornalismo e sua significação literária.

## **2. 2- De notícias e não notícias faz-se a crônica.**

A crônica moderna resulta da produção jornalística, desde o século XIX, sendo que no Brasil, a partir da antiga capital – Rio de Janeiro, caracteriza-se como uma fértil contribuição literária, que teve como seu primeiro destaque Machado de Assis, o que representou já em sua origem um discurso cético e corrosivo da conjuntura brasileira do final do século dezenove.

A nossa crônica vem percorrendo uma dimensão particular, sublinhando-se inclusive o traço singular do jornalismo carioca. João do Rio,

Lima Barreto, Sérgio Porto, Vinicius de Moraes, Carlos Heitor Cony e Carlos Eduardo Novaes, dentre outros, abrem a porta da cidade para o inesquecível acolhimento de Apparicio Torelly – Barão de Itararé, Álvaro Moreyra, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Zuenir Ventura, João Ubaldo, Luiz Fernando Veríssimo e muitas outras absorções de migrantes que passam a pertencer a rica produção carioca.

O advento da crônica remonta os primórdios da civilização ocidental greco-romana, praticando a função intermediária entre os anais e as historiografias, evitando apenas o princípio de causalidade em sua narração. No apogeu feudal europeu ampliou sua visão histórica com obras de abundantes acontecimentos pormenorizados e com algo de exegese ou obras de perspectivas personalizadas. A literatura portuguesa teve como pioneiro Fernão Lopes e nos países ibéricos apareceu mais uma característica, a partir do século XV, foram as crônicas leves ou cronicões, baseadas em notações simples e impessoais de efemérides. O contexto renascentista do século XVI na Europa Ocidental acentuou também as perspectivas históricas, fundindo inclusive as denominações crônica e história. A carta de Caminha de 1501 foi o primeiro relato episódico de nossa história.

Somente no século XIX, com o modelo francês de *feuilleton* ou *variétés*, em que a moderna produção jornalística se fez presente, permitindo no espaço nobre da primeira página o entretenimento. Incluem-se na publicação o “fait-divers”, curtos artigos, ensaios breves, poema em

prosa, pequenos contos, anedotas, crítica de arte e crônicas. A maior repercussão desse modelo ocorre quando se insere também o “romance em fatias” ou romance-folhetim.

No folhetim houve a configuração moderna da crônica em sua forma literária, contudo já sendo empregada nos textos jornalísticos em plena “era da reprodutibilidade técnica”. O século XX acelera essa tendência generalizando o uso da crônica até na comunicação eletrônica emergente e dominante, consolidando-a de vez.

A crônica moderna tornou-se uma expressão literária híbrida e múltipla, com formas variadas da alegoria à entrevista, ficando como o entre-lugar do conto e da poesia e combinando os gêneros sem perder seu traço singular. Ela tem uma concepção particular e intra-subjetiva dos episódios cotidianos, exercendo a função recreativa da realidade através da aventura subversiva no imaginário oficial, o que lhe possibilita como leitura crítica avizinhar-se do sintoma do homem em suas regiões de fantasia individual e coletiva.

A crônica jornalística é classificada como um gênero opinativo e de recursos literários, que se alimenta principalmente do noticiário e é peça importante do produto jornalístico, dialoga com o público em ritmo imediatista e de forma coloquial. Pode-se dissociar como um produto literário, quando selecionada em livro, tornando-se então perene o que era circunstancial.

Na teoria da literatura situa-se como um texto menor, à margem de uma consagração canônica. A crônica instaura uma confrontação simbólica para a mediação da realidade e do saber constituído, até mesmo nos programas de pós-graduação atual das universidades. Sua reflexão devolve às condições humanas a complexidade de um instante.

Antônio Candido no ensaio *Á vida ao rés-do-chão*, introduzindo o estudo sobre Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos definiu a crônica em sua corrosão:

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes crônicas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite como compreensão sorradeira recuperar com outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta candidata à perfeição.<sup>1</sup>

O primeiro defensor da crônica na teoria da literatura foi Eduardo Portella em *Dimensões I*, destacando a riqueza crítica de sua significação e na superação da linguagem sobre o código. Na sua mais recente publicação sobre o tema, em *Leituras plurais*, da *Revista Tempo Brasileiro* Nº 150, com o artigo *O discurso da cidade*, o crítico define a modernidade fragmentária da crônica:

A modernidade secular, descrente e insegura, viu-se obrigada a deixar de lado – não raro nostalgicamente - a ilusão da cidade solar, a uma só vez luminosa e plena. A opacidade, os pedaços, os restos, começaram a recortar, enfaticamente, os seus contornos. A essa dispersão teria de corresponder uma voz, quando não um rosto. A crônica veio a ser a construção cidadina que realizou desinibidamente a fragmentariedade da vida moderna. A sua cidade, e ela assim a aceita sem a menor consternação, é uma cidade inacabada. Talvez até irremediavelmente partida (ou perdida). As micro-situações, os pequenos atos gratuitos ou não, as coisas insignificantes, ganham corpo. A contracena parece subvertida.<sup>2</sup>

No trabalho de acompanhamento das mudanças constantes nas metrópoles contemporâneas a crônica habita cada ruptura, convivendo com sua dialética, sem ficar aprisionada na velocidade informacional, que cala o habitante da cidade. Tematiza as ruínas e politiza o espaço urbano na contestação bem humorada, indigna-se com a opressão contextual e elabora a ficção mais próxima do exemplar e menos consistente que a realidade, perfurando o imaginário. Nas ruas ou no cenário isolado da favela discute a utópica partilha. Em qualquer situação e personagem percorre no presente a enunciação do desejo.

Eduardo Portella comenta no mesmo artigo o papel de Carlos Drummond de Andrade como uma síntese aberta da crônica moderna, destacando:

pelo seu trabalho vertical de cronista, e pela sua precisa compreensão desse fazer, nos constantes segmentos em que sobre ele medita. O cronista se sabe *entre palavras*, e no seu *De notícias e não notícia faz-se a crônica*, com aquela agudeza crítica que é um traço inconfundível de toda sua obra, em verso, em prosa, ou em versiprosa, esclarece. “Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos. A maioria delas não figura nos dicionários de há 30 anos, ou figura com outras



acepções. A todo o momento impõe-se tomar conhecimento de novas palavras e combinações de “. A crônica deixa de ser a vida feita, a história que se cumpriu ou não se cumpriu, para se afirmar como a vida sendo, fazendo-se, gregária e procriativa”.<sup>3</sup>

Drummond começou suas crônicas em 1944 com *Confissões de Minas*, sendo que em 1952 iniciou no Rio de Janeiro com *Passeios na ilha*, estendendo-se até 1984. Já foram publicadas quase duas dezenas de coletâneas, ficando um grande número ainda reservado aos arquivos das bibliotecas e dos jornais Correio da Manhã e Jornal do Brasil, das Rádios MEC e Roquette Pinto.

Suas primeiras coletâneas foram publicadas pela editora José Olympio e desde 1984 vem sendo republicadas ou lançadas em novas coletâneas pela editora Record, ressaltando o trabalho fundamental de catalogação das 6000 publicações nos jornais cariocas pelo arquivo da Casa Rui Barbosa, o que reserva um rico acervo de pesquisa pouco investido pela crítica literária.

Como a maioria dos cronistas da imprensa carioca não nasceu no Rio de Janeiro, povoando essa cultura por um pacto de pertencimento. Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira (do Mato Dentro), Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902, falecendo 17 de agosto em 1987, no Rio de Janeiro, onde morava desde 1934. Era o nono filho do casal, o fazendeiro Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta.

No ano de 1954 deu início a série de crônicas *Imagens* no Correio da Manhã, mantida até 1969, quando então veio a se transferir para o Jornal do

Brasil, escrevendo até 1984 no caderno B, o mesmo ano em que a Record substituiu a José Olympio como editora de sua obra.

No ensaio *Cronista da cidade* de seu livro *Apontamentos de crítica cultural*, Beatriz Resende assinala a importância do caderno B como espaço das crônicas cariocas:

È indiscutível que o Jornal do Brasil, não saberia muito dizer por quê, sempre foi o grande espaço para a crônica. Talvez pela paginação cuidada, com um espaço generoso abrigando o texto, o cronista sempre conseguiu, ao escrever no JB, uma visibilidade que se perde, em grande parte, quando o cronista migra para outro jornal.<sup>4</sup>

Na Rádio MEC, desde 1961, Drummond atuou no programa *Quadrante* de Murilo Miranda, com leitura de suas crônicas, que depois foram publicadas na coletânea da editora Sabiá. Ainda na mesma estação de rádio, em 1963 iniciou o programa *Cadeira de Balanço*, coletânea publicada pela José Olympio, colaborando ainda no programa *Vozes da Cidade*, também instituído por Murilo Miranda, na inauguração da Rádio Roquette Pinto, cuja coletânea também foi editada posteriormente pela José Olympio, contendo textos de Cecília Meirelles, Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz.

Foi no serviço público que teve a principal atividade remunerada de importância cultural e histórica. Por sugestão de Rodrigo M.F. de Andrade e a convite de Francisco Campos, em 1928 ingressou na Secretaria de Educação, onde participou na Revista do Ensino a pedido de Mário

Casasanta. Em 1930 estando como auxiliar do gabinete da Secretaria do Interior respondida por Cristiano Machado conseguiu publicar na Imprensa Oficial do Estado sua *Antologia poética*, descontando em folha o custo da produção.

Sua amizade com Gustavo Capanema encaminhou sua passagem até 1945 em cargos mais destacados. Após a revolução de outubro de 1930, com a função de interventor, Capanema o torna Oficial do Gabinete da Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais. Em 1934, Gustavo Capanema foi nomeado por Getúlio Vargas Ministro de Educação e Saúde Pública, convidando Drummond para Chefe do Gabinete de seu Ministério e em 1935, Carlos Drummond de Andrade torna-se responsável do expediente da Diretoria-Geral de Educação e membro da Comissão de Eficiência do Ministério de Educação e Saúde Pública.

Com um novo convite de Rodrigo M. F. de Andrade, em 1945, vai trabalhar no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tornando-se chefe da seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento, onde se aposenta com 35 anos de serviço público em 1962.

No mesmo ensaio *Cronista da cidade* Beatriz Resende distingue a migração de Drummond para o Rio de Janeiro, sublinhando sua contribuição ao órgão público:

Ele não vem tentar a vida ou buscar novas oportunidades. Vem para influenciar a vida da cidade e do país.

O primeiro grande projeto de Gustavo Capanema será, para dar à educação e à saúde no Brasil a visibilidade que parecia merecer, criar um espaço arquitetônico (...). A história da construção do prédio do MEC torna-se parte fundamental da história do Modernismo no Rio de Janeiro e mais do que isso da arquitetura no país.

E a importância que o prédio do MEC (naquele momento MES) vai exercer em tudo isso deve-se fundamentalmente ao poeta modernista Carlos Drummond de Andrade.<sup>5</sup>

Drummond convenceu Capanema trazer o pioneiro arquiteto modernista da Europa Le Corbusier, formando uma equipe brasileira de jovens arquitetos liderados por Lúcio Costa: Oscar Niemeyer, Jorge Moreira, Afonso Reidy, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos. A segunda contribuição foi encomendar os afrescos e painéis de Cândido Portinari para a decoração.

O lugar que ocupa a obra poética de Carlos Drummond de Andrade caracterizou-o mais como poeta do que como cronista, fazendo uma separação indevida ao conjunto da obra, cuja construção é paralela e com várias conexões. O cronista-poeta oferece um intercâmbio constante entre a poesia e a crônica. Os seus textos em prosa têm a síntese, o ritmo adequado, a polissemia e o fino humor. Distancia-se pela invisível relação do cotidiano, reconstituindo os fragmentos em roteiros de uma história em progresso. Na transitoriedade da memória de cada dia a crônica recorta o que se pode universalizar, ultrapassando as limitações humanas na enunciação do sujeito.

Quando o poeta Carlos Drummond de Andrade apareceu, também estreavam Murilo Mendes com sua tendência surrealista e Vinícius de

Moraes, ainda vinculado à concepção neo-romântica e pós-simbolista. Ao mesmo tempo entravam em nova fase de Mário de Andrade, publicando *Remate de Males* e de Manoel Bandeira com *Libertinagem*.

Em 1924 Drummond iniciou suas correspondências com Manoel Bandeira e com Mário de Andrade, assumindo sua relação transferencial de mestria. A influência de Manoel Bandeira sobre Drummond foi demonstrada, na comemoração do centenário de nascimento de Bandeira em 1986, quando Drummond compôs 21 poemas inclusos na publicação de Alumbramento, chamado *Bandeira, a vida inteira*. Mário de Andrade foi ainda mais próximo, o que se constatou em 1982 com a publicação de *A lição de amigo* contendo todas as correspondências emitidas pelo mestre.

Os traços principais da estética modernista na poesia de Carlos Drummond de Andrade datam o período de 1930 a 1945, quando o marxismo, o freudeanismo e o existencialismo já haviam se tornados as referências centrais. A literatura moderna apresentava uma nova configuração, a generalização e o uso de estilo misto, a concepção existencial dos registros, a presença das associações livres, o papel do escritor e da obra no questionamento social e a crítica estética da própria arte.

Em 1962, Carlos Drummond de Andrade ao lançar a *Antologia poética* demarcou os núcleos temáticos de sua obra com nove tópicos, que nos servem como sùmula: “um eu todo retorcido” - o indivíduo, “uma província: esta” - a terra natal; “a família que me dei” - a família; “cantar de amigos” - os

amigos; “na praça dos convites” - o social; “amar - amaro” - o amor; “poesia contemplada” - a crítica; “uma duas argolinhas” - o lúdico e “tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo” - a existência.

De 1930 a 1962, Carlos Drummond de Andrade publicou 10 livros de poesias, reunindo um conjunto de poemas mais prestigiados como sua principal antologia. Mas nos trinta e dois anos seguintes produziu um pouco mais, revelando novas lições.

Suas noções modernistas receberam acréscimos, abandonos e transformações na seqüência da produção. Já não foram plenas nos livros iniciais *Alguma poesia* e o *Brejo das almas*. Com *A rosa do povo* em diante atingiu traços singulares e determinantes da poesia moderna brasileira. A partir de *Claro enigma* rompe com qualquer delimitação estilística, mesclando inclusive o moderno com o clássico, A partir de *Viola de bolso* e *Boitempo*, mais rigor com a relíquia do significante e novamente desconcerta com o discurso erótico em *O amor natural*.

Sua produção jornalista iniciou cedo, em 1926, a pedido de Alberto Campos como redator-chefe do Diário de Minas. Em 1929 vai para o Minas Gerais, na direção de Abílio Machado e José Maria Alkmim, em 1933 torna-se redator de A Tribuna, depois volta a atuar nos jornais Minas Gerais, Estado de Minas e Diário da Tarde, simultaneamente.

Colaborou em 1937 com a Revista Acadêmica de Murilo Miranda. Em 1941 com pseudônimo Observatório Literário, participou da seção Conversa Literária da revista Euclides, contribuiu ainda no suplemento literário de A

Manhã, dirigido por Miúcio Leão e depois Jorge Lacerda. A partir de 1945, colabora com o suplemento literário do Correio da Manhã e da Folha Carioca e mais uma vez volta a escrever no jornal Minas Gerais em 1949. Até que em 1969 fixou-se no Jornal do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade ao chegar no Rio em 1934, junto com sua família, para colaborar com Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública. Foi mapeando a cidade entre dois pólos. O primeiro pólo estava no Centro, local de suas atividades profissionais - o serviço público, os jornais e as editoras. Bares e livrarias tinham a sua preferência. O outro pólo era o Arpoador, onde passou a morar. Nesta bela época, Copacabana e Ipanema estavam inexploradas, que só nas décadas seguintes começarão a ter a especulação imobiliária, a ponto de transferir mais tarde a família Andrade de uma casa para um apartamento. A praia, os costumes modernos e as belas mulheres passaram afetar seus escritos.

O recorte do progresso material da cidade aparece em suas crônicas em diversos livros e publicações jornalísticas. Situando o seu inventário, percorremos ainda mais dois tópicos: os lados distintos da cidade separados por morros e a proximidade discursiva com outros escritos contemporâneos.

A cidade do Rio de Janeiro ocupa suas crônicas em quatro pontos de localização. Começa descrevendo a rotina nervosa do Centro, onde o cronista trabalhou nos jornais e em órgãos governamentais e se concentram os principais focos das decisões institucionais e dos negócios. Depois relaxa na Zona Sul, entre Copacabana e Ipanema, lá no Arpoador, onde morou e

se encontrou com a diversidade cosmopolita na sua forma de convivência, incluindo o amor e a beleza das “moças”. Em seguida faz a travessia do imaginário coletivo pelo enfoque dos Túneis, passagem do morro-favela, que dá passe para o subúrbio e o litoral, inventariando a cidade material. Finalmente se reconhece na alma carioca, reconstituindo os restos de sua liderança política e cultural e a sintonia de uma mentalidade híbrida.

No livro *Fala, amendoeira*, tem-se na rua São José e na rua do Ouvidor a visão da história como ruína, diante da transformação imobiliária contínua, substituindo as antigas livrarias e editoras freqüentadas pelos destacados escritores e intelectuais, por novos empreendimentos e espaços de estacionamentos. Tiveram algumas resistências, na rua São José, mas o desaparecimento dos sebos na outra calçada e na rua do Ouvidor não superaram a perda da José Olympio, depois de vinte anos de uma obra em comum com o escritor.

Esse comando urbano do Centro contrastava com a função desértica de sua população fixa. Em *A cidade sem meninos*, no livro *Cadeira de Balanço*, dados do censo escolar confirmam uma vida até as 19 horas.

Lugares e tipos vão caracterizando o ambiente. No livro *Cadeira de Balanço*, vários perfis humanizam a cidade. *Na rua* – o vendedor de código de leis, *No restaurante* – o insolente extrovertido e *No lotação* – o rapaz cantor.

No livro *Caminhos de João Brandão*, a crônica *O chope e a passagem*, retoma a figura do ascensorista, agora denominado de Nicanor,



morador de Cordovil, que sente remorso em pagar o preço mais baixo da passagem do trem diante da crise da rede ferroviária. Em *Rio em pedacinhos*, João Brandão faz o testemunho do bairrismo em todo o território da cidade. Outras capturas dos habitantes são possíveis. Do outro lado do túnel, estão os suburbanos. No livro *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*, Glória é o sentimento da lavadeira Clementina, que trabalhava na Tijuca e teve seu filho menor de idade convidado para fazer um comercial de televisão, dispensando inclusive o cachê de 50 cruzeiros, diante do impasse da ausência de seus documentos pessoais. Em *Viadutos* descreve-se o abrigo superlotado dos sem-teto.

Outros pontos da cidade podem ser percorridos: o Catete com seu palácio da república em *A mobília*, o Galeão em *No aeroporto*. Bem significativo é o relato da Zona Sul, mas especificamente, os liames de Copacabana e Ipanema. *Buganvílias* – a casa antiga coberta pelo rubro de flores. *O murinho* - o edifício Jandaia, interditado em seu território neutro pelos moradores mais conservadores. *Arpoador* - a invasão constante do mar roubando sua areia. *A contemplação do Arpoador* - sua pedra, a paisagem romântica, sua pesca, sua praia, seu abrigo para a solidão, suas ondas e a brisa, a chegada e a despedida do sol. *A ressaca noturna* - o mar revoltoso em Copacabana. *A descoberta do mar* - a visita de colegas do subúrbio no litoral da zona sul. *As lacunas de Copacabana* - o que faltava ao bairro mais badalado na época para ser considerado uma cidade completa.

As mulheres estão sempre presentes em verso e prosa de Drummond. O Rio possui uma diversidade de tipos e histórias. Na praia ou na rua, em qualquer bairro elas fazem o pulsar da cidade. Drummond fala de um amor plural.

No livro *Moça deitada na grama* são várias crônicas sobre o tema. Na que dá título ao conjunto, destaca a singularidade da mulher, relaxada e pronta para erguer sua liberdade em qualquer lugar e momento. Em *A moça e seus filhos*, narra a história de amor solidário de uma solteirona, que por pressão familiar abandonou sua paixão, quase a vida e depois descobre a dimensão fraternal de filhos e netos emprestados. Em *Declaração de amor em outdoor*, uma iniciativa do publicitário proclamando seu amor pela esposa, com a sustentação do conhecimento público, em linguagem informal e atual. Em *Os homens são anjos*, outra balzaca chamada Ruth é sinônimo do amor fraterno pelos homens. Doava rosas regularmente para os amigos, sorria para os vagabundos e assassinos, teve provas em inúmeras situações embaraçosas do reconhecimento de seu carinho. Um dia, a crescente violência urbana deixou sua mensagem abalada. Ao contrário, em *Assalto diferente*, a bela mulher usou outros dotes perante o temor da violentação, dissimulando sua conquista na sedutora encenação de um assalto. Em *O namorado de Bianca*, traduz o conceito da nova geração sobre o ato de namorar, totalmente divorciado do amor, que passa a ser seu ponto terminal. Em *Encontro com a beleza*, João Brandão é arrebatado por outra forma da paixão, uma bela mesária que encontra no dia da eleição e lhe faz esquecer

qualquer sentimento cívico. Essa beleza pode causar outros estragos, em *Telefone particular* uma moça de biquíni entra no bar e solicita ao proprietário o uso do telefone, não é atendida e gera um protesto generalizado entre os fregueses e os transeuntes. De ilusões, casos e casos sucedem-se: em *O que não devia morrer*, está o exemplo de Florípedes, bastante atual, da forte identificação imaginária do público com a telenovela, que quando se finaliza traz a assustadora separação entre o ator e o seu papel cirúrgico na plástica da realidade. Rompimento com a ficção é muito conflitante, em *Questão de lealdade*, o adúltero só se sente em cheque, quando fica na dúvida de qual amizade foi traída.

No livro *O avesso das coisas*, Drummond sintetiza essas faces femininas, definindo a mulher por 12 aforismos, de seguintes traços: encanto constante, dissimulação do compromisso, luz como amor e saber, mistério de um outro olhar, vida de um homem e alguns rasgos da paixão.

O texto só se limita a um contexto, reproduzindo-o, quando se restringe ao campo ideológico e ainda aí tem um “mesmo assim”, como estrutura de todas as crenças. Também é impossível viver sem ideologia, o pedido por uma é o efeito da censura que se oculta para sustentar a versão de realidade do pedinte.

Estamos na entrada do século XXI, daí vem o arbitrário da escolha, que formulando suas indagações futuras provocam rastros dos pretéritos. Na verdade um presente impossível de se afirmar, tanto no terá sido, quanto no será tido.

Iniciar a nova era no evento de 11 de setembro de 2001, em New York, como querem muitos, é resumir a era anterior pelo evento do lançamento das bombas em Hiroshima e Nagasaki. Os eventos parecem ter uma enorme proximidade, consubstanciando a linha convencional do tempo. Nesse eixo de sucessividade, uma legenda apenas se enuncia: o império e suas crises.

Carlos Drummond de Andrade oferece inúmeros textos repletos desses questionamentos, onde o espaço de ação discursiva projeta-se no futuro anterior. Sua posição assumida no trabalho intelectual e assumida na postura ideológica, jamais se afastou do sonhar a utopia para a humanidade, numa era cada vez menos favorável ao intelectual e ao artista, que tem como utopia somente “felicidade do hoje”.

A coletânea lançada em 2002 na comemoração do centenário do nascimento de Carlos Drummond de Andrade chamada *Quando é dia de futebol* não recebeu o maior relevo durante a comemoração, embora cada vez mais vai se impondo na mídia esportiva. Ela nos possibilita trilhar esse debate histórico que estende no longo da obra de Drummond, a partir de uma expressão cultural mais enraizada no cotidiano e manifestada em todo território brasileiro. Tomaremos como objeto, entendendo que seu percurso também remonta a nossa cidade-tambor, reconstituindo o patrimônio do futebol brasileiro construído pela geração Maracanã.

### 3 - QUANDO É DIA DE FUTEBOL

uma paixão:

a bola

o drible

o chute

o gol <sup>1</sup>

Em 2002, a Editora Record editou o livro *Quando é dia de futebol* de Carlos Drummond de Andrade, como resultado de uma pesquisa e seleção de textos feitas pelos netos Luiz Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond, reunindo as raras crônicas futebolísticas desde 1931.

O projeto editorial foi se configurando a partir de uma consulta preliminar de Luiz Maurício sobre os dados importantes dos textos de Carlos Drummond de Andrade, estabelecendo uma lista de assuntos abordados e pessoas mencionadas. Como um dos temas mais citados era o futebol, ele e o irmão Pedro Augusto realizaram de forma mais completa a pesquisa desse material jornalístico específico, que se concentra entre 1954 a 1986.

A edição do livro reúne as crônicas, alguns poemas e trechos de cartas familiares, percorrendo os arquivos pessoais de Carlos Drummond de Andrade, do colecionador Edgard de Almeida Loral (doador à Biblioteca Central da PUC-RJ) e do acervo da Biblioteca Nacional. Os textos seguem a cronologia de suas produções, abordando principalmente os momentos da seleção brasileira masculina nas competições oficiais da Federation International of Football Association - FIFA e completando a coletânea com as homenagens aos maiores jogadores do futebol profissional: Pelé e Garrincha.

Ainda se encontram pedaços de crônicas que relacionam o futebol com outros assuntos e episódios da sociedade, destacando inclusive a sua linguagem codificada e uma de suas principais influências na adolescência do torcedor: o futebol de botão. O comentário final do livro pertence a Edmílson Caminha, que resume o foco da abordagem, sublinhando ainda a correspondência na comemoração centenária entre o cronista e o primeiro grêmio carioca, Rio Football Club.

A dimensão do futebol nos textos de Carlos de Drummond de Andrade é ampla, traça uma leitura paralela aos cronistas esportivos mais destacados, de Nelson Rodrigues a João Saldanha, o primeiro com seu discurso épico-lírico de olhar barroco e o segundo situado nos liames do ideológico e do especialista com a moderna linguagem da crônica futebolística, sustentando na afetação simbólica um saber singularizado. Carlos Drummond de Andrade e seus ilustres companheiros têm no futebol a

rica contribuição da arte popular para o debate reflexivo da sociedade brasileira. Drummond relaciona também o futebol e a poesia, aproximando-se do outro mineiro, Paulo Mendes Campos.

Nas possíveis leituras do livro, oferecemos uma perspectiva em que se localiza uma tríadica: a torcida, a seleção brasileira e o craque. Tais tópicos se integram na definição do futebol brasileiro enquanto esporte de massa e produto de exportação, durante a geração Maracanã, contexto predominante na construção da obra de Drummond.

A geração Maracanã ficou assim conhecida por sublinhar o principal estádio brasileiro construído para a Copa do Mundo de 1950, que se tornou o palco das exibições das equipes e dos craques brasileiros de renome internacional, sendo depois denominado de Mário Filho, em uma justa homenagem ao jornalista esportivo que apoiou com entusiasmo sua construção e foi marcante na fase de afirmação do futebol brasileiro.

A geração Maracanã surgiu de um processo desencadeado pelo binômio popularização-profissionalização, a partir do segundo quartel do século XX, quando o futebol brasileiro penetrou nas camadas sociais subalternas, estendendo o número de praticantes filiados aos clubes e com registros nas federações organizadoras dos campeonatos locais, concomitante a ruptura das relações sociais de produção, instaurando o regime de trabalho assalariado para o jogador e a propriedade dos clubes sobre o passe do mesmo.

A expansão da prática futebolística consolida-se com o crescimento gradativo dos clubes, impulsionando as edificações de estádios e a demanda dos novos interessados, que já praticavam o esporte em qualquer espaço urbano disponível.

Quando as novas gerações dos anos 50 conquistaram os títulos internacionais, possibilitando o reconhecimento do traço diferencial do seu estilo suportado pela figura do craque, oriundo dos segmentos sociais e raciais excluídos, foram surgindo os estádios de maior capacidade de público e a companhia da mídia tornou-se permanente, abrangente e diversificada, trazendo outro binômio: massificação-espetacularização. Mario Filho buscou nesse momento representar a identidade nacional, reconstituindo nossa história pelo futebol, no livro *O negro no futebol brasileiro* e comandando o *Jornal dos Sports* enquanto missão inovadora da imprensa especializada, depois de estruturar o caderno esportivo de *O Globo*.

Não tardaram os indicadores mercadológicos acossar a base da atividade, com isso a ciência também avançou na mesma direção, obtendo resultados planejados e preparando os investimentos das empresas multinacionais. Uniformes, materiais, equipamentos, medicamentos e alimentos desenvolveram-se e o novo negócio esportivo se expandiu.

Os primeiros enunciados desse discurso voltado para o controle do corpo na busca de desempenhos previsíveis foram apresentados em 1966, mas só nos anos 90, sem Drummond, tornaram-se hegemônicos,



minimizando a importância dos atributos individuais e maximizando o condicionamento atlético e disciplinar para o desenho tático da equipe. Tais princípios apostam na vitória do “futebol de resultados”, possibilitando uma verdadeira sintonia entre os novos cenários elaborados pelos emergentes planos de marketing esportivo, de caráter promocional, e o poderoso setor monopolizado na “indústria do entretenimento” em torno das grandes marcas corporativas.

Por outro lado, o Estado republicano brasileiro, alternou etapas de políticas públicas, oscilando entre as propostas da educação esportiva e da codificação de leis e normas do desporto, procurando estar sempre associado ao esporte de referência nacional para reforço de sua imagem, principalmente nos momentos das comoções coletivas.

A partir dos anos 90, inseriu-se na discussão do clube-empresa, criando leis reguladoras do mercado capitalista e promovendo campanhas disseminadoras, entrando no novo século com a criação do Estatuto do Torcedor, em consequência da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, específica ao futebol brasileiro, de 2001.

No vácuo social, os clubes detentores desse esporte de massa foram se multiplicando e as principais agremiações futebolísticas construíram histórias centenárias de tendências variadas, ocupando inclusive o espaço da estruturação das outras modalidades esportivas e pressionando as diferentes entidades federativas. Durante os 20 anos de regime militar foram tutelados e agora estão diante do confronto aos interesses mercantis da

mídia e das empresas patrocinadoras, que têm o apoio irrestrito do estado neoliberal e das federações organizadas como entidades particulares, sendo as de maior importância a atual Confederação Brasileira de Futebol – CBF e a FIFA.

A escalada da ascensão social do jogador de futebol restringiu-se a uma minoria, ficando para a maioria a luta desigual, que ainda carece de sindicatos combativos e de qualquer movimento organizacional de classe. A vigência da Lei Pelé desde o final do primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso representa a articulação dos interesses dos grupos dominantes na ação da superestrutura, que atualiza o regime e complementa a Lei Zico do início do governo de Fernando Collor de Mello.

A Lei Pelé decretou a extinção do passe do jogador formado em um clube federado após o primeiro contrato profissional, propagando uma nova alforria onde ascende o segmento que tem como ponto de partida o personagem da intermediação dos novos contratos, denominado de “empresário”, com origem múltipla, inclusive entre os ex-jogadores, treinadores e dirigentes, aprofundando a reificação do trabalho assalariado no recém profissionalizado e o afunilamento do sistema de estrelato.

Esta bomba armada pela nova legislação acelerou o enfraquecimento dos clubes e vem dificultando o trabalho de formação das novas gerações, o que descaracteriza o patrimônio cultural. Dentre os artigos vetados no Congresso Nacional, o mais polêmico determinava a transformação dos

clubes de futebol em empresas, conforme o modelo europeu, mas conflitante aos estatutos e princípios comunitários das agremiações brasileiras.

Tais questões atravessaram a prosa de Carlos Drummond de Andrade, ora com suas inquietações sobre a defesa de um dos nossos melhores produtos de exportação, a metáfora do “biscoito fino” de Oswald de Andrade, ora enfocando com antecedência o clima de transição performática e mercantil, na companhia das crônicas esportivas de maior frequência e combatividade. Ao lê-las, podemos reconstituir o debate acerca do futebol brasileiro e repensar as atuais pautas da mídia, travestidas de tribuna moderna em busca da transparência moralista e técnica, mas desnudadas por seu único culto: o mercado.

### **3.1- O torcedor**

O personagem torcedor tem relevo acentuado nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade, caracteriza-se por vários tipos de ações, que circundam o percurso revirado entre a emissão e a recepção da mensagem futebolística, mapeando na borda uma unidade dividida e interna ao discursante.

A concepção topológica do circuito remete ao esquema L de Jacques Lacan, no *Seminário sobre a carta roubada*, publicado em *Escritos* que iniciou a segunda etapa de sua obra demarcando o lugar do simbólico no

Inconsciente, retomando como base do campo matêmico de Sigmund Freud o conceito de “automatismo da repetição”.

Assim é que, se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado nela em seu ser. A ilusão de que ele a formou com sua consciência provém de ter sido através de uma hiância específica de sua relação imaginária com o semelhante, que ele pôde entrar nessa ordem como sujeito. Mas ele só pôde fazer essa entrada pelo desfilamento radical da fala, ou seja, o mesmo do qual reconhecemos, no jogo da criança, um momento genético, mas que, em sua forma completa, reproduz-se toda vez que o sujeito se dirige ao Outro como absoluto, isto é, como o Outro que pode anulá-lo, do mesmo modo que pode agir com ele, isto é, fazendo-se objeto para enganá-lo. (...)  
A relação especular com o outro, pela qual efetivamente quisemos, restituir à teoria do narcisismo, crucial em Freud, sua posição dominante na função do eu, só pode reduzir à sua subordinação efetiva toda a ação da fantasia trazida à luz pela experiência analítica, ao se interpor, (...) entre esse aquém do Sujeito e esse para além do outro em que de fato se insere a fala.<sup>2</sup>

O torcedor é receptor no lugar intersubjetivo da identificação imaginária, relação que está baseada no ideal de ego, alternando as derrotas de suas expectativas e as vitórias de suas efêmeras conquistas, e estando prisioneiro dessa paixão pela versão aurática, que Walter Benjamin situou na ganga mística da arte de restrita reprodução técnica, começando a terceira fase da concepção estética vanguardista. Essa miragem empírica sustenta a crença de um “senhor satisfeito com sua dominação”, e não se elimina na “experiência de choque” como traço das condições técnicas da modernidade, renovando-se na ação da mídia. Do discurso aurático Benjamin sublinhou:

O aqui e agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo *aquela* objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo(...)

Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho(...)

A forma mais primitiva de inserção da obra de arte no contexto da tradição se exprimia no culto. As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço do ritual, inicialmente mágico, e depois religioso.<sup>3</sup>

Mas o ato de torcer também apresenta outra travessia, quando encontra a transferência simbólica do lugar da emissão, que sustenta a afetação do sujeito diante da fantasia, possibilitando-o toma lugar no campo do Outro, lá onde a partida cogita com a bola, o drible, o chute e o gol, cujo resultado significa o “discurso do oprimido”, que Walter Benjamim, na fase inicial das teses acadêmicas, traduziu na ruína histórica reconstituída pelo olhar barroco da alegoria.

Quando, com o drama barroco, a história penetra no palco, ela o faz enquanto escrita. A palavra história está gravada, com os caracteres da transitoriedade, no rosto da natureza. A fisionomia alegórica da natureza-história, posta no palco como drama, só está verdadeiramente presente como ruína. Como ruína, a história se fundiu sensorialmente com o cenário. Sob essa forma, a história não constitui um processo de vida eterna, mas de inevitável declínio. Com isso, a alegoria reconhece estar além do belo. As alegorias são do reino dos pensamentos que são as ruínas no reino das coisas.<sup>4</sup>

Drummond, em suas periódicas incursões ao tema futebol, afirmava ser apenas um torcedor, que não teve presença no campo de jogo, mas se identificava com a expressividade do esporte, atuando assim na outra via de inclusão, no campo da reconstituição.

Procurando esclarecer essa outra via de sua produção jornalística voltada para o futebol, que atua como reserva, até mesmo no meio literário, escreve em 15/06/1982, no *Jornal do Brasil*, a posição de *O Incompetente na festa*, percorrendo um paralelo entre o desafio do cronista e a pressão contextual da Copa na Itália, em 1982.

Nós, os cronistas de outros assuntos, perdemos o assunto Nossos temas, volteios e gracinhas foram confiscadas e recolhidos ao depósito de inutilidades, Dizem que provisoriamente, só até julho(...)  
Tenho que reformular meus truques, fingir uma competência que nunca tive e ir na retaguarda do Sandro, do Novais, do Cabral, do Saldanha e outros cobras.<sup>5</sup>

Leitor dos cronistas esportivas, sempre evitou o disfarce da especialização jornalística. Torcedor sem freqüência assídua nos estádios, jamais temeu o coro das torcidas organizadas. Sua crônica, ao mesmo tempo, registra o comprometimento geral da imprensa com a seleção comanda por Telê Santana, entusiasmando a maioria dos brasileiros, mas indica como momento histórico a enunciação do retorno.

Em resumo: defendo o meu lugar ao sol, aliás, à sombra, nesta época de reaquecimento da economia combinado com o enregelamento do desemprego.

Ai! Não sou forte no ramo (...) desde aquele dia fatal da primeira pelada (...) jurei que nunca mais tomaria conhecimento da bola.

A bola vingou-se (...) E tenho que quebrar a jura (...) a bola brasileira (...) assumiu com galhardia a responsabilidade de ser a melhor bola de todas existentes e por existir, a mais hábil, a mais certa, a mais bola de todas as bolas.<sup>6</sup>

O cronista fez-se de incompetente como se precisasse apreender o pensamento e a linguagem do futebol e assim brincou com a distância dos vocabulários, visando maior aproximação do leitor-torcedor. Avançou no texto até a área de conclusão:

Meu palavreado é esdrúxulo, inadequado à explosão súbita da emoção do torcedor (...) Entre o tiro indireto e tiro de meta, devo me prevenir contra a bola dividida, aprender correndo a lei do sobrepasso e não dar cabeçada ilusória(...)

Tenho que aprender muito com o primeiro garoto da escola pública mais próxima, que se decidir a perder tempo comigo, iniciando-me na tabelinha, nas jogadas de armação e no mistério dos signos das camisas, tanto mais preciosas, quanto mais suadas.<sup>7</sup>

Desde a chegada com sua família no Rio de Janeiro em 1934, acompanhando o amigo Gustavo Capanema, novo Ministro de Educação e Saúde Pública do governo revolucionário de Getúlio Vargas, que lhe nomeou de Chefe de Gabinete, viu-se afetado pela história do Clube de Regatas Vasco da Gama. Fundado em 21 de agosto de 1898, no bairro da Saúde, o clube cruzmaltino ficou conhecido pelos momentos de popularização das modalidades esportivas, principalmente do remo, do atletismo e do futebol, como cita o hino de Lamartine Babo.

A identificação de Drummond pode ser encontrada nos textos do livro em análise, a começar com o prefácio de Pelé, seguido da introdução do editor Luis Maurício Grana Drummond, nos trechos de suas cartas reunidas no capítulo denominado *um punhado de notícias, mas viva, sobretudo o futebol* assim como na seleção de versos e prosas do poeta-cronista.

O Vasco da Gama foi pioneiro a ter presidente, sócios e equipes de atletas negros e da classe trabalhadora, obtendo ciclos de conquistas singulares e com isso provocando a reação dos principais clubes da elite carioca. No futebol, após a fusão com o Lusitânia em 1915, chegou na primeira divisão, em 1923, estreando com o título estadual. Em seguida, Fluminense, Botafogo, Flamengo e América fundaram uma nova Liga e exigiram ao temível time de camisas pretas e uma cruz de malta no peito, primeiro a exclusão dos seus 12 negros, mulatos e pobres e depois a construção de um estádio, para a sua aceitação na nova entidade.

Os atletas não foram retirados pelo clube e em 21 de abril de 1927, no bairro de São Cristóvão, o clube inaugurou na colina de São Januário o seu estádio, após quarenta meses de construção e de modo independente, com dimensões superiores aos concorrentes (capacidade de 40 mil), até 1941 com a inauguração do Pacaembu. Na era Vargas representou o palco dos eventos comemorativos das conquistas trabalhistas, das visitas de Luiz Carlos Prestes, do abrigo dos pracinhas, das apresentações das Escolas de Samba e dos jogos estudantis.



Da chegada ao profissionalismo até os anos 50, o futebol vascaíno acumulou títulos, craques e liderança política, conquistando em 1948, o campeonato sul-americano, tornando-se o pioneiro em título de repercussão internacional, sendo o Expresso da Vitória, já com as camisas pretas ou brancas cortadas por uma diagonal, oferecendo a base da seleção brasileira, vice-campeã da Copa do Mundo, em 1950 e no ano do primeiro título mundial brasileiro foi supersupercampeão estadual em 1958.

Em uma carta endereçada a seu neto Luis Maurício, no dia 13/09/1970, Drummond expressa “Este ano estou com uma bruta esperança de ver o meu Vasco campeão carioca. Desde 1958, que não temos esse gostinho”.<sup>8</sup>

Se os anos 60 trouxeram muitas preocupações para a torcida, de dimensão nacional, originária das camadas populares e da colônia portuguesa, concentrada principalmente no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, a recuperação gradativa na década seguinte com o primeiro título do campeonato brasileiro em 1974, também primeiro para um time do Rio de Janeiro, corrigiu o curso da nau vascaína. Nos anos 80 a recuperação foi surpreendente e quando Drummond já estava ausente, deu-se a retomada da vocação antecipadora, conquistadora e ousada do clube.

Até o final do século, no futebol foram seis títulos cariocas (1987/8, 1992/3/4 e 1998), conquistou um torneio Rio - São Paulo em 1999, três campeonatos brasileiros em 1989, 1997 e 2000, a Mercosul em 2000, inúmeros torneios nacionais e internacionais e a Taça Libertadores da

América, em 1998, ano do centenário do clube, quando assinou um contrato inédito com o Bank of América por 25 anos.

A parceria não restringia autonomia do clube, possibilitando a expansão do patrimônio e o desenvolvimento de múltiplas modalidades esportivas articuladas a um projeto social baseado na educação e na formação de 3000 atletas dos estratos sociais mais desfavorecidos, que sustentaram as cores nacionais no Pan-Americano de 1999 e nas Olimpíadas de 2000 como um exemplo mundial de investimento nos esportes. Destacaram-se a natação, o atletismo, o basquete, o vôlei de praia, o futebol de salão, o judô e outras práticas não populares.

Com isso, veio uma nova etapa de perseguição política e econômica, tendo como porta-voz a mídia, sob a liderança das *Organizações Globo*, agendando as denúncias da “CPI da Bola” em 2001, o que provocou a ruptura do contrato com o patrocinador norte-americano, inúmeros processos e a asfixia financeira.

A outra camisa amada pelo torcedor–cronista é do escrete brasileiro, principalmente de cor amarela ou azul. Em *O Leitor escreve*, 03/06/1982, no *Jornal do Brasil*, Drummond tratando como correspondência de Xisto Pacheco, do Rio de Janeiro, retoma uma de suas observações regulares.

Está muito bem que os bancos não funcionem enquanto a Seleção entra em campo, mas só isso? O Governo se esqueceu de que a emoção nacional não dura apenas o horário da partida, mas precede a esta e continua depois dela. O mesmo se pode dizer quanto ao funcionamento das repartições e escritórios, ministérios, tribunais, Congresso, assembléias legislativas, câmaras

municipais, etc (...) É preciso declara o Brasil em recesso durante todo o período da Copa (...) Outra coisa: nada de política, pesquisas de opinião, convenções partidárias, debates de TV.<sup>9</sup>

A corrente da torcida brasileira foi abordada por ele com repetição, caracterizada pelo crescente envolvimento populacional com a seqüência da participação brasileira nas Copas da FIFA e seu relacionamento com a pauta política.

O exemplo citado acima se vincula ao mesmo fundo otimista de 1982 que marca a nova geração da mídia esportiva em expansão, diante da retomada brasileira do “futebol-arte” e também a sinalização corrosiva do novo cenário político com o restabelecimento das eleições diretas para Governadores dos Estados, no Brasil, nos últimos anos do regime militar.

A seleção brasileira só começou a ser chamada de escrete de ouro, após o primeiro título na Copa da Suécia em 1958, triunfo inédito para os outros países campeões, que ainda não venceram fora de seus continentes, mas que os brasileiros repetiram em 2002, na Copa da Coréia e Japão.

Até hoje continua a ser o único selecionado nacional que participou de todas as Copas do Mundo organizadas pela FIFA, obtendo o maior número de títulos, cinco vezes campeão e ocupa desde a última década a supremacia do ranking do futebol internacional, tornando-se há muito o principal celeiro mundial.

Simboliza a melhor expressão da nação para o foco mítico da mídia esportiva e constitui o paradigma principal de repercussão mundial. Traz uma resposta surpreendente de invenção e improviso enquanto superação

social e cultural e alimenta a possibilidade histórica sempre ameaçada pelo império ocidental, ao nutrir a utopia da emancipação e do “entre-lugar civilizatório” enunciado no *Manifesto Pau-Brasil* de Oswald de Andrade.

O livro *Quando é dia de futebol* inicia com a crônica *Enquanto os mineiros jogavam*, escrita em 20-21/07/1931, em Minas Gerais e publicada na *Revista de Arquivo Público Mineiro*, ano XXXV, em 1984. Como inaugural, a crônica apresenta o despertar do observador para a paixão do admirador de futebol. No caso são os torcedores mineiros, que pelo telefone procuraram saber o andamento do jogo entre sua equipe contra a equipe carioca, no Rio de Janeiro e por isso ficaram aglomerados na praça Afonso Pena até o final da partida.

Nessa tarde, o resultado de 4X3 foi expressivo para todos os torcedores de Belo Horizonte:

Quando chegou a notícia da vitória dos patricios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra(...)

Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando está jogando bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar por um fio(...)

Os meus patricios, porém (...) sentiram na espinha um frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate (...) Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: ‘o Sr. está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada’.<sup>10</sup>

Dois pontos marcaram a curiosidade do autor: o interesse de um jogo a distância e a imaginação fértil dos torcedores diante das informações que chegavam, preparando futuras sentenças de uma rota que gira em torno dessa admiração e de sua mediação na comunicação. Bem no fundo, sutilmente, estava a origem britânica do esporte.

Em *Mistério da bola*, publicada em 17/06/1954, no *Correio da Manhã*, Carlos Drummond de Andrade dá o primeiro passo em direção ao mecanismo de identificação do torcedor no lugar da recepção, pontuada por dois momentos distintos, um com a narração de origem épica e outra no locutor esportivo atual, que privilegia os termos técnicos do jogo, antecipando inclusive a cobertura televisiva, que extrema tal atitude através dos efeitos tecnológicos e de uma estética catártica.

O primeiro momento possibilita a dimensão dramática do herói nacional, o que o aproxima da concepção de Nelson Rodrigues, que creditou ao irmão Mario Filho nossa narrativa homérica. Em *Mistério da bola*, Drummond dá o exemplo da forma épica de narração do jogo:

Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeito Naranjo lhe partiu ao encalço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada (...) A uma investida de Cárdenas, o de fera catadura, o couro inquieto quase se foi depositar no arco de Castilho, quem com torva face o repeliu. Eis que Djalma, de aladas plantas, rompe entre os adversários atônitos e conduz sua presa até o solerte Julinho, que a transfere ao valoroso Didi, e este por sua vez a comunica ao belicoso Pinga (...) e é quando o divino Baltazar a quem Zeus infundiu sua energia e destreza arremete com a submissa pelota e vai plantá-la qual pomba mansa, entre os pés do siderado Carbajal.<sup>11</sup>

Nelson Rodrigues em 4/06/1965, no jornal *O Globo*, escreveu a crônica *Nunca fomos tão brasileiros*, selecionada para fazer parte do livro *A Pátria de chuteiras*, organizado por Ruy Castro, na edição da Companhia das Letras, tratando como personagem da semana a torcida brasileira, reportando-se a revanche entre Brasil 5X0 Bélgica, em que o time brasileiro devolveu a goleada sofrida no amistoso em Bruxelas de 1963.

Pela primeira vez, vi uma multidão parecida com o ser humano e repito:- uma multidão terna, generosa, dionisíaca. Eis o charme do Maracanã lotado...Até Armando Nogueira, que separa o Brasil do escrete, a pátria do futebol, pingava de patriotismo. Com esporas e penacho, e mais uns bigodões, ele seria um autêntico dragão de Pedro Américo (...) Então, no meu canto, eu descobri o óbvio ensurdecador, ou seja: - que o ressentimento funda uma nação.<sup>12</sup>

Esse mistério, segundo Drummond, transcende do mais simples ao mais elaborado torcedor, buscando o sentido do enfoque da partida, que envolve os cenários, os lances e os momentos das partidas, as atitudes dos personagens e toda uma trama inscrita no cotidiano do anônimo público. Contudo, ainda em *Mistério da bola*, Drummond sublinha essa paixão como individual:

Cada um tem sua maneira própria de avaliar as coisas do gramado (...) Pelo nosso clube fazemos o possível e principalmente o impossível. O jogador nos importa menos que suas cores(...) A estética do torcedor é inconsciente; ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia (...) uma emoção política. Somos fluminenses ou vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro.

Finalmente, a grande ilusão do gol confere alta dignidade à paixão popular (...) Objeto de couro transpõe uma linha convencional, e o que se chama de vitória aparece aos olhos de todos com uma evidência corporal que dispensa a imolação física.<sup>13</sup>

Como segundo momento da narrativa do evento futebolístico, Drummond questiona o enquadramento padrão da transmissão esportiva feita pela mídia, principalmente com a ascensão da televisão, que já na Copa de 70, por iniciativa da Embratel, antecipava para uma elite consumidora a cobertura dos jogos brasileiros a cores.

Publica, no *Jornal do Brasil*, em 16/06/1970, *Em preto e branco*, a diferença do olhar pedagógico da televisão com o olhar trans-individual do torcedor, confrontando assim o ornamento tecnológico e a novidade da trilha dos craques brasileiros.

No momento somos milhões vendo a Copa do Mundo em preto e branco, e algumas dezenas vendo-a colorida. Faço parte da primeira turma, porém não protesto contra o privilégio da segunda. Talvez até sejamos nós, realmente, os privilegiados, pois nos é concedido o exercício livre da imaginação visual, esse cavalinho sem freio (...) Pelé, o mágico, vira arco-íris na instantaneidade e gênio de suas criações. E tudo é ballet de cor a que vamos assistindo ao sabor da inventiva, na emoção das jogadas, desde que sejamos capazes de inventar.<sup>14</sup>

O primeiro trecho de suas cartas familiares selecionadas pelos editores foi endereçado a filha Maria Julieta, em 12/07/1950, relatando sua inclinação a assistir no estádio Maracanã, a penúltima partida da Copa de 50, Brasil X Espanha. Em sua visita ao monumento, “horrendo por fora e

bonito por dentro”<sup>15</sup>, pôde constatar a presença de 170 mil torcedores, com muitos tendo sido liberados da rotina do trabalho pelo governo.

O envolvimento nacional desde 1950 vem aumentando, como resultado das conquistas nos torneios internacionais. Em *O Importuno*, publicada em 13/07/1966, no *Correio da Manhã*, a paralisação da rotina do trabalho durante o período da Copa do Mundo é novamente abordada.

O texto relata no dia do primeiro jogo do Brasil na Copa na Inglaterra, em 1966, contra a Bulgária, durante o horário de funcionamento de uma repartição pública, a ausência do atendimento ao público. Os funcionários paralisados são apoiados pelo Chefe de Seção, que até justifica a interrupção antecipada para um reclamante irritado com o descaso, utilizando como argumento o papel cívico desse comportamento.

-Desculpe, cavalheiro. Queira voltar na quinta-feira, 14. Quinta-feira não haverá jogo, estaremos mais tranqüilos.  
 - Mas me prometeram que meu papel ficaria pronto hoje sem falta.  
 - Foi um lapso do funcionário (...) Ele não se lembrou da Bulgária...  
 - Perdão, o jogo não vai ser logo mais, às 15h. É meio-dia, e já estão torcendo?  
 - Ah meu caro senhor, não critique nossos bravos companheiros, que fizeram o sacrifício de vir à repartição trabalhar quando podiam ficar em casa ou na rua, participando da emoção do povo(...)  
 - Se vieram trabalhar, por que não trabalham?  
 - Porque não podem, ouviu/ (...) O senhor está ficando impertinente (...) O Brasil em guerra (...) e o senhor indiferente, alienado, perguntando por um vago papel (...)  
 O momento não é para dissensões. O momento é de união nacional, cérebros e corações uníssonos (...) não perturbe a preparação espiritual dos meus colegas(...)  
 Todos querem ajudar, por isso cada um tem uma idéia própria, que não se ajusta com a idéia do outro, mas o resultado é admirável (...) Na hora da batalha, formamos uma frente única(...)  
 Quer saber de uma coisa? Seja razoável, meu amigo, procure ser bom brasileiro, volte em agosto, na segunda quinzena.<sup>16</sup>



A melhoria da cobertura jornalística nas Copas da FIFA a partir de 1974 ocorre principalmente com a maior presença da mídia eletrônica dotada de recursos técnicos e financeiros ampliados e amparada por uma organização comercial e com isso subordinando totalmente a dimensão do megaevento em espetáculo, o que acarretou a adesão geral da população brasileira nos dias de jogos do selecionado brasileiro.

As ruas da cidade do Rio de Janeiro saíram na frente, ao se decorarem a pedido da TV *Globo* no segundo trimestre de 1982, transformando os confrontos da seleção canarinho na Copa da Espanha em animadas festas populares dos bairros. Drummond retratou esse evento em *O rio enfeitado*, em 10/06/1982, no *Jornal do Brasil*.

As ruas são uma floresta de faixas e bandeiras, o Rio ficou florido de esperanças que são certezas prévias, é a Pátria em festa (...) De repente esquecemos a inflação, a arrastada abertura política, os candidatos a candidatos e só pensamos, sentimos, comemos e dormimos (ou melhor: vigiamos) a Copa. É alegre, é perigoso, é empolgante, e até eu que lhe escrevo (...) já me vejo por força do contágio, celebrando (...) os futuros gols do Brasil, personificado em Zico e demais *cobras* da seleção. Só admitimos o triunfo. Dizem que isso assim de véspera não é bom, carece esperar para ver o bicho que dá – o bicho que, na versão específica dos atletas, os faz impacientes, como se já quisessem recebê-lo por conta de uma vitória a ser conquistada. O fato é que não há massa disponível para torcer por esse por aquele Partido que espera conquistar o Governo do Estado do Rio e fazer senador e deputado de montão. As faixas de propaganda de candidatos desaparecem ante a invasão de tiras verde-amarelas que prelibam o sucesso nacional na Espanha .<sup>17</sup>

Hoje esse ritual se espalhou por todo país, recebendo inclusive o apoio dos setores empresariais e governamentais, fazendo nas ruas das cidades shows musicais e transmissão direta das partidas por um telão em frente às massas aglomeradas. É o espetáculo da mídia preparando os sentimentos dos novos admiradores.

A conduta da recepção massiva foi detalhada antes, em *Jogo à distância*, publicação de 17/07/1966, no *Correio da Manhã*, após a derrota da seleção brasileira para a seleção húngara de 1X3, na Copa de 1966.

Sentado no meio-fio, rádio-zinho ligado sobre os joelhos, o garoto chorava...

O repórter da TV saiu por aí, indagando:

- O senhor gostou do jogo? E o senhor?

O primeiro interrogado respondeu por todos:

- Como é que eu havia de gostar de uma porcaria dessas? O senhor é húngaro ou matusquela?

A voz vinha de Liverpool, espalha-se pela rua:

- Não desanimem. Perdemos a batalha, mas não a guerra! (...)

Desabafou comigo, diante do chope amargo:

- Se fosse só a Hungria contra nós, eu ainda agüentava. Se fosse só a Hungria mais o juiz, que anulou dois gols da gente, ainda agüentava. Mas a Hungria, o juiz e os nossos locutores, tudo junto, espera í, não há tatu que agüente!<sup>18</sup>

As reações patrióticas restritas às competições internacionais da equipe nacional pelas massas camuflam a cumplicidade da mídia ao contexto político de elevadas perdas e ausências, ficando nas diminutas ou aparentes análises conflitantes dos jornalistas o escoamento das tensões e reivindicações, que se deslocam em reclamações contínuas sobre o desempenho dos juizes e dos jogadores, assim como o desmando da antiga Confederação Brasileira de Desportos - CBD e de sua comissão técnica. A

retórica patriótica da mídia dissimula o impasse de um resultado velado de dor e derrota.

O texto do *Jogo à distância* recolheu na imagem do papel picado no asfalto espalhado pela torcida um índice do pensamento mais próximo da realidade. “Eu sei que futebol é assim mesmo, um dia a gente ganha, outro dia a gente perde, mas por que é que, quando a gente ganha, ninguém se lembra de que futebol é assim mesmo?”<sup>19</sup>

O sentimento de perda tem outra passagem no caminho subterrâneo da ação política do torcedor. A conjuntura ainda é o governo militar, a publicação no *Jornal do Brasil* data 02/02/1974, chama-se *Parlamento da rua*, relacionando uma banca de jornal localizada na avenida Rio Branco pertencente a um botafoguense com a censura do regime vigente.

O espaço do jornaleiro desenvolve o debate esportivo, como um pequeno exemplo para o futuro exercício da cidadania brasileira, o que será só possível com a vitória da “democracia representativa” nas décadas seguintes, após a lenta abertura do regime político brasileiro.

Como uma república popular do futebol, a banca de jornal mobiliza os torcedores a contestar em posições diversas até conflitantes, os impasses de seus clubes, opinando os fatos das notícias e discutindo os fundamentos técnicos, as normas do jogo, o desempenho no campeonato e suas principais personalidades: atletas, comissões técnicas e dirigentes.

O *Parlamento da rua* traz a lição do caso Botafogo F.R, no período da crise 1974, quando o treinador Paraguaio foi substituído por Paulistinha após

as intensas reclamações da torcida, que tinha como principal foco a bancada da avenida Rio Branco.

A banca do Botafogo, como as de outros clubes, é precisamente isto: um parlamento aberto, agitado, crítico, funcionando com absoluto desembaraço, vozes saudavelmente altas, que não deixam passar em silêncio qualquer aspecto do problema em debate. Desse confronto de pontos de vista, nem sempre sai a luz, mas vez por outra os deputados do povo (pois são deputados de imensa faixa popular, distribuída entre as agremiações cariocas) chegam a resultado positivo: deliberam por maioria, senão por unanimidade, que esta nunca é boa em democracia; há sempre necessidade de um espírito -de -porco, símbolo de individualismo renitente...

Com efeito, à luz do dia, na rua movimentada, podia-se ler a seguinte moção de desagrado ao ministério botafoguense:

'Fora Paraguaio e toda Comissão Técnica, cortejadores de Brito e entregadores da vitória.

Queremos Paulistinha para técnico: homem que sabe muitas coisas dentro do clube'(...)

No caso particular, entendo que o Botafogo nada perde em que seus problemas sejam discutidos assim debaixo da árvore, entre buzinas e vendedores de lâminas e ventarolas. Pelo contrário, (...) a cartolice dos dirigentes não passa incólume pela vigilância dos torcedores (...) Viva a liberdade de pensamento, viva a opinião pública, mesmo com iniciais minúsculas – mas tão bela sempre .<sup>20</sup>

O comportamento indignado da torcida pode parecer também uma atitude indevida para os bons costumes dos censores. Drummond, jogando sem a bola, abre o espaço para *O leitor escreve*, de 13/11/1976, no *Jornal do Brasil*, inserindo na carta do torcedor Lauro Romão Estensoro, do Rio de Janeiro o papel do correio, onde se destina seu lugar na mensagem:

É bem variado o correio de um colunista (...) Vêm simultaneamente descomposturas de pessoas cuja existência ignorávamos e que se declaram ofendidas pelas referências desairosas que lhes fizemos; coroas de louros verbais pelo texto (...) convites amáveis (...) oferta de lotes (...) pedido de auxílio financeiros (...) apelos (...) colaboração espontânea em prosa e verso; e muitas coisas mais .<sup>21</sup>

A estratégia do disfarce da carta enviada é política, enquanto simula a informar uma reunião entre o Juiz de Menores e as autoridades esportivas para coibir o coro de palavrões das torcidas, devolve ao leitor a discussão ideológica na conclusão, cumprindo assim a função de correspondência:

Duvido que se consiga acabar com o coral possante e cabeludo, que não revela só a falta de educação, revela também necessidade de romper as barreiras da censura mental imposta pelas circunstâncias de todos sabidas (você sabe a quem me refiro). O povo grita nome feio porque a vida anda apertada por todos os quatro lados, e isso ele não pode dizer claramente.<sup>22</sup>

Hoje temos o agravamento desse problema com as torcidas organizadas, que além dos xingamentos e das rivalidades de camisas, praticam brigas e crimes dentro e fora dos estádios, tornando-os sem segurança.

Quem se favorece é a mídia, expandindo o público-alvo, que passou a denominar de “torcedor da poltrona”. As famílias com medo optam pela assinatura de um canal especial da TV fechada, aquelas carentes de poder aquisitivo torcem pela cobertura da TV aberta, segundo uma estratégica grade de programação.

A mudança de hábitos propicia a tática da regionalização e segmentação da mídia esportiva, internando no torcedor a censura econômica, que encobre a manifestação de uma nova cidadania perdida e

distanciada na miséria e fome da violência social, em progressão geométrica desde o golpe de 1964.

Tal situação vem acompanhada de campanhas dissimuladoras do desprezo social. Uma das ondas aponta para a reformulação dos estádios com novas construções sofisticadas e de elite. Outra chama atenção do desgaste emocional e físico do torcedor durante uma partida de futebol, desaprovando seu comportamento exaltado.

João Saldanha, em 17/07/1982, no *Jornal do Brasil*, desmistificou tal foco alarmista em *O necrotério fracassou*, crônica selecionada pelo livro *O trauma da bola, a copa de 82 por João Saldanha*, da coleção *Zona do Agrião* sob a coordenação de Jorge Vasconcellos e Rodrigo Lacerda.

Mas aqui temos tantos bobocas que acham grande vantagem dizer que no dia da derrota morreu uma mulher de enfarte no Ceará. Me perdoem, seus idiotas, mas todos os dias morrem dezenas e centenas de enfarte no Brasil e sem jogo (...) Mas idiotice maior, e que chega ser macaquice, é a do sensacionalismo nos hospitais durante o carnaval ou grandes jogos de futebol.<sup>23</sup>

Drummond esteve preocupado com o descontrole da paixão no torcedor desde cedo, em 31/03/1959, publicando no *Correio da Manhã*, *Calma, torcedor*, onde estabeleceu como conexão suplementar a belicosidade patriótica promovida pela mídia durante uma competição internacional, a constante súplica daquele que joga o tempo todo em realidade adversa.

Diante de tamanha angústia adormecida, porém não pacificada, fica-se na dúvida: o esporte será hoje uma fonte de prazer individual e coletivo, ou mais uma contribuição valiosa para as estatísticas mortuárias? (...) O torcedor, na sua impotência, joga ainda mais do que o jogador...

O sofrimento esportivo se agrava com os equívocos de linguagem e os golpes publicitários, assumindo formas políticas e belicosas que espantariam os próprios e inocentes torcedores, se eles se detivessem a examiná-las. (...) Os sofrimentos, irritações e depressões que provoca estão longe de ser imaginários, e perturbam nosso perturbado viver.

Somos campeões do mundo, é verdade, mas isso não nos deve torturar mais do que, por exemplo, as misérias do subdesenvolvimento. O campeão não é campeão 24 horas por dia; chega uma hora (...) de não sofrer mais do que o estritamente necessário (...) não somos 60 milhões de campeões.<sup>24</sup>

A questão da dívida significativa de uma partida reaparece com mais clareza no texto *Locutor esportivo*, publicado em 24/05/1979, no *Jornal do Brasil*, homenageando o Anselmo Fioravanti em sua postura transgressora na locução do jogo, sucesso em 1929.

Anselmo produzia uma inversão, que radicalizava o ponto de vista da narração, tornando-a distante da preocupação empírica com a consistência e ficando próximo da fantasia do torcedor.

Sua estréia ao microfone gerou uma tempestade de protestos (...) classificado como humorista de primeira água. Foi mantido e sua atuação despertou sempre o maior sucesso. Jogo narrado por ele era muito mais fascinante do que a verdadeira partida.

Anselmo creditava o gol ao time cujo arco fora vazado. Trocava os nomes dos jogadores, invertia posições e fazia com que o clube derrotado empatasse ou ganhasse, conforme inspiração do momento...

Torcedores e agremiações tinham em alta conta, porque ele mantinha aceso o interesse pelo futebol. Os vencedores de fato não se magoavam (...) E os derrotados consolavam-se (...).<sup>25</sup>

Drummond revela ainda mais no final, situando a queda de seu personagem, no dia em que ele deixou escapar a simetria do fato com pênalti ocorrido. Não tardou o descrédito do público, recolhendo-se então, mais adiante, na função de gari, em Vila Isabel.

O cronista sempre esteve atento aos encontros acidentais. Um dos mais densos vinculou a justificativa ideológica com a opção pessoal de proteção e isolamento, que também perdeu consistência. O medo desapareceu no meio da alegria, escondendo-se na descoberta desse sentimento coletivo emanado pelas multidões, que só ameaçava na distância.

Publicando no *Jornal do Brasil*, em 05/06/1980, *O Torcedor*, Drummond percorreu com um outro personagem Eváglio o caminho aterrorizante e deslumbrante da maior torcida brasileira, no dia mais significativo, quando o Flamengo conquistou seu primeiro título nacional, vencendo o Atlético Mineiro por 3X2, no Maracanã.

Eváglio torceu pelo clube de Minas Gerais, mesmo não sendo atleticano e nem mineiro, apenas por recear a repercussão da vitória flamenguista nas ruas, de um domingo que escolhera para visitar um amigo em bairro distante de sua moradia em Ipanema e sem condução própria.

O Flamengo triunfou, e Eváglio (...) em busca de táxi inexistente, acabou se metendo num ônibus em que não cabia mais ninguém, e havia duas bandeiras rubro-negras para cada passageiro. E não eram duas bandeiras pequenas nem torcedores exaustos: estes pareciam ter guardado a capacidade de grito para depois da vitória.



Lembrando-se que torcera pelo vencido, teve medo, para não dizer terror. Se lessem em seu íntimo o segredo, estava perdido. Mas todos cantavam, sambavam com alegria (...) A emanação de entusiasmo o contagiava (...) Marcou com a cabeça o acompanhamento da música. Abriu os lábios, simulando cantar. Cantou. Ao dar fé de si, disputava à morena frenética a posse de uma bandeira. Queria enrolar-se no pano para exteriorizar o ser partidário que pulava em suas entranhas. A moça em vez de ceder o troféu, abraçou-se com Eváglio e beijou-o na boca. Estava batizado, crismado e ungido: uma vez, flamengo sempre flamengo. O pessoal desceu na Gávea, empurrando Eváglio para descer (...) Segurou firme na porta, gritou: eu volto, gente! Vou só trocar de roupa.<sup>26</sup>

A primeira demanda de qualquer torcedor é assistir a um jogo no estádio, antes mesmo de tentar a sorte jogando. Em *Garoto*, de 13/01/1965, no *Correio da Manhã*, Drummond relata com proximidade essa fantasia na sua realização, a partir da experiência vivida, ainda criança, por um de seus netos.

Tinha um sonho na cabeça: assistir a uma partida de futebol. Assistir mesmo, não esse faz –de-conta de televisão ou transistor. O pai dizia que ele era muito pequeno para ir a um estádio. No seu país, jogo não é essa farra (...) Longe do campo, sabia os nomes de todos os campeões mundiais, os escores de todos os jogos de campeonato, colecionava escudos, flâmulas, fotos, signos de uma realidade que lhe era vedado conhecer de perto. Num aeroporto viu Didi sentado, à espera de avião. Chegou até ele, trêmulo, sem palavras. Pelo menos vira um jogador. Veio para o Brasil com antiga ambição: ir a um jogo qualquer. Por falta de sorte, o campeonato acabara, Maracanã fechado. Afinal, anunciaram o Santos X Botafogo.<sup>27</sup>

O menino argentino teve o “sonho” concretizado, quando um primo e sua noiva, que acabara de conhecer, dispuseram-se a levá-lo ao estádio do Maracanã, para assistir o jogo. A emoção aumentou com a presença de Pelé

e Garrincha, depositando para sempre em sua memória tal experiência, que não hesitou em documentar.

Pegou do pacote de balas, desembalou uma, alisou o papel com todo cuidado, dobrou-o, guardou no bolso. Em casa, não quis comentar o jogo; era bom demais para caber em palavra. Desdobrou o papel e com a letra mais caprichada escreveu nele: Mi primer partido de fútbol.<sup>28</sup>

Todo adorador de bola, segundo Paulo Mendes Campos, em *O gol é necessário, da Civilização Brasileira*, também prioriza chutá-la em uma pelada no lugar de qualquer outra forma de entretenimento.

O brinquedo essencial do homem é a bola. Quem ganha uma bola descobre dois mundos, o dentro e o de fora...  
É sempre um grande prazer, uma das coisas agradáveis da vida, dar um chute na bola, sobretudo quando conseguimos colocá-la na meta almejada...  
Esse amor que faz um homem de quarenta e tantos anos sofrer o sono da fadiga para rememorar em câmara lenta o gol de cobertura que fez pela manhã.<sup>29</sup>

Estes adoradores deslocam o objeto da fantasia em várias práticas, além de colecionar e fabricar objetos e ícones dos ídolos e dos clubes preferidos chutam a bola no campo, no terreno baldio, na praia, no salão, na rua ou vão para casa jogar botões ou bonecos.

Em *Saque*, publicado em 18/07/1965, no *Correio da Manhã*, Drummond descreve com humor o hábito desde criança do neto Luiz Maurício Graña de jogar futebol de botão.

Tenho um remorso antigo - confidenciou-me à mesa de bar. - Quando eu era garoto, adorava futebol de botão. Um dia acabei com os botões do quarto de costura de mamãe e não havia outros em casa. Fui ao guarda-roupa de vovô e saqueei-o. Coitado, o velhinho vivia na cadeira de rodas e praticamente só usava pijama. No dia em que ele morreu, a família ficou atrapalhada para vestir-lhe um terno escuro: estava tudo sem botão.<sup>30</sup>

O amor à camisa no torcedor ancora-se em uma fantasia, que se ilumina no espaço cênico de uma história, a partir que rola como objeto da demanda o axioma do sintoma.

Carlos Drummond de Andrade encontrou o cenário preciso desse palco, *No elevador*, crônica publicada no *Correio da Manhã*, em 12/09/1965, que tem como principal personagem o ascensorista conhecido por Amigo. A pequena história narrada relembra um longo período de Drummond no Ministério de Educação, situando o papel do símbolo na lógica significativa do sujeito.

Em Amigo, a dimensão de verticalidade no encontro cotidiano dos signos-passageiros é substituída pela visão de horizontalidade no movimento dos elementos de transposição, descobrindo assim a hierarquia real do acesso ao regime de trabalho significativa. Drummond localiza *No elevador* o pacto da vida moderna:

Para nós, o elevador é a caixa onde nos metemos por alguns instantes de passagem para algum lugar, sem qualquer sentimento que nos ligue a companheiros eventuais. Para o ascensorista, é a prisão a que está condenado durante a quarta parte do dia, ou durante a vida. Prisão que se abre a todo o momento, com regularidade monótona, e de que não pode fugir.<sup>31</sup>

A rotina de trabalho produz formas articuladas de espoliação e interdição, constituindo-se, sobredeterminadamente, por laços culturais indicadores de sintomas coletivos. O assalariado livre estende-se por uma longa jornada produtiva com repetitivas tarefas profissionais, acarretando reduzidas oportunidades de conquistas de suas demandas.

Quando Drummond afirma que nos seus trinta anos de serviço público naquele órgão assistiu vários ascensoristas adoecerem, serem transferidos de função e de região e até falecerem inesperadamente. Ele associa sobrevivência diária com desgastes psíquicos, que em alguns casos se agravam até a morte. Quanto mais abre e fecha a porta da contingência simbólica da relação, Drummond sublinha:

- O Valdemar anda doente, teve que deixar o carro. Está na portaria. Ia perguntar pelo Oscar que me aparece, também magro e triste, afastado da obrigação de subir e descer da gaiola enervante e que me diz; -sabia que o Amigo morreu?<sup>32</sup>

O Amigo chamava-se Afonso Ventura, sua rotina de trabalho constava de quase 12 horas por dia, considerando que morava em Niterói. A palavra “amigo” ele empregava para cumprimentar a quem transportava nos elevadores do Ministério de Educação e do Edifício Darke, localizado na rua 13 de maio, preenchendo o curto transporte com um momento alegre, que surpreendia os tripulantes aprisionados pelas impregnações imaginárias do código. Sua transferência para a nova sede do Ministério de Educação em

Brasília depositou na memória a simples partilha desse convívio, restando para sempre em Drummond a significação de sua torcida.

Mas todos sabiam que seu maior amor era o Vasco da Gama. Liam-se no seu rosto as vitórias do Vasco. As derrotas, não era possível ler, pois o rosto do Amigo continuava espelhar a vitória (...) O Vasco para ele não perdia nunca; no máximo, deixava de ganhar... Um dia o Amigo sumiu. Os únicos elevadores do Rio perderam a graça.<sup>33</sup>

O Amigo teve dois importantes momentos de maior alegria, perpetuando seu grande amor. Primeiro recebeu por intermediação do lendário tricolor Marcos Carneiro de Mendonça o título de sócio nº 16, do Clube de Regatas do Vasco da Gama e segundo teve a presença de um representante do Clube na sua despedida da vida terrena.

### **3.2- Seleção de ouro**

#### **3.2.1-Do pioneirismo inglês às primeiras copas da fifa**

O futebol desembarcou no Brasil a partir de 1864, durante a Guerra do Paraguai, quando se encontravam ancorados na região platina os navios mercantes europeus, principalmente ingleses, que trouxeram em suas bagagens, além das armas para impor a dominação dos produtos industriais, a bola e as regras do jogo.

Os europeus e seus descendentes contribuíram com a promoção das primeiras partidas nas praias e nos campos, a fundação dos primeiros

clubes de futebol e o estabelecimento da atividade no âmbito escolar, no último quartel do século XIX, período de profundas transformações políticas e econômicas na sociedade brasileira, resultantes da crise final do Escravismo Colonial.

O paulista Charles William Miller, descendente de ingleses e escoceses, destacou-se como um dos introdutores, traçando em sua trajetória o processo de incorporação. Estudou na Banister Court School, em Southampton, na Inglaterra, estando de volta ao Brasil, em 1894, quando apresentou como uma das novidades da escola inglesa, duas bolas da marca *Shoot*. Lá, ele foi atacante do Southampton e da seleção do Condado de Hampshire. Ao chegar aqui, tornou-se jogador do São Paulo Athletic Club, que mais tarde também ocupou a função de dirigente, concluindo sua participação no esporte bretão como árbitro da federação paulista.

Outros pioneiros regionais contribuíram para a importação do esporte até 1917, tornando-o um novo hábito masculino da elite burguesa republicana: Oscar Cox no Rio de Janeiro; Johannes Minerman e Richard Woelckers no Rio Grande do Sul; José Ferreira Filho na Bahia; Guilherme de Aquino Fonseca em Pernambuco; Vito Serpa em Minas Gerais; Charles Wright no Paraná.

A influência inglesa predominou pelo seu papel na história moderna do futebol mundial, processando a linha evolutiva do jogo com a definição das regras e com a organização de campeonatos através de uma associação pioneira, no final do século XIX.

O advento dessa atividade nas ilhas britânicas ocorreu durante a invasão romana por Júlio Cezar, em 43 a.C., quando os soldados introduziram o *Harpastun*, que só se modificou no período medieval, com sua versão aristocrática francesa chamada de *Soule*.

O *Harpastun* romano, século II a.C., utilizava os pés e as mãos para carregar e arremessar a *follis* (a bola de bexiga de boi e coberta por uma capa de couro) até a meta adversária. Foi oriundo do *Epyskiros* grego, século IX a.C., que disputava apenas com os pés a posse, a condução e o chute da bola de bexiga de boi e recheada de areia e ar, em um campo retangular.

Ao contrário de seu herdeiro romano e de seus antecessores orientais da China e do Japão, os gregos consideravam a atividade física como esporte, sendo citado desde Homero e relatado em seus lances por Antífanos e pelas artes plásticas.

No livro *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londine*, de William Fitzstephen, de 1175, está descrito um rito comemorativo da expulsão dos dinamarqueses da Grã-Bretanha, durante a terça-feira gorda (*Schrovetide*), que constava da prática de chutar a bola de couro como se fosse a cabeça do oficial comandante inimigo, até o portão da cidade, aproximando-se do mais antigo jogo de bola com os pés, na China, que elaborou o sentido figurado da substituição, a bola no lugar do crânio, como ruptura da forma primitiva praticada até XXV a.C. por várias Comunidades Primitivas.

Os primeiros registros da presença da bola situaram-se nas civilizações antigas orientais da China e do Japão. Em 2.197 a.C., o militar chinês Tang-Tse elaborou as normas do jogo descritas no manual de instruções da guarda imperial, denominado de *Tsu-chu*, que significava lançar com os pés a bola de couro cru e recheada de crina, sem tocar no chão, entre duas estacas de bambu, revestida de rede de seda, sendo semelhante ao *Kemari* dos contemporâneos japoneses.

A práxis chinesa continha de anterioridade a dimensão e a demarcação do campo, as metas, a composição das duas equipes e a contagem dos pontos, tornando-se inclusive uma atividade popular, com a participação das mulheres.

Outro paralelo da prática inglesa, já no período mais próximo, em Florença, foi o *Cálcio*, que teve seu registro oficial em 17 de fevereiro de 1529, quando as facções políticas rivais lideradas por Seglio Antinori e Dante Cantiglione, buscando acertar suas diferenças, realizaram uma partida na Piazza Santa Croce, distribuindo 27 jogadores em cada equipe, uniformizadas uma de verde e outra de branca, ficando como meta carregar a bola até fora do portão da cidade.

Em 1580, Giovanni di Bardi estabeleceu novas regras, tais como 10 árbitros para coibir os choques físicos, conforme o *Kemari* japonês, e a introdução das barracas armadas no fundo de cada campo, agora delimitado, conforme os modelos chinês e grego, mantendo ainda a condução da bola com as mãos e com os pés, de tradição romana. O *Cálcio*



propagou-se pelo território italiano com a participação do clero, da nobreza e do terceiro estado.

Aquele festejo cívico anual dos ingleses, depois de longo período, transformou-se em atividade regular nas ruas, com crescente adesão popular, destacando-se primeiro as cidades de Chester e de Kingston, desde o século XVI.

A eclosão da Revolução Industrial Capitalista, no século XVIII, acelerou a concentração populacional urbana e o jogo inglês passou a ser disputado por quase 500 jogadores de cada lado, estendendo o nível da violência física, de estragos materiais e dolos.

Somente em 1710, as escolas inglesas de Covent Garden, Strand e Fleet Street passaram adotar o jogo de bola como atividade esportiva, deslocando-o das ruas para os terrenos baldios e os campos, o que lhe domesticou, principalmente após estabelecer o árbitro como mediador da contenda.

Surge, mais tarde, com a maciça aceitação dos colégios públicos, em 1823, a separação em duas práticas esportivas; uma com os pés, destacando-se os colégios de Chartthouse, Westminster, Eton, Harrow, Oxford e Winchester e outra com os pés e as mãos destacando-se Cheltenham, Shrewsbury e Rubgy, fixando as duas atividades nas escolas. Em 1846 nasceram regras do *Rubgy*, por meio dos estudantes Thomas Arnols e Willian Webb, representando o jogo com os pés e as mãos, e 1848,

na Universidade de Cambridge, em reunião dos diretores dos colégios, ficou determinado o *Football*, como outro jogo só com os pés.

Em 26 de outubro de 1863, na Taberna Freemason, em Great Queen Street, Londres, os representantes de 11 clubes e das escolas instituíram o padrão normativo do *Football*, que se configurou, em 8 de dezembro, por 11 regras básicas. Em 1871, foi disputada a primeira Copa da Inglaterra, tornando-se a primeira da versão atual do *Football* e tendo em 1872, a primeira partida entre seleções nacionais: Inglaterra X Escócia.

Carlos Drummond de Andrade sintetizou o crescimento da nova prática esportiva com o poema *Futebol*, publicado pela primeira vez em *Poesia Errante*, salientado sua popularidade, diversidade e expressividade:

Futebol se joga no estádio?  
 Futebol se joga na praia,  
 futebol se joga na rua,  
 futebol se joga na alma.  
 A bola é a mesma: forma sacra  
 para craques e pernas-de-pau.  
 Mesma volúpia de chutar  
 na delirante copa-mundo  
 ou no árido espaço do morro.  
 São vôos de estátuas súbitas,  
 desenhos feéricos, bailados  
 de pés e troncos entrançados.  
 Instante lúdico: flutua  
 o jogador, gravado no ar  
 -afinal, o corpo triunfante  
 da triste lei da gravidade .<sup>34</sup>

No início do século XX, espalhavam por todos os continentes os países praticantes de futebol, organizados por federações nacionais, propiciando a fundação de uma entidade internacional unificada. Em 21 de

maio de 1904, baseando-se no modelo pioneiro inglês de Football Association, com a liderança do holandês Karl Anton Wilhelm Hirschmann e do francês Robert Guérin, secretários-gerais, respectivamente, da Associação Holandesa e da União Francesa das Sociedades de Esportes Atlético, foi instituído o Estatuto da Federation International de Football Association - FIFA, assinando o ato de fundação Holanda, França, Bélgica, Suíça, Espanha, Dinamarca e Suécia, elegendo ainda para a 1ª presidência o francês Robert Guérin.

Nos dias seguintes, Alemanha, Áustria, Itália, Irlanda e País de Gales também se filiaram, ficando para o Congresso de Paris, em 1905, a inclusão da Inglaterra e da Escócia. Na década seguinte foram incorporados outros países: África do Sul em 1909, Argentina e Chile em 1912 e os Estados Unidos da América – EUA, em 1913. Só após ser eleito o 3º presidente, em 1920, o francês Jules Rimet, estendeu-se o poder da FIFA para outros continentes, tendo como principal fator a organização da “Word Cup”, seguindo o modelo inglês de “Cup”.

As primeiras competições internacionais importantes foram as Olimpíadas, que desde 1908, receberam a chancela da FIFA, sendo em 1924 considerada como título mundial de amadores. A partir da terceira década do século XX, com a chegada do profissionalismo, a FIFA implantou a Copa do Mundo, visando distinguir as competições com a separação de jogadores amadores e profissionais.

No Congresso de Amsterdã, em 1928, o Comitê da FIFA definiu a data da I Copa para 1930, convidando os países filiados e constituindo a comissão organizadora, que estabeleceu como período regular da competição cada quatro anos. No Congresso de Barcelona, em 1929, foi escolhido o Uruguai como sede, por ser bicampeão olímpico de 1924-28 e completar o seu centenário de independência. Outro fator da escolha era o contexto da grande depressão capitalista mundial, inibindo muitos filiados de candidatura. Neste Congresso ficou estabelecido ainda o regulamento do torneio.

O Brasil ingressou na FIFA em 1923 e participou de sua 1ª competição, no período de 13 a 30 de julho, que teve o predomínio de nove países americanos - Uruguai, Brasil, Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Paraguai, México e EUA contra quatro europeus - França, Bélgica, Iugoslávia e Romênia, distribuídos em 3 grupos de 3 e 1 grupo de 4 países participantes. Todas as etapas foram classificatórias, sendo a primeira com dois jogos entre os membros de cada grupo, somente o grupo 1 teve um jogo a mais, sublinhando a vencedora Argentina com três vitórias – 1X0 na França, 6X3 no México e 3X1 no Chile. As fases seguintes tiveram duas etapas entre os vencedores.

A Confederação Brasileira de Desporto – CBD, órgão central de todas as federações estaduais e a APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos entraram em confronto, gerando dificuldades na composição do

selecionado brasileiro, que só pôde contar com o santista Araken Patuska, pois estava brigado com seu clube.

O atacante mulato Arthur Friedenreich foi o principal desfalque. Por meio das anotações no caderno de seu pai Oscar entrou para o *Guinness Book of Records* como autor de 1329 gols, na frente de Pelé. Tal caderno se extraviou e como os dados são imprecisos, a FIFA não reconhece esse número. Mesmo assim é considerado um dos maiores artilheiros da história do futebol, basta confrontar os livros dos jornalistas João Máximo *Os gigantes do futebol* de 1965 e Alexandre Costa *O Tigre no futebol* de 1999.

Anfilogino Guarisi, conhecido como Filó, também ficou de fora, só que na Copa de 1934 esteve na reserva da seleção italiana campeã. Outros nomes podem ser citados como ausentes da primeira Copa, principalmente Luiz Matoso, Del Debbio, Athié, Feitiço, Nestor e Amílcar.

Na II Copa do Mundo, de 27 de maio a 10 de junho de 1934, com sede na Itália, resultante da pressão política do regime fascista de Benito Mussolini, teve a introdução da fase eliminatória entre 32 inscritos, disputada em 1933 por 29 países, classificando dezesseis participantes, sendo que a CBD novamente se classificou automaticamente com a desistência do Peru.

Disputaram a 2ª competição Itália, Brasil, EUA, Argentina, Egito, Suécia, Espanha, Áustria, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Suíça, Holanda, Bélgica, França e Alemanha, distribuídos em 8 grupos de confronto direto, seguidos de três etapas classificatórias entre os vencedores.

A participação brasileira novamente foi prejudicada pelas divergências da CBD com os clubes e outras ligas estaduais, que buscavam fundar a Federação Brasileira de Futebol, ficando para o Botafogo F.R a base do time, acrescida de mais quatro jogadores paulistas: Waldemar de Brito, Silvio Hoffman, Luizinho e Armandinho.

O novo impasse da seleção brasileira resultou do advento do profissionalismo, oficializado em 1933, com a CBD protegendo as federações e os clubes resistentes às novas relações de trabalho, mas que o novo contexto brasileiro tornará irreversível.

Nestas duas Copas, o Brasil foi eliminado na primeira fase, com dois jogos na primeira (1X2 com a Iugoslávia e 4X0 com a Bolívia) e um jogo na segunda (1X3 Espanha). Cada Copa representou a vitória do país-sede, Uruguai e Itália, respectivamente.

O Uruguai em 1930 teve uma campanha irretocável, vencendo o grupo 3 com duas vitórias – 1X0 no Peru e 4X0 na Romênia, passando depois pela semifinal com a goleada de 6X1 na Iugoslávia, decidindo o título com Argentina, que também vencera os EUA por 6X1. O resultado da primeira final da Copa do Mundo confirmou a supremacia do futebol uruguaio com 4X2, no recém inaugurado Estádio Centenário em Montevideu, projetado por Juan Scasso, diante de 67 mil pagantes.

A cobertura jornalística do evento selecionou os zagueiros Jose Nasazzi e Mascheroni, o médio Gestido e os atacantes Iriarte e Héctor Scarone da “celeste olímpica” como os melhores de suas posições. O médio

vascaíno Fausto dos Santos, apelidado de “maravilha negra” representou o Brasil. Na vice-campeã Argentina foram escolhidos o médio J. Evaristo e os atacantes Peucelle, Bernabé Ferreira e Guillermo Stabile, o artilheiro e craque da Copa com 8 gols.

A Itália lutou muito para conquistar o campeonato, derrotando o EUA por 7X1, a Espanha por 1X0 depois de um empate de 1X1 no dia anterior, a Áustria por 1X0 e Tchecoslováquia por 2X1 com prorrogação, na final do Estádio do Partido Nacional Fascista em Roma. Seus expoentes foram o médio Luis Monti e Enrique Guaita e na linha de frente Giuseppe Meazza, o craque da Copa, Ferrari e Raimundo Orsi.

Somente na III Copa do Mundo, de 4 a 19 de junho de 1938, com a França sendo escolhida para equilibrar as tensões européias, houve a pacificação entre a CBD, os clubes e a federação futebolística. Com isso permitiu-se uma seleção mais completa, ainda com a supremacia de 18 cariocas e 4 paulistas, mas todos jogadores profissionais, oriundos da classe assalariada, de brancos, mestiços e negros, sob o comando de Adhemar Pimenta, obtendo o terceiro lugar, com apenas uma derrota para a bicampeã Itália, na semifinal.

Disputaram a fase eliminatória 25 países de 39 inscritos, o Brasil obteve uma vaga na desistência da Bolívia aliada ao boicote argentino, juntando-se a 13 seleções: Índias Holandesas, Cuba, Romênia, Alemanha, Suécia, Noruega, Polônia, Suíça, Hungria, Tchecoslováquia, Áustria, Bélgica e Holanda, que tiveram a companhia do país-sede, a França e da seleção

campeã, a Itália, classificadas automaticamente pela primeira vez. Com a anexação da Áustria por Hitler em 13 de março, a seleção austríaca não participou, ficando 15 países em sistema eliminatório simples.

A campanha brasileira surpreendeu. Nas oitavas de final venceu a Polônia de 6X5, nas quartas de final venceu a Tchecoslováquia 1X1e 2X1, na semifinal perdeu da Itália por 1X2 com um gol italiano de penalti marcado indevidamente na troca de agressão entre Domingos da Guia e Piola e na disputa da 3ª colocação venceu a Suécia de 4X2.

O centro-avante carioca Leônidas, apelidado de “Diamante Negro” ou “Homem de Borracha”, inventor da jogada denominada de “bicicleta”, que participara da competição anterior, na Copa francesa tornou-se o artilheiro com oito gols e o melhor jogador da Copa, mesmo não atuando contra os italianos, juntamente com o driblador Tim, do Fluminense F.C, como opção cautelosa de Adhemar Pimenta. A escolha do zagueiro Domingos da Guia ao lado de Leônidas da Silva, ambos recém transferidos para o C.R. Flamengo, pela imprensa internacional na composição da lista dos melhores de cada posição na Copa, demonstrou o momento inicial da ascensão brasileira.

A Itália sagrou-se bicampeã com méritos, obtendo 4 vitórias em 4 jogos – 2X1 na Noruega, 3X1 na França, 2X1 no Brasil e 4X2 na Hungria, destacando-se o médio Andreolo e os atacantes Biavatti e Colaussi. A vice-campeã Hungria venceu três jogos – 6X1 nas Índias Holandesas, 2X0 na Suíça e 5X1 na Suécia, até chegar a final e teve escolhido para a seleção da



Copa os médios Szalai e Lazar e o craque Gyorgi Sarosi, atacante que disputou as copas de 1934-38, marcando 42 gols em 61 partidas pela seleção húngara e com 340 gols em 383 jogos pelo time do Ferencvaros, onde conquistou 12 títulos.

Duas ausências marcaram a terceira copa. A primeira deu-se com a Áustria, 4º lugar na Copa de 1934, que era chamada de "Wünderteam" - "time maravilhoso", idealizado pelo técnico Hugo Meisi e comandado pelo atacante Matthias Sindelar, apelidado de "paper-man ou homem de papel" por sua magreza. Desde 1931 a equipe austríaca se destacava com um futebol de toque de bola e criativo, mas com a anexação nazista, as seleções da Alemanha e da Áustria foram misturadas representando a Grande Alemanha. A segunda ausência ocorreu com a Espanha, 5º lugar na copa anterior, ficou impedida pela guerra civil espanhola de 1936-39, que instalou a ditadura do general Francisco Franco, aliado dos nazistas.

A Inglaterra, três vezes campeã olímpica em 1900, 1908 e 1912, só disputou a sua primeira Copa do Mundo, em 1950, no Brasil. Sua anterioridade na organização do esporte levou Karl Hirschmann em 1902 convidá-la a fundar a FIFA, o que não respondeu. Em seguida, após ingressar na entidade já constituída, ocupou a 2ª presidência com Daniel Burley Woolfall em 1906/1918, quando buscou a uniformização das regras do jogo pela International Board – Conselho Internacional de Arbitragens, que desde 1894 totaliza dezessete regras. A Inglaterra retirou-se da FIFA duas vezes, em 1920 e 1928, só retornando em 1946.

O isolamento inglês esteve principalmente ligado ao seu papel hegemônico internacional em conjunturas de crises imperialistas, de 1914 até 1945, prorrogando sua entrada no certame mundial. Só quando passou a dirigir a FIFA em duas gestões seguidas, Arthur Drewry (1956/1961) e Stanley Rous (1961/1974), começou a ter uma participação efetiva.

Além dos países europeus comandantes da FIFA, Uruguai e Argentina eram os destaques, representando o outro lado do Atlântico até 1958. Os uruguaios foram bicampeões olímpicos em 1924 e 1928 e duas vezes campeões mundiais em 1930 e 1950, não participaram das Copas de 1934 e 1938 em represália ao descaso europeu em 1930. Os argentinos foram vice-campeões na Olimpíada de 1928 e na Copa do Mundo de 1930, sendo pioneiros na emigração de jogadores, como os descendentes italianos que defenderam a “esquadra azurra” italiana bicampeã nas Copas de 1934 e 1938 e campeã olímpica em 1936. Depois de participar das duas primeiras Copas, a Argentina boicotou a Copa de 1938, que pleiteara a sede sem sucesso, conseguindo o apoio da maioria dos países americanos, que se ausentaram em bloco das eliminatórias do evento programado para a França. Só retornou à competição em 1958.

### **3.2.2- Geração maracanã**

As três primeiras Copas não tiveram nenhuma citação de Drummond, estavam inseridas no contexto entre-guerras das potências imperialistas,

que desembocou na ascensão do eixo Nazi-Fascista sobre a Europa Ocidental, a Revolução Soviética no leste europeu, a ascensão mundial norte-americana e aqui no Brasil a Revolução de 1930, percorrendo a primeira fase da era Vargas.

O interesse geral pelo futebol veio com a Copa de 1950, quando nasceu o Estádio do Maracanã, retornando na fase final da Copa de 1958, na Suécia como resposta bem sucedida ao menosprezo externo e interno da história brasileira. Para isso teve de superar o que insistentemente Nelson Rodrigues denominou de “complexo de vira-latas” de nossa auto-estima, mas que até hoje se mantém como resultado da versão do modelo de civilidade dos países centrais capitalistas, interiorizada pela burguesia local, cuja aliança busca reprodutores em todas as instâncias sociais e culturais. Nelson Rodrigues, em 31/5/1958, na *Manchete Esportiva* esclareceu essa mentalidade:

Eis a verdade, amigos: desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda nos faz sofrer, na cara e na alma qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada pode curar...

A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma:- temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades(...)

Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol (...). Na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples:- porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos .<sup>35</sup>

Nas segunda e terceira gerações do Maracanã o Brasil ingressou na elite do futebol mundial. Sua afirmação resultou de uma CBD mais organizada, principalmente na gestão de João Havelange, de 1958 a 1974, compondo uma seleção de jogadores que atuavam nos principais centros urbanos e capitais do país, caracterizados por diferentes escolas, estando as principais no eixo Rio - São Paulo.

Os jogadores ficavam vinculados aos clubes brasileiros, quase por toda carreira, até os anos 70, mesmo desempenhando uma profissão não tão rendosa para a maioria, que só era compensada pela prática do “bicho”, prêmio adicional iniciado pelo C.R.Vasco da Gama na fase pré - profissional, que incluía alimentos, dinheiro, bens de consumo e outros benefícios, procedimento usado ainda hoje em todas agremiações brasileiras.

Após a conquista da Copa em Estocolmo, jogar na seleção campeã passou a combinar o sentimento de defesa da pátria com o do triunfo de uma carreira, tornado-se indispensável na valorização profissional do jogador brasileiro vestir a nova camisa canarinho da CBD, do gaúcho Aldyr Garcia Schlee, vencedor do concurso de criação de novos uniformes da seleção em 1954. O prestígio do futebol não se limitou ao mundo do esporte, estendendo suas fronteiras ao campo das artes e trazendo múltiplas repercussões na realidade brasileira.

A IV Copa do Mundo, que se realizou no Brasil, só foi citada na primeira carta já mencionada acima, no tópico de O torcedor, endereçada a sua filha, que os editores reservaram um capítulo chamado de “ Um punhado

de notícias, mas viva, sobretudo o futebol “, citando a expressão da outra carta de 17/08/66 também destinada para sua filha, quando se mostrou triste com a derrota brasileira e menos apreensivo com o golpe militar argentino.

A Copa de 1950 marcou um intervalo de doze anos, por causa da segunda guerra mundial, de 1939 a 1945, que não só impossibilitou a realização nos períodos regulares, como também a manutenção da sede no continente europeu, conforme pretensões da Alemanha Nazista, arrasada e dividida e a Hungria, ocupada, restando apenas o Brasil que também havia se candidatado, em 1938, através do representante Célio Negreiro de Barros, homologada em 1946, no 1º Congresso da FIFA pós-guerra, em Luxemburgo.

A Copa no Brasil propiciou cumprir a alternância de continentes como sede do evento e a solução econômica longe do cenário de reerguimento do “velho continente”, pelo Plano Marshall dos EUA, estando no último ano de governo do general Eurico Gaspar Dutra e com isso no calendário eleitoral.

O Estádio Municipal do Maracanã foi construído em dois anos, no antigo terreno do *Derby Club* do Brasil, durante o governo do general Ângelo Mendes de Moraes, sendo inaugurado em 16 de junho de 1950, sem acabamento externo, com o jogo amistoso entre os selecionados dos novatos de São Paulo e do Rio de Janeiro, 2X1 para os paulistas, tornou-se o maior estádio do mundo, com capacidade de 200 mil lugares.

A 4ª versão da Copa da FIFA, disputada entre 24 de junho a 16 julho, teve outros estádios reformados: na Ilha do Retiro – Recife, no Estádio dos

Eucaliptos – Porto Alegre, no Durival de Brito e Silva – Curitiba, no Independência – Belo Horizonte e no Pacaembu - São Paulo.

De 72 países filiados a FIFA, inscreveram-se 32 para as eliminatórias, com 8 desistências. Além das vagas automáticas do país-sede Brasil e da bicampeã Itália, classificaram-se 14 países, que na última hora não compareceram: Escócia, Índia e Turquia, assim como a França convidada a entrar pela repescagem para ocupar uma dessas vagas, também desistiu. A bicampeã Itália estava desfalcada de oito titulares mortos no acidente aéreo do time de Torino, em 1949, chegando ao Rio desconfigurada.

Formaram-se 4 grupos desproporcionais, que favoreceu principalmente o Uruguai, ao obter a classificação na primeira fase com um jogo - 8X0 Bolívia. As chaves estavam distribuídas em: grupo 1- Brasil, México, Iugoslávia e Suíça; grupo 2- Inglaterra, Chile, Espanha e EUA; grupo 3- Suécia, Itália e Paraguai; grupo 4- Uruguai e Bolívia. O regulamento estabeleceu duas etapas, primeira com confronto direto entre os países de cada chave e segunda entre os vencedores de cada chave.

A Copa brasileira trouxe um lucro para FIFA de 125 milhões de francos e propiciou o retorno do investimento brasileiro com a arrecadação de 384 milhões de francos, recebendo a pedido da FIFA a orientação do experiente engenheiro e presidente da Federação Italiana de Futebol Otorino Barassi nas últimas cinco semanas da organização do evento. Barassi havia comandado a Copa de 1934 e foi quem resguardou a Taça Jules Rimet durante o período da 2ª guerra na sede da FIFA, na Suíça.

O selecionado brasileiro foi treinado por Flávio Costa, durante quatro meses, contendo 13 jogadores cariocas (oito vascaínos, o próprio técnico e dois recém transferidos para clubes paulistas - Friaça e Jair da Rosa Pinto) dos 22, gerando diversas pressões políticas até as hostilidades na segunda partida, contra a Suíça, em São Paulo, que levou o técnico Flávio Costa alterar a equipe, escalando os paulistas.

O imponderável apresentou-se desde do corte por contusão do extraordinário ponta-direita vascaíno Tesourinha, ex-Internacional e do não-aproveitamento do ponta-esquerda palmeirense Rodrigues, que se contundiu após sua inscrição.

A campanha brasileira foi a mais expressiva, revelando novamente vários craques e o artilheiro do campeonato, com nove gols, o centroavante vascaíno Ademir. Na primeira fase, venceu o México de 4X0, tropeçou na Suíça com 2X2, classificando-se sobre tensão ao derrotar a destacada Iugoslávia de 2X0, através do retorno do ex-flamenguista, agora banguense Thomaz Soares da Silva, conhecido como Zizinho ou "Mestre Ziza", ausente nas partidas anteriores por contusão e depois escolhido como o melhor desempenho da Copa, sendo acompanhado dos atacantes Ademir Menezes e Jair da Rosa Pinto e o médio José Carlos Bauer no time da Copa.

Na semifinal o Brasil goleou a Suécia 7X1 e bailou a Espanha por 6X1, com o coro da imensa torcida que cantava a marcha carnavalesca de João de Barro, *Touradas em Madri*, chegando na final com a vantagem do

empate sobre o Uruguai e contando com o estádio superlotado por 173.850 de público pagante, recorde mundial.

O Brasil atacou o tempo todo, só inaugurando o placar em 1' do segundo tempo, pelos pés do ponteiro Friaça. Sofreu depois dois gols de contra-ataque, 21 e 34 minutos, feitos por Juan Schiaffino e Alcides Gigghia, respectivamente, não conseguindo superar o ferrolho sob o comando de Obdulio Varela, propiciando a conquista do segundo título mundial uruguaio.

A maioria das acusações e das lamentações da imprensa esportiva brasileira, principalmente paulista, sobre a derrota, apontou para o goleiro vascaíno Barbosa como o principal vilão do drama, uma versão revanchista e racista que permaneceu até sua morte em 2000, 50 anos depois, na maior condenação temporal.

A segunda conquista mundial uruguaia teve uma campanha de quatro jogos - 8X0 Bolívia, 2X2 Espanha, 3X2 Suécia e 2X1 Brasil, destacando-se o goleiro Roque Gastão Maspoli, os meio-campistas Obdulio Jacinto Nunes Varela e Rodriguez Andrade e ponta-direita Alcides Gigghia, jogadores escolhidos para o time da Copa. Até hoje os uruguaios gozam os brasileiros, apelidando o estádio Mário Filho de "Maracanazo" e praia de Copacabana de "Cabana". O primeiro termo representa a vitória do visitante no campo inimigo e o segundo termo com a ausência das sílabas "Copa", sublinha o que eles levaram.

O soberbo "English Team", que ainda não havia participando da Copa do Mundo e que exigiu disputar suas eliminatórias só com os países do



Reino Unido, classificando-se em primeiro, com a Escócia em segundo, mas que derrotada negou-se a participar das etapas finais. No Brasil, os ingleses venceram o Chile por 2X0 e perderam para os norte-americanos e para os espanhóis de 0X1, sendo desclassificados na primeira fase da Copa.

Drummond fez silêncio quase solitário sobre a Copa de 1950, que assistiu, diferenciando-se da maioria dos cronistas esportivos. Armando Nogueira, por exemplo, teve a posição mais extremada e ressentida sobre a derrota brasileira no seu majestoso estádio recém construído, pois não considerava a seleção brasileira de 1950 como autêntica e favorita, ao ter como base o time vascaíno. Em compensação, o mesmo jornalista da imprensa carioca diante da seleção húngara de 1954, tornou-se seu maior apologista, causando em Nelson Rodrigues a corrosiva forma de caricurá-lo, por esse olhar elitista e neocolonizado. Tal sentimento retornará com mais clareza na Copa de 1974, com o desempenho da seleção holandesa.

O silêncio de Drummond não só resultou de sua rara inserção sobre o tema naquela época. Permaneceu depois, quando já escrevia periodicamente sobre outras Copas. No texto *O momento feliz*, escrito logo após a vitória brasileira sobre o Uruguai na semifinal da Copa de 1970, aparecem recordações latentes, condensando significados não-dito.

Também se pode especular acerca de sua preferência pelo Vasco da Gama, ainda mais ao ser predominante no selecionado derrotado. A própria derrota tratada pelo sentido trágico de uma nação deve ter-lhe incomodado, cuja fonte estava no sensacionalismo jornalístico, que desde o início do

torneio mascarou o debate principalmente pelo regionalismo. Entretanto, não reverenciou as seleções húngaras e holandesas, nas Copas de 1954 e 1974.

### **3.2.3- A grande ilusão – Suíça 54**

As crônicas futebolísticas de Carlos de Drummond de Andrade foram reunidas pelos editores na seqüência cronológica das Copas de 1954 até 1986, com períodos separados por quatro anos. Cada Copa foi traduzida pelos editores conforme o texto do autor, através de títulos e frases retiradas de crônicas, cartas familiares e poesias, contendo uma síntese da trajetória brasileira, com o destacamento de seus jogadores, a análise contextual interna e externa do Brasil e o significado dessas competições da FIFA em suas transformações estruturais.

Em 1954, na Suíça, foi disputada a V Copa do Mundo, trazendo outra surpresa, destacando-se a seleção da Hungria, campeã olímpica de 1952, que nos desclassificou nas quartas de final, mas sendo derrotada na final pela aplicada Alemanha Ocidental. Drummond apenas escreveu um texto, *O mistério da bola*, já abordado no tópico sobre O torcedor, que teve sua primeira publicação no livro *Fala, Amendoeira*, sublinhando a qualidade da nova equipe brasileira após a vitória sobre o México por 5X0, na estréia, em 16 de junho.

A 5ª versão da Copa inaugura a seqüência dada pelos editores no livro de Carlos Drummond de Andrade, com o título de “A Grande Ilusão”, termo utilizado na crônica *O mistério da bola*, completado por “O mérito consiste em isentar o derrotado de qualquer responsabilidade de vitória”, expressão que resulta do pensamento formulado na outra crônica denominada de *Jogo à distância*, trazendo o sentido de uma competição que sucedeu a tragédia brasileira em 1950 e que também representou o mesmo resultado inesperado, assim como o ambiente de tristeza da derrota precipitada do tricampeonato em 1966.

A escolha do local foi baseada nas condições favoráveis da Suíça como país neutro e de pequena dimensão territorial, com vários campos reformados e constando de participações anteriores, desde 1934.

O torneio realizou-se entre 16 de junho a 4 de julho, com 16 participantes, sendo doze europeus - Suíça - país-sede, Inglaterra, Escócia, Itália, Áustria, França, Hungria, Turquia, Iugoslávia, Alemanha Ocidental, Bélgica e Tchecoslováquia, Coréia do Sul, Brasil, México e Uruguai, - campeão, mas tendo um regulamento confuso que dividiu em 4 grupos de 4 com dois cabeça de chave que não se confrontavam. As outras etapas finais eram por eliminação simples entre os classificados.

Foi o último torneio sob a direção de Jules Rimet, que veio a falecer em 16 de outubro de 1956, caracterizando-se ainda pela maior média de gols, com 140 em 26 jogos (5,3), registrando o resultado mais elevado em uma partida na competição até hoje, Áustria 7 X 5 Suíça.

A seleção da Hungria estava invicta, durante quatro anos, em 32 jogos internacionais, vencendo duas vezes seguida a seleção da Inglaterra, nos amistosos de Londres por 6x3 e de Budapeste por 7x1. Revelou vários nomes, principalmente os médios Boszik e Lorant e na linha de frente Czibor, Kocsis - o artilheiro da Copa com 11 gols, Hidegkutti e o maestro Puskas, sendo treinada por Giula Mandi e comandada pelo Ministro dos Esportes Gusztav Sebes, representando o primeiro destaque da “cortina de ferro”. Seus jogadores eram amadores, oriundos do exército e atuavam no vitorioso time do Honved. Para a seleção da Copa os jornalistas indicaram Josef Boszik, Lorant, Zoltan Czibor, Sandor Kocsis e Puskas, o melhor jogador da Copa.

A Hungria atingiu a maior média de gols de todas as Copas, com 27 gols em 5 partidas (5,4), em sua maioria nos quinze minutos iniciais de cada jogo. Sua trajetória foi consagrada, mesmo com a derrota na final: 9 X 0 Coréia do Sul, 8 X 3 Alemanha Ocidental, 4 X 2 Brasil, 2 X 2 Uruguai no tempo regular e 2 X 0 na prorrogação, e 2 X 3 Alemanha Ocidental.

Ferenc Puskas machucou-se na primeira partida contra o selecionado alemão, que teve a escalação de um time misto e truculento. Ele só retornou e sendo peça fundamental na decisão contra a equipe titular da Alemanha Ocidental, que desta vez saiu vencedora de virada no final da partida. O maior craque húngaro fez o primeiro gol, deu o passe do segundo e quase empatou o placar com um gol anulado por impedimento duvidoso nos minutos derradeiros. A seleção campeã da Alemanha Ocidental também foi

acusada de praticar “dopping coletivo”, ao permanecer com alguns jogadores hospitalizados após a competição.

Na campanha da Alemanha capitalista os resultados foram expressivos, com 5 vitórias em 6 jogos – 3X1 e 7X2 na Turquia, 2X0 na Iugoslávia, 6X1 na Áustria e 3X2 na Hungria, perdendo apenas o primeiro jogo contra os húngaros ao jogar com o regulamento, utilizando uma equipe mista. O goleiro Turek e o craque Fritz Walter representaram os alemães nos melhores da Copa.

A equipe brasileira, pela primeira vez, teve que disputar as eliminatórias, obtendo as vitórias contra o Chile (2X0 e 1X0) e o Paraguai (1X0 e 4X1). Participou da Copa sob o comando do técnico de Alfredo Moreira Junior, conhecido por Zezé Moreira, que fez uma distribuição proporcional de jogadores selecionados entre o eixo Rio - São Paulo (10 paulistas e 12 cariocas), com destaque para o lateral Djalma Santos e o ponteiro Julio Botelho, apelidado de Julinho, ambos da Portuguesa de Desportos, inclusos no time da Copa. O Brasil disputou três partidas: 5X0 no México, 1X1 com a Iugoslávia e 2X4 contra a Hungria, terminando em 6º lugar.

#### **3.2.4-O divino caneco – Suécia 58**

Só com a conquista brasileira da Copa em 1958, surge o período de comemorações e comentários em Drummond, escrevendo cinco textos, sendo *Calma, torcedor*, já analisado no tópico anterior.

Os editores titularam a VI Copa do Mundo de “Divino Caneco”, expressão utilizada por Drummond em *Brasil vitorioso na copa terá solução democrática*, sublinhando na conquista inédita a forma do troféu que desde 1938 passou a homenagear o fundador Jules Rimet e que foi levantado pelo surpreendente gesto do capitão do time brasileiro, o zagueiro Bellini, erguendo-o com as duas mãos acima da cabeça, durante a sua entrega pelo rei sueco Gustavo Adolfo VI, logo após a vitória final.

Tal gesto ficou consagrado, primeiro por uma estátua em uma das entradas do estádio do Maracanã (a escultura de um corpo atlético com o rosto do cantor Francisco Alves, por iniciativa da loja de eletrodoméstico *Rei da Voz*, de Abraão Medina) e depois se tornou um ritual praticado regularmente pelos seus sucessores.

O formato da taça representa um caneco com uma mulher alada, símbolo da vitória, esculpida pelo artesão francês Abel Lefleur, do Museu de Belas Artes de Rodez, em 1930, pesando 1,8 quilo de ouro, com 55 centímetros, que custou a FIFA 50 mil francos, sendo garantido sua conquista definitiva para o país vencedor de três títulos.

O caneco está associado a definição dada pelo texto *Seleção de Ouro* sobre o estilo do organizador do time Valdir Pereira, conhecido como Didi, em “Elegante e estilizada folha seca”, aquela que deu a classificação

brasileira contra os peruanos, no mesmo Maracanã que ele fez o primeiro gol no jogo da inauguração.

A 6ª versão da Copa foi disputada no período de 8 a 29 de junho, trouxe a configuração mais duradoura de seu regulamento, até 1974, servindo-se do sorteio dirigido, que distribuiu os quatro países de cada continente ou bloco continental nos quatro grupos das oitavas de final, jogando as seleções entre si e classificando duas seleções por chaves para as quartas de final. Posteriormente, até a final, eliminatória simples para cada etapa. As classificações antecipadas da campeã Alemanha Ocidental e da sede Suécia mantiveram-se.

Disputaram a fase de classificação 48 seleções nacionais em 95 países filiados, surpreendendo a desclassificação do Uruguai e da Itália, com o Brasil classificando-se em confronto com o Peru, 1X1 e 1X0. As outras nações participantes foram: Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia, País de Gales, França, Áustria, Argentina, Paraguai, México, Costa Rica, União Republicana Socialista Soviética – URSS, Tchecoslováquia e Hungria.

A Suécia também foi escolhida por sua neutralidade nos conflitos mundiais e por sua infra-estrutura desenvolvida, oferecendo modernos estádios, tais como Goteborg e Malmoe. A cobertura esportiva por meio de jornais, revistas e rádios ampliou-se com a transmissão da televisão, ao vivo para os suecos e gravado para o resto do mundo.

Outro aspecto importante do torneio veio na ascensão do bloco socialista, liderado pela então União Republicana Socialista Soviética -

URSS, campeã olímpica de 1956, seguida pela Tchecoslováquia, mas assistindo a crise da Hungria com a diáspora de seus craques após a revolução socialista de 1956.

A Europa contou com 12 seleções participantes, a Argentina retornou após 24 anos em conflito com a FIFA, com uma campanha decepcionante nas oitavas de final no Grupo 1 – 1X3 para a Alemanha Ocidental, 3X1 na Irlanda do Norte e 1x6 para a Tchecoslováquia.

O primeiro destaque coube a anfitriã Suécia como vice-campeã, cuja trajetória começou com o 1º lugar no grupo 4 – 3X0 no México, 2X1 na Hungria e 0X0 com o País de Gales, embalando com duas importantes vitórias nas etapas seguintes - de 2X0 na URSS e 3X1 na Alemanha Ocidental, até ser derrotada pelo Brasil na disputa do título. O driblador Lennard Skoglund, revelado no AIK de Estocolmo, jogava no Internazionale de Milão, foi escolhido para o time da Copa.

A França também se destacou com a 3º colocação, tendo o melhor ataque, com os lançamentos precisos do craque Raymond Kopaszewski (meio-campista Kopa) e a oportuna finalização do artilheiro de todas as Copas Just Fontaine, com 13 gols. Seu desempenho demonstrou uma campanha significativa, iniciada com goleadas na fase eliminatória - 6X3 na Bélgica, 8X0 e 8X3 na Islândia, e um empate sem gol com a Bélgica. No grupo 2 saiu vencedora com duas vitórias de 7X3 no Paraguai e 2X1 na Escócia e uma derrota 2X3 para a Iugoslávia, medalha de prata das Olimpíadas de 1956. Nas quartas de final goleou de 4X0 a Irlanda do Norte,



depois sofreu a derrota contra o Brasil na semifinal, conquistando o 3º lugar com outra goleada de 6X3 sobre a Alemanha Ocidental.

A revolução do futebol veio nos pés dos brasileiros, atuando com um selecionado 10 jogadores paulistas e 12 cariocas, tendo oito jogadores escolhidos para o time da Copa pela imprensa internacional: Didi, eleito o melhor do torneio, as revelações Pelé e Garrincha e mais Gilmar dos Santos Neves, Newton De Sordi, Hideraldo Luiz Bellini, Nilton dos Santos e Vavá.

Nas Copas de 1938 e 1950 os desempenhos dos selecionados brasileiros compostos por jogadores profissionalizados oriundos da classe social proletária representaram a ascensão crescente no âmbito internacional, mas não reconhecida pela ótica racista, que reinava no âmbito nacional das entidades, dos clubes e da mídia.

Na Copa da Suíça, os jogadores brasileiros foram acusados de problemas psicológicos, tanto pelo esforço desnecessário da segunda partida em que o regulamento esdrúxulo favorecia o empate para ambos, Brasil e Iugoslávia, quanto na terceira partida contra a potente Hungria, que tiveram no desfecho do jogo o conflito apelidado de “Batalha de Berna”, com as expulsões de Humberto Tozzi, Nilton Santos e Boszic e as agressões mútuas até das comissões técnicas e dos jogadores reservas.

Por isso, segundo o jornalista Celso Dario Unzelte em *O livro de ouro do futebol*, da editora carioca Ediouro, em 2002, a seleção canarinho de 1958, nas duas primeiras partidas: 3X0 na Áustria e 0x0 com a Inglaterra, teve sua composição titular de 10 jogadores brancos, baseando-se no

relatório sigiloso da cúpula da CBD entregue por Silvio Pacheco, na passagem do cargo da presidência a João Havelange, em 14 de janeiro de 1958, que associava a presença dos jogadores negros e mestiços no elenco à fraqueza emocional da equipe, principalmente quando em ação no exterior.

O tal relatório, pseudocientífico, perdeu-se no tempo. Mas quem a ele teve acesso garante que chegava à seguinte conclusão: os jogadores brasileiros, talentosos por sua natureza, perdiam para os próprios nervos. O relatório atinha-se mais especificamente, às fraquezas dos craques “de cor” (...) eles morriam de saudade quando estavam longe de casa. Um processo semelhante ao banzo.<sup>36</sup>

A escolha de Vicente Ítalo Feola, detentor de vários títulos como treinador do São Paulo A.C., da seleção paulista e auxiliar-técnico de Flávio Costa na Copa de 1950, para substituir Osvaldo Brandão após as eliminatórias, demonstrou a preocupação central da cúpula da CBD. Feola, mesmo estando quase aposentado aos 48 anos por problemas cardíacos, pesando 105 quilos, tinha o temperamento mais adequado a mentalidade predominante na nova delegação da CBD.

Pela primeira vez, sob o comando do dirigente paulista Paulo Machado de Carvalho (vice-presidente da CBD, patrono do São Paulo A.C, ex-dirigente da Federação Paulista de Futebol e proprietário da rede de Rádio e TV *Record*), auxiliado pelo delegado no Congresso da FIFA Luiz Murgel, pelo secretário Abílio de Almeida (Fluminense F.C.) e pelo tesoureiro Adolfo Marques Junior (Fluminense F.C.), organizou a delegação com uma

comissão técnica de vários especialistas, trabalhando em conjunto desde a convocação do selecionado até a final da Copa, segundo um detalhado plano de 75 dias.

A comissão técnica era composta pelo supervisor Carlos Nascimento (Bangu A.C.), pelo administrador e observador técnico José de Almeida (Fluminense F.C), pelo chefe da equipe médica Hilton Gosling (Bangu A.C.), pelo psicólogo João Carvalhaes, pelo dentista Mário Trigo Loureiro e pelo preparador físico Paulo Amaral (Botafogo F.R.), recebendo a ajuda do massagista Mário Américo e do roupeiro Francisco de Assis.

A lista dos convocados, os cortes de jogadores, a escalação da equipe e a definição do plano tático de cada jogo, resultavam de decisões tiradas em grupo por Carlos Nascimento, Feola, José de Almeida, Hilton Gosling e Paulo Amaral, contando ainda com as informações do ex-técnico do Fluminense F.C., Ernesto Santos, que desde as eliminatórias observava como olheiro as seleções adversárias.

No dia 8 de junho, o Brasil começou vencendo os envelhecidos austríacos com 2 gols do atacante palmeirense Mazola e 1 do defensor Nilton Santos. No dia 11 de junho, Brasil e Inglaterra propiciaram o primeiro 0X0 da Copa do Mundo. O “English Team” estava desfalcado dos jogadores do Manchester, mortos no acidente aéreo em Monique, antes da competição. O time branco dos brasileiros ainda não estava classificado.

Então os botafoguenses Didi e Nilton Santos, os mais experientes, juntos com o vascaíno Bellini, o capitão da seleção, articularam a mudança

radical para a terceira partida, que decidiria a classificação para as quartas de final, propondo a entrada de José Eli de Miranda - Zito, Garrincha e Pelé.

Mazola foi substituído pelo santista Pelé contra a URSS, jogando apenas mais uma vez, no confronto com o País de Gales, no lugar do atacante vascaíno Vavá, que se machucara na partida com a URSS. Ewaldo Izídio Netto, conhecido por Vavá estreara no lugar do atacante flamenguista Dida, no jogo anterior contra Inglaterra, retornando nos jogos finais e marcando 5 gols, tudo isso a partir da entrada do botafoguense Garrincha.

A nova escalação propiciou a campanha vencedora. Em 15 de junho, bastaram três minutos de dribles e arrancadas do ponteiro direito Garrincha para destruir a organização tática do “futebol científico” soviético, chutando duas vezes na baliza adversária e permitindo ao oportuno Vavá estabelecer 1X0. Foram muitos gols perdidos e só no segundo tempo, aos 31 minutos, novamente Vavá marcou, definindo o placar de 2X0.

Em seguida, em 19 de junho, o ponta de lança Pelé, de dezessete anos, rompeu a retranca gaulesa com “um meio chapéu” em si mesmo, iniciando sua série de invenções inigualáveis, eliminando por 1X0 o País de Gales.

Em sintonia com a verdadeira alegria da raça, Carlos Drummond de Andrade escreveu no *Correio da Manhã*, em 22/06/1958, o poema *De 7 dias*, relacionando na semana a guinada da seleção canarinho, com o momento do teatro brasileiro e a vitória da beleza feminina da Miss Adalgisa Colombo,

mesmo diante das perdas recentes de 21 passageiros do Cruzeiro no desastre aéreo em Curitiba.

“Começou festiva a semana;  
 espiávamos por uma frincha  
 a vitória, eis que ele fulgura,  
 rosa aberta ao pé de Garrincha...  
 mas surge Adalgisa Colombo...  
 escultura, graça alongada,  
 a beleza é graça divina.  
 E o talento é a suprema dádiva:  
 penso nisso ao ver Pega-fogo  
 no Dulcina e a rara Cacilda em seu sutilíssimo jogo...  
 E que delícia O protocolo  
 Velho Machado sempre novo! (...)  
 Mas nem tudo foram ditosas  
 horas no tempo brasileiro:  
 O vento no Convair, e a chuva.  
 A morte estava num pinheiro...  
 E vem outro, mais outro dia.  
 Paira a esperança, junto à fé.  
 A bola em flor no campo: jóia,  
 E seu ourives é Pelé.<sup>37</sup>

Entre a rosa aberta pelas pernas tortas de Garrincha e a bola em flor no menino Pelé, o poeta ficou com a presença rara de Cacilda Becker no teatro brasileiro. A atriz paulista oriunda do Teatro Estudantil do Brasil, em 1940, que se profissionalizou após a criação do Teatro Brasileiro de Comédia - TBC, por Franco Zampari, em 1948, ascendendo com as grandes peças do repertório ocidental e atuando na indústria cinematográfica paulista *Vera Cruz*, também do mesmo empresário italiano.

Na semana citada, Cacilda Becker encenava a peça *Pega-fogo*, de Jules Renard, no teatro *Dulcina*, sendo que no mesmo ano, junto do ator Walmor Chagas e do diretor Ziembinski, criou a sua companhia, Teatro

Cacilda Becker - TCB, estreando com a peça *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

O ano de 1958 marcou a crise do Teatro Brasileiro de Comédia com a saída de atores e diretores, que fundaram novas companhias, assim como surgiram novas tendências da dramaturgia sintonizadas com os modelos norte-americano e europeu, tematizando o contexto brasileiro e buscando um público mais popular e jovem, destacando-se o Teatro de Arena em 1953 e o Teatro Oficina em 1958.

O TCB renovou a dramaturgia brasileira com os textos de Ariano Suassuna, Abílio Pereira de Almeida, Bráulio Pedroso e obras poéticas de Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cecília Meireles.

Na década seguinte, Cacilda Becker incorporou o contraponto ideológico do Teatro de Arena e em 1968, no início da segunda fase da ditadura militar, durante o governo estadual de São Paulo de Abreu Sodré, ocupou a presidência da Comissão Estadual de Teatro, garantindo a liberdade de expressão artística até a sua morte precoce no ano seguinte, de aneurisma, aos 48 anos.

Nessa temporada renovadora da dramaturgia brasileira Drummond relembrou o papel de Machado de Assis para a emancipação do teatro de comédia, recordando sua peça *O Protocolo*, a segunda a ser encenada em 4 de dezembro de 1862, no Ateneu Dramático do Rio de Janeiro.

As onze peças de Machado de Assis, escritas entre 1861 a 1867, eram baseadas na sátira dos costumes, com personagens da elite política e da corte imperial brasileira. Nesta época Machado de Assis participou com mais proximidade da produção teatral brasileira, colaborando como censor teatral do Observatório Dramático, de 1862 a 1864, o que lhe possibilitou assistir e opinar sobre os trabalhos apresentados, sendo contratado para escrever crítica específica no *Diário*, entre outubro de 1861 e maio de 1862; em *O Futuro*, entre setembro de 1862 e julho de 1863; e novamente no *Diário*, entre junho de 1864 e maio de 1865.

A elegante carioca Adalgisa Colombo também não passaria em branco. Representando o Botafogo F.R., foi eleita Miss Distrito Federal e em seguida Miss Brasil, consagrando-se no primeiro desfile realizado no Maracanazinho, quando de forma pioneira usou o maiô cavado e óleo no corpo, realçando seus atributos físicos. Com isso, participou da sétima versão de Miss Universo, em Long Beach, obtendo o segundo lugar, assim como Marta Rocha em 1954 e Teresinha Gonçalves Morango em 1957, que segundo a cobertura jornalística brasileira só não venceu pela repercussão do seu ato de rasgar o autógrafo do ator Hugh O'Brien, durante o evento e diante dele.

A arrancada final de Mané, Pelé e Cia foi triunfante, vencendo os selecionados de melhores campanhas, primeiro a França, fundadora da FIFA e depois a Suécia, sede da Copa, diante de mais de 50 mil torcedores, por goleadas repetidas de 5X2. Ao alcançar o título tão esperado,

principalmente desde 1950, a invicta seleção brasileira adequou o plano tático alternando 4-2-4 e 4-3-3 conforme os traços individuais de seus jogadores.

A defesa foi a menos vazada. O ataque caracterizou-se pelas invenções do jovem negro Pelé e do torto mestiço Garrincha, pela presença oportuna na área de Vavá e o trabalho aplicado da formiguinha Zagalo e sendo alimentado por um meio de campo composto do refinamento de Didi e da precisão do santista Zito.

Desmistificou-se o etnocentrismo com esse padrão de jogo estruturado e bem condicionado fisicamente, de intenso improviso técnico, garantindo a tranqüilidade nos instantes complicados dos jogos decisivos, principalmente quando o resultado começou adverso na partida contra os donos da casa, tornando-se o primeiro e único país campeão em outro continente.

Em carta a filha Maria Julieta, no dia festivo de 29/06/1958, escrita após as comemorações do título, Drummond ressaltou sua alegria:

Do alto dos edifícios, inclusive de nosso modesto Cyro, todo mundo jogava pedacinhos de papel no ar e estourava bombas. Era uma alegria desejada há 28 anos, que explodia. E foi uma vitória bonita, limpa, no fim de uma campanha toda ela decente. Bem, isso tomou o resto do dia, e só agora à noite é que posso te mandar estas letras.<sup>38</sup>

Em 01/07/1958, no *Correio da Manhã*, publicando *Celebremos*, demarcou o campo semântico dessa conquista na cultura e na sociedade



brasileira e definiu o sentido de uma destinação histórica, que ultrapassa o contexto.

A vitória do selecionado brasileiro na Suécia foi perfeita (...) Quando partiram daqui, quem esperava a taça do mundo? Mas à proporção que se desenrolavam as partidas(...) a confiança era tamanha que já não se afetaria com um mau resultado... Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização (...) Indica valores morais e eugênicos, saúde de corpo e de espírito, poder de adaptação e superação. Não se trata de esconder nossas carências, mas de mostrar... Esses rapazes, em sua mistura de sangue e de áreas culturais, exprimem uma realidade humana e social que há trinta anos oferecia padrões menos lisonjeiros. Do Jeca Tatu de Monteiro Lobato ao esperto Garrincha e a esse fabuloso menino Pelé, o homem humilde do Brasil se libertou das tristezas (...) O futebol trouxe ao proletário urbano e rural a chave ao autoconhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo. (...) demonstrou a meu ver um maior entrosamento de forças sociais (...) permite alongar a vista para mais longe do campo de jogo (...) por nos sentirmos iguais a outros.<sup>39</sup>

A primeira conquista do caneco ocorreu no momento da democracia representativa do governo presidencial de Juscelino Kubitschek de Oliveira, de 1956 a 1961, que mesmo ameaçado até a posse pela campanha golpista durante os 16 meses depois do suicídio de Getúlio Vargas, teve um mandato com período regular, sempre voltado para a trégua, a conciliação e a negociação.

Juscelino Kubitschek, mineiro de Diamantina, nasceu em 12/09/1902. Formado em medicina em 1927, especializado em urologia, tornou-se capitão-médico da Polícia Militar – PM na gestão de Gustavo Capanema como Secretário do Interior de Minas Gerais. Sua trajetória política só iniciou

com o governo estadual do interventor Benedito Valadares Ribeiro, que lhe nomeou chefe do Gabinete Civil em 1933-1934, elegendo-se em seguida deputado federal em 1935 pelo Partido Progressista - PP, onde ficou até o fechamento do Congresso em 1937.

Ocupou a prefeitura de Belo Horizonte, em 1940, por nomeação de seu padrinho político, construindo hospitais e realizando obras de infraestrutura, como abastecimento de água e rede de esgoto, e de modernização urbana, como avenidas e o conjunto arquitetônico da Pampulha, que teve a colaboração do arquiteto Oscar Niemeyer, do paisagista Burle Marx e dos artistas plásticos Portinari e Ceschiati.

Elegeu-se em 1945, deputado federal pelo Partido Social Democrático – PSD, que ajudou fundar, fazendo parte da Assembléia Constituinte de 1946.

No período de 1951-55 governou o Estado de Minas Gerais, pelo PSD, estabelecendo a superação da tradição agropastoril com a modernização industrial, a partir de dois temas básicos: a energia e o transporte. Lançou as bases industriais mineira, inaugurando as estatais de energia - CEMING, de fertilizantes – FERTISA e dos frigoríficos – FRIMISA, abrindo estradas e facilitando a chegada do grupo alemão MANNESMAN em Contagem.

Esse percurso desenvolvimentista serviu-lhe de plataforma para candidatura ao comando do país, apresentada no Plano de Metas, constando de 30 pontos sobre energia, transporte, alimentação, indústria de

base e educação, além da construção da nova Capital e tendo como lema 50 em 5 anos, o que desarticulou o presidente João Café Filho na trama de sua sucessão por meio de uma candidatura única em torno do conservador Etelvino Lins, do PSD pernambucano.

Juscelino articulou a aliança do PSD com o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, ao ter como vice João Goulart, apoiando-se em uma frente composta de oligarquia rural, empresariado urbano, intelectuais e grupos de esquerda, inclusive o clandestino PCB.

Em contrapartida, apareceram várias candidaturas, o que dividiu o eleitorado, mas não impediu sua vitória com 3 milhões de votos contra 2,6 milhões de Juarez Távora, pelo Partido Democrático Cristão – PDC, aliado da União Democrática Nacional – UDN e do ao Partido Socialista Brasileiro – PSB, e 2 milhões de Adhemar de Barros pelo Partido Social Progressista – PSP, sendo que o vice João Goulart também foi eleito com 3,6 milhões contra 3.4 milhões de Milton Campos da chapa PDC-UDN- PSB.

A partir do resultado eleitoral o movimento golpista liderado por Carlos Lacerda e sua “Banda de Música” (ala de bacharéis udenistas), com apoio de uma parcela dos militares da Marinha e da Aeronáutica e ao lado da organização direitista “Cruzada Democrática Anticomunista”, do Clube Militar, presidido pelo general Canrobert Pereira da Costa, passou a pregar a interdição da posse, alegando a falta da maioria absoluta, a necessidade do parlamentarismo e a ameaça de um possível plano republicano sindicalista entre o vice-presidente eleito João Goulart e o recém deposto

presidente argentino Juan Domingo Perón, contido em uma suposta carta enviada pelo deputado argentino Antonio Jesus Brandi - Carta Brandi, cuja falsidade foi concluída pelo Inquérito Policial Militar – IPM, presidido pelo general Emílio Maurel Filho.

O presidente Café Filho licenciou-se, facilitando sua substituição para o deputado Carlos Luz, do PSD dissidente e simpatizante dos conspiradores, mas que o militar nacionalista e legalista, general Henrique Teixeira Lott se antecipou com um golpe preventivo. Demitiu-se do ministério da guerra e se associou ao general Odyllio Denys, comandante da Zona Militar Leste, ao general Olímpio Falconière, comandante da Zona Militar Centro e aos comandantes das guarnições do Distrito Federal para derrotar o coronel Bizarria Mamede, porta-voz dos militares liderados pelo brigadeiro Eduardo Gomes e Carlos Lacerda, porta-voz da UDN. O governo provisório de Carlos Luz foi deposto em 4 dias, ocupando seu lugar o senador Nereu Ramos em 11 de setembro, que decretou o estado de sítio até a posse de JK, ficando Luz e Lacerda refugiados no Cruzador Tamandaré.

Após a posse em 31 de janeiro de 1956, o estado de sítio e a censura na imprensa foram suspensos e todos os golpistas foram anistiados, o que se repetiu em 11 de novembro no confronto entre as Frentes denominadas de 11 de Novembro, liderada pelo Ministro da Guerra general Henrique Lott e 24 de Agosto, liderada pelo Clube da Lanterna, sendo a primeira nacionalista e constitucionalista e a segunda pró-EUA e conspiradora. Somente os outros levantes da Aeronáutica de 1959, em Jacareacanga e Aragarças, chefiados

pelo major Haroldo Veloso e seu aliado tenente – coronel João Paulo Moreira Burnier, foram reprimidos e exilados na Bolívia.

Kubitschek contemplava a reivindicação central da burguesia nacional aliada aos EUA, uma das principais causas da crise do segundo governo de Getúlio Vargas em 1954, ao oferecer um novo rumo na substituição das importações industriais. Procurava também seguir a orientação da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – CEPAL, criada pela Organização das Nações Unidas – ONU, em 1948, com sede no Chile, que primava pelo desenvolvimento industrial com reforma agrária, diversificação dos setores produtivos, distribuição de renda, planejamento econômico e reformas administrativa e fiscal.

JK herdou da era Vargas um Estado reaparelhado, com burocracia constituída de corpos técnicos, com capacidade de executar um plano de governo, servindo-se de agências formuladoras de políticas nacionalistas de desenvolvimento, que assentadas em diagnósticos conjugavam a ação estatal com as iniciativas locais e estabeleciam comissões ou grupos de trabalho de excelência. Basta atentar para Banco Nacional do Desenvolvimento - BNDE, Banco do Nordeste, Petróleo Brasileiro S.A. - PETROBRÁS, usinas hidroelétricas e elaboração das Centrais Elétricas Brasileiras S.A. - ELETROBRÁS, Plano Nacional do Carvão, Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia e a Fábrica Nacional de Motores - FNM, realizações em sua maioria da

Assessoria Econômica da Presidência, criada em 1951, sob a direção de Rômulo de Almeida e Jesus Soares Pereira.

Como primeiro ato, Juscelino Kubitschek de Oliveira criou o Conselho de Desenvolvimento, composto dos ministros, chefes de gabinetes civil e militar, presidentes do Banco do Brasil - BB e do BNDE, sendo este o secretário-executivo, que teve como primeiro titular Lucas Lopes, substituído em agosto de 1958 por Roberto Campos e finalmente Lucio Meira, desde junho de 1959. O Conselho de Desenvolvimento coordenou a execução do Plano de Metas com autonomia decisória. Os cinco setores básicos da economia escolhidos conjugavam-se em várias metas encadeadas, com investimentos públicos e privados. Os setores energia, transportes e indústrias de base ficaram com mais de 90% dos recursos alocados, mas a construção de Brasília deu-se a parte.

Em seguida, o Presidente instalou o Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB, herdeiro do Grupo de Itatiaia em 1953, criado por Café Filho, vinculando-o ao Ministério de Educação e Cultura - MEC, que com autonomia administrativa e liberdade de pesquisa, possibilitou várias tendências ideológicas e teóricas, destacando-se Helio Jaguaribe, Álvaro Vieira Pinto e Nelson Werneck Sodré. O ISEB apoiou o novo governo com a trilogia desenvolvimento industrial, moderniza o e estatismo.

Duas correntes básicas delinearam-se, uma favorável   participa o do capital estrangeiro no projeto desenvolvimentista do Estado e outra contrária ao domínio imperialista norte-americano no processo de

modernização. Esta predominou sem influenciar JK, redimensionando as atividades de pesquisa e ensino para além dos órgãos do serviço público, ministrando também cursos para estudantes, sindicalistas e grupos identificados com ideologia nacionalista emancipatória.

A aliança PSD – PTB vencedora pela segunda vez estava em seu melhor momento, pois associava o PSD dominante nos Estados e de maioria no Congresso Nacional com o PTB ascendente desde o segundo governo de Getúlio Vargas, com o apoio dos movimentos sociais organizados e sendo o maior catalizador da tragédia de 1954.

João Goulart trouxe para Juscelino Kubitschek, de um lado a ameaça institucional e do outro a mediação social, ao controlar o Ministério do Trabalho e o PTB, desde 1954. Esse controle maquinado entre o ministério até o Departamento Nacional do Trabalho, desdobrando-se nas Delegacias Regionais do Trabalho, possibilitou o diálogo necessário com os sindicalistas, sem reprimir as greves e atendendo as reivindicações, não deixando qualquer suspeita de radicalização.

A liberdade sindical garantida, a correção salarial em prazos menores, o maior número de empregos e a ampliação do poder sindicalista até 1960, com a Lei Orgânica da Previdência Social, permitiram o fortalecimento e a renovação do movimento sindical, consolidando a aliança PTB, PCB e outras organizações de esquerda.

Por outro lado, na segunda metade dos anos 50, surgiram importantes movimentos de vanguardas artísticas, principalmente o

Concretismo, o Cinema Novo e a Bossa Nova, que incrementaram o debate cultural sobre a realidade brasileira e os novos paradigmas da modernidade.

Mas o primeiro momento eufórico do governo de JK veio mesmo com a vitória do futebol brasileiro na Suécia, que sucedeu a segunda medalha de ouro nas Olimpíadas de Melbourne em 20/11/1956 obtida pelo atletismo com o salto triplo de Adhemar Ferreira da Silva e se antecipou às outras conquistas esportivas também de âmbito mundial, tais como a seleção brasileira masculina de basquete no Chile em 04/02/1959, o tênis feminino de Maria Ester Bueno em Wimbledon em 04/06/1959 e o boxe no peso galo com Eder Jofre em 19/11/1960.

Nono, como era conhecido o Presidente da República desde a infância, com dois anos e meio de governo, torceu em todos os jogos da Copa, convidando inclusive os parentes de Garrincha para acompanhá-lo e no palanque da comemoração após a conquista, prometeu automóveis e apartamentos aos campeões.

Carlos Drummond de Andrade, em 05/07/1958, no *Correio da Manhã*, comparou a postura de JK com a de Eurico Gaspar Dutra em *Situações*, relacionando a presenças inéditas e diferenciadas da arte popular e do saber intelectual com o poder político. O cronista observou no palanque comemorativo:

Bem, não pretendo estabelecer qualquer comparação, mas dias depois, no palanque armado para receber os campeões do mundo, nosso atual presidente, visivelmente satisfeito, mostrava, sem embargo disso, uma ponta de inquietação, que me intrigou. Parecia estar e não estar ali, com um olho na multidão e outro na



reforma do Ministério. Dirigia a vista para um e outro lado, à procura de homens providenciais que lhe formassem uma grande equipe, do valor daquela que vencera no futebol, mas Garrincha e Vavá para a Agricultura e o Trabalho, isso não havia. Terá pensado um instante em convidar o próprio Vavá e o próprio Garrincha para essas pastas, mas será que eles aceitariam? Na dúvida, o presidente empunhava a Taça Jules Rimet ou deixava-a sobre o parapeito, não avaliando bem a preciosidade do troféu. Mas João Havelange, inquieto por sua vez, não com destino do Brasil, e sim da taça, segurava-a de lado, e às vezes procurava erguê-la perante a multidão fascinada. Juscelino puxava para esquerda, Havelange para a direita um para baixo, outro para cima; e eu via a hora em que a taça caía, e era um problema internacional a mais, a ser resolvido de saída pelo novo ministro Negrão de Lima: quem pegou o troféu no meio do povo e o incorporou, já meio amassado mas reluzente de ouro e glória, ao acervo particular? Felizmente a bela copa não chegou a cair; esteve quase; Havelange, Paulo de Carvalho e Bellini souberam defendê-la. Mas o presidente, do alto do seu palanque, estava meio dispersivo e aéreo. Não era todo feliz, como Dutra entre os filósofos, na livreria de dona Vanna.<sup>40</sup>

Nada foi doado aos jogadores e a corrida desenvolvimentista ocorreu com elevado preço, por isso a necessidade de mudança ministerial. Se o setor dos bens de capital continuou com a iniciativa estatal através de novas emissões de moedas e de empréstimos externos, o setor de bens de consumo abriu-se para a iniciativa privada do capital estrangeiro sob a liderança norte-americana, acelerando o curso da industrialização e da urbanização na sociedade brasileira, que acarretou duas concentrações: a demográfica e a econômica.

Segundo o censo demográfico, as cidades com 20 mil habitantes mantiveram-se no crescimento vegetativo e as com mais de 100 mil habitantes ganharam densidade, passando de 23 cidades em 1940 para 64 cidades em 1960, sendo que em 1940, somente Rio de Janeiro e São Paulo tinham mais de um milhão de habitantes cada, com 7,2% da população

brasileira, espalhando-se até 1970, em 10 regiões metropolitanas com 23,4 milhões ou 25,25% do total. O nordeste tornou-se foco difusor dos caminhões de “pau-de-arara” em direção às vagas de emprego nas fábricas, nas usinas, nas lojas comerciais e na construção civil das metrópoles da atual região sudeste, abrigando-se em favelas.

Os lucros industriais concentracionistas e multinacionais atingiram índices elevados em torno de 75%, assim como de produtividade com 35%, ficando em menor escala o aumento do salário mínimo com 15%, segundo dados estatísticos oficiais. Em 1961 o capital estrangeiro controlava acima de 80% as indústrias de tratores, automobilísticas, de cigarros, farmacêuticas e de eletricidade, e acima de 70% a fabricação de máquinas e produtos químicos.

As indústrias de bens de consumo duráveis resultaram da internacionalização do capital diante da possibilidade em importar máquinas obsoletas sem cobertura cambial, desde a Instrução 113 da Superintendência de Moeda e Crédito - SUMOC, do governo de Café Filho, elaborada pelo Ministro da Fazenda Eugênio Gudin, atendendo as missões diplomáticas imperialistas dos EUA, Cooke e Abbink, de 1942 e 1948, respectivamente.

Tal medida só era permitida às empresas estrangeiras e foi mantida por Juscelino Kubitschek, que inclusive ampliou as facilidades, oferecendo maior prazo de isenção fiscal, doação de terrenos, infra-estrutura, matéria-prima e insumos baratos e crédito oficial, exigindo apenas em troca a

associação ao capital nacional, o que promoveu duas vitórias concomitantes para os países centrais, principalmente ao novo líder norte-americano: o domínio monopolista sobre o mercado interno brasileiro com apenas 20% de investimentos e a renovação tecnológica de suas indústrias matrizes.

As empresas multinacionais das indústrias automobilísticas foram as mais favorecidas, recebendo apoio estratégico do Grupo Executivo da Indústria Automobilística – GEIA, criado em 1956 e com o financiamento do BNDE, tornando o crescimento industrial em 80% e fazendo do ABC paulista o seu núcleo.

A “sociedade de consumo” consolidou-se e teve a fundamental companhia do império da mídia, fortalecendo o magnata Assis Chateaubriand, a “lábria” norte-americana e o desenvolvimento do Instituto Brasileiro de Opinião Pública – Ibope, fundado em 1954 em prol da implantação das redes de televisão.

O Estado investiu na construção de estradas e obras públicas, destacando-se Belém - Brasília e a Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP. Na indústria de base foram criadas as siderurgias de USIMINAS e COSIPA e as usinas hidroelétricas de FURNAS e Três Marias, ampliando-se as atividades da PETROBRÁS e a indústria naval através dos projetos do Grupo de Estudos da Indústria de Construção Naval – GEICON. A expansão da indústria de base foi 100%.

A criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, em 1959, com sede em Recife, visou combater o Polígono das

Secas, de Maranhão a Bahia e uma parte de Minas Gerais, substituindo o Departamento Nacional de Obras Contra Secas –DNCOS, de 1945, que semelhante a Inspetoria de Obras as Secas - IOCS, de 1909, estava controlada pela oligarquia rural.

A SUDENE promoveu o surgimento de pólos industriais, transportes, açudes e colonização agrícola, o que causou um progressivo crescimento na renda per capita da região, sob o comando de Celso Furtado, quem diagnosticou a região no livro *A operação Nordeste*, de 1959.

O movimento social do campesinato, iniciado em 1955, com a Liga Camponesa do Engenho de Fogo Morto, em Vitória de Santo Antão, denominada de Sociedade Agrícola e Pecuária dos Trabalhadores de Pernambuco, sob a liderança de Zezé da Galiléia, cresceu em ligas e articulações partidárias e institucionais até a renovação do órgão, apoiando-o como alavanca no debate da reforma agrária, mas que JK adiou.

A meta-síntese estava na transferência da Capital do país, construindo Brasília no planalto central, em Goiás, respeitando a posição estratégica distante do litoral e fomentando a rota interior da ocupação territorial brasileira. A cidade resultou do projeto urbanístico de Lúcio Costa (na forma de avião) e do projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer (a praça dos Três Poderes, o palácio da Alvorada, os Ministérios, a Justiça, a Catedral e a Universidade), sendo uma construção de 41 meses, atraindo migrações internas nordestinas e mineiras dos “candangos”, que ficaram segregados nas cidades-satélites, alterando a configuração do plano piloto.

Com os empréstimos ao Fundo Monetário Internacional – FMI, cresceu acentuadamente a dependência externa à hegemonia norte-americana, ramificada em vários níveis, financeiro, tecnológico e político, o que radicalizou o debate nacional. De um lado, ficaram os herdeiros da contribuição getulista, encabeçada pelo PTB, vencedor das eleições das casas legislativas e dos governos estaduais de 1958 e grupos de esquerda, difundindo o tema da emancipação associado ao dirigismo econômico nacionalista. Do outro lado, plantaram-se a oligarquia rural e o novo empresariado urbano, tendo como porta-vozes a UDN e parte dos militares, fazendo ecoar a missão Brasil – EUA e o Pan-americanismo.

Conforme Drummond ressaltou, o governo de JK ficou em situação conflitante. O primeiro Ministro da Fazenda José Maria Alkmin procurando cumprir os objetivos traçados pelo Plano de Metas, rompeu com a desvalorização do cruzeiro praticada por José Maria Whitaker no governo anterior e manteve o regime de taxas múltiplas de câmbio, garantindo os subsídios do petróleo, do trigo, das indústrias automobilística e naval. Sua política monetária buscou inibir a circulação da moeda somente com a restrição do crédito ao setor privado, mas diante do processo inflacionário provocado pelo aumento dos gastos públicos, o repasse dos aumentos salariais, o alargamento das linhas de crédito do Banco do Brasil - BB e o declínio no mercado externo dos produtos de exportação, emergiram dezenas de greves e as pressões do setor primário-exportador e do FMI, acarretando sua substituição.

Lucas Lopes, que presidia o BNDE, foi deslocado para o Ministério da Fazenda e Roberto Campos assumiu o BNDE, ambos por indicação da aliança diplomática Brasil-EUA. A nova dupla foi responsável pelo Programa de Estabilização Monetária – PEM, frontalizando com o presidente do Banco do Brasil, Sebastião Pais de Almeida. O PEM realizou o controle rígido do orçamento e da moeda, ao restringir os subsídios cambias, os salários e as linhas créditos do Banco do Brasil, aumentando somente a tributação.

Houve a quebra do equilíbrio político e a secundarização do plano econômico original por essa política monetarista recessiva, levando o Presidente da República a reagir, com a elevação em 30% do salário mínimo, em janeiro de 1959, a concessão de novos subsídios aos cafeicultores e à importação de máquinas para a indústria de base e a reabertura créditos do BB. A queda de Lucas Lopes e Roberto Campos tornou-se inadiável, com Sebastião Pais de Almeida sendo nomeado para a pasta da Fazenda e Lucio Meira para o BNDE, em 05/08/1959, retomando a proposta desenvolvimentista com uma média de crescimento do PIB de 7% e rompendo com o FMI e seu receituário em 18/08.

Juscelino Kubitschek não diminuiu a inflação, manteve a presença dominante no desenvolvimento industrial do capital estrangeiro, distanciou-se dos ajustes macroeconômicos e apostou nas mudanças estruturais como única saída progressiva.

Ao findar o governo de JK, a instabilidade do regime político republicano brasileiro e dos vizinhos latino-americanos aprofundaram com

os novos efeitos da “guerra fria” entre as potências bipolares dos EUA e da URSS, acelerados em nosso continente com a Revolução Socialista de Cuba em 1959 e sua “crise dos mísseis”.

Na eleição de 1960, a novidade eleitoral veio com Jânio Quadros obtendo 5,6 milhões de votos por uma frente a partir do Partido Trabalhista Nacional – PTN e garantida pelo suporte da UDN, trazendo as adesões da classe média, de grupos militares e do setor agro-exportador, representando a conquista esperada pelos conspiradores desde 1954.

Ele derrotou o candidato da coligação PSD-PTB-PSB (Partido Socialista Brasileiro) e de uma frente de esquerda, marechal Henrique Teixeira Lott, com 3,8 milhões de votos, ficando em terceira colocação pelo PSP, Adhemar de Barros, com 2,2 milhões, embora se mantendo na vice-presidência João Goulart, do PTB, com 4,5 milhões de votos.

Jânio da Silva Quadros, advogado e professor de Língua Portuguesa, nascido em Campo Grande, estado atual do Mato Grosso do Sul, em 25 de janeiro de 1917, ficou conhecido em suas campanhas políticas pelo ícone da vassoura, ao ter como prioridade “varrer” a corrupção, elegendose em São Paulo, pelo Partido Democrático Cristão – PDC, vereador em 1947, deputado estadual em 1950, prefeito em 1953 e governador do Estado em 1954 e derrotando sucessivamente a máquina eleitoral de Adhemar de Barros. Antes da vitória em 1960 teve mais duas conquistas, elegendose deputado federal do Paraná em 1957, pelo PTN e apoiando a eleição de Carvalho Pinto em 1958 no governo estadual paulista.

A sucessão presidencial de 1960 demonstrou uma posição dúbia de JK, preocupado em preparar o retorno em 1965. Em fim de mandato, oscilou entre a opção de um PSD sem candidatura ou de uma aliança com a UDN, na proposta que antes ele derrotara de “união nacional”, agora em torno de Juraci Magalhães. Não se configurou nenhuma das duas hipóteses, a primeira foi barrada pelo surgimento da Frente Parlamentar Nacionalista, que manteve a coligação vencedora de 1955 e mais depurada e a segunda ficou contaminada pela aproximação entre Juscelino e Juraci, levando a UDN e seus aliados aderirem a candidatura de Jânio Quadros. Com isso o ficou viável a articulação silenciosa da dobradinha Jânio - Jango (JAN-JAN), cujo desvinculo eleitoral entre os candidatos a presidente e a vice respaldava.

O primeiro Presidente da República empossado em Brasília, imprimiu de imediato a moralização administrativa, com inúmeras inspeções aos órgãos públicos, exigindo o horário integral nas repartições públicas e abrindo inquéritos sobre as gestões anteriores, até mesmo contra o vice-presidente reeleito.

O Programa de Estabilização Econômica – PEE, baseada na austeridade e na deflação coube ao Ministro da Fazenda Clemente Mariani, banqueiro e industrial da UDN baiana, que congelou os salários, desvalorizou o cruzeiro em 100% e cortou os gastos estatais, inclusive os subsídios, impulsionando a exportação agrícola e impondo elevados



impostos para sanear as dívidas externas, obtendo do FMI a renovação do crédito de US\$ 726 milhões.

Os atos presidenciais, alguns através de bilhetes, estenderam-se até a censura dos costumes, como a proibição do desfile de misses com maiô cavado, do uso de biquíni nas praias, da briga de galo e da corrida de cavalo durante a semana. Carlos Drummond de Andrade publicou no *Correio da Manhã*, em 21/05/1961, *Em cinza e em verde*, tecendo comentários sobre o novo momento ligado ao governo de Jânio Quadros:

Eta semana triste! Os cavalinhos  
com surpresa estampada nos focinhos,  
estacam de repente, por decreto.  
Não era o meu esporte predileto,  
mas vejo que a cidade se esvazia,  
hora a hora, de mais uma alegria,  
um prazer, e só resta, no trabalho,  
sentir da austeridade o cheiro do alho.  
O futebol, também só aos domingos?  
Dizem, não sei. E lacrimejam pingos  
de tédio, mau humor. Brincam (boatos)  
que será proibido usar sapatos  
de mais de mil cruzeiros.<sup>41</sup>

O texto de Drummond inicia com os informes turvos ou cinzentos sobre a morte de câncer do “cow-boy” Gary Cooper, em 13 de maio:

Tomba sem um disparo, e quase dói  
ver que com Gary Cooper morre um pouco  
do mito herói-pacato em mundo louco.  
Magro, desajeitado, qualquer um  
de nós se via nele, alto, em *High Noon* “.<sup>42</sup>

O ator de cinema Frank James Cooper, nascido em Montana, começou como figurante em faroeste e virou astro de filmes falados em Os

*Virginianos* (1929) e *Marrocos* (1930), ao lado de Marlene Dietrich. Mais tarde, a pedido de Ernest Miller Hemingway fez o papel principal em *Por Quem os Sinos Dobram*, totalizando 95 filmes com um Oscar em *Matar ou Morrer (High Noon)*, em 1952. Outras perdas importantes ocorreram nesse ano, o escritor norte-americano Ernest Miller Hemingway, o romancista norte-americano Samuel Dshiell Hammett, o poeta francês Frédéric Sausser, conhecido como Blaise Cendrars, o psicanalista suíço Carl Gustav Jung, o filósofo francês Maurice Merleau - Ponty e o líder do Congo Patrice Lumumba.

Invertendo o tom do texto, Drummond mais uma vez trouxe a beleza feminina, acompanhando o segundo matrimônio de Maria Marta Rocha, a baiana de cabelos dourados e olhos azuis, vencedora da Miss Bahia em 1954, que conquistou o jurado da boate do Hotel Quitandinha, em Petrópolis, composto pelos escritores Manoel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e o artista plástico Santo Rosa, no primeiro ano do concurso de Miss Brasil.

Marta Rocha também disputou o terceiro concurso de Miss Universo, em Long Beach, ficando em o 2º lugar, que segundo o jornalista João Martins da revista *O Cruzeiro*, quem lhe acompanhava, foi causado por duas polegadas a mais que a Miss dos EUA. Casou-se com o banqueiro Álvaro Piano, em 1955, transferindo-se sua residência para a vizinhança da família Perón, na Argentina. Aos 23 anos ficou viúva e retornou ao Brasil.

Em 1961 casou-se com Ronaldo Xavier de Lima, na Igreja da Candelária do Rio de Janeiro, cuja cerimônia atraiu uma multidão e as manchetes jornalísticas, o que não escapou ao olhar lírico de Drummond:

Estou satisfeito, seja como for,  
 ao ver , toda azul-claro, Marta Rocha,  
 qual princesa de um conto de carocha,  
 azulmente sorrindo para a vida.  
 Tanta gente a fitá-la, comovida,  
 pois beleza é –ninguém se ilude-  
 uma promessa de beatitude.<sup>43</sup>

A volta ao céu cinzento veio com a declaração de Jânio Quadros, em 13 de março, sobre as dívidas deixadas pelo governo de JK, totalizando a quantia de Cr\$ 240 milhões, que Drummond associou aos buracos das obras de JK. O cronista previu novas dificuldades para a seleção brasileira na futura Copa, ao salientar o descontentamento vascaíno sobre a retirada do capitão Bellini no escrete de ouro, mesmo sem perder a esperança no novo pleito presidencial na CBD de João Havelange, antevendo a destacável carreira política desportiva, que se estendeu em um longo mandato na CBD até 1974, quando então passou a presidir a FIFA, o que durou mais 24 anos. Sobre a campanha do cartola da CBD sublinhou:

CANDIDATOS EM VERSO - Lembrando o êxito (que ele soube preparar) da delegação brasileira no campeonato mundial de futebol, João Havelange comparece com este slogan: "Organização e vitória ". Por que não dizer antes, impressionando mais:  
 Havelange é mais  
 Faixa de Pelé<sup>44</sup>

O que mais se destacou de verde para Drummond foram os trinta anos de Herbert Moses na frente da Associação Brasileira de Imprensa - ABI, resumindo seu trabalho:

Faltam-me espaço e tempo (meus algozes)  
Mas vou daqui saudar o Herbert Moses,  
que ao longo de trinta anos da ABI  
soube tornar o que era abacaxi,  
numa cesta de flores e de abraços.<sup>45</sup>

O jornalista carioca, filho de pai austríaco e de mãe norte-americana, redator da *Revista Souza Cruz*, secretário da *Associação Comercial*, diretor da *Revista Moderna* e fundador de *O Globo*, concorrendo com Ernesto Pereira Carneiro, do *Jornal do Brasil*, e Oscar Costa, do *Jornal do Commercio*, elegeu-se em 1931, presidente da instituição fundada por Gustavo Lacerda, completando uma longa gestão de vários mandatos até 1964.

Em 1931, recebeu do governo de Getúlio Vargas a doação do terreno da futura sede no Morro do Castelo, a contribuição de 13 mil contos de reis para construção do prédio na rua do Passeio Público, hoje Araújo Porto Alegre e a oficialização no Ministério de Educação do Curso de Jornalismo. Em 1946, no governo do general Eurico Gaspar Dutra, Herbert Moses obteve do Ministério da Justiça um crédito de 2 milhões de cruzeiros para os

serviços de acabamento da obra, tornando a Casa do Jornalista a mais moderna e respeitada da América Latina.

Herbert Moses representou a consolidação material e espiritual da Associação, garantindo-a prestígio nas esferas social, cultural e política, após três décadas, sempre em sintonia com as pautas do debate nacional. Drummond retratou em contrastes fatos que antecederam por três meses o agravamento da tensão política.

Em março, ao propor o projeto da lei antitruste e a criação da Comissão Administrativa de Defesa Econômica, vinculada ao Ministro da Justiça, Jânio Quadros assistiu a sua primeira derrota, o que demonstrou ser um governo sem base parlamentar. A política externa do Ministro de Relações Exteriores Afonso Arinos de Melo Franco, ala moderada da UDN e apoiado pelo setor industrial nacional, reatou relações diplomáticas e comerciais com a URSS, condenando a proposta de invasão norte-americana em Cuba e promovendo a formação de um bloco latino-americano, junto com a Argentina, aturdindo a UDN radical, deixando as Forças Armadas de prontidão e frontalizando ainda mais o Congresso.

Carlos Frederico Werneck de Lacerda, governador do Estado da Guanabara e de José Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais, ambos eleitos pela UDN, novamente trouxeram denúncias de golpe, recebendo apoio do PSP de Adhemar de Barros, dos norte-americanos (articulação Embaixada dos EUA e Forças Armadas brasileiras) e europeus

(principalmente os portugueses que perderam a intermediação no comércio africano com a nova diplomacia brasileira).

Mesmo assim, Jânio Quadros procurou avançar. Primeiro sinalizou a criação da Comissão Nacional de Planejamento e o advento do Primeiro Plano Quinquenal. Em 03/08, aproveitou a visita do astronauta russo Yuri Gagarin no Brasil após sua pioneira viagem em torno de nosso planeta para condecorá-lo. Em 19/08, visitou Cuba e entregou ao revolucionário argentino Ernesto Guevara, Ministro das Relações Exteriores de Cuba, a Ordem do Cruzeiro do Sul. Ao mesmo tempo, enviou João Goulart à China Comunista em missão diplomática e comercial, mas renunciou em 25 de agosto, após sete meses de governo, alegando pressões de “forças terríveis”.

### **3.2.5-Na raça ou na graça – Chile 62**

A VII Copa do Mundo teve como sede o Chile, confirmado seis anos antes no Congresso de Lisboa. Mesmo com o terremoto de 8,3 graus na escala Richter em 21 de maio de 1960, que afetou 2 milhões de pessoas. A FIFA manteve o rodízio continental no momento do tira-teima entre os continentes portadores de três títulos cada.

Com o slogan “Ya que nada tenemos, lo haremos todo”, o presidente do Comitê Organizador, natural de Niterói e filho de diplomata chileno, Carlos Dittborn conseguiu mobilizar a população e deixar estruturado o

principal evento da FIFA, morrendo em um acidente automobilístico, em 28 de abril, 32 dias do início da competição.

A Copa foi disputada durante o inverno chileno até o dia 17 de junho. Participaram da fase eliminatória 49 países, classificando-se 6 americanos e 10 europeus, sendo desclassificados os destaques de 1958, França e Suécia. O campeão Brasil e o anfitrião Chile estavam classificados automaticamente. O regulamento mudou o critério de desempate classificatório das fases finais para o “goal average” (média de gol). As chaves ficaram distribuídas em: grupo 1- Uruguai, Colômbia, URSS e Iugoslávia; grupo 2- Chile, Suíça, Alemanha e Itália; grupo 3- Brasil, México, Espanha e Tchecoslováquia; grupo 4- Argentina, Hungria, Inglaterra e Bulgária.

Com o excesso de faltas, jogadas ríspidas, agressões físicas, ofensas e reclamações desrespeitosas, o Comitê Disciplinar da Copa reuniu-se de forma emergencial, logo após a primeira rodada das oitavas de final, exigindo mais rigor dos árbitros na punição dos infratores. O nível técnico teve um decréscimo, em 32 jogos foram marcados 89 gols com a média de 2,7 por partida.

A seleção chilena compensou o seu esforço da realização do evento, atingindo o inédito 3º lugar ao surpreender a Suíça (3X1), a Itália (2X0), a URSS (2X1) e a Iugoslávia (1x0), perdendo apenas nas oitavas de final para a Alemanha (0X2) e na semifinal para o Brasil. Seu principal jogador foi o ponta-esquerda Leonel Sanches, vice-artilheiro com 4 gols.

O bloco socialista europeu predominou com a URSS (6º lugar), a Hungria (5º lugar), a Iugoslávia (4º lugar) e a Tchecoslováquia (2º lugar), uma tendência apresentada nas últimas Olimpíadas. O zagueiro russo Voronin, o lateral-esquerdo Novac e o meio-campista Josef Masopust da seleção checa e o atacante iugoslavo Josip Skoblar fizeram parte da lista dos destaques do torneio, cujo artilheiro foi Jerkovic com 5 gols da seleção iugoslava.

Na seleção brasileira, Aymoré Moreira retornou como treinador da equipe em substituição a Feola, com nefrite aguda, tendo como observador técnico Ernesto dos Santos. O psicólogo João Carvalhaes foi substituído por Ataíde Ribeiro e a administração ficou com Mozart Di Giorgio, auxiliado por José de Almeida e pelo tesoureiro Ronaldo Moreira.

As principais alterações da equipe titular foram na defesa com o zagueiro santista Mauro Ramos tornando-se capitão e titular, o banguense Zózimo entrando no lugar do vascaíno Orlando, não selecionado ao ser vendido para o Boca Juniors, da Argentina, mantendo-se o lateral direito palmeirense Djalma Santos em sua 3ª copa, com 33 anos e o lateral-esquerdo botafoguense Nilton Santos, com 37 anos, em sua 4ª copa.

A base da seleção canarinho veio dos times do Santos F.C (7 jogadores) e do Botafogo F.R. (5 jogadores), totalizando 13 jogadores de times paulistas e 9 de times cariocas, mesmo tendo como período de preparação os amistosos no Rio de Janeiro e em São Paulo, jogando e



vencendo Paraguai, Portugal e País de Gales, duas vezes cada, com formações diferentes entre 43 convocados.

A estréia brasileira foi novamente contra o México, como 1950 e 1954, em 30 de maio, em Vinã Del Mar, onde estava localizado o seu grupo 3, vencendo por 2X0, com gols de Zagalo e Pelé. A segunda partida antecipou a futura decisão, confrontando-se com a Tchecoslováquia, no dia 2 de junho empatando de 0X0, de forma favorável para ambos, com Pelé desde os 28 minutos do primeiro tempo fazendo número na ponta-esquerda, pois ainda no regulamento do torneio não era permitida substituição durante o jogo e ele teve uma forte distensão na virilha, sem recuperação até o fim da competição.

O Brasil para se classificar às quartas de final tinha pela frente a Espanha, no dia 6 de junho, reforçada de estrangeiros naturalizados, como o húngaro Puskas e o uruguaio Santamaría. Didi teve uma passagem conflitante em 1959 no clube espanhol do Real de Madri, que reunia a maioria dos craques estrangeiros, principalmente com o estrelato do argentino Di Stéfano, “La Saeta Rubia” (“Flecha Loura”), que não embarcou por contusão. A Copa de 1962 foi a última a permitir jogadores atuarem em países diferentes a cada competição. Esperava-se do “Príncipe Etíope”, segundo Nelson Rodrigues, por uma resposta contundente, ainda mais sem Pelé, com estiramento muscular. A Copa chilena cada vez mais se tornava dramática, construindo o cenário ideal para revelações heróicas.

Os editores de Drummond denominaram a Copa chilena de 1962, de “Na raça ou na graça”, extraído do texto *Mané e o sonho* que será analisado no próximo tópico acerca do craque, incluindo o trecho citado como legenda “Se há um deus que regula o futebol, esse deus é sobretudo irônico e farsante, e Garrincha foi um de seus delegados incumbidos de zombar de tudo e de todos, nos estádios “. O capítulo da Copa consta de quatro crônicas, sendo que três já foram abordadas no tópico anterior, sobre o torcedor: *Garoto*, *Saque* e *No elevador*, escritos em 1965.

Garrincha tornou-se o herói brasileiro do bicampeonato mundial, com toda imprensa nacional e internacional escolhendo-o por unanimidade o craque da competição. As manchetes mundiais e nacionais (destacando-se as coberturas das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*) não pouparam elogios, utilizando os cognomes “Rei dos Reis”, “Anjo das Pernas Tortas” e “Demônio da Copa”. Revelou-se também o atacante botafoguense Amarildo, que ocupou o lugar de Pelé contundido, sendo denominado por Nelson Rodrigues de “Possesso”.

A dupla virou o difícil jogo contra a Espanha, que vencia por 1X0 com o gol de Adelardo, aos 35 minutos do primeiro tempo. No início do segundo tempo, a Espanha ainda teve a reclamação de um pênalti duvidoso não marcado pelo juiz chileno Sérgio Bustamante, quando o veterano Nilton Santos esbarrou no ponteiro Collar na linha da área, mas após o juiz apitar a penalidade, Nilton Santos, conhecido como a “Enciclopédia do futebol”, andou dois passos demarcando o lugar da cobrança fora da área.

O escrete nacional só reagiu aos 27 minutos, quando Amarildo empatou. Aos 41 minutos, persistindo em jogadas semelhantes, Garrincha chegou a linha de fundo após driblar dois espanhóis e cruzou para Amarildo finalizar, com o gol da virada brasileira.

A partir daí Garrincha assumiu a responsabilidade da campanha vitoriosa, sendo vice-artilheiro com 4 gols e Amarildo repetindo sua precisão e ousadia em outro jogo decisivo, já na disputa do título.

Garrincha atuou como se tivesse em suas peladas em Pau Grande, jogando pelo time da fábrica da América Fabril. Fez lançamentos como meia e arrancadas pelas pontas, infiltrou-se como atacante, concluindo de cabeça e com chutes de perna esquerda, cobrou com precisão faltas e escanteios, vazando o gol adversário. Dribles inúmeros, recebendo muitas pancadas dos cruéis marcadores. Até pedrada da torcida local recebeu no jogo contra o Chile. Em resumo, Garrincha zombou de tudo, sem nenhuma novidade para qualquer jogador do S.C. Pau Grande e do Botafogo F. R, mas inesquecível para a o público mundial e principalmente para o seu principal amor, a cantora Elza Soares, que lhe assistia.

A campanha brasileira após a vitória de 2X1 sobre a Espanha, em 6 de junho, foi seguida por mais duas importantes atuações de Garrincha. Em ambos os jogos, com 2 gols e preparando o terceiro para Vavá. Garrincha derrotou a Inglaterra, em 10 de junho, ainda em Vinã Del Mar, nas quartas de final por 3X1 e em 13 de junho, contra o Chile, diante de 76 mil torcedores no Estádio Nacional de Santiago, pela semifinal, obteve a vitória

de 4X2, sendo ainda expulso junto com o chileno Landa pelo árbitro peruano Arturo Yamasaky, o que só lhe acontecera três vezes antes e também de forma inusitada.

Drummond escrevendo para o neto mais velho Carlos Manoel, em 17/06/1962, resume tudo antes da decisão.

Hoje não vamos sair de casa, para acompanhar pelo rádio o jogo Brasil-Tchecoslováquia (...). O Garrincha é um espetáculo, e se passar na televisão um filme de jogo que ele aparece, não deixe de reparar na graça e novidade dos seus movimentos.<sup>46</sup>

Na final, contra a Tchecoslováquia, em 17 de junho, com transmissão ao vivo pela TV para alguns países, Garrincha mesmo sendo absolvido pelo Conselho Disciplinar, atuou com febre de 39 graus, participando de maneira restrita, mas fixando alguns marcadores tchecos e abrindo assim espaço na defesa adversária para o companheiro Amarildo, que soube preenchê-lo com o gol do empate aos 16 minutos do primeiro tempo e o cruzamento pelo mesmo lado esquerdo para Zito desempatar de cabeça, aos 23 minutos do segundo tempo.

Aos 34 minutos, em uma falha do goleiro tcheco Schroif, prejudicado pelo reflexo da luz solar no momento da interceptação do cruzamento de Djalma Santos, a bola sobrou para a rápida conclusão de Vavá, desfechando o placar. Vavá também fez quatro gols durante o torneio: um contra os ingleses, dois contra os chilenos e um contra os tchecos.

A seleção tcheca teve uma campanha calculada desde a classificação para a Copa do Mundo, quando superou Escócia e Irlanda. No Chile fez parte do Grupo 3, terminando na segunda colocação com uma vitória de 1X0 sobre a Espanha, um empate sem gol contra o Brasil e uma derrota para o México de 1X3. Nas quartas de final derrotou a renovada Hungria de 1X0 e venceu na semifinal a campeão olímpica Iugoslávia por 3X1. Obteve o vice-campeonato com o placar de 1x3 para o Brasil.

Novamente o Brasil tinha começado a decisão em desvantagem com o gol de Masopust, aos 15 minutos do primeiro tempo, e mesmo sendo uma seleção mais madura, com oito jogadores presentes na partida final de 1958, conseguiu outra virada e o segundo título invicto, ficando desta vez para o capitão Mauro o gesto de levantar a Taça, após a entrega de Stanley Rous, presidente da FIFA. A imprensa escolheu seis jogadores brasileiros para o time da Copa: Gilmar, Djalma Santos, Zito, Didi, Garrincha e Vavá.

No dia 20 de junho de 1962, Carlos Drummond de Andrade publicou no *Correio da Manhã* a crônica *Seleção de ouro*, ressaltando a conquista do bicampeonato e sua possível mediação no contexto brasileiro. O texto faz emergir o bojo da crise causada pela renúncia de Jânio Quadros, recrudescendo o espírito golpista na imposição do parlamentarismo. Mas o cronista insistiu no mesmo foco:

A vitória da Seleção Brasileira na Copa do Mundo lavou os corações, desanuviou os espíritos, entusiasmou as filas, uniu os desafetos e tornou possível a solução imediata dos problemas que

nos afligem. Não há hesitação possível. Ou tiramos deste triunfo as conseqüências que comporta, ou desperdiçamos a última e grande chance oferecida por Deus, talvez já um tanto fatigado ser brasileiro.

Este bi veio na hora H. Os políticos procuram um rumo para a nação e não o encontram, ou querem encontrá-lo fora do lugar. A mudança do Gabinete, que devia ser caso de rotina, assumiu ares de problemas graves, e ninguém sabe como compor a nova equipe dirigente.<sup>47</sup>

Ao retornar da viagem à China Comunista, o vice-presidente João Belchior Marques Goulart, encontrou muitas dificuldades para ser empossado na presidência do país. Representava a terceira corrente do Trabalhismo, denominada de Pragmáticos Reformistas, reunindo a visão pragmática de Getúlio Vargas desde 1930 e a visão doutrinária desde 1948 de Alberto Pasqualini, sendo o fundador do diretório municipal de São Borja e presidente dos diretórios estadual e nacional do PTB.

Nascido em São Borja, em 1º de março de 1918, era advogado, fazendeiro e pecuarista. Seu pai e familiares sempre tiveram amizade com os Vargas, mas João Goulart passou a conviver com Getúlio só após a crise de 1945, tornando-se então o seu principal interlocutor na formação do PTB e na articulação da campanha presidencial de 1950.

Pelo PTB, elegeu-se deputado estadual em 1945 e deputado federal em 1951, ocupando ainda a Secretaria de Interior e Justiça do governo de Ernesto Dornelles no Rio Grande do Sul. Quando foi nomeado Ministro de Trabalho, Indústria e Comércio por Getúlio Vargas em 1953, teve seu primeiro confronto com as forças hegemônicas brasileiras, ao elevar o salário mínimo por 100%, deflagrando a segunda crise do poder trabalhista.

Paschoal Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados Federais, ocupando provisoriamente o principal cargo executivo no governo da União, colaborou com o movimento golpista que reunia a UDN, os grupos políticos de centro e de direita, os ministros militares general Odyllio Denys, almirante Sílvio Hecke e brigadeiro Grum Moss e a diplomacia norte-americana, ao fomentar no Congresso uma Comissão Mista na busca da solução legal do impedimento da posse de Goulart.

Novamente as forças reacionárias foram contidas, desta vez por iniciativa do Governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, cunhado de João Goulart, que organizou a “Cadeia da Legalidade”, por meio da Rádio *Guaíba*, tornando-se porta-voz da resistência em uma rede radiofônica estendida primeiro por Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e depois por vários Estados, no total de 104 emissoras.

Brizola exigia o cumprimento da Constituição de 1946, ecoando pelo país com diversas adesões, a começar pelo marechal Henrique Teixeira Lott, preso ao se dizer fiel a Lei. Os governadores Mauro Borges de Goiás e Nei Braga do Paraná mobilizaram-se para garantir o cumprimento da Carta Magna. No Rio de Janeiro, o presidente da União Nacional dos Estudantes - UNE Aldo Arantes declarou greve nacional dos estudantes, indo se solidarizar com os resistentes da sede gaúcha e os ferroviários da Leopoldina e da Central também paralisaram os trens nos estados de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, sendo respaldados por manifestações

populares em frente aos prédios da Embaixada dos EUA, de *O Globo* e da *Tribuna da Imprensa*.

No Palácio de Piratini, o governador Brizola ocupou a central telefônica, controlando os vôos no Rio Grande do Sul e cedeu armas e munições aos voluntários da população de Porto Alegre, cavando trincheiras em torno da sede do governo. O interior do Palácio ficou ocupado pelas mulheres aliadas de Neuzá Brizola. No último momento, o general Machado Lopes, comandante do III Exército, a mais poderosa unidade militar do país, assim como do Comando da 3ª Zona Área, ofereceram o reforço estratégico.

A intervenção do Congresso tinha oposição até do deputado Adauto Lúcio Cardoso da UDN, por isso a Comissão Mista buscou uma saída centrista, promulgando a Emenda Constitucional em 2 de setembro, acatando a posse de João Goulart no limite do parlamentarismo, com um mandato até 31 de janeiro de 1966, ficando para abril de 1965 a realização do plebiscito sobre regime de governo. João Goulart tomou posse em 7 de setembro, com o descontentamento de Brizola e do líder do PTB na Câmara, Almino Affonso.

Jango, como era conhecido o presidente João Goulart, governou em duas etapas; uma fase parlamentarista, de setembro de 1961 a janeiro de 1963, que teve três primeiros-ministros: Tancredo de Almeida Neves, Francisco Brochado da Rocha e Hermes Lima e outra presidencialista, após o plebiscito de 6 de janeiro de 1963. A nova fase durou pouco, sendo



deposto em 1º de abril de 1964, pelo golpe enunciado há dez anos causando a morte de Getúlio Vargas.

No período parlamentarista, o 1º Conselho de Ministros presidido pelo expoente do PSD mineiro Tancredo de Almeida Neves, ex-Ministro da Justiça de Getúlio Vargas, assumiu em 8 de setembro com um perfil conciliador, nomeando o deputado federal mineiro Ulisses Silveira Guimarães do PSD para a pasta de Indústria e Comércio, Francisco San Tiago Dantas do PTB para Ministro das Relações Exteriores, o banqueiro Wálter Moreira Sales como Ministro da Fazenda e o deputado federal Gabriel de Resende Passos, membro da Frente Parlamentar Nacionalista, como Ministro de Minas e Energia, ambos da UDN. O 1º Gabinete tinha quatro pontos básicos: desenvolvimento, estabilidade, integração e justiça, apontando como primeira mudança a reforma agrária.

A política externa ligada à conferência de Punta Del Esta, que definiu a proposta independente de “terceiro mundo” e as primeiras medidas do nacionalismo econômico ampliaram a pressão norte-americana.

O cancelamento da concessão ilegal das jazidas de ferro obtida pela Hanna Corporation foi o primeiro ato do governo federal, embora as primeiras encampações brasileiras foram da subsidiária elétrica da Bond & Share em 13 de maio de 1959 e da companhia telefônica pertencente a International Telephone and Telegraph - ITT em 16 de fevereiro de 1962, feitas pelo governador gaúcho Leonel Brizola.

Nessa direção, João Goulart estabeleceu a Comissão de Nacionalização das Empresas Concessionárias de Serviço Público – CONESP, as Centrais Elétricas Brasileiras - ELETROBRÁS e Conselho Nacional de Telecomunicações – CONTEL inviabilizando ainda mais suas negociações com o presidente dos EUA John Fitzgerald Kennedy.

Os governadores Magalhães Pinto - Minas Gerais, Carvalho Pinto – São Paulo, Carlos Lacerda – Guanabara, Cid Sampaio – Pernambuco e Juraci Magalhães – Bahia, formaram um bloco da oposição, tutelados pela ajuda financeira norte-americana, iniciando a campanha desestabilizadora. No dia 1º de maio, em Volta Redonda, Jango reagiu propondo a reforma agrária e o retorno ao presidencialismo.

O 1º Conselho teve a duração de 290 dias, sendo desfeito no prazo da descompatibilização eleitoral de outubro. João Goulart escolheu Francisco San Tiago Dantas, favorável as Reformas de Base, para presidir o 2º Conselho, mas a maioria conservadora da UDN e do PSD rejeitou com 174 x 110 votos, oferecendo como alternativa o moderado Auro de Moura Andrade, do PSD, aprovado no Congresso. Na crônica *Seleção de ouro* Drummond antecipou esta primeira crise ministerial.

Em 5 de julho de 1962 ocorreu a primeira greve geral no país, convocada por Dante Pelacani, da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria – CNTI, Oswaldo Pacheco, do Pacto de Unidade e Ação – PUA e outros líderes intersindicais protestando contra o veto de

Francisco San Tiago Dantas e a indicação de Auro de Moura Andrade, exigindo um gabinete progressista.

Em 9 de julho surgiu 2º gabinete ministerial presidido por Francisco Brochado da Rocha do PSD gaúcho, que selecionou também um gabinete mesclado, com Wálter Moreira Sales na Fazenda e Afonso Arinos de Melo e Franco nas Relações Exteriores, ambos da UDN, Ulisses Silveira Guimarães do PSD na Indústria e Comercio. João Mangabeira do PSB em Minas e Energia e Hermes Lima do PSB, no Trabalho e Previdência Social. O regime parlamentarista resultante do “golpe branco” das forças reacionárias funcionava no meio de alianças contraditórias, com o Presidente da República lutando o tempo todo para subvertê-lo. Jango detinha o apoio popular e com isso pressionava no Congresso a votação de medidas reformistas, conseguindo aprovar a Lei do Décimo Terceiro Salário para os servidores. O novo pedido de antecipação do plebiscito sobre o regime de governo para o dia 13 de setembro foi negado.

Com o advento do Comando Geral dos Trabalhadores – CGT, sob a liderança mineira de Clodsmidt Riani, unificando a luta sindical e com a UNE, sob o comando de Aldo Arantes da Juventude Universitária Católica – JUC, aliada ao PCB, foi possível organizar a segunda greve geral em 15 de setembro, reivindicando a marcação do plebiscito.

No mesmo dia, o Congresso estabeleceu a data de 6 de janeiro de 1963, autorizando com a Lei Complementar nº 2 o presidente João Goulart

escolher o próximo Conselho sem consulta na Câmara e aprovando ainda a Lei de Remessa de Lucros. O 2º Conselho renunciou em 61 dias.

O 3º Conselho de Ministros ficou sob o comando de Hermes Lima, que assumiu em 18 de setembro como um gabinete-tampão até o resultado do plebiscito. A primeira novidade ministerial veio na nomeação do antropólogo Darci Ribeiro como Ministro de Educação e Cultura, logo após seu trabalho de elaboração da Universidade de Brasília - UnB, inaugurada em 21 de abril de 1962, que resgatou o projeto interrompido da Universidade do Distrito Federal do educador Anísio Teixeira, quando secretário de Educação e Cultura do prefeito Pedro Ernesto no Rio de Janeiro, em 1931. Ao assumir a nova missão no MEC, entregou o cargo de reitor da UnB para Anísio Teixeira.

Em 27 de setembro, o 3º Conselho criou o Ministério Extraordinário para Assuntos de Desenvolvimento Econômico, depois chamado de Ministério do Planejamento, entregue ao economista da CEPAL Celso Monteiro Furtado, que elaborou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social – PTDES, entrando em vigor no dia 30/12.

O PTDES preconizou como foco emergencial o combate à inflação por meio do controle do déficit público e das emissões de moeda em etapas gradativas, sem romper com as medidas adotadas por Wálter Moreira Sales nos gabinetes anteriores, que garantiram austeridade fiscal, controle das contas públicas e do balanço de pagamentos, assim como o cumprimento dos contratos com os credores.

O casuísmo do regime de gabinete não conseguiu anular as forças de sustentação de João Goulart, que confrontavam a adoção plena destes princípios ortodoxos, permanecendo a tendência crescente da taxa inflacionária.

A escolha do Ministro da Fazenda Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho em 18 de setembro, possibilitou flexibilizar o controle fiscal e orçamentário a favor dos benefícios sociais, redirecionando os gastos públicos.

O Ministro do Trabalho e Previdência Social João da Silva Pinheiro Neto iniciou o reconhecimento dos sindicatos de trabalhadores rurais, consolidando o movimento em que se projetaram o deputado estadual Francisco Julião do PSB e o novo governador de Pernambuco Miguel Arraes. Para iniciar a reforma agrária, em 11 de outubro, foi criada a Superintendência da Política Agrária - SUPRA.

As eleições de 7 de outubro renovaram as alianças entre os representantes dos governos estaduais e os parlamentos federais e estaduais, confirmando Frentes Parlamentares como blocos políticos-ideológicos nascidos no período JK. Miguel Arraes, eleito governador de Pernambuco, passou a dividir com Leonel de Moura Brizola, eleito deputado federal pela Guanabara com 75% dos votos, a liderança da esquerda. O PTB tornou-se o 2º partido nacional e os partidos conservadores, principalmente a UDN e o PSD, caíram de 81,8% para 53,7% de cadeiras parlamentares.

A Frente Parlamentar Nacionalista – FPN representava o grupo ascendente, reunindo PTB, PSB, “Ala Moça” do PSD e “Bossa Nova” da UDN, que sustentava as Reformas de Base, propagando suas propostas no jornal *Seminário*. A Ação Democrática Parlamentar – ADP, liderada por João Mendes da UDN-BA, representava a maioria, reunindo os conservadores do PSD, a “Banda de Música” da UDN, PSP e outros pequenos partidos de direita, todos resistentes ao governo de João Goulart.

A ADP articulou-se por meio do Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD, criado em 1959 por Ivan Hasslocher com o apoio de empresários, políticos e “intelectuais” brasileiros, porta-vozes do capital estrangeiro, que conseguiam o financiamento de grandes corporações multinacionais nas campanhas políticas, ampliando-se a partir da eleição de Jânio Quadros.

O IBAD conjugava-se com Instituto de Pesquisas de Estudos Sociais - IPES a defesa ideológica dos princípios capitalistas e o planejamento das idéias conspiratórias ao governo federal, segundo a doutrina oriunda da Escola Superior de Guerra – ESG, lugar-tenente desde 1948 da diplomacia dos EUA.

O IBAD foi fechado em 20/12/63, após as investigações da CPI do mesmo ano, que comprovou a ajuda externa de 152 empresas estrangeiras com 5 milhões de dólares para os candidatos direitistas, mas o Instituto deixou ramificações. Outras doações de 100 empresas nacionais e 300 estrangeiras passaram a financiar entidades reacionárias, permeando vários

segmentos: as mulheres, os jovens estudantes e os sindicatos, destacando-se: Círculos Operários do RJ e SP, a Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos, a Campanha da Mulher pela Democracia – CAMDE, no RJ, a União Cívica Feminina, em SP, a Fraterna Amizade Urbana e Rural, o Instituto Universitário do Livro, e o Movimento Universitário de Desfavelamento.

O IPES nasceu no contexto janista de forma apartidária, atingindo 500 filiados, com maior repercussão nos setores empresariais e militares. Estava dividido em: Grupo Assessoria Parlamentar – GAP comandado pelo banqueiro Melo Flores; Grupo de Opinião Pública – GOP nas mãos do empresário de comunicação Julio Mesquita; Grupo de Publicações - Editorial – GPE; Grupo de Estudo e Doutrina – GED e Grupo de Levantamento de Conjuntura – GLC dirigido pelo general reformado Golbery de Couto e Silva, que desde 1954 passou a ser o ideólogo da ESG e foi acusado de grampear três mil telefones, antecipando a estrutura do futuro Serviço Nacional de Informação – SNI.

O GLC organizou relatórios semanais sobre os cenários políticos aos oficiais, orquestrando a ação da mídia contra Goulart, Brizola e Arraes, inclusive através de financiamento e publicações de artigos, com exceção do jornal *Ultima Hora* de Samuel Wainer e das rádios *Nacional* e *Marynk Veiga*. O GPE produziu uma série de 14 filmes doutrinários, publicando inúmeros folhetos, panfletos e livros, ressaltando *UNE, instrumento de subversão*, de

Sônia Seganfredo. O GED promoveu cursos, seminários e conferências públicas, distribuindo o material do GPE.

No plebiscito popular sobre o sistema de governo indagou-se Parlamentarismo, sim ou não? A propaganda da mídia dominante foi derrotada por 82% dos votos a favor da negativa, devolvendo a chefia do governo ao Presidente da República.

Carlos Drummond de Andrade em *Seleção de Ouro* havia apontado como os 13 nomes do gabinete ministerial os bicampeões mundiais, incluindo a chefia para o novo capitão Mauro. Traduziu o verdadeiro perfil dos candidatos de cada pasta segundo o desempenho de cada jogador:

Convém a um primeiro-ministro (...) proteger nossa vasta retaguarda. Foi reserva (...) exercitou a virtude (...) do ostracismo (...) Um velhinho sabido como Nilton Santos fica certo na Justiça (...) Na Fazenda, pede-se Gilmar (...) defendeu a meta como o Tesouro. E para chanceler, quem melhor do que Didi (...) nossa independência no meio do campo das nações? Zagalo, ministro de várias pastas (...) em Indústria e Comércio, em Minas e Energia ou na Viação, dada a sua capacidade de estar em todas. Depende da pasta que reservamos a Garrincha, mas todo Ministério é pouco para este em sua simplicidade arguta (...) lembro Aeronáutica (...) voar (...) qual passarinho (...) deixando Guerra para ser sorteado entre Vavá e Amarildo. Sendo que o garotão na Educação, entre os estudantes grevistas (...) Não esquecer Djalma, Zózimo, Zito; Pelé, até ministro sem pasta (...) O Dr. Gosling, é claro, vai para a Saúde, e Aymoré, reabilitado (...) Há lugar para todos” .<sup>48</sup>

Mas no primeiro grupo ministerial do período presidencialista não houve o abandono da mediação das forças conflitantes. Alguns membros do PSD centrista como Ernâni do Amaral Peixoto em Reforma Administrativa e Antônio Balbino em Indústria e Comércio, a esquerda moderada como



Francisco San Tiago Dantas do PTB na Fazenda, José Ermírio do PTB na Agricultura, Evandro Cavalcanti de Lins e Silva do PSB no Gabinete Civil, João Mangabeira do PSB na Justiça e Negócios Interiores e Hermes Lima do PSB nas Relações Exteriores, a manutenção do general Amauri Kruel como Ministro da Guerra, respaldado pelos generais Osvino Alves e Jair Dantas do 1º e 3º Exércitos e a presença de Almino Monteiro Álvares Affonso do PTB radical no Trabalho e Previdência Social, configuravam o perfil da equipe política de Jango.

A aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural, estendendo os direitos trabalhistas e associativos aos assalariados no campo, possibilitou o surgimento da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG, mas a proposta original da reforma agrária enviada pelo governo à Câmara Federal foi rejeitada. Um projeto de lei elaborado por Milton Campos sobre a reforma agrária, mesmo encaminhado ficou sem votação. Somente uma proposta alternativa de Aniz Badra do PDC paulista, foi aceito ao vincular a desapropriação das terras à indenização prévia e em dinheiro.

O Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social estava assentado no choque entre os projetos reformistas e as medidas ortodoxas de urgência. De início o Ministro da Fazenda San Tiago Dantas tomou medidas impopulares, limitando subsídios, concessão de créditos e gastos públicos, sem evitar as perdas salariais.

A carestia de alimentos e as sucessivas greves pressionaram em abril a liberação de subsídios à importação e a renegociação salarial, com 56%

de aumento do salário mínimo e 60% do servidor público, o que elevou o déficit de pagamento em 30%. O PIB caiu de 6,6% para 0,5%, paralelamente a evasão de capitais para a Suíça e os EUA e a escalada inflacionária chegou aos 25%.

Jango mudou o titular do ministério em junho, nomeando Carvalho Pinto, que se negou a declarar a moratória da dívida de US\$ 3 milhões e não conseguiu captar recursos dos bancos privados, gerando a radicalização do movimento social organizado por Leonel Brizola.

Procurando unificar todas as áreas mais populares e progressistas, Brizola organizou o Movimento de Mobilização Popular – MMP, conectando movimentos sindicais rurais e urbanos, UNE e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas - UBES, partidos e grupos clandestinos do PCB e do PCdoB, intelectualidade de esquerda, PSB, PTB e outras pequenas legendas, sargentos e marinheiros, e até a restrita cúpula militar nacionalista. A meta era agilizar a execução das Reformas de Base, trazendo as propostas de nacionalização das empresas estrangeiras, do voto de analfabeto e dos praças, e do uso constante de plebiscitos e referendos para aprovação das medidas reformistas.

As Reformas de Base atacavam a concentração de terra e a dependência externa, começando a reforma agrária pela desapropriação dos latifúndios improdutivos e das terras das margens das rodovias, ferrovias e açudes com indenização por títulos públicos. Com a mesma urgência a reforma urbana começaria pela restrição de um teto para os proprietários de

imóveis, com a venda subsidiada dos excedentes aos sem-tetos. Estendia-se como prioridade na reforma bancária a aumento da concessão de crédito e financiamento popular, sem usura e com nacionalização dos bancos estrangeiros. Preconizava para a reforma educacional a complementação das Leis de Diretrizes e Bases, de 12 de dezembro de 1961, tomando como modelo o ensino público do nível primário ao nível universitário, incluindo as propostas da UNE de extinção da cátedra vitalícia, da democratização do acesso ao ensino e da participação do estudante nos colegiados. Finalmente se voltava para a reforma tributária, vinculando os impostos à distribuição de renda.

A partir de junho, João Goulart realizou gradativamente a renovação dos ministérios, com exceção de Celso Monteiro Furtado no Ministério do Planejamento e Nei Neves Galvão no Comércio Exterior, que acumulou inclusive a pasta da Fazenda em 21/12. Destacaram-se Abelardo de Araújo Jurema do PSD na Justiça e Negócios Interiores, Carlos Alberto Carvalho Pinto da UDN na Fazenda e Darcy Ribeiro na Casa Civil, que foi substituído no Ministério de Educação e Cultura, primeiro por Paulo Tarso dos Santos, indicado pela UNE e depois Júlio Furquim Sambaqui, quem desenvolveu principalmente as caravanas de cultura de Pascoal Carlos Magno e o programa de alfabetização de Paulo Freire.

Os EUA desde da posse de Jango tiveram no embaixador Lincoln Gordon o foco das articulações conspiratórias. Primeiro estimulou as doações à rede IBAD-IPES. Depois recomendou o FMI não reescalonar as

dívidas externas brasileiras, concedendo apenas créditos aos aliados dos governos estaduais. Seu adido militar coronel Vemom Walters, agente da Defense Intelligence Agency – DIA, do Pentágono, manteve um convívio diário com o chefe do Estado - Maior do Exército, general Castelo Branco, que liderava a ESG, desde 1963.

Após a morte de J. F. Kennedy em 22/11/1963, com o sucessor Lyndon Johnson, o governo norte-americano adotou para América Latina a “Doutrina Mann”, promovendo a instalação de ditaduras militares antinacionalistas, priorizando o caso brasileiro com o plano denominado “Operação Brother Sam”, que previa o deslocamento de quatro petroleiros e uma força naval com porta-aviões Forrestal.

Nos cursos anuais oferecidos da ESG para oficiais a partir de tenente - coronel e civis convidados, no Rio de Janeiro, difundiu-se a doutrina antiesquerdista e pró-intervenção militar, que depois do golpe sustentou a ideologia da “Segurança Nacional”. Os generais Ernesto Geisel, Cordeiro de Farias, Golbery do Couto e Silva, Castelo Branco, apelidados de “sorbonne”, detinham o controle institucional, gestando o movimento militar articulado aos generais considerados de “linha dura”, Costa e Silva, Sizen Sarmento e Muniz Aragão. A *War Colleges* dos EUA modelou a ESG de 1948 a 1960, mantendo até os anos 70 uma oficial de ligação.

A crise institucional agravou-se no dia 12 de setembro de 1963 com o levante no Distrito Federal de 600 cabos, sargento e sub-oficiais da Aeronáutica e da Marinha, liderados por Antônio de Prestes Paula, em

resposta ao parecer do Supremo Tribunal Federal - STF, negando a elegibilidade de dois militares -deputados pelo PTB na última eleição, Aimoré Zoch Cavalheiro e Edgar Nogueira Borges, que ocuparam os prédios públicos, inclusive o Ministério da Marinha, detendo o Ministro do STF Vítor Nunes Leal. Derrotados pelo Exército foram presos, mas só julgados após o golpe militar de 1964, com 19 condenados.

Em 4 de outubro, Jango, a pedido dos assessores militares, solicitou ao Congresso a decretação do Estado de Sítio por 30 dias, sendo negado. Até a CGT ficou contrária, declarando greve nacional dos bancários, com 700 mil em São Paulo.

Acossado, no primeiro trimestre de 1964, Jango resolveu radicalizar, evitando mediações e tomando sucessivas medidas reformistas. Para isso programou uma série de comícios em busca do apoio popular, que culminariam no dia 1º maio, com a expectativa de 1 milhão de trabalhadores.

O primeiro ato público desencadeado foi o Comício da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, no dia 13 de março. A massa trabalhadora esteve presente ao lado da CGT, UNE, FPN e MMP, assistindo os discursos de Leonel Brizola, de José Serra (presidente da UNE desde julho, ligado a AP) de Miguel Arraes e de João Goulart, que anunciou os decretos da reforma agrária, da encampação das refinarias petrolíferas privadas e do tabelamento dos imóveis vazios.

A Igreja Católica aliou-se a proposta de enfrentamento ao governo de Goulart, promovendo no dia 19 de março de 1964 a marcha "Com Deus pela

Liberdade”, em São Paulo, apoiada pelo deputado do PSD Antonio Silva da Cunha e pelo governador Adhemar de Barros, com a colaboração da CAMDE, UCF e da Sociedade Brasileira Ruralista - SBR, na presença predominante da “classe média”, retrucando o que ficou convencionado de “Comício das Reformas”.

O ato comemorativo do 2º ano da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais realizado pelos praças da Marinha de Guerra, do dia 25 de março, no sindicato dos metalúrgicos, sob o comando do infiltrado cabo José Anselmo dos Santos, referendou o “Comício da Reformas”, incluindo as reivindicações dos associados.

A entidade era considerada ilegal pelo Comando Militar, o que caracterizava a comemoração como insubordinação, agravada pela adesão ideológica na luta reformista. O Ministro da Marinha Sílvio Mota solicitou intervenção dos fuzileiros, que se negaram a reprimir o encontro com apoio do vice – almirante nacionalista Cândido Aragão e do Presidente da República. No dia seguinte, Jango anistiou os participantes aprisionados e nomeou no lugar de Sílvio Motta demitido, o almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues. O Clube Naval, base conspiratória desde JK, revoltado com a quebra de hierarquia militar pressionou o general Castelo Branco encaminhar a deposição do Presidente da Republica para o dia o 2 de abril, considerando que desde o dia 20, em “Circular Reservada“ aos oficiais, o Chefe do Estado - Maior do Exército indicara a ruptura.

João Goulart buscou sensibilizar a adesão dos sargentos da Polícia Militar – PM, no Comício do Automóvel Clube, no Rio de Janeiro, no dia 30 de março, mas na madrugada começou o golpe. Em 31 de março, a 4ª Região Militar comandada pelo general Olímpio Mourão Filho e a PM, vindos de Juiz de Fora, com o apoio do governador Magalhães Pinto e dos generais Muricy e Luís Guedes, avançaram com suas tropas até a Guanabara, deflagrando o movimento militar, recebendo a adesão de São Paulo e dos outros Estados, até chegar em Brasília, Pernambuco e Rio Grande do Sul, conseguindo a queda do governo, através de três operações: Popeye - deslocamento das tropas; Gaiola - prisão dos líderes políticos, estudantis e sindicais e Silêncio - controle da mídia.

No dia 1º de abril, João Goulart recusou-se a renunciar, mas restrito à resistência do comandante do 3º Exército general Ladário Pereira Teles aliado de Brizola, com Arraes preso em Pernambuco, a UNE incendiada e saqueada, inclusive o acervo do Centro Popular de Cultura – CPC destruído, os sindicatos grevistas e as ligas camponesas desbaratados e as *Rádios Mairynk Veiga* e *Nacional* interditadas, negou-se ao “derramamento de sangue”, pedindo exílio no Uruguai, onde desembarcou em 4 de abril.

Mesmo diante dessa crise institucional o governo de Jango defendeu o nacionalismo econômico, fazendo a reforma tributária favorável às empresas brasileiras e adotando o dirigismo estatal na energia nuclear e na exploração dos minérios, revisando as concessões das jazidas minerais aos estrangeiros. Criou a ELETROBRÁS e eliminou o domínio em nosso

mercado da Esso e da Shell, taxando os óleos lubrificantes vendidos por empresas estrangeiras e outorgando à Petrobrás o monopólio das importações de petróleo.

Fixou os preços mínimos para a agricultura e instituiu o Fundo Federal Agropecuário, a Superintendência de Política Agrária, o Conselho de Reforma Agrária e o Conselho Nacional de Abastecimento.

Estabeleceu o Plano Nacional da Educação, na gestão do Ministro de Educação e Cultura Darci Ribeiro, ampliando a dimensão e abrangência da rede pública de ensino e obrigando também as empresas com mais de 100 empregados a proporcionarem o ensino elementar aos seus empregados.

Garantiu o distributivismo social, estendendo os benefícios da Previdência Social aos trabalhadores rurais e o 13º salário ao servidor público.

No futebol editou duas leis em março de 1964, protegendo o jogador na negociação do seu passe pelo clube, ao conceder-lhe o direito de escolha e de recebimento de 15% no valor negociado.

Jango também teve um período de conquistas esportivas. O Brasil foi bicampeão mundial de futebol no Chile e de basquete masculino no Rio de Janeiro, em 1962. Conquistou no Pan-Americano de São Paulo, em maio de 1963 as medalhas de ouro no voleibol masculino e feminino, no iatismo, no pólo aquático e no tênis masculino de dupla. Houve o retorno com título de Maria Ester Bueno e o “galo de ouro” Eder Jofre sagrou-se supercampeão ao nocautear o irlandês John Caldwell.



### 3.2.6-Taça de amarguras – Inglaterra 66

Dois anos após a instalação da Ditadura Militar no Brasil, entre 11 a 30 de julho de 1966, foi realizada a VIII Copa do Mundo. A escolha da Inglaterra para sediá-la, deu-se no Congresso da FIFA em 1960, durante os Jogos Olímpicos de Roma. O Brasil buscava a posse definitiva da Taça Jules Rimet, caso fosse tricampeão.

Inscreveram-se 71 países, que deveriam buscar a classificação segundo uma nova distribuição de vagas: 10 para Europa, 4 para América do Sul, 1 para as Américas do Norte e Central e 1 para os continentes África, Ásia e Oceania. Os países africanos rejeitaram a divisão e não participaram das eliminatórias, sendo que dessas 16 vagas duas já estavam ocupadas automaticamente: a sede Inglaterra e o bicampeão Brasil. Formaram-se as seguintes chaves: grupo 1- Uruguai, França, Inglaterra e México; grupo 2- Argentina, Espanha, Alemanha Ocidental e Suíça; grupo 3- Brasil, Portugal, Hungria e Bulgária; grupo 4- Chile, Itália, URSS e Coréia do Norte.

Os editores do livro de Carlos Drummond de Andrade selecionaram oito crônicas escritas em 1966, incluindo *O importuno* e *Jogo à distância*, já abordadas no tópico anterior sobre torcida, e uma crônica produzida em 1969. A Copa foi titulada como “Taça das Amarguras”, uma expressão do autor *Em cinza e em verde*, acrescido de um fragmento baseado na dúvida questionadora da poética drummondiana: “Se perdemos em Londres a

crista de bicampeões mundiais de futebol... a pergunta surge infalível: - E agora, José?"<sup>49</sup>

No dia 20 de março a imprensa inglesa noticiou o furto da Taça Jules Rimet, que estava em exposição na biblioteca do Westminster Center Hall, levando Drummond escrever no *Correio da Manhã*, no dia 24, *Voz geral*.

Andei checando a reação de uns e outros ao furto da Taça (...)  
Volto com a impressão (...) que o gatuno operou em cada residência do bairro: o troféu era um bem de todos (...). Na portaria, Severino manifesta de saída sua descrença na tradicional proibidade britânica...

Vinha chegando o faxineiro, indignado:

- Também pra que o Havelange deixou a bichinha sair daqui...

O carteiro estava triste. Não acredita que a taça reapareça nunca mais (...) uma hora dessas está convertida em barrinha de ouro, feito barra de chocolate(...)

Na esquina, o chicaboneiro entende que esse furto, destinado a abater o nosso moral, é o primeiro de uma série já programada(...)

E o trocador do elétrico (...) Percebi que sua aspiração era transformar o carro em jato (...) e voar para Londres, a fim de cuidar pessoalmente do caso.

Nisto coincide com o meu vizinho de banco, que não leva sério a Scotland Yard(...)

De um modo geral, todas as nações concorrentes à Copa do Mundo estão comprometidas<sup>50</sup>

Oito dias depois, a Taça foi recuperada. Segundo a versão policial, um cachorro malhado com o nome de Pickles foi quem encontrou, quando farejava o lixo londrino. Seu proprietário, um funcionário da companhia de eletricidade, recebeu de recompensa 5 mil libras. O novo fato sustentou ainda mais a suposição de tudo estar ligado a uma campanha promocional do evento. Tal suposição Drummond fez presente ao introduzir a fala do personagem João Brandão em *Voz Geral*:

Ao ler a descrição de certos traços físicos do suposto ladrão - alto, cabelos negros, olhos escuros, lábios finos, pequena cicatriz no queixo – palpitou: -Tudo isso não será molecagem de Fernando Sabino para 'gozar' o Armando Nogueira e o Paulinho Mendes Campos.<sup>51</sup>

A novidade veio mesmo com a classificação de Portugal, eliminando a vice-campeã da copa anterior Tchecoslováquia, sob o comando do brasileiro Oto Glória, que reuniu uma seleção composta de portugueses e negros das colônias africanas, cuja estrela do time e da Copa foi moçambicano Eusébio da Silva Ferreira – o “Pantera ou Pérola Negra”, artilheiro do torneio com 9 gols.

A estreante seleção portuguesa venceu o grupo 3 e chegou até a decisão do terceiro lugar, perdendo apenas na semifinal para a futura campeã Inglaterra, totalizando 5 vitórias em 6 jogos: 3X1 na Hungria, 3x0 na Bulgária, 3X1 no Brasil, 5X3 na Coreia do Norte, 1X2 na Inglaterra e 2X1 na URSS..

Outra surpresa esteve na presença da Coreia do Norte como representante asiático, juntando-se à URSS e Hungria no bloco comunista. A Coreia do Norte eliminou a Itália no grupo 4 e quase surpreendeu Portugal nas quartas de final, com 3X0 na primeira metade do primeiro tempo. Ao correr mais que a bola, os coreanos apresentaram de forma incipiente a velocidade, principal fundamento do “futebol-força”.

A Copa de 1966 apresentou o início do “futebol-força”, as arbitragens comprometidas com as principais seleções europeias e o critério

tendencioso da organização inglesa favorecendo-se em diversos aspectos na obtenção do título inédito.

O “futebol-força” teve origem na escola européia, que procurou neutralizar a escola sul-americana em vantagem nos títulos. Significa a supremacia do preparo físico na formação do jogador, para atuar com velocidade e cumprir intensa marcação ao adversário. Os jogadores passam a ter múltiplas funções durante a partida, supervalorizando os atletas integrados ao jogo coletivo. Essa equipe compacta sustenta-se de jogadas planejadas e ensaiadas, servindo-se ainda do vigor na disputa de cada jogada para combater às habilidades técnicas do craque e assim reduzir seu virtuosismo individual.

As seleções finalistas da 8ª Copa Portugal, URSS, Alemanha e Inglaterra sustentavam-se no “futebol-força”, sem ainda excluir os seus principais jogadores de qualidade, que inclusive brilharam nessa competição e na seguinte, caso dos alemães e dos ingleses.

A Inglaterra conseguiu ser mais organizada e eficaz, com 5 vitórias em 6 jogos – 2x0 no México e na França, 1X0 na Argentina, 2X1 em Portugal e 4X2 na Alemanha Ocidental, empatando a primeira partida contra o Uruguai por 0X0. No tempo regular da decisão contra a Alemanha houve o empate de 2X2 e na prorrogação os ingleses venceram de 2X0. O jogo final teve erros decisivos da arbitragem suíça de Gottfried Dienst, principalmente o primeiro gol inglês de Hurst na prorrogação, sem que bola tivesse ultrapassado a última linha.

As seleções finalistas tiveram ajuda das péssimas atuações dos árbitros europeus durante seus jogos nas quartas de final contra os adversários sul-americanos.

O árbitro alemão Rudolfo Kreitkein favoreceu a Inglaterra contra a Argentina, expulsando o capitão argentino, meio-campista Ubaldo Antonio Rattín, por não compreender o seu idioma e vê-lo gesticular intensamente solicitando um interprete. Após a expulsão a Inglaterra conseguiu 1X0, em uma partida sem ofensividade.

No outro jogo, Alemanha e Uruguai, o árbitro inglês James Finney, no primeiro tempo, antes do primeiro gol alemão, não deu o pênalti do defensor alemão Schenellinger, que colocou a mão na bola após a cabeçada do ponta-de-lança uruguaio Pedro Rocha em direção a sua rede desguarnecida. No segundo tempo, expulsou os uruguaios Troche e Hector Silva por jogadas violentas, embora não coibiu nenhuma das muitas e perigosas praticadas pelos alemães, que com mais jogadores em campo construíram uma goleada de 4X0.

A Alemanha Ocidental chegou ao vice-campeonato com quatro vitórias - 5X0 na Suíça, 2X1 na Espanha, 4X0 no Uruguai e 2X1 na URSS, um empate de 0X0 com a Argentina e uma derrota na decisão contra a Inglaterra. Foram escolhidos como melhores da Copa o zagueiro Horst Hottges e os meio-campistas Helmut Haller e Franz Beckenbauer

A Inglaterra pela primeira vez apostou na Copa do Mundo. Foram três anos na organização do evento e na preparação de sua equipe. Como

fundadora do futebol moderno e mais ligada em dois tipos de competição: uma interna ao Reino Unido e outra externa nas Olimpíadas, só ingressou na Copa do Mundo em 1950, ficando na 8ª colocação. A partir daí, participou de forma contínua e decisiva, ocupando a presidência da FIFA desde 1956.

Para sua Copa, o comando técnico da seleção coube a Alf Ramsey, ex-lateral-direito da seleção inglesa na Copa brasileira de 1950, substituindo Walter Winterbotton de forma inovadora, convocando os jogadores, sem a escolha da Comissão de Dirigentes Consagrados, conforme a tradição. Seus principais jogadores para os jornalistas da Copa foram o goleiro Gordon Banks, o zagueiro Bobby Moore, o meia-armador Bobby Charlton e o atacante Ball.

Na organização do evento, os ingleses optaram por estádios com capacidade superior a 50 mil espectadores, exigindo jogar apenas na capital londrina, no Wembley Stadium, para 100 mil compatriotas, sem se deslocar, ao contrário dos concorrentes. O Brasil bicampeão, cabeça do grupo 3, localizou-se na cidade de Liverpool, em plena “era Beatles”. Pela primeira vez, via satélite o campeonato foi transmitido ao vivo para alguns países, embora o rádio continuava a ser a opção brasileira, com o vídeo-taípe dois dias depois.

Dos 4 grupos, mais uma vez o Brasil ficou no mais difícil, atuando contra o vigoroso selecionado búlgaro, a renovada equipe húngara e a habilidosa equipe portuguesa baseada no Sporting Lisboa e Benfica.

A desclassificação brasileira nas oitavas de final (2X0 Bulgária, 1X3 Hungria e 1X3 Portugal), terminando na 11ª colocação, teve vários fatores: a dificuldade encontrada diante do “futebol força”, a má arbitragem conivente com as jogadas faltosas e violentas, a desorganização da CBD favorecendo a interferência política no processo de convocação e de formação da equipe em fase de transição de gerações e o contexto interno da ditadura militar intervindo em todas as instituições.

Em carta ao neto Carlos Manoel, em 06/06/65, Drummond comenta os primeiros amistosos do ano, de forma otimista, sublinhando Pelé e Garrincha. Outra carta, ao outro neto Luís Maurício, em 20/06/65, completa seus comentários:

Você me pergunta pelo futebol brasileiro (...) depois de vencer a Bélgica e a Alemanha, e empatado com a Argentina, ganhou na Argélia um primeiro jogo e não pode disputar o segundo porque estourou lá uma revolução (...) nesse primeiro e único jogo (...) não valeu como preparação (...) O que parece ter sido útil para nós foi o estilo argentino de ferrolho (...) Mas sempre se dará um jeito (...) quando Pelé e Garrincha estiverem no campo.<sup>52</sup>

A dupla mais qualificada do futebol profissional mundial até hoje, que fez triunfar de vez o “futebol-arte”, encontraria problemas pela frente, não só pelo defensivismo tático dos adversários. Os obstáculos advinham de impasses internos à estrutura organizacional do futebol brasileiro e das questões pessoais.

Pelé tornou-se o jogador mais visado após tantas conquistas e exibições inesquecíveis desde 1958. De um lado, o Santos. F.C. recebia

convites de excursões com amistosos e jogos de espetáculos por todos os continentes, mas tendo nos contratos a exigência de Pelé no gramado para a obtenção de uma cota especial ou até mesmo para a realização da partida.

Do outro lado, cada jogo era uma batalha, enfrentando muitos marcadores implacáveis e desleais, facilitados por árbitros “sopradores de apito” conforme dizia ex-juiz e comentarista de arbitragem Mario Vianna, sempre comprometidos ou interessados de uma carona na fama do “Rei”.

Ele e seu clube competiam concomitantemente campeonatos e torneios local, regional, nacional e internacional, batendo os recordes em partidas disputadas anualmente, o que levou o jogador saturar seu estado atlético aos 25 anos.

Além disso, Pelé passou a ter problemas com seu empresário Pepe, o gordo, prejudicando-se em seus negócios.

Mesmo já estando preparado para o combate contra os “botinudos”, Pelé temia ficar machucado em outra Copa, o que se confirmou nas duas partidas que disputou. Caçado pelos búlgaros, não pode jogar contra a Hungria e massacrado pelos portugueses, ficou fazendo número na ponta-esquerda.

Rui Castro em *Estrela solitária. Um brasileiro chamado Garrincha* descreveu as dificuldades na trilha de Mané, que se iniciaram no apogeu de sua carreira:



O natal de 1962 foi o último de Garrincha em Pau Grande com Nair e as filhas, mesmo assim, Garrincha só o passou em família por insistência de Elza...

O Botafogo partiria no dia 11 de janeiro para a habitual excursão de Carnaval pela América do Sul. Garrincha ficara vinte dias sem ir ao clube. Quando se apresentou para a excursão, o médico Lídio Toledo examinou-o e concluiu que ele não tinha condições de viajar(...)

Garrincha embarcou no dia 11 de janeiro sem ter sequer o problema do salário resolvido. Queria que seu contrato de três anos, dos quais já cumprira um, fosse refeito. Renato Estelita, novamente diretor de futebol do clube, prometeu-lhe que tudo se resolveria na volta da excursão(...)

O Botafogo mal descera no Galeão e já começara a disputar o torneio Rio - São Paulo. Garrincha estava em tratamento, fora do time, como de praxe nesses casos, recebia o *bicho* integral pelas vitórias ou empates. Só que, sem ele, o Botafogo não estava ganhando(...)

Garrincha foi ao Botafogo cobrar de Renato Estelita (...) sugeriu que o Botafogo rescindisse o seu contrato ou que o vendesse para os clubes italianos(...)

Garrincha ficou decepcionado (...) não voltou.<sup>53</sup>

Sobre a lesão de Garrincha, o jornalista esclareceu:

Garrincha tinha artrose do joelho - um desgaste da articulação entre o fêmur e a tibia, uma espécie de cárie (...) estava evoluindo depressa demais por sua deformidade congênita nas pernas...

Lesados, os meniscos tornam-se um corpo estranho: inflamam, provocam uma superprodução de líquido sinovial e formam o popular "joelho d'água."<sup>54</sup>

Desde 1963, Garrincha lutou contra o inchaço e a dor no joelho direito, evitando ao máximo fazer a cirurgia. No dia 29 de setembro de 1964, no Hospital da Cruz Vermelha, por sua escolha, o ortopedista Mário Marques Tourinho do América F.C. extraiu os seus meniscos. O banqueiro José Luiz Magalhães Lins pagou a cirurgia, mantendo assim a função mediadora nas negociações contratuais do jogador com o Botafogo F.R., que se negara a

pagar pela atitude independente de Garrincha. Já havia uma relação desgastada entre o craque e a cartolagem do clube.

Com a separação conjugal de Garrincha e Nair, assumida em janeiro de 1963, os dirigentes botafoguenses alimentaram a cruzada moralista da mídia, vingando-se do jogador. Esse foco encurralou a nova companheira, a cantora Elza Soares, alimentando hostilidades, que trouxeram perseguições e perdas trágicas, no momento em que ela crescia na carreira musical. O que se escondeu como verdadeira ilusão, foi o alcoolismo driblando Mané, de maneira irreversível e precipitando o seu declínio.

A crise abrandou-se em 14 de janeiro de 1966, quando Wadih Helu, presidente do S.C. Corinthians Paulista, sem títulos há 12 anos, comprou o passe desvalorizado do craque por 220 milhões de cruzeiros (100 mil dólares), para um contrato de dois anos. Imediatamente, João Havelange garantiu o carimbo em seu passaporte para Liverpool, pois não abria mão da participação do principal jogador do bicampeonato.

Na Copa atuou duas partidas seguidas, o que foi condenável, obtendo a vitória de 2X0 na Bulgária com um gol e outro de Pelé, ambos de falta e a derrota 1X3 para a Hungria, com um gol anulado indevidamente, desfechando sua participação na seleção brasileira com essa única derrota, mas sem perder ao lado de Pelé.

Na carta a Carlos Manoel em 13/07/66, após o primeiro jogo, Drummond manteve a esperança.

Estou lhe escrevendo sob a agradável impressão da estréia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo (...) a vitória obtida, modesta mas confortadora, permite esperanças de atuação eficiente nas outras partidas. Isto se as outras seleções não aleijarem nosso pessoal, pois parece que a ordem é baixar o sarrafo.<sup>55</sup>

Na correspondência do dia 17/07/66 com a filha Maria Julieta o cronista não escondeu a desilusão com a participação brasileira na Copa inglesa e indagou sobre as mudanças políticas na Argentina:

Foi uma grande alegria ter esse punhado de notícias, depois de tantos dias sem saber afinal como vocês tinham passado na fase de mudança de governo (...) a gente queria a confirmação de que os Grañas foram poupados de qualquer chateação e tinham encarado os fatos com a dose máxima de espírito filosófico – o mesmo espírito que vejo o Brasil se despedir da Copa do Mundo com um futebol avacalhado.<sup>56</sup>

Em 21/08/66 respondendo ao neto Carlos Manoel sobre os nossos pensamentos após a desclassificação brasileira na primeira fase, demonstrou irritação com o ambiente esportivo, que primeiro só se preocupou em acusar a CBD e a Comissão de Arbitragem da FIFA, acrescentando as desculpas do jogo violento europeu, mas depois interiorizou a nova lógica do futebol europeu vencedor. Drummond não perdoou nem o Vasco:

Aqui ninguém se entende mais em futebol. Os técnicos voltaram cheios de idéias de reforma de métodos e processo, e o primeiro resultado foi que o meu ex-querido Vasco da Gama acreditou e já entrou pelo cano na disputa da Taça Guanabara: ele levou os jogadores para a praia de Ipanema, onde começaram a correr como coelhos na areia, achando que a bossa agora é correr muito, e vou... te contar.<sup>57</sup>

A preparação da seleção canarinho a caminho do tricampeonato transcorreu em ambientes festivos e com uma organização confusa. Vicente Feola retornou a função de treinador, já contando com a colaboração de Paulo Amaral que deixara de ser preparador físico, passando a função para o professor de judô Rudolf Hermann. Paulo Machado de Carvalho, rompido com João Havelange, foi substituído pelo próprio presidente no comando da delegação. Feola convocou 46 jogadores, incluindo Amarildo vindo do Milan A.C. da Itália, respeitando cada pedido dos principais dirigentes de clubes e federações.

Havia uma mistura de gerações. Acima de trinta anos estavam os bicampeões Gilmar, Bellini, Orlando, Altair, Zito, Dino Sani, Amarildo, Garrincha e Djalma Santos, o mais velho, com 37 anos e em sua 4ª Copa. Pelé completava a lista dos experientes com 25 anos. Em outra faixa etária estavam as revelações, destacando-se Edu, ponta-esquerda santista, com 16 anos, o mais novo até hoje a participar de uma copa, e os principais jogadores do momento, abaixo de vinte cinco anos, representantes dos principais clubes dos grandes centros.

No dia 03/04/66 Drummond publicou no *Correio da Manhã* o poema *A seleção*, enumerando os convocados em versos, fazendo rimas com seus nomes, clubes e características pessoais, incluindo o fato do cartunista Ziraldo associar-se a Carlos Leonam no desenho do personagem oficial, o Canário:

Vai Rildo, não Amarildo?  
Vão Pelé e, que bom Mané,  
O menino gaúcho Alcino  
e nosso veterano Dino,  
Altair, rima de Odair,  
ecoando na ponta: Ivair,  
e na quadra do gol: Valdir.  
Fábio, o que não poder faltar,  
e também não pode Gilmar.  
como, entre os santos dos santos,  
o patriarca Djalma Santos,  
sem esquecer o Djalma Dias  
e entre mil e uma noites, Dias.  
Mas se a Comissão não se zanga,  
quero ver, em Everton, Manga.  
É canhoto, e daí? Fefeu,  
quando chuta, nunca perdeu.  
A chance que lhe foi roubada,  
desta vez a tenha Parada.  
Paraná, invicto guerreiro  
para guerrear como aqui, lá.  
Olhando pro chão, Jairzinho  
e como joga legalzinho.  
Não abro mão de Nado e Zito,  
nem fique o Brito por não-dito.  
Ditão, é claro, por que não?  
E o mineiríssimo Tostão,  
O grande Silva, corintiana  
glória e mais o áspero Fontana,  
Dudu, Edu... e vou juntando  
bons nomes ao nome de Orlando,  
para chegar até Bellini  
em cujas mãos ataca tine.  
Célio, Servílio: suaves eles  
já completados por Fidelis.  
Edson, Denílson, Murilo,  
cada um com seu próprio estilo.  
Um lugar para Paulo Henrique  
enquanto digo a Flávio: fique!  
Com Paulo Borges bem na ponta  
Eu conto, e sei que você conta.  
Na lateral, Carlos Alberto  
estou certo que vai dar certo.  
Acham tampinha Ubirajara?  
Valor na se mede por vara.  
Até parece de encomenda:  
Leônidas, nome que é legenda.  
E se Gérson do Botafogo  
Entra em campo, ganha jogo.  
Não podia esquecer o Lima  
e o seu chute de muita estima.

Com tudo isso e mais Rinaldo  
 e o canarinho de Zivaldo,  
 quarenta e seis, se conto bem  
 - um time igual eu nunca vi  
 em Europa, França e Belém -  
 que barbada seria o Tri,  
 hein .<sup>58</sup>

Durante três meses de preparação nas cidades de Lambari e Caxambu em Minas Gerais, Teresópolis no Rio de Janeiro e Serra Negra em São Paulo, foram vários amistosos contra clubes brasileiros e seleções estrangeiras, alternando quatro equipes. A indefinição dos titulares e a seqüência de cortes, que só terminaram após a viagem para a Europa no dia 17 de junho, eliminando os últimos cinco jogadores durante os jogos amistosos na Espanha, na Escócia e na Suécia, provocaram sérios problemas de relacionamento e de configuração da equipe.

Drummond comentou o clima eufórico em *Concentração Nacional*, publicado no *Correio da Manhã* em 20/04/66:

De repente, o Brasil inteiro foi fazer estação de águas. Não sobrou ninguém nas outras partes do território nacional...  
 O caso é sério que (...) providenciamos uma passagem (...) mental e emocional, a fim de acompanhar de perto os treinos das equipes grená, verde, branca e azul. Mesmo de longe, estamos de olho no Feola e na bola, no joelho de Garrincha, no mocotó de Pelé, no tornozelo de Jairzinho, no fôlego heróico dos velhos, na garra dos novatos...  
 O general Costa e Silva me desculpe, mas no momento o que bole com a gente é (...) nossa esperança do chamado Brasil melhor. Brasil não só limpo de frustrações como estimulado a (...) criação de formas boa de existência coletiva.<sup>59</sup>

O golpe militar de 1964 trouxe rapidamente desilusão aos políticos reacionários mais influentes, que apoiaram a ruptura com ambições

personais. O senador golpista do PSD Auro de Moura Andrade alegou a vacância do governo de Goulart em 2 de abril para empossar novamente Ranieri Mazzilli na chefia do executivo federal, mesmo com a negação por escrito do Chefe da Casa Civil Darcy Ribeiro.

Com o Ato Institucional nº1, escrito por Francisco Campos e decretado em 9 de abril pelo “Comando Supremo da Revolução” composto pelo almirante Augusto Rademaker, pelo brigadeiro Correia e Melo e pelo general Artur da Costa e Silva (o comandante por antiguidade funcional) convocou-se o Congresso Nacional para eleger o Presidente da República em 48 horas. O AI-1 autorizou a cassação de mandatos e a perda dos direitos políticos por dez anos, suprimindo a estabilidade do funcionalismo público até 13 de janeiro de 1966.

O general Humberto de Alencar Castelo Branco como comandante da ESG, ocupou posições estratégicas para o golpe. Dirigiu o Departamento de Estudos da ESG, tornou-se general-de-exército em 1962, no comando do IV Exército, em Recife e em 1963 foi nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército, possibilitando-lhe a função de elo principal do Pentágono.

Foi eleito de forma indireta, por um Congresso descaracterizado, no dia 11 de abril, com 361 votos a favor, 72 abstenções, 37 ausências e 5 votos contra, ficando como vice José Maria Alckmin, do PSD, na crença de um mandato até 20 de janeiro de 1966.

Em 90 dias, a operação Limpeza cassou os mandatos dos três últimos presidentes eleitos - Juscelino, Jânio e o Goulart, do governador de

Pernambuco Miguel Arraes, do deputado federal da GB e ex-governador do RGS Leonel Brizola, dos ministros Celso Furtado, Abelardo Jurema, Almino Afonso, Darci Ribeiro e Paulo de Tarso, do embaixador Josué de Castro, do desembargador Osni Duarte Pereira, do presidente da SUPRA João Pinheiro Neto, do presidente da PETROBRÁS marechal Osvaldo Ferreira Alves, do secretário-geral do PCB Luiz Carlos Prestes, do jornalista e proprietário do jornal *Ultima Hora* Samuel Wainer, dos líderes sindicais Clodsmith Riani, Dante Pallacani, Hercules Correia, Osvaldo Pacheco e Roberto Morena, do reitor da UnB Darei Ribeiro, do assessor de imprensa da presidência Goulart Raul Riff, de 55 congressistas, na maioria do PTB, totalizando 441 cassações de políticos, intelectuais, sindicalistas, diplomatas e oficiais, incluindo os generais-de-brigada Argemiro de Assis Brasil, chefe do gabinete militar Luís Tavares da Cunha Melo, general e historiador do ISEB Néelson Werneck Sodré e os almirantes Cândido de Aragão e Pedro Paulo de Araújo Suzano, fazendo ainda inúmeras prisões, que causaram as primeiras mortes por torturas, indiciando 750 estudantes e demitindo ou aposentando de forma compulsória 2985 funcionários civis (inclusive diplomatas) e 2757 militares.

O Departamento de Defesa dos EUA –Pentágono germinou o conceito de Segurança Nacional, a partir de 1960, visando combater o avanço das fronteiras comunistas nos continentes. Na América Latina foram implantadas ditaduras militares até 1977 e só quando Jimmy Carter do



Partido Democrático passou a ocupar a presidência norte-americana, que a política externa transformou-se em prol da defesa dos Direitos Humanos.

A doutrina intervencionista praticou ações conjuntas com os novos governos militares, inclusive com a participação dos brasileiros na implantação de ditaduras militares em São Domingos em 1965 e no Chile em 1973. Mais tarde, os mesmos governos militares sul-americanos formaram um bloco articulado na perseguição e na eliminação dos líderes políticos exilados de cada país, que se denominou operação Condor.

Desde 1947, o PCB teve cassado o seu registro pelo Tribunal Superior Eleitoral – TSE, embora nos governos de JK e Jango obteve uma semilegalidade, atuando acentuadamente na esfera sindical e estudantil e respaldando principalmente as Reformas de Base.

No 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética - PCUS, em 1956, deu-se a cisão do movimento comunista mundial e com a Declaração de Março aprovada pelo Secretário-Geral Luiz Carlos Prestes, em 1958, o PCB manteve-se alinhado a via oficial soviética, de Nikita Krushev, que primava pela coexistência pacífica. Em 1960, no 5º Congresso, o PCB referendou a nova linha e afastou 1/3 do Comitê Central, alterando o nome para Partido Comunista Brasileiro, mantendo a sigla PCB.

Em 18 de fevereiro de 1962, os dissidentes liderados por Diógenes Arruda Câmara, ex-deputado João Amazonas, Pedro Pomar, Maurício Grabois, Elza Monnerat, Lincoln Oest e Carlos Danieli, restauraram o nome Partido Comunista do Brasil com a nova sigla PCdoB, retomando a proposta

revolucionária da fundação em 1922 e seu canal jornalístico *Classe Operária*, apoiando a crítica chinesa ao revisionismo soviético.

Influências soviética, chinesa e cubana somaram-se às outras tendências marxistas, dividindo ainda mais o PCB, principalmente após o golpe militar, enquanto que o PCdoB articulou novas alianças com incorporações gradativas durante o regime ditatorial. O primeiro passo ocorreu com o movimento de esquerda da Ação Popular - AP, nascido na Juventude Universitária Católica, sob a liderança de Herbert de Souza.

O general-presidente Castelo Branco criou o Serviço Nacional de Informação - SNI, em 13 de junho, sob comando do general Golbery do Couto e Silva, com finalidade de coordenar as atividades de informação e contra-informação referentes aos ministérios, serviços estatais e entidades paraestatais, sempre visando a Segurança Nacional. O novo órgão substituiu a Serviço Federal de Informações e Contra-Informações – SFICI - implantado em 1946.

O SNI estava estruturado em agências central e regional, com chefe de serviço e gabinete, tendo seu comandante o status de Ministro de Estado com aprovação do Senado. Era composto de civis e militares e desde 1971 com a criação da Escola Nacional de Informação –ESNI, formaram-se chefes, analistas, agentes de informação do nível médio ao nível superior, preparando alguns como especialistas em movimentos sindicais, estudantis e religiosos.

O SNI cadastrou milhares de cidadãos, emitindo inúmeros atestados ideológicos. Planejou de forma estratégica a informação do Estado, redirecionando intervenções e selecionando as contratações de pessoal para o serviço público.

Nos sindicatos ascenderam os dirigentes pelegos e antigos aliados oriundos principalmente do Movimento Sindical Democrático – MSD, de Antonio Magaldi, tais como os metalúrgicos Bernardo Testa em São Paulo, Joaquim dos Santos Andrade em Guarulhos e depois São Paulo, Clemiltre Guedes da Silva em São Bernardo e Ari Campista na CNTI.

O Governo de Castelo Branco ocupou as Faculdades de Filosofia da Universidade do Brasil - UFRJ e da Universidade São Paulo - USP, demitindo intelectuais Oscar Niemeyer, Anísio Teixeira e Paulo Freire, com a PM invadindo os alojamentos estudantis, que responderam com a passeata de mil estudantes grevistas na avenida Angélica. No ano seguinte, invadiu a Universidade de Brasília - Unb, prendendo 210 professores universitários.

No primeiro dia o golpe militar havia fechado a UNE e a UBES e com Castelo Branco empossado ficaram proibidos os Centros Acadêmicos – CAs, sendo substituídos por Diretórios Centrais dos Estudantes – DCEs, o que não impediu a rearticulação de entidades estudantis clandestinas ( Ação Popular - AP e PCdoB mantiveram alguns CAs) e oficiais (PCB dominou alguns DAs), inclusive se realizando em julho de 1965 o 27º Congresso da UNE, elegendo Antônio Xavier.

A repressão da mídia começou com 1500 jornalistas demitidos, além de perseguições e prisões de vários artistas, destacando-se Herivelto Martins, Mário Lago, Jorge Goulart, Wanda Lacerda, Dias Gomes, Nora Ney, Oduvaldo Viana, Paulo Gracindo e Jorge Veiga.

Ao pregar um regime transitório, Castelo Branco permitiu as eleições de 1965, perdidas para a oposição em Santa Catarina - SC, Rio Grande do Norte - RN, Mato Grosso - MT, Guanabara - GB e Minas Gerais - MG, embora com a Emenda Constitucional nº 9, de 22 de julho de 1964, teve seu mandato prorrogado por 14 meses, afastando-se dos antigos aliados, os governadores Carlos Lacerda e Magalhães Pinto e o Ministro da Justiça Milton Campos, que se demitiu.

A “linha dura” do Exército brasileiro, liderada pelo Ministro da Guerra, general Costa e Silva, era contra a transitoriedade do regime, desde o início pressionou o governo interventor a instaurar os Inquéritos Policiais - Militares – IPMs, em seguida a editar novos Atos e a banir uma nova lista de mais 5 mil civis e militares.

O regime de exceção veio passo a passo. Em 25/01/65 surgiu o Conselho Segurança Nacional – CSN e em 9/2/65 o Congresso sancionou a Lei da Imprensa.

Em 27 de outubro de 1965, o Ato Institucional nº2 foi decretado, entregando o comando das Forças Armadas para o Chefe de Governo, cuja eleição tornou-se de forma indireta e detendo amplos poderes: emissão de

atos complementares e decretos-leis, imposição do estado de sítio e intervenções nos legislativos federal, estaduais e municipais.

Foram extintos os 13 partidos políticos, surgindo o bipartidarismo com o MDB - Movimento Brasileiro Democrático, criado em 26/11 e a ARENA - Aliança Renovadora Nacional, em 27/12.

O número de vagas do Supremo Tribunal Federal – STF aumentou de 11 para 16, possibilitando o controle do principal órgão judiciário, assim como foi transferido para a Justiça Militar o julgamento dos civis acusados pelo CSN, cujo norteamto legal só se configurou com o decreto-lei 314, em 13/3/67, que estabeleceu a 1ª Lei de Segurança Nacional.

Drummond acompanhou o primeiro governo militar com os cortes secos de ironia. Em 03/04/66, no *Correio da Manhã*, publicou *Milagre da copa*:

Bulhões a Campos, fagueiro:  
-Enfim, domada a inflação!  
Valorizou-se o Cruzeiro  
E mais ainda o Tostão”.<sup>60</sup>

As medidas econômicas do governo de Castelo Branco anularam as Reformas de Base, substituindo-as pelo Plano de Ação Econômica do Governo – PAEG, baseado na “Aliança para o Progresso”. Estabeleceu o Banco Nacional de Habitação – BNH, em 19/6/64 e o Estatuto da Terra (Lei nº 4.504, de 1964), criando o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária -IBRA e o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário - INDA, em substituição à

SUPRA, que dissimularam como versão moderna e alinhada a obstrução de desapropriações urbana e rural.

Instalou a Empresa Brasileira de Telecomunicações - EMBRATEL em 16/9/65, que configurou a infra-estrutura do sistema de comunicação à distância. Desnacionalizou as explorações dos minérios e as refinarias de petróleo, eliminando principalmente a Lei de Remessa de Lucros.

Os economistas Roberto Campos e Otávio Gouveia de Bulhões, ocupantes das pastas de Planejamento e Fazenda, respectivamente, ligados aos EUA e à escola monetarista de Eugênio Gudín, aplicaram uma ortodoxa austeridade deflacionária, combatendo o déficit público, aumentando a lucratividade das estatais (gastos controlados, preços elevados e câmbio sintonizado) e praticando a indexação através das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional – ORTNS, que se estendeu até o mercado de capitais. O cruzeiro sofreu cinco desvalorizações. A SUMOC tornou-se Banco Central do Brasil, extinguindo-se as caixas de descontos.

Tal política econômica sustentou-se no arrocho salarial com aumentos anuais abaixo da inflação e na supressão da estabilidade de emprego para os trabalhadores com a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS, suporte do BNH, unificando também os benefícios previdenciários no Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, fontes de desvio de verbas e perdas da seguridade social.

Para a retomada do crescimento do PIB até 6,7%, as dívidas externas tiveram reescalonamento por parte dos bancos norte-americanos e do

“Clube de Haia” e novos empréstimos foram concedidos pelos EUA (US\$ 50 milhões) e FMI (US\$ 125 milhões). A United States Agency International for Development - USAID financiou o governo brasileiro de 1964 a 1967 em US\$ 488 milhões, ocorrendo concomitantemente investimentos externos em torno de US\$ 172 milhões, elevando assim o grau da dependência ao capital estrangeiro.

A moeda brasileira assistiu a queda inflacionária de 91,9% em 1964 para 38,3% em 1966, ainda acima do receituário norte-americano de 10% , cujo monitoramento interferiu o tempo todo na realização da maior concentração de renda de uma minoria e do desumano empobrecimento da maioria dos brasileiros.

Para Drummond o verdadeiro percurso da valorização encontrava-se a cada lance do pé esquerdo do jovem mineiro de 19 anos, Eduardo Gonçalves de Andrade, lançado pelo América Mineiro e comprado pelo Cruzeiro E.C., em 1966, por 1,5 milhão de cruzeiros antigos. Era conhecido como Tostão, desde os 6 anos, quando jogava pela Associação Esportiva dos Industriários, do Conjunto Habitacional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários – IAPI, superando os garotos de 10 anos, sendo comparado pelo tamanho à moeda de níquel.

O Cruzeiro E.C montou uma equipe vencedora de vários títulos e contribuindo com as seleções brasileiras de 1966 a 1970. Conquistou o campeonato estadual cinco vezes consecutiva, com o meia-esquerda Tostão artilheiro em cada conquista. A principal vitória de 1966 do time mineiro de

Tostão e Cia deu-se contra o Santos. F.C., de Pelé e Cia. obtendo o inédito troféu da Taça Brasil. Tostão participou da Copa de 1966, fazendo o único gol brasileiro contra a Hungria, mas só se consagrou na Copa seguinte, no México.

Retornando a crônica *Concentração Nacional*, já citada acima, pode-se compreender onde Drummond localiza a contribuição do futebol brasileiro diante do nosso contexto histórico:

A candidatura do general é fato secundário, em face das candidaturas (...) de tantos garotões a mostrar que jogam o fino e quando necessário, o duro (...) Fica-se melancólico porque na área política não ocorre a mesma floração de talentos jovens e capazes que caracteriza o futebol brasileiro. Mas que a melancolia vá pro inferno, com tudo mais .<sup>61</sup>

Em 4 de janeiro de 1966, o general Costa e Silva lançou sua candidatura presidencial e o Ato Institucional nº3, em 5/2, fixou o calendário eleitoral em 3/10, determinado também eleições indiretas no Colegiado Eleitoral para governadores e prefeitos das capitais.

A ARENA fez o segundo presidente militar com MDB não apresentando candidatura. O partido governista indicou a maioria dos governadores, elegeu 18 dos 22 senadores, 277 dos 409 deputados federais e 731 dos 1076 deputados estaduais, sendo apenas substituído pelo partido da oposição no Rio Grande do Sul - RS, Rio de Janeiro - RJ e na Guanabara – GB.



O general Artur da Costa e Silva, membro do Comando Supremo Revolucionário, depois Ministro da Guerra do governo de Castelo Branco, foi homologado pelo Congresso, por 329 votos de 361, no dia 3 de outubro de 1966, resultado da pressão da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército, que liderava.

Novas cassações de deputados federais ocorreram em 12/10, trazendo o recesso de um mês no Congresso, surgindo também uma nova articulação de Carlos Lacerda, devolvendo-lhe o tiro no pé que se dera agosto de 1954. Descontente com os militares iniciou sua última trama política, ao propor a “Frente Ampla” de oposição, em 28/10, em que buscou sensibilizar representantes do MDB, os últimos presidentes cassados, Adhemar de Barros, políticos liberais, estudantes e trabalhadores, com a proposta de eleições diretas, reforma partidária e institucional, desenvolvimento econômico e adoção de política externa soberana.

Carlos Lacerda desde o segundo governo de Getúlio Vargas aliou-se aos militares ligados aos EUA visando o golpe de Estado. Tentou impedir Juscelino Kubitschek tomar posse da presidência da república em 1956 junto aos grupos militares da Marinha e da Aeronáutica e foi principal opositor do Plano de Metas. Ajudou na eleição de Jânio Quadros em 1960, mas também lhe combateu durante os sete meses de governo federal. Com a renúncia de Jânio Quadros tentou o impedimento do vice-presidente João Goulart, adversário desde 1954 e representou o principal articulador de sua

derrubada pelas Forças Armadas. Sentiu-se traído pelo golpe militar ao suspender as eleições diretas para o poder executivo.

Juscelino Kubitschek pensando retornar em 1965 pediu o apoio do PSD para a indicação de Castelo Branco no comando presidencial do regime militar em 1964, elegendo inclusive na vice-presidência José Maria Alckmin, pois contava com a promessa de Castelo Branco em fazer a passagem da redemocratização. Castelo Branco havia chegado ao comando do IV Exército no governo de JK, a pedido de Negrão de Lima, o que não evitou a cassação do ex-presidente logo após a posse.

Em 15 de novembro de 1966, Lacerda e JK escreveram a Declaração de Lisboa, formulando uma aliança pacífica entre os adversários e visando estender a proposta para os outros presidentes do período democrático.

Em resposta, Castelo Branco editou o Ato Institucional nº4, encaminhando para a votação no Congresso em 33 dias uma Nova Carta Magna, que institucionalizava o regime militar, sendo um anteprojeto elaborado por quatro juristas e corrigido pelo Ministro da Justiça Carlos Medeiros Silva, contando como interlocutor dos congressistas Filinto Müller. Em 21 de janeiro de 1967 a Nova Carta foi promulgada, recebendo 274 emendas até a nossa última Constituição de 1988.

Distante da neblina inglesa e de volta ao calor carioca, a seleção derrotada recebeu uma homenagem especial do poeta em *Atletas*, publicado em 24/07/66, no *Correio da Manhã*. O poema fez sua ode às avessas, saudando os jogadores pela lição apreendida:

Hoje,  
 manuscritos picados em soluço,  
 chovem do terraço chuva de irrisão.  
 Mas eu, poeta da derrota, me levanto  
 sem revolta e sem pranto  
 para saudar os atletas vencidos.  
 Que importa hajam perdido?  
 Que importa o não-ter-sido?  
 Que me importa uma taça por três vezes,  
 se duas a provei para sentir,  
 coleante, no fundo, o malicioso  
 mercúrio de sua perda no futuro?  
 É preciso xingar o Gordo e o Magro?  
 E o médico e o treinador e o massagista?  
 Que vil tristeza...  
 Nem valia ter ganho  
 a esquiva Copa...  
 no jogo livre e sempre novo que se aprende...  
 qualquer dos que em Britânia conheceram  
 depois da hora radiosa  
 a hora dura do esporte,  
 sem a qual não há prêmio que conforte,  
 pois perder é tocar alguma coisa  
 mais além da vitória, é encontrar-se  
 naquele ponto onde começa tudo  
 a nascer do perdido, lentamente.  
 Canta, canta, canarinho...  
 Nem heróis argivos nem parias...  
 O dia-não completa o dia-sim  
 na perfeita medalha. Hoje completos  
 são os atletas que saúdo:  
 nas mãos vazias eles trazem tudo  
 que dobra a fortaleza da alma forte. <sup>62</sup>

O esquivo troféu não pode escravizar o pensamento com  
 ressentimentos e juízos. O próximo passo é o renascer no laboratório dos  
 erros e das surpresas, caminhando com mãos vazias e sem o calor do  
 sucesso, mas com a sombra fresca da esperança na reconstrução de um  
 novo triunfo. Tais versos servirão aos editores de roteiro para as legendas e  
 os títulos das Copas de 1978, 1982 e 1986, pontuando o significado de cada  
 uma.

Desde a posse do general Costa e Silva, em 15 de março, estava em vigor a Carta Constitucional de 1967, contendo os atos institucionais e complementares do regime ditatorial e o novo papel do poder executivo da União sobre as questões da segurança nacional e das finanças públicas, que retirou a autonomia econômica e tributária dos Estados e Municípios e garantiu o poder do decreto-lei presidencial sobre o Congresso Nacional.

Compondo seu ministeriado com 7 generais, 3 coronéis, 6 tecnocratas, o ex-reitor da USP Luís Antônio da Gama e Silva e os políticos Tarso Morais Dutra, Rondon Pacheco e José de Magalhães Pinto, o general-presidente Costa e Silva governou 17 meses debaixo de muita tensão social, amparando-se no comandante do SNI, general Emílio Garrastazu Médici e no Ministro da Fazenda, o economista Antonio Delfim Netto. Até 17 de outubro de 1969, foram editados 12 Atos Institucionais, 59 Atos Complementares e 20 decretos-leis, o que consolidou o regime.

A “Frente Ampla” realizou em 25 de setembro de 1967, no Uruguai o encontro de Lacerda, com Renato Archer – representando JK e Jango, pela intermediação do ex-Ministro da Saúde Wilson Fadul, mas encontrou uma barreira intransponível de outro exilado do PTB, Leonel Brizola. Mesmo assim a nova frente promoveu dois comícios, no mês de dezembro, em Santo André - SP e em abril do ano seguinte, em Maringá – PR, concentrando milhares de aliados, mas sendo extinta imediatamente, no dia 5 de abril, pelo Ministro da Justiça Gama e Silva.

Nos encontros clandestinos dos 28º e 29º Congressos da UNE, em 1966, em Belo Horizonte e 1967, em Vinhedo – SP, foram eleitos os presidentes José Luís Moreira Guedes e Luís Travassos, respectivamente, ambos da Ação Popular – AP.

O movimento operário e sindical tentou ressurgir com o Movimento Sindical Antiarrocho – MIA e sob influências de grupos de esquerdas, em 1968. As greves de 16 a 22/4 na cidade de Contagem – MG com 15 mil adesões sob o comando da AP e de Ênio Seabra, as de 17 e 20/7, em Osasco, na liderança do Sindicato dos Metalúrgicos, sob o comando de José Ibrahim, apoiado pela Ação Libertadora Nacional - ALN, refletindo-se em Belo Horizonte e Fortaleza, mas não resistiram por muito tempo às intervenções repressoras.

Em 15 de dezembro de 1967, o governo de Costa e Silva criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, incorporando estudantes voluntários na tentativa de apagar o trabalho interrompido pelo golpe militar de Paulo Freire, no Nordeste, com o método de alfabetização em massa. Mais tarde, em 27 de setembro de 1968, aprovou o projeto de Reforma Universitária, orientado e financiado pelos EUA, propiciando a ascensão do setor privado no ensino superior e determinando uma formação acadêmica voltada ao mercado profissional.

O movimento estudantil tomou a frente do movimento de resistência ao regime ditatorial, estando na Guanabara - GB o principal foco, seguido de São Paulo - SP, Minas Gerais - MG e Brasília e servindo-se do combate à

política educacional de Tarso de Moraes Dutra no Ministério da Educação e Cultura, baseada no acordo MEC-USAID.

O contexto internacional pautava várias reivindicações. Na França, em 22 de maio de 1968, o lema era “É proibido proibir”, ecoando na Alemanha, Itália, Japão, Polônia e Tchecoslováquia. Nos EUA cresceu a onda Hippie, de caráter pacifista e paralela à luta racial dos radicais Panteras Negras. Na América Latina - México, Argentina, Uruguai, Chile e Peru, tinha-se o mesmo argumento brasileiro, o imperialismo norte-americano.

A primeira passeata estudantil no Rio de Janeiro deu-se com o fechamento do refeitório do Calabouço, que atendia 10 mil estudantes, pelo coronel Meira Matos, provocando o confronto direto da Frente Única dos Estudantes do Calabouço – FUEC, liderada por Elinor Brito e os soldados da PM, quando foi assassinado o universitário Édson Luís de Lima Souto, em 28 de março de 1968.

A revolta cresceu na população desde o velório na Assembléia Legislativa da GB até o enterro no cemitério São João Batista, no dia seguinte, trazendo a manifestação de repúdio durante o trajeto, com a população despedindo-se do jovem universitário através de “chuva de papel picado”.

No dia 1/4, quando o regime completava quatro anos, os estudantes confrontaram-se contra 5 mil PMs e agentes do Departamento de Ordem Política e Social - DOPS, deixando 2 mortos, 60 populares e 39 policiais

feridos, 321 presos e a cidade ocupada pelos tanques. A missa de 7º dia de Édson Luís de Lima Souto, na Candelária não recebeu trégua do DOPS, acompanhado de fuzileiros navais e PM.

Ao meio-dia de 21/6, no Rio de Janeiro, deu-se o confronto mais violento conhecido como “sexta – feira sangrenta”, entre 10 mil populares e estudantes contra as forças repressoras do regime militar, causando três mortes inclusive do sargento da PM Nelson de Barros e centenas de feridos, durante a passeata contestatória contra a ação da PM no campo do Botafogo, que humilhou os estudantes da UFRJ, em greve desde o dia 04/6.

Em resposta organizou-se uma expressiva manifestação conhecida como a Passeata dos Cem Mil, no dia 26/6, reunindo intelectuais, artistas, estudantes, políticos, religiosos e outros civis, com repercussão nacional, buscando o diálogo político. O governo militar não reprimiu o ato e o presidente Costa e Silva aceitou conversar no dia 02/7, mas depois negou os pedidos. O contragolpe veio com a proibição do Ministro da Justiça Gama e Silva de futuras manifestações, logo após as passeatas pacíficas dos dias 04/7 no RJ com 50 mil manifestantes e 18/7 no RJ e em SP apoiando a Greve de Osasco. Com isso acelerou-se a radicalização estudantil.

Desde 1967, a UNE estava dividida por 43 grupos separados em 2 blocos. O primeiro bloco era favorável a luta armada com participação das massas e sem diálogo com as forças dominantes, sendo encabeçada por Luís Travassos e Honestino Guimarães, amparados pela aliança AP-.PCdoB. O segundo bloco defendia a luta armada, mas aceitando o canal

oficial de negociação, sendo encabeçado por Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana de Estudantes - UME e José Dirceu de Oliveira e Silva, que presidia a União Estadual de Estudantes - UEE com o apoio dos dissidentes do PCB ligados ao grupo armado da ala de Marighela, depois denominado de ALN.

O grupo paramilitar Comando de Caça aos Comunistas – CCC espancou o elenco da peça *Roda Viva* de Francisco Buarque de Holanda, dirigida por José Celso Martinez, em 18/7, no Teatro Ruth Escobar. Mais a frente confrontou-se com os estudantes da USP, gerando um morto.

No dia 29/8, agentes da Polícia Federal e soldados da PM invadiram novamente a Universidade de Brasília, prendendo Honestino Guimarães, que liderava Federação dos Estudantes da UnB. Quatro dias depois, o deputado federal Márcio Moreira Alves, do MDB, propôs no plenário da Câmara o boicote da população na comemoração nacional do dia 7 de setembro, sendo repreendido pelos ministros militares que pediram sua cassação, não acatada pelo Congresso Nacional, com votos da maioria da ARENA.

Entre 2 e 3/10, a Universidade Mackenzie foi ocupada, provocando a “Batalha da (rua) Maria Antonia”, que resultou na morte do secundarista José Guimarães e o fechamento da Faculdade de Filosofia. Grupos paramilitares de extrema-direita seqüestraram artistas como Norma Bengell em São Paulo no dia 08/10 e fizeram uma série de atentados à bomba na ABI, nos teatros Ruth Escobar – SP e Opinião -RJ, nas editoras *Tempo Brasileiro*



e *Civilização Brasileira*, no jornal *Correio da Manhã* e no dia 22/10 a Faculdade de Ciências Médicas da UEG foi invadida pela PM, acarretando sete feridos e um estudante morto.

No 30º Congresso em 14/10, a PM interrompeu a reunião clandestina, prendendo os 800 congressistas e os líderes José Luiz Travassos, Franklin Martins, José Dirceu de Oliveira e Silva e Vladimir Palmeira, escapando Jean Marc Vander Weid, adversário eleitoral de José Dirceu, que em abril, de 1969 conseguiu eleger-se, embora sendo preso em 1/9.

Em reunião de extraordinária, o CSN decretou o Ato Institucional nº 5, em 13/12, permitindo ao Presidente da República, sem qualquer limitação: fechar as casas legislativas; cassar os mandatos; suspender os direitos políticos; demitir, remover, aposentar ou pôr em disponibilidade os funcionários civis e militares; demitir ou remover juízes, eliminando a vitaliciedade, a imovibilidade e a estabilidade funcional; decretar estado de sítio; confiscar bens de corruptos; legislar por decretos e baixar atos institucionais e complementares; eliminar a hábeas corpus para os crimes de segurança nacional, com julgamento em tribunais militares e sem recurso. Ressalta-se ainda que o AI-5 passou a vigorar sem prazo, neutralizando a Constituição de 1967.

No dia 30/12, foram cassados 4 senadores e 95 deputados federais, encabeçados por Márcio Moreira Alves, destacando ainda Hermano Alves, Mario Covas e Edgar de Mata Machado. O Congresso Nacional foi fechado, juntamente com as Assembléias Legislativas da GB, RJ, SP, Pernambuco -

PE e Sergipe - SE. Suspenderam os direitos políticos do ex-governador da Guanabara e proprietário da *Tribuna da Imprensa* Carlos Lacerda e o proprietário do *Correio da Manhã* Niomar Muniz Sodré. Aposentaram vários acadêmicos, dentre eles Caio Prado Junior, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Isaias Raw, Leite Lopes e Abelardo Zaluar, assim como 5 ministros do Supremo Tribunal Federal - STF e o general Peri Bevilacqua do Tribunal Superior Militar - TSM. Vários artistas, professores, intelectuais e estudantes foram interrogados e presos, destacando-se a prisão em 22/12, na boate Sucata, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, mentores da vanguarda da MPB *Tropicália*. Começava o segundo momento de nossa diáspora política.

No dia seguinte da Emenda Constitucional nº1, em 18 de outubro de 1969, Drummond publicou no *Correio da Manhã*, *A semana foi assim*. A Emenda oficializou as medidas da Junta Militar, assumida em 31 de agosto de 1969 pelo Ato Institucional nº 12, que impediu o vice-presidente ex-udnista Pedro Aleixo tomar posse no lugar de Costa e Silva, vítima de trombose, no dia 28/8. Costa e Silva veio a falecer em 17/12.

A Emenda representou uma outra Carta outorgada em 17/10, ampliando o poder ditatorial do Presidente da República, principalmente com o artigo 182, que lhe garante modificar a Constituição, legislar sobre as questões financeira, orçamentária e tributária, definir o aparato burocrático (inclusive Forças Armadas) e a organização administrativa e jurídica, conceder de anistia política e exercer o mandato de 5 anos. A Câmara teve

a redução em 99 representantes, ficando ainda submetida ao voto de legenda em respeito à fidelidade partidária.

A Junta Militar estava composta pelos Ministros das três armas: do Exército - general Aurélio Lira Tavares, da Aeronáutica – brigadeiro Márcio Souza e Melo e da Marinha – almirante Augusto Rademaker Grunewald, governando por três meses com várias medidas de exceção, com a justificativa do agravamento da subversão interna, após o surgimento dos confrontos rural e urbano.

Destacaram-se o Ato Institucional nº 13, que trouxe o banimento dos “brasileiros indesejáveis” e o Ato Institucional nº 14, que enunciou a pena de morte e a prisão perpétua para “terroristas”, a segunda Lei de Segurança Nacional e o processo de escolha do sucessor de Costa e Silva.

O poema de Drummond, *A semana foi assim*, situa um olhar cético diante do contexto geral, direcionando em sua lógica algumas dicotomias.

Começa o texto apresentando dois mundos de um mesmo tempo:

A semana? Passou que nem corisco,  
somente aqui e ali deixando um risco  
além do velho céu, hoje quadrado,  
pelas naves do cosmo ultrapassado.  
Que pretendem os homens: descobrir  
um novo mundo, onde se possa rir?  
brincar de amor/ jogar de ser feliz?  
tirar diploma de deus-aprendiz? <sup>63</sup>

O poeta faz uma homenagem ao personagem Corisco, líder dos cangaceiros no filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de 1964, de Glauber

Rocha, que enfoca a crise da civilização messiânica brasileira. Ao personagem lembrado também se integram mais dois: o jagunço Manoel, seguidor do beato negro Santo Sebastião e depois de Corisco e Antônio das Mortes, assassino profissional e caçador de fanáticos em nome dos coronéis, bastante retratados na literatura de cordel.

O segundo filme de longa metragem de Glauber Rocha iniciou o debate acerca estágio do cinema brasileiro, após o fracasso das tentativas de industrialização com *Atlântida*, no Rio de Janeiro e *Vera Cruz*, em São Paulo, internando-se nos Centros Populares de Cultura - CPC da UNE, onde a preocupação central estava no engajamento político da arte para as massas. Essa tendência universitária do cinema brasileiro passou a ser chamado de “cinema novo”, incorporou a influência europeia do discurso autoral vanguardista, com o predomínio do “realismo italiano”, tendo como pioneira expressão Nelson Pereira dos Santos em *Rio 40 graus*.

Glauber Rocha em 1965 lançou a proposta da *Estética da Fome* aproximando-se da concepção de “terceiro mundo” com o suporte paradigmático modernista, em que se misturam a visão sartreana de intelectual e artista e o “olhar livre” oswaldeano, sintetizados em *Terra em Transe*, em 1967, na reconstituição do contexto histórico de 1964 no Brasil.

Junto a citação do personagem Corisco, Drummond comenta a visita dos astronautas norte-americanos Neil Armstrong e Michael Collins, no Rio de Janeiro, em 03 de outubro de 1969, para as homenagens brasileiras ao feito do dia 16/7, quando desembarcaram na superfície da Lua, com um

foguete *Saturno V* desprendido da cápsula *Apollo XI*, fincando a bandeira dos EUA e a placa com a inscrição “Foi aqui que os seres humanos do Planeta Terra puseram, pela primeira vez, os pés na Lua, em 1969.d.C. Nós viemos em paz por toda humanidade”.

Nesses primeiros versos há um olhar na janela viajante, que percorre no espaço assimétrico, o lugar onde se esconde a utopia perdida, dista da ameaça constante de prisões, cassações e torturas na repressão militar brasileira e do engajamento submisso ao progresso ocidental imperialista.

O cronista continua o comentário sobre os mundos ao projetar o futuro no passado, alertando:

(Daqui a pouco o trânsito no espaço  
estará de fundir cuca e espinhaço.)  
Minha tia mineira não se espanta:  
Há sempre uma cantiga na garganta  
Para saudar o sonho, embora a ruga  
da experiência prefira a tartaruga  
em seu calmo ficar aqui por perto  
tartarugando no roteiro certo(...) <sup>64</sup>

Entre o sonho cantado pelas distantes viagens e a “ruga da experiência” cresce no tempo a verdade do espinhaço, interpondo no caminho o retorno ao ambiente familiar, que resgata uma rota sem pressa, longe da órbita futurista e perto do medo acumulado pelo número de expatriados.

Então o cronista assinala as distinções de dois discursos nutrindo-se na realidade, indagando ainda sobre a fé e seu poder temporal:

É isso a espécie: um revoar aos trancos,  
 aos gemidos, aos cálculos e arrancos,  
 entre a miséria e a ciência, na poesia  
 da eternidade posta num só dia  
 Ninguém entende bem o tal contexto  
 de que tanto se fala; e Paulo Sexto,  
 dos bispos a escutar o iroso brado,  
 chora, talvez, ou se mantém calado?  
 Eu contesto o contexto, diz a voz  
 em torno, em cima, até dentro de nós,  
 e a humanidade, enquanto assim contesta,  
 do próprio contestar faz uma festa.<sup>65</sup>

O ganho espacial do experimento científico ao visitar em um dia o solo das crateras de desigualdades na caminhada humana oscilante torna-se dramático e perde no poeta a efemeridade, restando como cenário imediato o atropelo do contexto.

Com o Concílio Ecumênico do Vaticano II, dirigido pelo papa João XXIII, a partir de 11 de outubro de 1962 e as publicações de suas principais Encíclicas *Pacem in Terris* e *Mater et Magistra*, a miséria da realidade passou a freqüentar a Praça São Pedro, acompanhada de um leigo saber.

A conclusão do 2º Concílio deu-se após a sucessão do pontífice máximo por Paulo VI, empossado em 21 de junho de 1963, dezoito dias após a morte de João XXIII. Paulo VI traduziu a transição da Igreja Católica pós-Vaticano II, atuando como o primeiro papa peregrino da idade contemporânea em busca do diálogo entre todas as religiões. Sua Encíclica *Humanae Vitae* é até hoje a base dos princípios da sexualidade cristã, resistindo ao divórcio, ao aborto, aos métodos anticoncepcionais e à liberdade sexual.

O falatório resistente do bispado e dos outros membros eclesiásticos propagou-se nos crédulos, principalmente em seu maior contingente no Brasil, isolando a doutrina cristã das novas mentalidades e retardando com isso as mudanças litúrgicas conflagradas. Mas as implacáveis sucessões dos dias delinearam duas nítidas tendências teológicas, uma na procura de paz e união entre os “senhores” no hemisfério norte e outra na procura do alimento e da libertação dos “escravos” no hemisfério sul, que se entrecruzam e se anulam na fala vazia do papado.

Na outra homenagem em *A semana foi assim* Drummond resgata o doce humor no duro regime brasileiro, devolvendo no pensamento a festa da contestação:

Ainda bem que aí salta o Jô Soares,  
a provar que circundam pelos ares  
mil amores sobrando para o gordo,  
que por isso não sente mais dor do  
regime, não derramando pleno açúcar  
no café, no pospasto, até no púcar(o)  
da laranjada... Aí vida, que doçura,  
quando magros e gordos, de mistura,  
se sentirem amados por igual  
em todo o território nacional,  
e as nações forem todas um só povo,  
na veludosa paz do homem novo!<sup>66</sup>

Muitos saltos José Eugênio Soares vem oferecendo em sua diversificada “acrobacia” como ator, diretor, escritor e entrevistador. Ficou conhecido como humorista Jô Soares, desde a liderança de audiência do programa chamado *Família Trapo*, na TV Record, entre 1967 a 1971.

O programa era sábado a noite, cujo título satirizava os Von Trapp do filme *Noviça rebelde*, gravado sem corte nos teatros da Record e da Paramount, possibilitando a presença de público pagante e inúmeras improvisações, geralmente quando o comediante Ronald Golias, que fazia o personagem de Carlo Bronco Dinossauro, contracenava com sua vítima preferida, o cunhado Pepino Trapo representado por Otelo Zenoni.

O elenco completava-se com Renata Fronzi, no papel da esposa Helena Trapo, irmã de Bronco, Cidinha Campos, a filha Verinha, Ricardo Corte Real, o filho Sócrates e Jô Soares, o mordomo Gordon, sendo dirigido por Nilton Travesso, Manoel Carlos e Tuta de Carvalho.

A cômica família a cada episódio recebia um convidado especial. A presença de Pelé a convite do mordomo Gordon, para atuar na equipe do Bronco, causou um dos maiores índices do Ibope.

O mordomo Gordon com sua figura ágil e leve tornou-se popular, ocupando mais tarde o papel central nos programas de humor após sua transferência para a TV Globo. Na *Família Trapo* Jô Soares também escrevia os textos, juntamente com Carlos Alberto de Nóbrega e Manoel Carlos.

Sua outra atividade era o teatro, que começou com a rica experiência da companhia de Cacilda Becker, estreando como ator na peça *Auto da compadecida* de Ariano Suassuna, em 1959. Destacou-se também na direção da peça *Os sete gatinhos* de Nelson Rodrigues, com a versão *Á última virgem*. Em de 1969, no período citado por Drummond adaptou a



peça *Romeu e Julieta*, de Willian Shakespeare, no teatro Galpão, com produção de Ruth Escobar, dirigindo a iniciante Regina Duarte.

Jô Soares também atuava no cinema desde 1954, com a comédia *Rei do movimento*, da *Cinelândia Filmes*, dirigido por Hélio Barroso e Victor Lima. Participou do gênero “chanchada”, no filme *Homem do Sputnik*, em 1958, na *Atlântida Cinematográfica*, sob a direção de Carlos Manga. Em 1969, após atuar em mais seis comédias, recebeu o papel de protagonista do filme de Rogério Sganzerla chamado *A mulher de todos*, com o personagem Doktor Plirtz, contracenando com a atriz Helena Ignez, que representava sua esposa Angela Carne e Osso.

Empresário das Organizações Plirtz não acompanhava a esposa, uma mulher sedutora e de muitos amantes, que freqüentava a Ilha dos Prazeres. Para espioná-la contratou os serviços do detetive particular Polenguinho, representado por Renato Correia de Castro, que também ficou apaixonado por Angela. Mas Doktor Plirtz pôde se vingar com um plano baseado em seu balão tripulável.

O talento e a versatilidade de Jô Soares revigoram a alegria no ato poético, afastando a amargura cotidiana imposta aos brasileiros. Pois a utopia é a verdadeira festa contestada, que sempre se inscreve no trânsito silencioso da solidão, que os fatos ganham velocidade.

Dentre esses fatos na semana, Drummond situa dois tipos de perdas:

não devo reclamar prodígio tanto.  
 Olha o Dia do Mestre: o professor  
 (que dinheiro ainda não viu a cor  
 em Minas) recebe na bandeja  
 confetes de ternura e de hora veja...  
 Em São Paulo calou-se o sax-barítono  
 de Booker Pittman: procuro um termo átono  
 para exprimir a falta, a grande pena  
 do som perdido, em meio à dor de Eliana.  
 É o sax-soprano, o clarinete? Música  
 de jazz, que jaz, silente, em flauta mágica.<sup>67</sup>

Quando as informações chegam no invólucro cronológico, abrigam os pensamentos ociosos e muitas lembranças. Umas vieram do campus universitário com os relatos de prisões, demissões, censura, arrocho salarial e mercantilização do ensino, eliminando qualquer hipótese de comemoração no dia do mestre. Outras trouxeram a morte no lar dos Pittman, fazendo desaparecer nas boates de Copacabana o saxofone companheiro do piano de John Alf, desde a gestação bossanovista enquanto música de câmara, deixando a saudosa expressão do choro afro – americano nos muitos ouvidos musicais brasileiros.

Com o descartar de cada folha do citado calendário outras personalidades significativas saíram do convívio da família Terra: Jacó do Bandolin, Cacilda Becker, Jack Kerouac, Judy Galard, Theodor Adorno, Ho Chi Minh, e Rock Marciano.

No desfecho do poema Drummond completa o sentido da morte e da esperança:

Mas voltemos à rima, com Bandeira  
 Pintor, Antônio, e sua vida inteira

convertida em pintura da mais fina,  
que veremos no MAM: pintura é sina  
e prêmio de viver após a vida  
tão longe e tão depressa fenecida.  
E viva o Vasco: o sofrimento  
há de fugir se o ataque lavra um tento.  
time torcida, em coro, neste instante  
vamos gritar: Casaca! ao Almirante.  
E deixemos de briga, minha gente.  
o pé tome a palavra: bola em frente.<sup>68</sup>

A morte é vida, que não se finda como obra. Ao contrário, a morte já está presente no nascimento, antes de qualquer perecimento físico. Significa a única certeza no resgate cotidiano da vida.

O pintor Antônio Bandeira, fundador da Sociedade Cearense de Belas Artes em 1941, em companhia de Mario Barata, Raimundo Cela e Ademir Martins, construiu sua obra em duas fases. A primeira de forma autodidata, com influências Clidenor Capibaribe e Mário Barata, produzindo uma arte figurativa. A segunda durante seus estudos em Paris, na École Nationale de Beaux Arts e na Academia de La Grande Chaumière, quando sofreu influências do fotógrafo e pintor alemão Alfred Otto Wolfgang Schulze e do poeta e pintor francês Camille Bryen, representantes da arte informal, deslocando-se para a arte abstrata, próxima à “livre associação surrealista”.

O texto de Drummond cita a mais recente exposição de obra do pintor cearense no Museu de Arte Moderna - MAM, no Rio de Janeiro, dois anos após seu precoce falecimento na França, sublinhando a imortalidade de seus trabalhos. Como a poesia de Manoel Bandeira, na arte há um tempo descontínuo da cronologia, diacronizando a simbolização.

Com isso desdobra um outro paradoxo, a relação da derrota com a esperança, revertendo o caminhar com a bola de pé em pé em direção mais precisa.

Na década de 60, o torcedor vascaíno comemorou poucos troféus e taças, com exceção de 1965, quando seu time conquistou os títulos de campeão do Troféu 4º Centenário do Rio de Janeiro, o Troféu 50 anos da Federação Pernambucana, a 1ª Taça Guanabara e o 2º lugar da Taça Brasil.

Em 1969 o clube do Almirante ficou em 3º lugar no Campeonato Carioca, sendo eliminado na 1ª fase da Taça Guanabara e terminando em 17º lugar na Taça de Prata, atual Campeonato Brasileiro. Drummond mesmo diante de tantas derrotas manteve a expectativa de novos gritos da “turma da fuzarca”, o que se deu imediatamente na disputa do título carioca no ano seguinte e com a maioria dos jogadores daquela equipe comandada por Elba de Pádua Lima, mais conhecido como Tim.

Em carta ao neto Luis Maurício no dia 02/11, Drummond reafirma a má fase vascaína e a expectativa do milésimo gol de Pelé, que ainda faltavam quatro gols, cujo desfecho virá com um sentimento especial, pois Pelé atingirá a marca histórica contra o seu clube vascaíno dezessete dias depois da carta no Maracanã.

### 3.2.7- Vencer com honra e graça – México 70

No final do poema *A semana foi assim*, os editores incluíram pertinente ao contexto da classificação da seleção brasileira um fragmento de texto de Drummond comparando a Copa de 1970 com o início de uma nova guerra, mais importante que a do Vietnã, da Coréia e de outras.

A declaração de guerra sintonizava-se com o sentimento de João Saldanha, comandante do selecionado brasileiro para a Copa de 1970. Logo após vencer as eliminatórias, ele viajou para Europa com duas finalidades, observar os futuros adversários e participar de entrevistas e debates nos diferentes programas esportivos de televisão do “velho continente”. Foi para o combate no campo adversário, revidando a qualquer fala de superioridade social e cultural européia, até afirmar que seu time era formado por 11 feras, que não temiam a violência dos adversários.

O presidente da CBD João Havelange tinha pressa em recuperar a imagem da seleção brasileira. Em 1968, trouxe de volta Paulo Machado de Carvalho, o “marechal da vitória” do bicampeonato mundial, que constituiu uma Comissão Seleccionadora Nacional – COSENA, escolhendo Aymoré Moreira como orientador técnico e Oswaldo Brandão como supervisor.

Os resultados negativos durante as excursões na Europa e na América e os amistosos no Brasil demonstraram a mesma indefinição de antes, causada pelas sugestões dos grupos de influência, gerando equipes diferentes e sem padrão de jogo. Correndo contra o tempo, João Havelange

desfez a COSENA e demitiu Paulo Machado de Carvalho, nomeou Antônio do Passo para a presidência da comissão técnica do selecionado, que teve como primeiro desafio convidar o jornalista e ex-técnico campeão do Botafogo F.R, em 1957, João Saldanha, para ocupar a função de treinador da seleção brasileira.

Essa reviravolta estava ligada a uma estratégia política de Havelange, que ao apostar na popularidade do comentarista esportivo, afastava a pressão da torcida, da imprensa e do governo federal. Na coletiva com a imprensa para apresentar o novo orientador técnico que aceitara o convite, João Havelange foi surpreendido. João Máximo em sua biografia *João Saldanha sobre nuvens de fantasia* relatou:

Quando Havelange anunciou-o, os repórteres não acreditaram. Mas antes que pudessem dizer alguma coisa, contra ou a favor, João puxou um papel do bolso.

- Queria dizer que já escalei meus times para a Copa do Mundo. O titular e o reserva.

Paralisados os repórteres nem tiveram tempo de tirar a caneta do bolso.

- Os meus 11 titulares são Félix, Carlos Alberto, Djalma Dias, Brito, Rildo, Wilson Piazza, Gerson, Jairzinho, Dirceu Lopes, Pelé e Tostão.

Já de caneta na mão, os repórteres iam anotando, excitados, nervosos:

- Os 11 reservas: Cláudio, Zé Maria, Scalla, Joel, Everaldo, Clodoaldo, Paulo César, Paulo Borges, Toninho, Rivelino e Edu.

Uma bomba! A imprensa tinha a manchete para mais três dias, o torcedor ia para as esquinas discutir os convocados, Antonio do Passo tentava se refazer do golpe.

- Você não devia ter feito isso, João.

-Isso o quê?

-Dar os nomes dos 22 sem antes consultar a gente.

- Não ia fazer diferença, Passo. Mesmo que vocês não gostassem, estes iam ser os meus 22. A partir de agora, quem escala o time sou eu.<sup>69</sup>

A Imprensa regionalista e comprometida ideologicamente com o regime resistiu a João Saldanha, embora sua maior dificuldade veio da militarização do esporte brasileiro promovida pela CBD, na tentativa de João Havelange se respaldar no governo ditatorial.

O gaúcho João Alves Jobim Saldanha, nasceu em 3 de julho de 1917, filho do fazendeiro de Alegrete, maragato e deputado estadual pelo Partido Libertador Gaspar Saldanha, desde criança esteve ligado à política. Veio para o Rio de Janeiro com sua família na Revolução de 1930, a pedido de Getúlio Vargas, que agraciou o seu pai aliado com um cartório de registro de imóvel na zona sul da cidade.

Ainda secundarista do Colégio Pedro II, ingressou no PCB com dedicação integral, a ponto de ser influenciado na escolha dos estudos em Direito na Universidade do Brasil, expulso no segundo ano durante o movimento comunista de 1936 e em História na França, onde conheceu o jornalista Sandrino Saverio, que lhe indicou para Agência de Notícias do tio Aldo Saverio. Correu o mundo a serviço do PCB.

Seu outro grande envolvimento foi o futebol, praticando-o na praia e no campo, atuando como dirigente ou técnico do clube carioca predileto dos gaúchos – Botafogo F.R. e o influenciando em comentários na mídia. Com o novo regime de exceção passou a ser bloqueado e vigiado nos seus empregos em jornais, rádios e televisões.

Segundo o jornalista João Máximo no mesmo livro biográfico, o que caracterizou a ruptura do novo treinador foram dois aspectos:

Dois Saldanhas foram muito importantes em 1969. O primeiro dirigiu a Seleção brasileira que se classificou, com seis vitórias em seis jogos, para a fase final da Copa do Mundo no México. Seu time, como Havelange esperava, jogou bem, venceu, lotou estádios, fez 150 mil brasileiros cantarem o Hino Nacional no Maracanã, numa época em que muita gente achava que cantar o Hino Nacional era fazer coro com a ditadura. Nada tecnicamente muito elaborado nesse primeiro Saldanha: apenas escalou os melhores, armou um time, passou aos jogadores a receita da simplicidade e deixou que Pelé, Tostão e outros nove fizessem o resto(...)

O outro João Saldanha, talvez mais importante que o primeiro, era o homem que devolvia à Seleção Brasileira a credibilidade que ela perdera depois da Copa do Mundo de 1966, o Saldanha que convenceria o torcedor de que valia a pena ir ao estádio ver e apoiar aquele time...

Avaliando bem, foi João Saldanha de fora do campo, o dos microfones, o das entrevistas, o que mais engrandeceu a Seleção Brasileira em 1969. Graças ao que dizia - mais do que fazia - todo o mundo torceu por aquele time.<sup>70</sup>

Carlos Drummond de Andrade, em 12/03, trinta e oito dias após João Saldanha assumir a seleção brasileira, publicou no *Jornal do Brasil*, a crônica chamada *Entrevista solta*, apoiando de imediato a novidade.

-Acredita em Deus?  
 -Ele é que não acredita em mim.  
 -E em Saldanha?  
 -O cisne ou o outro?  
 - O outro.  
 -Até Deus acredita nele.  
 -Então papamos a taça?  
 -Na raça.  
 -E se não paparmos?  
 -Eu não sou daqui, sou de Niterói.  
 -Mas tudo é Brasil .<sup>71</sup>

A preocupação com o desempenho da seleção brasileira estendeu-se em Drummond até a hora do jogo decisivo contra o Paraguai, no Maracanã, no dia 31 de agosto de 1969, quando escreveu em correspondência ao neto



Carlos Manoel . Na carta salientou a fragilidade dos adversários anteriores, 2x0 e 6x2 na Colômbia, 5X0 e 6X0 na Venezuela, embora o Brasil já havia vencido a primeira partida contra o Paraguai por 3X0, em Assunção e os amistosos contra Inglaterra (2X1) e o Peru (2X1 e 3X2).

Destacou o poderio do nosso ataque com 22 gols até o penúltimo jogo das eliminatórias, principalmente o artilheiro da classificação com dez gols, com o sentimento familiar de “a nova glória do futebol brasileiro, o mineiro Tostão, é Andrade - portanto, meu primo, e um pouco de você também”.<sup>72</sup>

De 4 de fevereiro de 1969 a 17 de março de 1970 João Saldanha comandou a seleção brasileira. Depois de 1X0 no Paraguai, 31 de agosto, vieram os aplausos passageiros, pois os problemas só retornarão no primeiro trimestre de 1970, por meio de dois fatores combinados, um externo e outro interno a CBD.

O desgaste revelou-se com a interferência direta do presidente-ditador Emílio Garrastazu Médici ao indicar Dário para o lugar de Tostão, que havia descolado a retina após uma bolada de Ditão, no jogo do Corinthians X Cruzeiro, no Pacaembu, no final de sua melhor temporada na carreira.

A interferência militar foi facilitada por Havelange, gradativamente, incorporando representantes militares ligados a Escola de Educação Física na estrutura da confederação e de sua comissão técnica do selecionado, visando evitar a cogitada intervenção do Ministro da Educação e Cultura Jarbas Passarinho. O passaporte da Copa do México garantido por

Saldanha recuperou sua imagem na liderança institucional, mas com o débito do fortalecimento da postura independente e frontal do treinador. Eram dois “João” em situações contraditórias, com muitas provocações e camuflagens.

A imprensa especializada fingiu-se render às “feras do Saldanha”, como chamava com simpatia Nelson Rodrigues, durante a comemoração da campanha vitoriosa, com exceção do paulista Geraldo Bretas, mas os “coleginhas” não deixaram de portar o veneno de cobra, que preferiam identificar os jogadores habilidosos. Com o gancho de Armando Nogueira, colocando em nota de coluna o pedido do presidente-torcedor, a imprensa fez repercutir o repúdio imediato do treinador, que apostava na cirurgia de Tostão em Houston, nos EUA, e não admitia intromissão na sua equipe, nem do magistrado máximo.

Os únicos favorecidos foram os concorrentes ao cargo, ganhando com facilidade o espaço jornalístico para antagonizar “João sem-medo”, conforme Saldanha era conhecido. Zezé Moreira não reconhecia João como técnico de futebol, cobrando-lhe o diploma em sua formação, ecoando nos novos profissionais. Outro exemplo foi o técnico Yustrich, que soube realçar seu papel de coadjuvante na trama do episódio decisivo da demissão de João Saldanha, ao ofendê-lo na revista *O Cruzeiro* e receber em sua ausência a visita de “cortesia” de Saldanha na concentração do C.R. Flamengo, em São Conrado, no dia 12 de março. Na semana seguinte, o

presidente rubro-negro André Richer entrou com uma queixa-crime na 15ª delegacia distrital por invasão de domicílio e agressão.

Havia importantes fontes internas de discórdia, que o jornalista João Máximo revelou em seu livro:

O ministro da Educação, Jarbas Passarinho, pôs as mãos na cabeça. Como entregar o futebol brasileiro a um homem tão em desacordo com os ideais da revolução? Pediu então que alguns aliados fossem com ele conversar com Médici: era preciso fazê-lo desistir da idéia. Decidiu-se que o capitão Cláudio Coutinho fosse junto até o presidente para, como de homem do futebol, explicar-lhe quem era João Saldanha.

Coutinho era militar ativo nos meios de repressão (tinha aprimorado seu *Know how* em cursos nos Estados Unidos) (...).Logo estaria reforçando o pelotão de treinadores e dirigentes que integrariam a delegação brasileira ao México.

João Saldanha morreria sem saber da admiração de Médici por ele(...)

Saldanha errou, por exemplo, em aceitar como seu colaborador, durante as eliminatórias, o capitão José Bonetti(...)

Depois pediu a Havelange que o dispensasse(...)

Seu primeiro erro, contudo, fora aceitar, na comissão técnica, dois remanescentes da COSENA, o preparador físico Admildo Chirol e o médico Lídio Toledo, que não eram gente sua, mas de Zagallo. Jornalista da delegação do Botafogo que excursionava pela Europa, João Areosa descreveria para o *Jornal do Brasil* a reação de Zagallo ao saber, lá longe, da escolha de João Saldanha para o cargo que já acreditava seu: ficou arrasado.<sup>73</sup>

Carlos Drummond de Andrade no poema *Com camisa e sem camisa*, publicado em 14/03/1970, no *Jornal do Brasil*, costurou no álibi dos efeitos morais da moda inventada pelo estilista Pierre Cardin a denuncia do aparato repressivo do governo Médici, inclusive o estado intranquilo do guerreiro João Saldanha diante de sabotagens e incitações.

O estilista Pierre Cardin criador dos *robes bulles*, modificou o conceito de moda masculina com a abertura da *Adam*, em 1957,

propagando-se pela confecção de ternos. Na temporada seguinte lançou a moda unissex e em 1959 a pioneira coleção "prêt-à-porter", consagrando-se por um desenho futurista e experimental, composto de elementos gráficos, geométricos e colorido. A repercussão da minissaia como o mais recente lançamento de Pierre Cardin na sociedade brasileira durante os primeiros anos da ditadura militar foi resgatada por Drummond com um humor bem atual:

Cardin consulta o Velho Testamento  
 (um grão de cultura ajuda o talento):  
 O primeiro homem não tinha camisa,  
 expunha o tórax ao beijo da brisa  
 Eva, no peito, fazia-lhe agrados...  
 'Olha só que pão' exclama no cock  
 a moça vidrada, e tenta um bitoque  
 em cada tronco miguelangelesco  
 em que o pêlo põe grácil arabesco.  
 Um convidado (?) chega de repente,  
 manda parar a prática inocente  
 'Um lenço! Uma toalha! Um guardanapo  
 para cobrir o nu, depressa, um trapo,  
 um jornal de domingo, bem folhudo,  
 que esconda o peito, a perna, o pé e tudo!  
 Tem estátua pelada no salão?  
 Mesmo em foto, é demais a apelação!  
 Nu, nem no banheiro. Tá compreendido?  
 Melhor é ensaboar-se alguém vestido'  
 Viste, Pierre Cardin, o que fizeste  
 com tua inovação, cabra da peste?  
 Ante o rigor de repressão tamanha,  
 era uma vez tua última façanha.<sup>74</sup>

Drummond ao relacionar a moda masculina de Pierre Cardin com o nudismo de Adão do Velho Testamento e fazendo o desdobramento entre Eva e as mulheres consumidoras de sua alta-costura, deixa vazar a pressão

contextual do erotismo na “sociedade de consumo”, transbordada na polêmica sobre a invenção do costureiro de renome internacional.

As crônicas de Sérgio Porto reunidas em três livros durante a afirmação da “redentora”, com o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, baseadas em *O Festival de Besteira Que Assola o País* – FEBEAPA, entre 1966 a 1968, registraram esses fatos inusitados.

A mini-saia era lançada no Rio e execrada em Belo Horizonte, onde o Delegado de Costumes (inclusive costumes femininos), declarava aos jornais que prenderia o costureiro francês Pierre Cardin (bicharoca parisiense responsável pelo referido lançamento), caso aparecesse na capital mineira ‘para dar espetáculos obscenos, com seus vestidos decotados e saias curtas’. E acrescentava furioso: ‘A tradição de moral e pudor dos mineiros será preservada sempre’. Toda essa cocorocada iria influenciar um deputado estadual de lá — Lourival Pereira da Silva — que fez um discurso na Câmara sobre o tema ‘Ninguém levantará a saia da Mulher Mineira.’<sup>75</sup>

Tais apelos morais foram desnudados em um conflito maior que as novas tendências da moda, despindo pelo texto de Drummond as fendas do sistema ideológico reprodutor, por isso seu pedido de mudança de assunto “à beira de algum rio ou pelos morros onde passeiam cabras e cachorros”<sup>76</sup>, em que se percorre o perigo do momento, conjugando a repressão paramilitar e a oficial em grupos de extermínio praticantes de prisões ilegais, torturas e mortes camufladas, mas tudo respaldado por uma justiça de tribunais militares enquanto guardiões da segurança nacional.

O cronista nos versos abaixo do mesmo poema descreve os horrores desse arbítrio.

Um corpo metralhado, e uma caveira  
pintada como símbolo ou bandeira  
da justiça da selva - tribunal  
que vinga o mal com outro maior mal.  
E nunca se descobre que juízes  
são esses, não se cortam as raízes  
dessa árvore da morte, que viceja  
ramalhosa, feroz, e que goteja  
um orvalho de sangue e de terror?  
Suprimamos, então, o promotor,  
o Código, os jurados, pois 'jurados'  
são hoje os previamente condenados  
à pena inexistente no papel  
e vigente, no duro - a mais cruel.  
Que grande economia, meu Brasil:  
para a Justiça, nem mesmo um ceitel.<sup>77</sup>

A Escola das Américas, localizadas inicialmente no Panamá e depois transferida para Geórgia, foi criada na década de 60 pelos EUA para oferecer treinamentos militares aos países aliados do Caribe e da América do Sul, com o objetivo de manter a “democracia” no continente, combater o narcotráfico e divulgar a doutrina militar americana. Em seu currículo ensinava guerra psicológica, tática de antiguerilhas, contra-insurreição, técnicas de interrogatório e métodos de aterrorização.

Centenas de militares brasileiros inscritos em seus cursos aprenderam alguns métodos consagrados pelos instrutores, tais como do general francês Jacques Massu, comandante da antiguerilha na Argélia, e do extermínio seletivo e sumário dos líderes Panteras Negras, nos EUA, recebendo também diversas orientações de outros peritos norte-americanos, europeus e latino-americanos.

Outra experiência incorporada foi a Operação Bandeirantes – OBAN, de caráter paramilitar, oriunda da delegacia paulista na rua Tutóia, sem vínculos oficiais, mas com apoio do prefeito Paulo Maluf e do governador Abreu Sodré, que recebeu o reforço de contingentes do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, do DOPS, da Polícia Federal, Polícia Civil, Força Pública e Guarda Civil e doações de empresas como Grupo Ultragás, Ford e GM, além de confiscar os bens materiais das vítimas.

A OBAN atuava de forma dissimulada, por meio de seqüestro e da tortura na busca das confissões e informações imediatas para os inquéritos a cargo do DOPS e da Polícia Federal. Um dos seus expoentes foi o delegado Sérgio Fleury, denunciado pelo procurador Helio Bicudo como líder do “Esquadrão da Morte” de São Paulo. Mais tarde, em maio de 1970, transformou-se em Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna - DOI-CODI, sendo adotado na Guanabara - GB, Rio de Janeiro - RJ, Minas Gerais - MG, SP, Distrito Federal - DF, Rio Grande do Sul - RS, Bahia - BA, Pernambuco - PE e Ceará - CE e estando ligado formalmente ao Exército. Paralelamente o “Esquadrão da Morte” multiplicou-se por vários estados.

O PCB sofreu várias perdas no regime militar, entrando em crise interna no 6º Congresso , em dezembro de 1967, com metade do Comitê Central pré-60 expulsa, o que causou novas dissidências na GB, RJ, SP, MG, RGS e DF e o entrincheiramento desses dissidentes na luta armada, que já contava com a presença do PCdoB.

A ALN liderada pelo ex-deputado do PCB paulista Carlos Marighela, por Joaquim Câmara Ferreira e por Virgílio Gomes da Silva, a partir de 1968 agiram nas cidades, mas em 22 de novembro de 1969, o delegado Fleury assassinou Marighela em São Paulo. Em 29/9, Virgílio Gomes foi preso e torturado até a morte na OBAN.

O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – PCBR, sob as lideranças de Mário Alves, Jover Teles, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho, atuava no nordeste e na Guanabara, desarticulando-se com o assassinato por tortura de Mário Alves, em 16 de janeiro de 1970 e as prisões de Gorender e Apolônio, embora desde 1968 incorporara-se ao PCdoB.

O Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8, cuja sigla homenageia a data do assassinato de Ernesto Quevara, na Bolívia, surgiu de outra cisão do PCB-GB em 1969, sob a liderança de Carlos Alberto Vieira Muniz, desativando sua estrutura em 1972, com exílio de seus dirigentes no Chile e na Europa.

A Vanguarda Revolucionária-Palmares – VAR-PALMARES reuniu vários grupos sem vínculos ao PCB, tais como Movimento Revolucionário Tiradentes - MRT, Vanguarda Popular Revolucionária - VPR, Política Operária - POLOP e Comando de Libertação Nacional - COLINA, realizando a mais ousada expropriação de um cofre de US\$ 2,5 milhões, que atribuíram vir da “caixinha” de Adhemar de Barros. Em 1973 o Exército eliminou seus “aparelhos” com a participação do cabo Anselmo.



Em 4 de setembro de 1969, Virgílio Gomes da Silva da ALN com ajuda do VPR, no Rio de Janeiro, seqüestraram o embaixador dos EUA, Charles Burke Elbrick, sendo 1º caso na América Latina, trocando-o pelo exílio de 15 presos políticos no México. No dia 11 de março de 1970, a VPR seqüestrou o cônsul japonês, Nobuo Okushi, em São Paulo, permutado por cinco presos políticos. Em seguida, com a ajuda da ALN, nos dias 11/6 foi a vez do embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben e em 07/12 o embaixador suíço, Giovanni Enrico Bucher, no Rio de Janeiro, exigindo a liberação de 40 e 70 presos políticos, respectivamente.

O capitão Carlos Lamarca desertou do Exército com três companheiros e um caminhão de armas, em 25 de janeiro de 1969, aliando-se ao VPR na montagem do campo de treinamento de guerrilha no Vale do Ribeiro, SP. Em 18 de abril de 1970 conseguiu escapar do cerco de 41 dias de cinco mil militares. Substituiu o VPR pelo MR-8, fundando uma base em Brotas de Macaúbas, BA, sendo assassinado pelo major Nilton Cerqueira em 18 de setembro de 1971.

As 27 organizações de esquerda no período de 1962 a 1976 praticaram assaltos em bancos, carros-fortes, lojas de armas e em empresas, desviando e comprando mantimentos, munições e armas. Realizaram atentados contra objetivo militar ou policial, atacando agentes de repressão, órgão de imprensa e fazendo “justiçamentos” nos delatores. Seqüestraram aviões e diplomatas estrangeiros, treinando operações

regulares dos grupos guerrilheiros nas cidades e no campo. Os anos de 1969 a 1971 tiveram o maior número de ações em escala crescente.

As guerrilhas rurais iniciaram antes do golpe de 1964, sobre influência cubana, com a criação de um campo de treinamento em GO pelas Ligas Camponesas. Em 19 de março de 1965, o coronel do Exército Jefferson Cardim Osório, exilado no Uruguai e em contato com Brizola, reuniu 23 aliados e submeteu a guarnição militar de Três Passos, no RGS, resistindo por oito dias. O movimento Nacionalista Revolucionário – MNR, criado em 1966 por militares cassados e com apoio de Brizola treinaram 14 militantes sob a liderança de Bayard Boiteaux, deflagrando a guerrilha em Caparaó, divisa de MG e ES. Quando sufocados pelo cerco de 6 mil soldados do Exército e PM, renderam-se em 3 de abril de 1967.

A mais importante guerrilha rural foi organizada de forma planejada desde 1966 pelo PCdoB, ocupando a região do vale de Araguaia, divisa de Pará - PA, Goiás - GO e Maranhão - MA, cortada pela Transamazônica. Para obter o apoio da comunidade rural, primeiro foi Osvaldo Orlando da Costa, fixando-se na posse do Gameleira. Em seguida, estudantes e trabalhadores perseguidos nas cidades migraram para o vale, organizados em três destacamentos sob o comando de uma comissão dirigida por João Amazonas, Maurício Grabois e Ângelo Arroio. A repressão militar encontrou dificuldades.

A primeira campanha militar ocorreu em 12 de abril de 1972 com 5 mil combatentes do II Exército, Aeronáutica e PM, sob o comando do general

Antonio Bandeira, retirando-se em julho sem penetrar na mata, onde se refugiaram os guerrilheiros.

A segunda investida deu-se entre setembro a outubro, com um contingente de 10 mil soldados das três armas, incluindo as elites de fuzileiros navais e a Guarda Presidencial, sob o comando dos generais Antonio Bandeira e Viana Moog, sem debelar a resistência dos guerrilheiros na selva.

Houve uma trégua de um ano, quando em 7 de outubro de 1973 iniciou a terceira ofensiva, após um detalhado levantamento do Centro de Informações do Exército – CIE, sobre a região e a organização da guerrilha, incluindo a infiltração militar a paisana, disfarçada de equipe técnica do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e oferecendo vários serviços à parte da comunidade ainda não comprometida com os guerrilheiros. Foram encaminhados 6 mil soldados treinados para guerra na selva, com apoio dos pára-quedistas comandados pelo general Hugo de Abreu, que degolaram Osvaldo Orlando Costa e na emboscada do natal, derrotaram a coluna de 23 rebeldes liderados por Grabois. Em janeiro de 1975 a guerrilha ficou aniquilada.

A tortura sistematizada superou todos os períodos de repressão política no Brasil. A maioria das vítimas não vinha da esquerda armada, atingindo principalmente a classe média politizada e os trabalhadores organizados. Para eliminar as diversas lideranças, realizaram quase dezessete mil inquéritos, prendendo um número incalculável de cidadãos

sem registro formal, destacando-se por dia as operações-arrastão com milhares de detidos.

No livro *Brasil Nunca Mais: Um Relato Para a História*, projeto pioneiro da Arquidiocese de São Paulo lançado pela editora Vozes em 1985, como resultado da incansável resistência do arcebispo D. Paulo de Evaristo Arns, foram catalogados, em 12 volumes, os registros oficiais das operações repressivas, 444 torturadores e vários depoimentos dos indiciados, descrevendo as praticas de tortura do regime pós-64. As formas eram nomeadas de pau-de-arara, choques elétricos, pimentinha, afogamento, cadeira dragão, geladeira, enforcamento progressivo, cristo redentor, banho chinês e espancamento. Usavam ainda produtos químicos, insetos e animais e procediam tais atos criminosos com as vitimas nuas e encapuzadas. Para as mulheres o sofrimento se estendia com a presença dos parentes, o uso de estupro e do aborto. Gestantes, menores e crianças também sofreram tortura. Os torturadores recebiam treinamentos especiais e sempre tinham a companhia de médico-legistas.

Houve muitos casos de desaparecimento político, resultado das mortes por tortura ou execução, até mesmo nas guerrilhas os dados oficiais falsearam o número de perdas. Desde 1968, a Igreja Católica, a OAB e o MDB, em repúdio a opressão, denunciavam o seu esquema, difundindo-os no exterior com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas, o Comitê Internacional dos Juristas, a Comissão dos Direitos Humanos, a Cruz Vermelha e a Anistia Internacional.

Mas o poema *Com camisa, sem camisa* desfechou-se no impasse de João Saldanha:

Daqui por diante vou 'sentir' a Copa.  
 Você, meu irmãozinho, topa? - Topo.  
 Desisto de ensinar a João Saldanha  
 o que ele sabe mais do que eu; a manha,  
 a experiência, a garra, o sentimento  
 do esporte, no macio e no violento,  
 enfim, tudo de bravo que lhe invejo.  
 Sem ele é que a vaca vai pro brejo.  
 Se todo torcedor se mete a técnico,  
 o futebol se vira em pirotécnico  
*show* de bombinhas e de busca-pés  
 que não estouram. Quantos mil Pelés  
 trago no bolso do colete (sem  
 colete, é claro). Aposto que ninguém  
 como papai dirige em sonho, mas  
 vamos deixar time e Saldanha em paz.  
 Melhor ajuda quem não atrapalha  
 o lutador no campo de batalha.  
 Viva Tostão, Fontana e Rivelino,  
 viva escrete, e que ele jogue fino! <sup>78</sup>

Drummond lamentou o descontrole do companheiro partidário, que tanto admirava como guerreiro, mas acossado pelas armações inimigas, não conseguia combinar a ousadia gaúcha e a malandragem carioca em sua conduta. Preocupou-se então com o ambiente do escrete brasileiro, temendo por seu destino com tantos pretendentes ao colete "sacador das cartas".

A saída estava em um caminho inesperado. O empresário Roberto Marinho ao atender o pedido do radialista Valdir Amaral, devolveu o espaço jornalístico para João nas Organizações *Globo*, fortalecendo a equipe de cobertura da Copa. Tal atividade simultânea provocou novos ataques

adversários e o desgaste entre Armando Nogueira, diretor de jornalismo da TV *Globo* e o novo contratado.

No dia 17 de março, Havelange refez a comissão técnica, demitindo Saldanha e contratando Zagalo. Na revista *Placar* nº1 de 20 de março de 1970 João Saldanha escreveu sua *Carta aberta ao futebol brasileiro*, relatando os quatrocentos e seis dias no comando técnico da seleção brasileira, pedindo intervenção do general-presidente Emílio Garrastazu Médici e seu coronel-ministro Jarbas Passarinho na cúpula da CBD, deixando ainda dúvidas sobre a miopia de Pelé.

A IX Copa, disputada entre 31 de maio até 21 de junho de 1970, no México, país escolhido nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, representa até hoje um marco na competição dirigida pela FIFA. Finalmente a Taça Jules Rimet ficou de posse definitiva de um país em seu terceiro título, após reunir na fase semifinal os três candidatos – Uruguai, Itália e Brasil.

O “futebol–arte” atingiu o limite máximo quando os apologistas do “futebol-força” dominavam o cenário internacional, inclusive o brasileiro e se decidia a supremacia entre os continentes e suas escolas. A “International Board’ introduziu na competição a Regra 3, que permite a substituição de dois jogadores de qualquer posição durante a partida, e o uso dos cartões disciplinadores: amarelo para advertência e vermelho para expulsão.

Os 70 países inscritos na fase eliminatória, de 117 filiados da FIFA, disputaram 8 vagas para o continente europeu, 3 para América do Sul, uma para as Américas do Norte e Central, uma para os continentes Ásia e

Oceania e uma para a África, assim atendida após o boicote de 1966. Já classificados automaticamente estavam o México, país-sede e a Inglaterra, última campeã.

Portugal, 3º lugar em 1966 e a conflitante Argentina juntaram-se com França, Holanda, Espanha, Escócia e Iugoslávia na lista dos eliminados da primeira fase, enquanto que Romênia, El Salvador, Israel e Marrocos classificaram-se pela primeira vez.

Os grupos da fase final ficaram compostos de: 1 - cidade do México – URSS, Bélgica, El Salvador e México; 2, - cidades de Puebla e Toluca – Uruguai, Israel, Suécia e Itália; 3 - cidade de Guadalajara, - Brasil, Tchecoslováquia, Romênia e Inglaterra; 4- cidade de Leon – Peru, Bulgária, Marrocos e Alemanha Ocidental.

Como sede dos Jogos Olímpicos de 1968 e da Copa de 1970, o México construiu o Estádio Asteca na cidade do México, com capacidade de 110 mil espectadores e o estádio em Leon para 30 mil pessoas, reformou os estádios de Jalisco em Guadalajara, para 70 mil torcedores, de Toluca com 32 mil lugares e de Puebla com 31 mil. A cobertura da televisão passou a ser direta para todos os países, via satélite e o evento da FIFA fez parte de um planejamento integrado às Olimpíadas, organizado com eficiência e favorecido pela estabilidade da moeda mexicana, amenizando a desconfiança européia da elevada altitude das cidades alocadas.

Foram reunidos 13 textos de Drummond no capítulo “Vencer com honra e graça”, frase retirada em *O momento feliz*, acompanhada pela

legenda “Do alto desta montanha três Copas do Mundo vos contemplam!” da crônica *O incompetente na festa*. As crônicas *Em preto e branco* e “*Parlamento na rua*” que também compõem o capítulo, já foram abordadas no tópico anterior, com as distintas perspectivas sobre a mídia e a opinião pública em torno da mesma questão: o torcedor.

A chegada de Zagalo, em 18 de março, para ser o novo orientador técnico da seleção brasileira, faltando um pouco mais de dois meses para a Copa, veio acompanhada de 5 jogadores : Dário, Roberto, Leônidas, Arilson e Félix. Chegaram também dois militares, brigadeiro Jerônimo Bastos e major Roberto Câmara dos Guaranys, para as funções de chefe e secretário da delegação.

Drummond, vinte e oito dias após, publicou no *Jornal do Brasil*, no dia 16/04/1970, a crônica chamada *Do trabalho de viver*, indicando um novo germinar na seleção brasileira, que surpreendeu inclusive os conspiradores do Saldanha e aliados do novo comandante, após quatro jogos preparatórios.

Mário Jorge Lobo Zagalo, nasceu em Maceió em 9 de agosto de 1931, ficou conhecido pelo sobrenome Zagalo quando surgiu no juvenil do América F.C., do Rio de Janeiro, no final dos anos 40. Atingiu a seleção brasileira após a passagem pelo C. R. Flamengo, tricampeão em 1953-54-55, consagrando-se no Botafogo F.R, primeiro como jogador detentor dos títulos de bicampeão carioca em 1961-62 e bicampeão mundial da Copa da FIFA em 1958-62, e depois como técnico responsável pelo lançamento da



geração bicampeã carioca e da Taça Guanabara de 1967-68. Mais tarde, com uma longa trajetória no futebol, acrescentou em seu sobrenome mais um “I”, baseando-se nos estudos de numerologia, que tanto sustenta sua crença com o número 13.

No texto *Do trabalho de viver*, Drummond retoma o traço distintivo do futebol brasileiro já no comando de Zagalo:

Decerto estou sonhando. Sonhos de abril, cara a cara com manhã pura (...) pondo de lado grandes assuntos do momento (...) faço algum bem a meus leitores (...) Só vejo hoje no Brasil um homem com obrigação de exigir velocidade aos outros. Chama-se Zagalo, e não o invejo. E já estou pensando em um futebol lento, mais do que lento, imóvel, em que os jogadores de ambos os times se sentem no chão para assistir à lenta germinação de uma folhinha de grama: o verde da vida.<sup>79</sup>

No período de preparação da seleção brasileira orientada por João Saldanha, realizaram-se 8 partidas em 1969, sempre se mantendo a base titular, com apenas uma derrota no jogo-treino contra o Atlético Mineiro (1X2), no Mineirão, em 03/09, logo após a classificação para a Copa, resultado especial para o técnico do clube mineiro Yustrich. No primeiro trimestre de 1970, a seleção realizou dois amistosos: 0X2 e 2X1 contra Argentina e o jogo-treino contra Bangu A.C, com resultado de 1X1, já no auge da crise.

A pioneira lista das 22 feras modificou-se em alguns nomes com a proximidade da Copa, norteadando-se novamente pelos melhores jogadores em atividade nos principais clubes brasileiros, com o predomínio do Santos

F.C, Botafogo F.R e o Cruzeiro E.C. ou ainda pela determinação do departamento médico da CBD. Saíram Cláudio, Lula, Félix, Rildo, Djalma Dias, Paulo Borges, Scala e Toninho. Renovaram Ado, Leão, Baldochi, Fontana, Marco Antônio, José Carlos e Rogério.

Os jogos preparatórios no comando de Zagalo foram 6 no Brasil, começando com a goleada de 5X0 contra o Chile, no dia 22/3, no Morumbi, mas tendo na seqüência quatro partidas difíceis: 2X1 no segundo teste contra o Chile, em 26/3, no Maracanã, os empates de 0X0 contra o Paraguai, em 12/4, no Maracanã e a Bulgária, em 26/4, no Morumbi e 1X0 na partida contra a Áustria, em 29/4, no Maracanã, intermediadas pelas goleadas nos jogos-treino contra as seleções locais do Amazonas (4X1), no dia 05/4 e de Minas Gerais (3X1), no dia 19/4.

A viagem antecipada para o dia 1º de maio, facilitando o programa de adaptação às elevadas altitudes das cidades mexicanas, a partir de Guanajuato e Irapuato, possibilitou mais três amistosos contra combinados locais e a definição da seleção titular para a Copa, vencendo de 3X0 Guadalajara, no dia 06/5, 5X2 Leon, no dia 17/5 e 3x0 Irapuato, no dia 24/5. Não embarcaram José Carlos, Dirceu Lopes, Leônidas, Arilson e no México Rogério foi cortado por contusão, ficando a delegação composta de 3 goleiros.

Quando assumiu, Zagalo escalou um time-base: Félix, Carlos Alberto, Brito Fontana e Marco Antônio, Clodoaldo, Gerson e Paulo César Lima, Jairzinho, Roberto e Pelé, modelando-se em seu trabalho no Botafogo F.R.,

com o esquema de 4-3-3, deixando Tostão de fora se recuperando como reserva de Pelé e que só retornou no penúltimo amistoso do dia 26/4 como ponta-de-lança. Testou ainda Dário nos jogos dos dias 12 e 19/04, no lugar de Roberto.

Drummond aproxima ao futebol brasileiro a lentidão do ato de criar, distanciando-se das concepções importadas do último futebol campeão. Zagalo desde a fase de jogador preocupava-se em observar a arrumação tática das equipes e as características dos jogadores adversários, mas tinha um modelo vencedor como paradigma. Hoje está consolidada uma nova versão colonizadora, pseudomoderna e eugênica, que insiste em traduzir a melhor Copa brasileira pelos métodos de educação física incorporados, naquele momento, pelo grupo representante do regime militar.

No dia 18 de abril, quando foi noticiada a ação militar no Vale do Ribeira, em SP, visando eliminar o foco guerrilheiro de Lamarca, Carlos Drummond de Andrade publicou no *Jornal do Brasil* a crônica *Carta sem selo*, demonstrando preocupação com a nova configuração do escrete em contexto nacional de muitas incertezas e opressão.

Á Bola (na Concentração, Retiro dos Padres) - Bolinha minha, meu amigo redondo, suplico-te: não deixes a Copa ficar com Britânia ou outra qualquer nação que dela não precisa como precisamos nós. Faze o seguinte: se nossos atletas não derem tudo que têm obrigação de dar, assume por ti mesma o ataque, vai em frente e, sozinha, ganha para nós esse terceiro campeonato. Tostão talvez não jogue? Joga por ele (...) Ou ganhamos no México ou não sei o que será de nós, de nossos negócios particulares e até da segurança nacional. Sim, da segurança (...) o

negócio é sério, não preciso esclarecer mais nada, tu me compreendes:  
salva-nos!<sup>80</sup>

A equipe canarinho ainda não se afinara. Tostão na reserva era outro ponto de divergência da opinião pública. Somente João Saldanha teve coragem em reunir vários jogadores que utilizavam a tradicional camisa 10, jogando do meio de campo para a área adversária, pelo lado direito Pelé, Dirceu Lopes, Jairzinho e Paulo Borges e pelo lado esquerdo Tostão, Rivelino, Toninho e Paulo César Lima, complementados por Edu e Rogério como os ponteiros mais fixos.

No último amistoso, no dia 29/4, contra a Áustria, no Maracanã, o ex-jogador e novo técnico do escrete brasileiro foi convencido pelos verdadeiros líderes no campo a virar a mesa, trinta e quatro dias antes da estréia na Copa. Gérson, Carlos Alberto e Pelé, com adesão de Tostão, Clodoaldo e Rivelino, apresentaram como escalação preferida uma equipe com capacidade de variadas combinações táticas, segundo a potencialidade de cada jogador escolhido. Propuseram as trocas de Fontana por Wilson Piazza e de Marco Antonio por Everaldo, compensado estilos e arrumação da defesa. No meio de campo, Gerson passaria a ocupar a posição central, com Clodoaldo pela direita e Rivelino pela esquerda, indo e vindo. No ataque, Pelé ficaria enfiado, com Jairzinho deslocando-se pela direita e Tostão pela esquerda. E a bola atendeu ao pedido de Drummond.

A 9ª versão da Copa da FIFA começou com um empate de 0X0 entre México e URSS, no Estádio Asteca lotado. No entanto, o campeonato

representou um equilíbrio de forças entre as principais escolas europeias e americanas, com seleções de elevado nível técnico e equipes bem estruturadas. O Brasil ultrapassou a todas, fazendo sua melhor Copa e de Pelé, levando a Taça Jules Rimet para sempre.

O “English Team” classificou-se em 2º lugar em seu grupo com duas vitórias de 1X0 (Romênia e Tchecoslováquia) e foi eliminada nas quartas de final pela revanche alemã (2X3). A URSS, 1º lugar no grupo mexicano, derrotando Bélgica (4X1) e El Salvador (2X0) e empatando com o México, despediu-se na etapa seguinte ao perder para o Uruguai por 0X1 na prorrogação, com lance duvidoso. O anfitrião México, depois da classificação em 2º lugar com duas vitórias contra El Salvador (4X0) e Bélgica (1X0), foi goleado pela Itália por 1X4. O Peru, comandado por Didi, entrou na Copa eliminando a Argentina (1X0 e 2X2) e Bolívia (1x2 e 3X0), nas oitavas de final terminou em 2º lugar com duas vitórias (3X2 na Bulgária e 3X0 no Marrocos). Na etapa seguinte confrontando-se com o Brasil foi superado (2X4).

A semifinal confirmou a qualidade da competição com dois jogos entre seleções do mesmo continente. A Alemanha Ocidental, campeã em 1954 e vice-campeã em 1966, invicta desde a fase eliminatória, venceu as quatro partidas disputadas no México (2X1 no Marrocos, 5x2 na Bulgária, 3X1 no Peru e 3X2 na Inglaterra) e ficou diante da renovada Itália, bicampeã em 1934/38, que vinha de duas vitórias( 1X0 na Suécia e 4X1 no México) e de

dois empates de 0X0 (Uruguai e Israel). Ambas seleções mesclavam força e talento.

A Alemanha Ocidental já havia derrotado os ingleses na prorrogação, depois de estar perdendo por 0X2. No confronto com os italianos perdia de 0X1 até os 44 minutos do segundo tempo, quando Schnellinger empatou, estabelecendo outra prorrogação, que terminou também empatada em 2 gols do alemão artilheiro da Copa Gerd Muller e 2 gols dos italianos Burgnich e Riva, com alternância no placar. Depois de 118 minutos, o ponteiro-esquerdo Gigi Riva classificou os italianos para a final, restando para os alemães o 3º lugar, ao vencer o Uruguai por 1X0, sem o líder Franz Beckenbauer que deslocara a clavícula contra Itália, atuando até o fim do jogo com o braço enfaixado. O Uruguai fez um percurso regular (2X0 contra Israel, 0X0 contra Itália, 0X1 contra Suécia e 1X0 contra URSS), até receber o troco brasileiro na semifinal, inclusive de virada por 1X3.

O Brasil disputou o grupo 3, encabeçado pelos campeões ingleses, junto com as habilidosas Tchecoslováquia e Romênia, do bloco socialista. Estava localizado na cidade de Guadalajara, onde ficou até a penúltima partida do campeonato, jogando no Estádio de Jalisco com o apoio da torcida local. Teve a melhor campanha de um campeão mundial, classificando-se para a Copa com seis vitórias em seis jogos, fazendo 23 gols pró e 2 contra e conquistando o terceiro título também com seis vitórias em seis jogos com 19 gols pró e 7 contra.

Da Copa de 1966 permaneceram Brito, zagueiro do Flamengo recém-comprado do Vasco, Gérson, meia-armador do São Paulo recém-comprado do Botafogo, Jairzinho, atacante botafoguense, Tostão meia-esquerda cruzeirense e Pelé, ponta de lança santista. Com exceção de Pelé, em sua quarta copa, aos 29 anos, os outros craques representavam a terceira geração do Maracanã, servindo de espinha dorsal da renovação, fracassada em 66 e consagrada em 70.

A trajetória brasileira começou contra a Tchecoslováquia, no dia 3/6, empatando de 1X1 no primeiro tempo e virando com goleada no segundo por 4X1, gols de Petrus, Rivelino, Pelé e dois de Jairzinho, respectivamente. Na maioria dos jogos, principalmente nos decisivos da semi e da final, três acontecimentos se repetirão: o melhor desempenho no segundo tempo, as jogadas inesquecíveis de Pelé e gols de Jairzinho, apelidado de “Furacão da Copa”, pelo locutor Valdir Amaral.

A seleção brasileira foi considerada pela Organização Mundial de Saúde – OMS, que realizou pela primeira vez em uma Copa testes físicos em todas as seleções competidoras, a de melhor condicionamento, sendo o zagueiro Brito o atleta da Copa. Com isso os apologistas da Escola de Educação Física, precipitaram-se e agora são repetidos, em afirmar que a vitória brasileira no segundo tempo resultou dos princípios científicos de nossa preparação por Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira, ligados ao modelo europeu, o primeiro combinando vários métodos e o segundo

baseado na resistência, e o capitão Cláudio Coutinho, com estudos nos EUA, introduzindo o Cooper e a questão da velocidade.

Os países europeus tiveram dúvida sobre a realização da Copa no México, considerando o problema da localização das cidades muito acima do nível do mar. Prepararam-se com métodos diversificados, que a comissão técnica brasileira incorporou alguns. O verão mexicano e os jogos de dia derrotaram esses “métodos revolucionários”, e até hoje nenhum país europeu venceu a Copa da FIFA fora de seu ambiente, ao contrário do Brasil, uma na Europa em 1958 e outra na Ásia em 2002.

Os defensores atuais do “cientificismo” no futebol brasileiro ao comentar a Copa de 70 criticam a lentidão na maneira de atuar dos jogadores da época, supervalorizando a correria atual, uma opção já refutada por Drummond em cartas, prosas e poesias, desde 1966.

Antes da Copa acusavam o jogador Hércules Ruas Brito de um atleta descuidado e indisciplinado. A lista surpresa de Saldanha incluía uma dezena de nomes repudiados pelos palpiteiros da CBD, a começar por Carlos Alberto Torres, quem escolheu para capitão. Gérson de Oliveira Nunes, conhecido como a “canhotinha de ouro”, viajou saturado de tanto esforço muscular, alertado pelo mesmo treinador, em constantes choques com o médico Lídio Toledo e os preparadores físicos Chirol, Parreira e Coutinho, ficando na Copa sem atuar no o segundo e o terceiro jogos e sendo poupado no final da partida contra o Peru.



Tais considerações reduzem ao ponto necessário da importância do condicionamento físico da seleção brasileira na Copa de 70, que pode ser comparado em seu planejamento com a preparação de 1958, também incomum, guardando as distinções contextuais.

Pelé é quem trouxe as respostas, inclusive à provocação de João, a partir de uma outra lógica. Contra a Tchecoslováquia, percebendo goleiro tcheco sempre adiantado, disparou um chute do meio de campo, em uma distância de 70 metros, raspando o poste esquerdo do assustado Viktor. O principal atacante brasileiro anteviu outros lances surpreendentes em cada partida, preparando ataques fulminantes, jogadas inexploradas e gols na hora certa, retendo em seus pés o destino da bola.

E Jair Ventura Filho, conhecido por Jairzinho, também foi inédito, o único atacante que fez gol em todas os jogos disputados em uma Copa, como diria o poeta de Itabira, “com força, com raça e com graça”.

Em 07 de junho, o Brasil enfrentou a campeã Inglaterra, sem o regente Gérson, substituído pelo atacante botafoguense Paulo César Lima, vencendo-a por 1X0. A jogada veio de Tostão, no lado esquerdo do campo, driblando quatro defensores ingleses e cruzando com a perna direita para Pelé, que recebeu na marca do pênalti, atraindo a defesa e adocicando a conclusão de Jairzinho, aos 15 minutos do segundo tempo. Como Alf Ramsey substituiu Bobby Charlton por Astle e Lee por Bell, visando o empate, Zagallo trocou Tostão pelo atacante botafoguense Roberto, buscando conter a pressão britânica.

Dois lances foram decisivos no primeiro tempo. A cabeçada de cima para baixo de Pelé defendida por Gordon Banks aos 10 minutos e a entrada do capitão Carlos Alberto Torres no atacante inglês Francis Lee, revidando a joelhada do atacante inglês em Félix.

Carlos Drummond de Andrade publicou em *Versiprosa* outro poema ligado ao futebol brasileiro durante a Copa de 1970, denominado de *Prece do Brasileiro*, que frontaliza a ditadura com o retorno da miséria na seca do nordeste:

Meu Deus,  
 Só me lembro de vós para pedir(...)  
 Olhai para o nordeste  
 onde há fome Senhor, e desespero  
 rodando nas estradas entre esqueletos de animais(...)  
 procissões de braços estendidos,  
 assaltos , sobressaltos, armazéns(...)  
 Fazei, Senhor, chover a chuva boa,  
 aquela que, florindo e reflorindo(...)  
 dá vida ao boi, ao bode, à erva seca (...)  
 Fosse eu Vieira  
 (o padre) e vos diria, malcriado,  
 muitas e boas (...) mas sou vosso fã  
 omissos , pecador, bem brasileiro(...)  
 E matreiro, rogo, não  
 ao Senhor Deus dos Exércitos (Deus me livre)  
 Mas ao Deus que Bandeira com carinho  
 botou em verso(...)  
 Faz sentido deixar o Ceará  
 Sofrer em ciclo a mesma eterna pena? <sup>81</sup>

Em visita aos Currais Novos do Seridó, Rio Grande do Norte, o presidente Emílio Garrastazu Médici, no dia 6 de junho, constatou as conseqüências da seca, com os flagelados sendo vendidos em caminhões,

saques em armazéns e feiras pela carência total de alimentos e roubo da imagem de São José, que os crédulos enterravam no solo duro, suplicando-lhe chuva.

A ARENA insistia que a crise era manipulada pelos guerrilheiros. A seca estendia-se por Ceará - CE, Rio grande do Norte - RN, Pernambuco - PE e Piauí – PI, com milhões de desempregados que só se alimentavam de xiquexique, mamcabira, raízes silvestres, lagarto, ratos ou morriam de inanição.

O descaso do Ministro do Interior Costa Cavalcanti fez crescer as invasões, cercando as cidades e pressionando as autoridades municipais, que com precário aparelho policial pediram ajuda ao Governo federal.

Drummond retratou a seca em *Prece do brasileiro* como um diálogo entre o suplicante e Jesus Cristo, com a mesma simplicidade de Manoel Bandeira e diferente do reformismo do padre Antônio Vieira. O cronista desmistifica o “beatismo”, ao mesmo tempo em que denuncia a inoperância dos governantes militares insensíveis à questão social, sem nenhum projeto de enfrentamento às tendências climáticas do pobre sertão nordestino. Como resposta do mestre Jesus, Drummond esclarece:

Escute meu cronista e meu cristão:  
essa cantiga é antiga  
e de tão velha não entoa não.  
Você tem a Sudene abrindo frentes  
De trabalho de emergência, antes fechadas,  
tem a ONU, que manda toneladas  
de pacotes à espera de haver fome...  
Em Israel, minha primeira pátria

(a segunda é a Bahia),  
desertos se transformam em jardins...  
obra do homem e da tecnologia.  
Você meu brasileiro,  
não acha que já pé tempo de aprender  
e de atender àquela brava gente,  
fugindo à caridade de ocasião  
e ao vício de esperar tudo as oração? <sup>82</sup>

A solução encontrada pelo Governo Federal teve dois momentos. De imediato empregou mais 600 mil sertanejos, de maio a dezembro, sob o comando do Exército, para abrir estradas e construir açudes, recebendo salários abaixo do mínimo. Depois veio o Plano de Integração Nacional – PIN, em 16/6, que procurou combinar a carência demográfica da Amazônia com a carência de emprego do nordeste, por meio da construção de estradas e a ocupação territorial da região norte, iniciada com Transamazônica e o Projeto Integrado da Colonização de Altamira, PA.

A Transamazônica buscou ligar o leste, em João Pessoa – Paraíba até o oeste, em Cruzeiro do Sul – Acre, incorporando no trajeto estradas existentes e rasgando a selva em 2, 025 km. Parou em 1974, em Humaitá – Amazonas, restando o trecho Lábrea - Boca do Acre. O Ministro dos Transportes Mario Andreazza comandou a obra, que necessitou do desvio de verbas da SUDENE com o elevado custo das empreitadas. A rodovia durante as chuvas regulares da região equatorial é intransitável até hoje.

Por outro lado o Ministro Mário Andreazza pôde inaugurar em 4 de março de 1974 a ponte Rio-Niterói, outro projeto de elevado investimento e com inúmeras dificuldades técnicas na construção. A ponte estende-se por

12,9 km e tem 300 metros de vão central em vigas de aço. A obra utilizou 10.500 operários com muitos casos de acidente de trabalho, inclusive mortes sem números oficiais. A ponte preparou a reunificação do Estado do Rio de Janeiro em 1975.

No Projeto Integrado de Colonização em Altamira houve a desistência da metade dos colonos, pela ausência de assistência técnica, tecnológica, econômica e social, mesmo com o governo arcando com as vias de acesso, demarcação e titulação das glebas.

O presidente Médici criou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, em substituição do IBRA, em 9 de julho, visando desenvolver principalmente a colonização das áreas de vazios demográficos, principalmente com projetos agropecuários na Amazônia, que ocuparam mais de 47 mil h.a cada, atraindo as grandes corporações nacionais e estrangeiras do sudeste, com restrita oferta de vagas de emprego.

A reforma agrária foi trabalhada pelo Programa de Redistribuição de Terras e Estímulo à Agroindústria do Nordeste – PROTERRA, que indenizou em dinheiro os latifúndios improdutivos, mas realizando poucos assentamentos. Os projetos de colonização baseados no setor privado também foram iniciados, a partir de incentivos fiscais e se direcionaram para a região centro-oeste, a partir de 1978, com migração sulina de pequenos e médios proprietários.

A ocupação territorial da região norte trouxe o processo de desmatamento e a ameaça do desequilíbrio ecológico, iniciando os primeiros embates entre os ambientalistas e os especuladores concentracionistas. Tentando sensibilizar a majoritária tendência nacionalista da oficialidade, o PIN promoveu o lema “integrar para não entregar”, completando o decreto do Mar Territorial de 200 milhas, de 25/3, que delimitou a costa brasileira em 370 km.

Então a prece de Drummond terminou com outro pedido, onde coração brasileiro mais palpitava de esperança, rezando pela conquista da Copa do México.

Na véspera da 3ª partida, Drummond escreveu no *Jornal do Brasil*, seu impasse como torcedor. No texto *Meu coração no México*, admitiu a contaminação de uma imensa torcida impulsionada pelo desempenho das partidas anteriores, que definiram a classificação. Como dissera antes, o risco da Copa não estava no imprevisível jogo de futebol e sim na repercussão alienante do resultado para o contexto nacional. Ele era mais um a confessar o impulso tentador:

Meu coração não joga nem conhece  
as artes de jogar. Bate distante  
da bola nos estádios, que alucina  
o torcedor, escravo de seu clube.  
Vive comigo, e em mim, os meus cuidados.  
Hoje, porém, acordo, e eis que me estranho:  
Voou certo, sem consultar,  
instalou-se, discreto, num cantinho  
qualquer, entre bandeiras tremulantes,  
microfones, charangas, ovações,  
e de repente, sem que eu mesmo saiba

como ficou assim, ele se exalta  
e vira coração de torcedor,  
torce, retorce e se distorce todo,  
grita: Brasil! Com fúria e com amor.<sup>83</sup>

No dia 10 de junho, o Brasil obteve sua terceira vitória, jogando contra a desconhecida Romênia por 3x2 e se classificando em primeiro lugar no grupo, com direito de permanecer em Guadalajara. A 3ª partida apresentou o setor defensivo brasileiro alterado pelos dois desfalques no meio-campo, Gerson e o corintiano Rivelino, encontrando dificuldade diante dos romenos. No primeiro tempo, depois de 2 gols brasileiros em 20 minutos, feitos por Pelé e Jairzinho, os romenos descontaram com Dumitrache aos 34'. No segundo tempo Pelé fez 3X1 aos 24' e finalmente Dembrowsky diminuiu aos 38'.

Zagalo tinha escalado o cruzeirense e ex-vascaíno Fontana na zaga e puxado o cruzeirense Piazza para sua posição de origem, ao lado de Clodoaldo e Paulo César Lima. No segundo tempo procurou jogar pelos flancos, colocando o lateral-esquerdo tricolor Marco Antônio no lugar do gremista Everaldo e o ponta-esquerda santista Edu no lugar de Clodoaldo.

Nas quartas de final, os brasileiros ficaram diante da seleção peruana do patrício Valdir Pereira, o ex-jogador Didi, maestro do bicampeonato mundial, que estruturou uma equipe ofensiva com alguns jogadores de alto nível técnico, mas vulnerável em sua defesa, que não resistiu a Pelé, Tostão e Cia. Com essa equipe, o Peru obteve o melhor desempenho em Copa do Mundo.

O placar de 4X2, gols de Rivelino, Tostão (2) e Jairzinho pelos brasileiros e Gallardo e Cubillas pelos peruanos, em 14/6, foi construído em um jogo aberto, brilhando as duplas Pelé - Tostão e Cubillas - Gallardo. No segundo tempo Gérson foi poupado, dando lugar para Paulo César Lima, que alternava a chegada na linha de fundo com Rivelino e Marco Antônio, titular nessa partida no lugar de Everaldo.

A semifinal não poderia ser mais dramática, com a imprensa brasileira e uruguaia remontando a decisão da Copa de 50. O Uruguai continuava a representar um futebol de garra, catimba, organização defensiva, qualidade técnica e com as mesmas condições de conquistar a Taça.

A “Celeste” saiu na frente, aos 19 minutos, com as falhas de Brito e Félix, aproveitada pelo seu ponta-direita Cubilla. Gérson não conseguia distribuir as jogadas, ao sofrer uma marcação especial. Resolveu recuar, pedindo para Clodoaldo desmarcado avançar. O empate brasileiro não tardou e aos 42 minutos, com um preciso passe de Tostão entre dois defensores, na direção do deslocamento de Clodoaldo para a grande área, o médio-volante santista recebeu o passe e com um chute forte e a meia altura, balançou a rede uruguaia.

No segundo tempo, ainda retrancado, o Uruguai não viu a bola, que se reservou para uma variedade de belas jogadas brasileiras, como os gols de Jairzinho desempatando aos 31' e de Rivelino fechando o placar aos 44', e nos três momentos singulares de Pelé.



O primeiro lance ocorreu quando o goleiro uruguaio chutou um tiro de meta e a bola foi em direção a Pelé, que respondeu de primeira, quase surpreendendo Mazurkiewics, mas por puro reflexo conseguiu agarrar a bola de volta.

O segundo lance teve os mesmos personagens. Pelé recebeu a bola em profundidade, na pequena área adversária, ficando cara a cara com o Mazurkiewics, deixando correr a bola pelo lado esquerdo do goleiro com um drible de corpo e dando a volta pelo lado direito do mesmo para recuperá-la mais adiante e chutar cruzado, raspando a trave do lado oposto.

O terceiro lance começou, quando Pelé foi lançado na ponta - esquerda do ataque brasileiro, depois de ser muito caçado, sofrer pênalti não marcado e ter revidado com um toco no violento Ubiñas, ao correr no sentido da bola viu o carrasco uruguaio aproximar-se por detrás, então escorou com o cotovelo a chegada agressiva do defensor e ainda obteve a marcação da falta pelo árbitro espanhol José Maria Ortiz de Mendibil, que o tempo todo teve complacência com a violência uruguaia. Era o fim do menosprezo de Obdulio Varela.

Na véspera do jogo final, Drummond publicou no *Jornal do Brasil*, a crônica denominada de *O momento feliz*, escrevendo em verso a expressiva campanha desde as eliminatórias. Abre o texto unindo os dois trabalhos, de “João sem-medo” e do “formiguinha Zagalo”, como sendo uma complementação harmônica.

Com o arremesso das feras  
 e o cálculo das formigas  
 a Seleção avança  
 negaceia  
 recua  
 envolve.<sup>84</sup>

No mesmo texto, já inserido na torcida e jogando com todas as emoções, Drummond retoma a comparação do desgaste físico e da tensão psíquica sofrida pelo torcedor, como se estivesse em campo, só que impotente para decidir e compreender a hostil realidade. Descreve:

É longe e em mim.  
 Sou o estádio de Jalisco, triturado  
 de chuteiras, a grama sofredora  
 a bola mosqueada e caprichosa.  
 Assistir? Não assisto. Estou jogando.  
 No baralho de gestos, na maranha  
 na contusão da coxa  
 na dor do gol perdido  
 na volta do relógio e na linha de sombra  
 que vai crescendo e esse tento não vem  
 ou vem mas é contrário... e se renova  
 em lenta lesma de replay.  
 Eu não merecia ser varado  
 Por esse tiro frouxo sem destino.<sup>85</sup>

Drummond como um alvo bem vulnerável entregava-se ao que via no Estádio, enunciando em *O momento feliz* a lição de nossos personagens mais humanos.

Meus onze atletas  
 são onze meninos fustigados  
 por um deus fútil que comanda a sorte.  
 É preciso lutar contra o deus fútil  
 fazer tudo de novo: formiguinha  
 rasgando seu caminho na espessura  
 de cimento do muro.

Então crescem os homens. Cada um  
 é toda a luta, séria. E é todo arte.  
 Uma geometria astuciosa  
 aérea, musical, de corpos sábios  
 a se entenderem, membros polifônicos  
 de um corpo só, belo e suado. Rio,  
 rio de dor feliz, recompensada.<sup>86</sup>

A decisão da Copa de 1950 retornou por um instante na rápida  
 passagem da menção sobre o “deus fútil”, marcando a primeira indicação do  
 que esteve por muito tempo calado. Quando chegou a hora da definição do  
 jogo, Drummond narrou cada jogada em *O momento feliz*:

Com Tostão a criar e Jair terminando  
 a fecunda jogada.  
 É goooooooooool...  
 na minha rua nos terraços  
 nos bares nas bandeiras nos morteiros...  
 na girandolarrugem das girândolas  
 na chuva de papeizinhos picados celebrando  
 por conta própria no ar: cada papel  
 riso de dança distribuído  
 pelo país inteiro em festa de abraçar  
 e beijar e cantar...  
 Ninguém me prende mais, jogo por mil  
 jogo por Pelé o sempre rei republicano  
 o povo feito atleta na poesia  
 do jogo mágico.  
 Sou Rivelino, a lâmina do nome  
 cobrando, fina, a falta.  
 Sou Clodoaldo rima Everaldo.  
 Sou Brito e sua viva cabeçada,  
 com Gérson e Piazza me acrescento  
 de forças novas. Com orgulho certo  
 me faço capitão Carlos Alberto.  
 Félix, defendo e abarco  
 em meu abraço a bola e salvo o arco.<sup>87</sup>

Na tela da TV o Brasil voltou a se reunir em um novo momento de  
 glória, mesmo com a indevida trilha ufanista de Don e Ravel em *Eu te amo*

ou a música *Pra frente Brasil*, de Miguel Gustavo, em mais um lance de marketing político da ditadura.

Esquecimento sustenta lembrança e a segunda indicação da humilhação de 200 mil brasileiros na tarde de 16 de julho de 1950 no Maracanã veio no elogio de Drummond sobre a prudência da seleção de Zagalo, combatendo até o último minuto os uruguaios. A crônica *O momento feliz* se desfecha enunciando uma verdadeira afirmação:

Como foi que esquentamos assim o jogo?  
 Que energias dobradas afloram  
 do banco de reservas interiores?  
 Um rio passa em mim ou sou o mar atlântico  
 passando pela cancha e se espreitando  
 por toda a minha gente reunida...  
 contente de existir, trocando a morte  
 o ódio, a pobreza, a doença, o atraso triste  
 por um momento puro de grandeza  
 e afirmação no esporte.  
 Vencer com honra e graça  
 com beleza e humildade  
 e ser maduro e merecer a vida  
 ato de criação, ato de amor.<sup>88</sup>

Na decisão do título mundial, no Estádio Azteca, no dia 21 de junho, a imprensa brasileira tentou retomar outra Copa, disputada na França, em 1938, que a “esquadra azurra” nos desclassificou e foi bicampeã, além do fato de concorrer pela posse definitiva da Taça Jules Rimet. Os italianos tiveram uma semifinal complicada, jogando duas prorrogações com a invicta seleção alemã.

A seleção brasileira começou segura abrindo o placar aos 18 minutos em uma perfeita cabeçada de Pelé, após o cruzamento de Rivelino. Os

italianos empataram na falha de Clodoaldo aos 37 minutos com Boninsegna, segurando o resultado no primeiro tempo. Desde 1950, nos jogos de decisão, a seleção que fazia o primeiro gol era derrotada. Mais uma superação do escrete brasileiro.

O retorno para segunda parte da partida repetiu a tendência brasileira na Copa e das outras decisões em 1958 e 1962. Fechado na defesa e aguardando o contra-ataque, a seleção da Itália foi surpreendida aos 20 minutos em uma jogada individual de Gérson, que depois de cortar um adversário chutou forte no canto esquerdo do goleiro Albertosi. Inverteram as posições, a Itália abriu sua defesa e facilitou os contra-ataques brasileiros, na regência de Gérson. Aos 25 minutos, Pelé recebeu um longo lançamento de 30 metros do maestro brasileiro e de cabeça deixou Jairzinho entrar com bola e tudo.

Finalmente, consagrando a seleção canarinho, aos 43', os jogadores brasileiros vieram trocando passes desde a defesa, até Clodoaldo driblar vários italianos e entregar a bola para Jairzinho, que procurou tabelar com Pelé, enquanto Carlos Alberto corria bem aberto pelo lado direito. Pelé sem olhar passou para o capitão concluir com precisão. Brasil 4X1 Itália, fim de jogo, festa no campo para 107 mil espectadores e no Brasil para 90 milhões de torcedores. Carlos Alberto ergueu a Taça junto com os companheiros, com imagens para 700 milhões de telespectadores em 50 países, trazendo-a definitivamente para ser tocada em Brasília pelo torcedor mais poderoso dos brasileiros, o terceiro general - presidente Emílio Garrastazu Médici.

Em clima de divisão interna das Forças Armadas, Emílio Garrastazu Médici havia sido escolhido pela tutela da linha mais dura do comando militar, sustentando o nome do general gaúcho diante de vários candidatos, no momento de consolidação do regime. A eleição indireta foi homologada em 25 de outubro de 1969 por um Congresso mutilado e reconvocado após 10 meses conforme o Ato Complementar nº 73 de 15/10, com 239 votos da ARENA e 76 abstenções do MDB.

O processo sucessório militar iniciara na consulta da oficialidade acerca das candidaturas de Emílio Garrastazu Médici, Orlando Geisel, Antonio Carlos Murici, Sizen Sarmento, Lira Tavares e Afonso de Albuquerque Lima, que preferiu o candidato diretor do material bélico do Exército, Afonso de Albuquerque Lima, ex-Ministro do Interior de Costa e Silva e discordante do super-Ministro Delfim Netto, mas refutado pelo Comando Superior das Forças Armadas por não possuir quatro estrelas e estando abaixo da hierarquia. Como sua base vinha da Marinha, foi escolhido para vice - presidente o almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald, membro do comando revolucionário e da junta militar. Em 14 de outubro de 1969 foram decretados pela junta militar dois Atos Institucionais configurando a eleição de Médici. AI nº 16 considerou vagas a presidência e a vice-presidência da República e o AI nº 17 autorizou a punição de militares que desestabilizarem as Forças Armadas.

O presidente Emílio Garrastazu Médici já empossado convidou o senador Filinto Muller e o deputado Geraldo Freire para exercerem a

liderança do governo nas duas casas legislativas, e o deputado mineiro Rondon Pacheco - ex-chefe do Gabinete Civil do governo Costa e Silva - para ocupar a presidência da Arena.

O governo de Médici caracterizou-se pela centralização administrativa, intolerância política e violação total dos direitos humanos, negando-se a qualquer dissimulação democrática, inclusive não ouvindo o partido governista. Governou por decretos-lei e procurou ter popularidade utilizando a propaganda política de caráter ufanista, baseada no binômio segurança e desenvolvimento, contando com um mecanismo de repressão violenta e com adesão dos grupos econômicos e sociais ligados ao capital monopolista multinacional e de um restrito segmento da classe média emergente. Seu maior aliado era a mídia, liderada pelas *Organizações Globo*, que em troca das condições infra-estruturais, exercitava a hegemônica indústria cultural também como Aparelho Ideológico do Estado.

As *Organizações Globo* tomaram impulso acelerado com o golpe militar de 1964. De pequena empresa jornalística carioca expandiu-se na trilha da queda das concorrentes líderes do mercado, crise instalada pela imediata intervenção militar na *Ultima Hora* e mais adiante nos ex-aliados *Correio da Manhã* e *Tribuna da Imprensa*, além do impasse de outros impressos diante da censura e dos obstáculos financeiros provocados. A renovação da concessionária rádio *Globo* por meio da concessão do canal cassado da *Marynk Veiga* e o advento de sua televisão, concedido antes por JK, mas só inaugurado em 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, sob a

tutela do grupo *Time Life*, indicaram o caminho do enriquecimento rápido e tardio do empresário Roberto Marinho.

O contrato entre o grupo empresarial *Time Life* e as *Organizações Globo* assinado na montagem da TV Globo garantiu a fundamental assistência financeira, administrativa e técnica norte-americana, oferecendo a dianteira do novo período da televisão brasileira a partir dos anos 70, que precipitará a falência dos 23 condôminos das Emissoras Associadas iniciada com a morte de Assis Chateaubriand em 04 de abril de 1968 e registrará os suspeitos incêndios e decadências da TV Record e TV Excelsior, que perdera a concessão em 28 de setembro de 1970 no revide da ditadura à sua oposição anterior.

A TV Globo organizou a diretoria com a administração empresarial do norte-americano Joseph Wallace, reunindo Walter Clark (direção geral), Luis Guimarães (diretor-adjunto da vice-presidência), José Ulisses Arce (diretor da comercialização), José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (diretor da programação e produção) e José Armando Nogueira (diretor de jornalismo), estabelecendo uma série de novidades mercadológicas.

O acordo Time Life-Globo foi condenado pela CPI em 22 de agosto de 1966 por ferir o artigo 160 da Constituição Federal vigente, embora o presidente Castelo Branco e o procurador-geral da República consideraram a operação legal. A parceria foi desfeita em 1969 tornando-se uma empresa brasileira, de créditos facilitados, com inúmeras concessões regionais e uma rede de filiados, detentora do processo de concentração e de combinação de



setores e empresas, em âmbito nacional, que reserva o domínio do suporte publicitário, onde associado ou independente o capital estrangeiro trafega.

Drummond publicou no *Jornal do Brasil*, em 09/7/1970, a crônica denominada de *Seleção, eleição*, durante o período da campanha eleitoral para as casas legislativas federais e estaduais. Associou o clima eufórico da população brasileira com a apropriação indébita das conquistas esportivas pelo regime militar para a vitória do situacionismo.

Chute em gol; vote na Arena e ganhe na Loteria Esportiva... Estes são alguns dos slogans que leremos e ouviremos daqui a pouco, ao abrir a campanha eleitoral (não esquecendo os *jingles* de Miguel Gustavo). A Arena recebeu instruções: deve esforçar-se por motivar o eleitorado, acenando-lhe com as nossas (suas, dela) vitórias esportivas no exterior, que, desta maneira, se transformarão em vitórias políticas no interior(...)

Ficará a oposição com os êxitos esportivos internos?(...)As vitórias dos grandes clubes são polêmicas, dividem mais do que somam... Pelo sistema proporcional, que costuma vigorar em algumas democracias, seria simpático a Arena deixar ao MDB uma parcela das glórias...Consentiria, por exemplo, em ceder, não digo Pelé e Tostão, o que seria crime contra a segurança nacional, mas Dario, Edu, Baldocchi, Fontana(...)

Consolo único do MDB é filosofar em sonho, onde tudo é permitido, principalmente o absurdo.<sup>89</sup>

Para as eleições de 11 de novembro foi exigido de cada candidato sua aprovação pelo SNI, reduziu-se a composição da Câmara de 409 para 310 e se realizou novamente a operação gaiola com 5 mil prisões, tendo como pretexto uma possível manifestação no aniversário de morte do guerrilheiro Marighela.

Os resultados eleitorais foram os esperados, a ARENA elegendo 468 deputados estaduais, 223 deputados federais e 40 senadores, contra 233,

87 e 6, respectivamente, para o MDB. O partido de oposição venceu apenas na Guanabara, Acre -AC e Roraima - RR, embora se totalizaram 2,1 milhões de votos nulos, principalmente na GB (13%), RS (33,5%) e RR (46%).

Dois anos depois a supremacia arenista expandiu-se nas eleições municipais, dividindo ainda mais o MDB, que então funda o “grupo dos autênticos”, composto por Alceu Colares, Alencar Furtado, Fernando Cunha, Fernando Lira, Francisco Pinto, Freitas Nobre, Getúlio Dias, Iran Gadelha, J.G.de Araújo Jorge, Lysâneas Maciel, Marcos Freire e Pais de Andrade.

Assim o presidente-torcedor de Armando Nogueira foi revirado pela ironia do cronista de Itabira em suas articulações políticas, que solaparam o processo eleitoral, quase eliminando a oposição consentida.

Na carta ao seu neto Luis Maurício de 13/9/70, já citada no tópico 3.1, Drummond também destacou o lançamento da loteria esportiva por todo o país, envolvendo a maioria da população brasileira como um mais um lance de apropriação do sucesso do nosso futebol pelo governo militar.

Em cada rua há uma agência da Loteria, e filas enormes esperam até meia-noite que suas apostas sejam aceitas. As casas comerciais mudam de ramo, deixam de vender mercadorias par atender aos apostadores. Uma loucura coletiva.<sup>90</sup>

Outro traço marcante do governo de Médici foi a configuração nos ministérios de uma tecnocracia, mesclada de militares e civis, que ainda se alojam no poder após o declínio do regime, enquanto fio condutor do sistema

em seu sentido maior, de uma formação social determinada pelo modo de produção capitalista dominante, subordinada ao império ocidental.

Os ministros militares Jarbas Gonçalves Passarinho na pasta de Educação e Cultura e Mário David Andreazza em Transportes e os ministros civis José Costa Cavalcanti no Interior e Hygino Caetano Corsetti em Comunicações, vindos do governo anterior de Costa e Silva juntaram-se aos ministros civis João Paulo Reis Veloso do Planejamento e Coordenação Geral, Antonio Dias Leite Junior de Minas e Energia, Fábio Riodi Yassuda de Indústria e Comércio, Francisco de Paula Rocha Lagoa da pasta de Saúde, Julio de Carvalho Barata de Trabalho e Previdência Social, Luiz Fernando Cirne Lima da Agricultura e Mário Gibson Alves Barboza de Relações Exteriores na composição da tecnocracia de 1º escalão, cujo papel central ficava para o economista da USP Antônio Delfim Neto, Ministro da Fazenda desde 1967.

Delfim Netto só deixou de comandar a política econômica do regime militar no governo de Ernesto Geisel, quando foi nomeado Embaixador na França, retornando ao ministério com o último presidente militar, João Batista Figueiredo.

Em *Falou e disse*, publicado em 10/8/1971, no *Jornal do Brasil*, Drummond foi buscar no personagem campeão mundial de 1970, Dario José dos Santos, que chegou a seleção pelas mãos de Zagalo, atendendo o pedido de Médici, oriundo do clube carioca Campo Grande A.C e depois goleador de 15 grandes clubes de vários estados, a origem dessa lábia.

Confesso minha impaciência com frases célebres. Elas nada têm de espontâneo, e se por acaso a marca da naturalidade as distinguiu, o uso corrente lhes apaga este sinal(...)  
Sou da opinião que a frase histórica nunca é suscitada pela situação histórica respectiva. Foi cunhada antes(...)  
Há também a frase célebre que não foi absolutamente pronunciada nem pensada, mas que alguém atribuiu a uma personalidade qualquer, e se colou a esta nas biografias. De outras, a autoria é móvel, e finalmente circulam sem dono(...)  
Pretendo apenas confessar que(...)algumas palavras ditas em São Paulo, que me deslumbraram...Refiro-me a Dario, atacante do Atlético Mineiro, também conhecido como Peito de Aço e Pluto(...)Terminado o jogo, repórteres o cercam, crivando-o de perguntas. Eram de tal natureza que Dario respondeu:  
-Não me venha com problemáticas, pois tenho solucionáticas.<sup>91</sup>

A política econômica adotada por Delfim Neto era do superávit comercial, com o crescimento acelerado do setor exportador, que passou a contar com o setor industrial além do tradicional setor primário em ofertas diversificadas com baixos preços. Atraiu o capital estrangeiro em índices nunca alcançados, garantidos pelo regime de livre entrada e saída para investimentos e reinvestimento principalmente na indústria de bens de consumo duráveis (automobilística, química e eletroeletrônica), obtendo uma das mais altas taxas de lucro do mercado mundial, propiciando o monopólio e a concentração empresarial entre brasileiros e estrangeiros no jogo das ações das Bolsas de Valores do Rio de Janeiro e de São Paulo. Nasceram no varejo os supermercados e no consumo dos bens industriais duráveis os shoppings centers.

Delfin Neto adotou medidas moderadas de combate a inflação, no limite de 20%, para sustentar a conclusão do processo de substituição das

importações industriais baseada nas instalações das empresas multinacionais, ficando para a iniciativa estatal os setores de infra-estrutura (energia e transporte) e a política salarial de arrocho. Dois resultados milagrosos para o sistema, a maior concentração de renda do período republicano e o crescimento do PIB durante a gestão de 1967 a 1973 em torno de 90%. Tal cenário de crescimento das forças produtivas tinha o contexto mais favorável do capitalismo nos países centrais do final do século, que foi interrompido desde a primeira crise do petróleo gerada pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo - OPEP.

As respostas dos impasses dessa realidade oferecidas pelos tecnocratas continham justificativas trabalhadas por uma linguagem do economês, que passou utilizar definitivamente as siglas e a maquiagem dos dados estatísticos, complicando o complicado problema do saque histórico, que dissociou justiça e direito do trabalho.

Por isso Dário foi novamente citado por Drummond em duas crônicas, no *Jornal do Brasil*. Em *Solucionática*, de 16/06/1971, o cronista relata o pedido de criação do termo por parte do Ministro de Educação e Cultura Jarbas Passarinho, que prefere deixar com o jogador. Em *Solução*, de 23/09/72, o texto ironiza os adversários do goleador do Atlético Mineiro por suas nomeações:

O papagaio atleticano  
não vai calar o gol do galo  
e não é justo nenhum plano

que tenha em mira silenciá-lo...  
Outro projeto, mais certo,  
Aqui proponho aos cruzeirenses:  
É ensinar: "Gol do Cruzeiro"  
a um papagaio de igual força.  
Haja, entre os dois, uma peleja...  
o papagaio vitorioso  
proclamado seja campeão. <sup>92</sup>

### **3.2.8- Esperanças picadas – Alemanha 74**

No mesmo Congresso da FIFA de 1964, durante a Olimpíada em Tóquio, ficou estabelecido de forma conjugada as sedes dos dois próximos Jogos Olímpicos com as duas próximas Copas do Mundo, datando os eventos respectivamente 1968 e 1970 no México e 1972 e 1974 na Alemanha Ocidental. Com isso, trinta e dois anos após o primeiro pedido alemão, antes da 2ª guerra mundial, a décima Copa foi realizada no território capitalista da Alemanha, servindo-se da infra-estrutura das Olimpíadas de Munique, que apresentou como ponto negativo o assassinato de onze atletas israelenses por comandos palestinos.

A Copa de 1974 foi cercada de medidas rigorosas de segurança, com cada delegação protegida por policiais armados, cães de guarda e concentrações cercadas. Os jogos ocorreram em modernos estádios de nove cidades; Berlin, Hamburgo, Frankfurt, Dortmund, Gelsenkierchen, Hannover, Dusseldorf, Stuttgart e Munique.

A abertura do torneio no dia 13 de junho, no Waldstation de Frankfurt, contou com a presença de Pelé carregando a Taça Jules Rimet e do atacante alemão Uwe Seler apresentando a nova Taça FIFA, antes da partida inaugural de Brasil 0X0 Iugoslávia. A Copa alemã conseguiu ser mais rentável que as anteriores, tornando-se um megaevento da mídia, com espetáculos de boa arbitragem e de alguns jogos marcantes transmitidos a cores pela televisão.

Mas a X Copa também apresentou outras novidades, João Havelange elegeu-se o primeiro presidente da FIFA fora da Europa, a revolução tática do “carrossel holandês” acirrou o debate sobre a base de sustentação do futebol – a ciência ou arte e ocorreu a terceira vitória de um país-sede, que obteve o seu segundo título com uma equipe composta pela mais destacada geração do futebol alemão.

Alguns comparam o resultado final da Copa de 1974 com o das copas de 1950 e 1954, sublinhando as surpreendentes derrotas de Brasil, Hungria e Holanda. Outros apenas comparam as revoluções táticas oriundas das seleções húngara e holandesa enquanto concepção coletiva de futebol. O Brasil, último campeão, detentor da Taça Jules Rimet, no comando de Zagalo, terminou em quarto lugar, jogando de forma defensiva e previsível, desfalcada das principais expressões da Copa de 1970.

A eleição de João Havelange vencendo o inglês Stanley Rous com os votos dos americanos, africanos e árabes, coroou a supremacia do futebol brasileiro, estendendo-se até 1998, sempre com o apoio dos países não-

européus, atingindo nessa longa administração cinco metas: a construção da nova sede da FIFA, a ampliação de filiados totalizando um número maior do que a ONU, a realização de competições mundiais em outras categorias e formas, incluindo o futebol feminino, o maior número de participantes na Copa para os continentes aliados e a mercantilização da atividade esportiva.

Dentre 53 projetos inscritos na FIFA para a criação da nova taça, o escultor italiano Silvio Gazzaniga teve seu projeto escolhido em 5 de abril de 1971. O troféu com 37 centímetros de altura e 15 centímetros de base, composto de ouro maciço de 18 quilates, pesando 4,97 quilos, produzido em Milão pela empresa Bertoni, estimado em U\$ 300.000, tendo como temática dois atletas erguendo o globo terrestre sobre a cabeça. Cada país campeão passou a ter a posse transitória da réplica da Taça FIFA por 4 anos, como garantindo a proteção da original.

Na Copa do Mundo de 1974 dos 139 países filiados, 92 países disputaram as eliminatórias, estando já classificados o Brasil, último campeão e a Alemanha Ocidental, sede do evento. A estrutura da Copa mudou na fase final. Os 16 selecionados classificados para a Copa, regularmente divididos em 4 grupos, passaram a ter só mais duas etapas seguintes. Uma composta com os dois primeiros colocados de cada grupo, divididos em 2 chaves com jogos entre si, que classificam para a última etapa quatro seleções situadas nas duas primeiras colocações. Os países classificados na 2ª colocação de cada chave disputam o 3º lugar e os primeiros colocados decidem o título de campeão.



Nas eliminatórias as surpresas foram o Zaire da África, o Haiti pelas Américas do Norte e Central e a Austrália em nome da Ásia e da Oceania. A URSS após eliminar a França, desclassificou-se por não jogar a segunda partida contra o Chile, em Santiago, logo após o golpe militar que assassinou o presidente socialista Salvador Allende. Em compensação, a “cortina de ferro” teve Iugoslávia e a Bulgária superando, respectivamente, Espanha e Portugal e a Polônia, campeã olímpica em Munique, após eliminar a Inglaterra, foi um dos destaques da Copa, conquistando o 3º lugar contra o Brasil. A Escócia deu o troco na Tchecoslováquia e a última seleção do bloco socialista classificada foi a Alemanha Oriental, que inclusive no grupo 1 da irmã burguesa, classificou-se em 1º lugar ao vencê-la por 1X0. Na Europa Ocidental capitalista incluíram-se a organizada Suécia, a “Laranja Mecânica” da Holanda e a vice-campeã Itália e na América do Sul mais dois participantes tradicionais, o Uruguai e a Argentina.

Na primeira etapa da fase final da X Copa classificaram-se em ordem decrescente por grupo: Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental no grupo 1 Iugoslávia e Brasil no grupo 2, Holanda e Suécia no grupo 3 e Polônia e Argentina no grupo 4, gerando duas chaves: A – Alemanha Oriental, Brasil, Holanda e Argentina; B - Alemanha Ocidental, Iugoslávia, Suécia e Polônia. Os vencedores das Chaves A e B foram Holanda e Alemanha Ocidental, decidindo o título no dia 07 de julho, no Estádio Olímpico de Munique, com a vitória alemã por 2X1.

As três primeiras colocações demonstraram as principais campanhas. A Polônia começou sua trajetória na liderança do grupo mais equilibrado, ao derrotar Argentina por 3X2, Haiti por 7X0 e Itália por 2X1 e ocupando na fase seguinte a segunda colocação, ao vencer Suécia por 1X0, Iugoslávia por 2X1 e ter a única derrota para a futura campeã Alemanha Ocidental por 0X1. Na decisão da terceira colocação do campeonato venceu o Brasil com gol de Lato, artilheiro da Copa com 7 gols. Os poloneses selecionados pela imprensa para a equipe da Copa foram o meio-campista Deyna e os atacantes Lato e Szarmach.

A equipe uniformizada de cor laranja, com numeração distinta da ordem de escalação por posição, comandada por Rhinus Michels, apelidada de “Laranja Mecânica”, título do filme inglês de 1971 de Stanley Kubrick, tinha uma maneira especial de jogar futebol. Assim como a “Máquina” húngara de 1954 comanda pelo craque Puskas, os holandeses liderados por Cruyff pareciam estar jogando uma pelada.

Seus laterais avançavam como se fossem pontas, o zagueiro Krol atacava regularmente, o meio-atacante Hendrick Johann Cruyff, craque da equipe e da Copa, corria e driblava velozmente por todas as partes do campo, sendo acompanhado de Neskens, enquanto que Rep e Resenbrick alternavam posições na linha de frente.

A equipe laranja atuava com uma intensa movimentação, girando em círculos concêntricos, como se fosse um “carrossel”. Defendia e atacava em bloco e buscando o domínio constante da bola, combatia com até seis

jogadores um único adversário. Utilizava o tempo todo a linha de impedimento, abrindo uma nova discussão teórica do futebol mundial. A base da seleção holandesa era o Ajax, de Amsterdã. Os holandeses mais votados para a seleção da Copa foram Krol, Neskens e Cruyff.

Tal esquema não se repetiu com tanta eficiência fora dessa equipe, nem mesmo nos outros times e selecionados holandeses. Depois da Copa o modelo do futebol holandês foi reproduzido por várias comissões técnicas de clubes e seleções dos principais países da tradição futebolística, inclusive o Brasil em 1978.

A campanha holandesa foi significativa até o vice-campeonato. Venceu o grupo 3 com duas vitórias: 2X0 no Uruguai e 4X1 Bulgária e um empate sem gol contra a Suécia. Na etapa seguinte chegou na primeira colocação, derrotando a Argentina por 4X0, a Alemanha Oriental por 1X0 e o Brasil por 2X0, sendo o primeiro selecionado europeu a vencer em uma competição as três forças sul-americanas. No jogo final não superou a seleção alemã, que desde a Copa inglesa organizara-se com uma forte equipe.

O selecionado alemão obteve o segundo título mundial com uma formação estruturada desde 1965, atravessando uma década de melhores resultados e com duas gerações de muita qualidade técnica, elevado condicionamento físico e disciplina tática, sendo liderada pelo seu maior craque até hoje, Franz Beckenbauer. Nas duas Copas anteriores só foi

derrotada em etapas decisivas, na final de 1966 pelos anfitriões ingleses e na semifinal em 1970 contra os italianos, após duas prorrogações.

Conquistaram a 10ª Copa em Munique, misturando a base do México com algumas revelações. A imprensa internacional votou na seleção da Copa em três defensores alemães, o goleiro Maier, o líbero Beckenbauer e o lateral Breitner, sendo que o atacante Gerd Muller, vice-artilheiro com 4 gols, atingiu a marca de maior goleador em Copas, já que em 1970 atingira a artilharia com 10 gols. A equipe alemã também contou com o habilidoso meio-atacante Overath, disputando sua terceira Copa.

Na decisão contra a surpreendente seleção holandesa sofreu um gol de Neeskens aos 56 segundos do primeiro tempo, conseguindo empatar também na cobrança de pênalti por Breitner aos 25 minutos, deixando para os 43 minutos do segundo tempo a virada do placar com Muller, inaugurando a posse da nova taça sem qualquer dúvida sobre o novo título, empatando novamente o duelo entre os europeus e os sul-americanos.

A seleção canarinho não correspondeu a expectativa principalmente dos brasileiros. Da equipe campeã de 1970 restaram o corintiano Rivelino e o botafoguense Jairzinho e os antigos reservas Leão do S.E. Palmeiras e Paulo César Lima, recém contratado pelo Olympique de Marselha. O cruzeirense Piazza perdeu a posição de titular do meio de campo na segunda etapa do torneio, ao contrário do lateral corintiano Zé Maria, que substituiu o cruzeirense Nelinho. O lateral Marco Antonio do Fluminense F.C. ficou de fora de todas as partidas no seu segundo mundial e o ponteiro-

esquerdo santista Edu jogou novamente apenas uma partida, contra o Zaire, em seu terceiro certame.

A defesa foi renovada com a presença em todos os jogos dos zagueiros Luis Pereira da S.E. Palmeiras e Marinho Peres do Santos F.C e do lateral-esquerdo botafoguense Marinho Chagas. Os novatos Paulo César Carpeggiani do Internacional E.C e Dirceu do Botafogo F.R. tornaram-se titular na segunda fase, recompondo o meio de campo e liberando Paulo César Lima para o ataque ao lado de Jairzinho, ao contrário dos atacantes César e Leivinha do S.E. Palmeiras e Mirandinha do São Paulo A.C, que só atuaram na primeira fase e foram substituídos na segunda parte do torneio pelo ponteiro Valdomiro do Internacional de Porto Alegre. O craque palmeirense Ademir da Guia, filho de Domingos da Guia, foi apenas utilizado no primeiro tempo do último jogo contra Polônia.

Zagalo, com supervisão do major Carlos Alberto Cavalheiro baseou-se no time da S.E. Palmeiras, o bicampeão brasileiro de 1972/3, combinado com os jogadores dos principais clubes do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Mas persistiu na organização tática baseada no 4-3-3, mantendo ainda uma indefinição na escalação dos titulares, utilizando 17 jogadores em 7 jogos.

Preferiu renovar, deixando de lado o capitão Carlos Alberto e maestro Gerson, tendo os desfalques de Tostão e Clodoaldo e a negação de Pelé em participar da quinta Copa de sua carreira. O inverno europeu e os gramados pesados desfavoreceram os trabalhos dos preparadores físicos Carlos

Alberto Parreira, Raul Carlesso e o capitão Cláudio Coutinho. O descaso sobre as trajetórias holandesas e polonesas também se somou aos questionamentos da comissão técnica preferida pelos militares, representados pelo coronel Eric Tinoco Marques, chefe da delegação brasileira, o secretário capitão Kleber Caldas e o assessor tenente Oswaldo Lobo, e pela mídia integrada, representada pelo radialista Oduvaldo Cozzi.

A imagem de Zagalo ficou desgastada para a opinião pública. Em seu retorno ao Brasil foi hostilizado pelos torcedores, refugiando no mundo árabe. Vários jogadores foram criticados, principalmente Paulo César Lima, enquanto Ademir da Guia tornou-se mais um injustiçado do futebol brasileiro.

O capítulo da Copa de 1974 foi titulado pelos editores de Drummond como “Esperanças picadas”, frase do texto *Jogo a distância*, completada pela legenda “Perder é uma forma de aprender. E ganhar, uma forma de se esquecer o que se aprendeu”, do mesmo texto, dita pelo personagem João Brandão, relacionando assim as Copas de 1966 e 1974 pela fase de transição de gerações na formação do selecionado favorito, que resultou em um desempenho decepcionante. Os editores selecionaram cinco crônicas, sendo *O leitor escreve*, já analisada no tópico em O Torcedor.

A campanha brasileira foi restrita. Dois empates sem gol nas primeiras partidas da oitavas de final, contra Iugoslávia e Escócia, respectivamente e uma dramática vitória contra a estreante seleção do Zaire por 3X0 (Rivelino, Jairzinho e Valdomiro), classificando em 2º lugar do grupo 2, em Frankfurt, por saldo de gols. Drummond dois dias antes da estréia na

Copa e onze do jogo decisivo reafirmou para *Jornal do Brasil* a fé no treinador brasileiro:

De futebol não entendo, e é tarde para começar a entender... Confio em Zagalo como costume confiar no motorista de ônibus (também não entendo de condução de veículos) que, quase sempre, me leva em casa, no horário vespertino. O primeiro já demonstrou seu saber de experiências feito. O segundo, idem, pois até agora tenho regressado são e salvo, o que significa, mais ou menos vitorioso. Este nariz-de-cera tem como objetivo esclarecer que se vou falar hoje em Zaire, não é absolutamente com vistas à análise crítica do futebol.<sup>93</sup>

Tal comentário do dia 11 de junho, titulado como *A voz do Zaire*, abordou o nosso desconhecimento sobre os países africanos, o que se estende aos vizinhos sul-americanos, como um exemplo de uma concepção subimperialista de menosprezo, que nega realidade colonizada e impede a emergência da “consciência” terceiro-mundista tão necessária para a libertação dos povos. Mas os descontentamentos com o novo time de Zagalo já estavam subentendidos.

No dia 18 de junho, quando Brasil enfrentaria a Escócia, Drummond produziu para o *Jornal do Brasil* outra crônica, que denominou de *Sermão da montanha (para não ser escutado)*, parodiando a passagem bíblica. Outra vez, para os que se aventuram na compreensão em demasia do futebol, ele alertou: “Bem aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranqüilidade”<sup>94</sup>.

Percorreu o mistério da bola em todos os riscos de seus súditos. Os que assistem as partidas nos estádios e se apaixonam por um clube. Os que escalam os times ou são escalados. Os que escrevem crônicas ou fotografam os lances. Os que fabricam o material esportivo ou adquirem os aparelhos de televisão para suprir distância. Os que estão cercados pelos ruídos das comemorações ou praticam outras formas de jogo.

Mas no ultimo momento Drummond dispara uma desconcertante confissão de comprometimento:

Bem aventurados os que, depois de escutar este sermão, aplicarem todo ardor infantil no peito maduro para desejar a vitória do selecionado brasileiro nesta e em todas as futuras Copas do Mundo, como faz o velho sermoneiro desencantado, mas torcedor assim mesmo, pois para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração.<sup>95</sup>

Na fase seguinte a seleção três vezes campeã mundial venceu de 1X0 Alemanha Oriental (gol de penalidade de Rivelino) e 2X1 Argentina (gols brasileiros de Rivelino e Jairzinho e gol argentino de Brindisi) e perdendo da Holanda por 0X2 com gols de Nesskens e Cruyff. Terminou o décimo mundial em 4<sup>o</sup> lugar ao perder de 0X1 da Polônia. Fez seis gols e recebeu quatro, ressaltando apenas o lateral-direito corintiano Zé Maria como o mais votado na posição para a seleção da Copa.

Duas correspondências de Drummond com a filha Maria Julieta comentam o período da Copa. Na primeira em 29/06 ressaltou a supremacia do torneio na rotina do cotidiano brasileiro e na segunda em 01/7 descreveu



uma comemoração mais contida da torcida nas ruas próximas ao seu apartamento após a vitória contra os argentinos, prognosticando a perda do quarto título mundial: “Agora vamos para a Holanda, e é muito provável que o Brasil fique em 3º ou 4º lugar na decisão da Copa”.<sup>96</sup>

Carlos Drummond de Andrade no dia da disputa da terceira colocação, em Munique, no sábado 6 de julho, publicou no *Jornal do Brasil*, mais uma lição sobre a derrota, que denominou *De bola e outras matérias*, reafirmando com o fim das expectativas da Copa um pensamento voltado para o recomeçar:

Afinal de contas, o mundo não acabou com a vitória da Seleção Holandesa sobre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo. Continuou o mesmo, já repararam? No Brasil estávamos no inverno e permanecemos(...)  
Em suma, tudo igual, e a gente aprende mais uma vez (esta lição precisa ser ensinada sempre, meus caros passionais) que perder também é negócio. Negócio meio áspero, mas temos de escrever o ‘lucro negativo’, que dissipa miragens, convida ao real e desafia o poder criativo.<sup>97</sup>

Há sempre o saldo na derrota, o mais positivo é despertar para o desafio da realidade, inibindo a negativa acomodação, que busca ser sócia da decepção, ainda mais diante do cenário brasileiro, que resistia a distensão política.

Em 15 de janeiro de 1974, o Colégio Eleitoral elegeu o general Ernesto Geisel, indicado pelos “castelistas” com aceitação do presidente Médici. Ernesto Geisel, ex-Chefe de Gabinete Militar de Castelo Branco, ex-ministro do Supremo Tribunal Militar de 1967 a 1969 e ex-presidente da

PETROBRÁS de 1969 a 1973, escolheu como vice-presidente o general Adalberto Pereira dos Santos. Pela primeira vez o MDB resolveu concorrer de forma simbólica com o deputado federal Ulisses Guimarães, convidando o presidente da ABI Barbosa Lima Sobrinho para chapa. A campanha do MDB pelo país possibilitou as críticas gerais ao regime ditatorial. O resultado eleitoral confirmou 400 votos para Geisel e 76 para Ulisses.

Dentre os ministros escolhidos pelo novo governo destacaram-se na Casa Civil Golbery do Couto e Silva, na Justiça Armando Falcão, no Gabinete Militar Hugo de Abreu e no SNI João Batista Figueiredo, caracterizando uma proposta de distensão lenta, gradual e segura, após as guerrilhas eliminadas e com o crescimento da pressão de entidades estrangeiras denunciando as ações da ditadura brasileira a partir da campanha pela anistia da OAB, do Comitê Brasileiro pela Anistia - CBA, da ABI e da Igreja Católica.

Nas eleições de 15/11 o MDB elegeu 16 de 22 senadores e 165 deputados federais e 330 deputados estaduais, alcançando a maioria em RS, SP, RJ, GB, AC e AM. A campanha eleitoral de 1974 utilizou o rádio e a televisão, o que foi decisivo na avaliação do SNI para a derrota governista ao canalizar os votos nulos das eleições passadas. Nas eleições municipais de 1976 outra derrota da ARENA nos principais centros.

Delfin Netto não mais ocupava o Ministério da Fazenda e sim a embaixada na França, para o seu lugar foi nomeado Mário Henrique Simonsen, que passou a enfrentar o desafio da primeira “crise do petróleo”

iniciada com a guerra do Yon Kipur entre Israel e os países árabes, o que delineou a recessão do mercado mundial capitalista e o endividamento crescente brasileiro aos bancos e países estrangeiros.

O governo Geisel começou o mandato em 15 de março de 1974 elaborando o segundo Plano Nacional do Desenvolvimento – PND II, que priorizou a política energética, a indústria de base nacionalista (comunicações, ferrovias, navegação e portos) e os projetos de colonização das regiões de vazio demográfico ou de subdesenvolvimento – POLOAMAZONIA, POLOCENTRO E POLONORDESTE.

A PETROBRÁS primeiro entregou sem sucesso suas áreas de prospecção no solo e no mar territorial para as empresas estrangeiras através dos “contratos de risco”, depois ao descobrir a reserva da bacia de Campos em Garoupa, importou tecnologias modernas e expandiu gradativamente a extração.

O Ministro Shigeaki Ueki, concomitantemente, promoveu o Programa Nacional do Alcool – PROÁLCOOL, contendo na região centro-sul a maioria dos projetos de usineiros, sob a liderança de SP, espalhando a monocultura dos canaviais e o uso dos trabalhadores temporários chamados de “bóias-frias”, mas desenvolvendo um combustível alternativo utilizado pela indústria automobilística desde 1980.

As Usinas Nucleares a serem implantadas em Angra dos Reis no acordo assinado com a Alemanha no dia 27 de junho de 1975, tiveram inúmeras dificuldades, sendo uma tentativa fracassada pelo atraso de

funcionamento e pelas várias paralisações geradas por diversos defeitos, argumentado ainda mais os opositores com destaque nos ambientalistas.

A Eletrobrás presidida por Antonio Carlos Magalhães deu início na construção da Hidroelétrica de Itaipu, um empreendimento em parceria com o Paraguai elaborado pelo governo anterior.

O presidente Geisel direcionou sua política externa denominada de “pragmatismo responsável”, com o fim do alinhamento aos EUA, e das “fronteiras ideológicas”, cancelando inclusive acordos militares de 1952. Fortaleceu as relações diplomáticas com a Europa (pioneiro na aceitação da “Revolução do Cravo” de Portugal), África (reconheceu Angola, Moçambique e Guiné Bissau) e o Oriente Médio (Emirados Árabes, Bahrein, Omã, Arábia Saudita e Palestina). Reabriu a embaixada brasileira na China Comunista, apoiando o seu ingresso na ONU, estendendo relações diplomáticas e comerciais com os países asiáticos.

O maior adversário de Geisel veio da “linha dura” das Forças Armadas não aceitando as posições pacificadoras do governo em relação ao recrudescimento dos movimentos populares e do MDB. Em 25 de outubro de 1975 o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado no DOI-CODI de São Paulo. Em 17 de janeiro de 1976 morreu no mesmo local o operário Manuel Fiel Filho. Outros atos terroristas já haviam sido cometidos contra os defensores da anistia. No dia 20 de janeiro de 1976, o governo afastou o general Ednardo Dávila Melo, comandante do II Exército e responsável pelo

órgão repressor, mas nada apurou sobre os atos praticados. Outros acontecimentos no mesmo período elevaram a tensão interna, o seqüestro do Bispo de Nova Iguaçu –RJ, Adriano Hipólito e o assassinato do padre João Bosco Burnier no Mato Grosso.

Em 24 de junho de 1976 o Congresso aprovou a Lei Falcão, restringindo a propaganda eleitoral na mídia na identificação do candidato sem proposta partidária e o debate político. No dia 31 de março de 1977, Geisel reuniu o CSN na Vila Militar, fechando o Congresso no dia seguinte. Treze dias depois editou a Emenda Constitucional nº 7 contendo a reforma do judiciário. Em 15/4 o governo Geisel decretou o “Pacote de Abril”, que estendeu o mandato de presidente para seis anos, manteve as eleições indiretas para governadores, introduziu 1/3 de senadores biônicos (eleitos de forma indireta), aumentou as bancadas dos menores Estados sob influência arenista e diminuiu para maioria simples a aprovação das mudanças constitucionais no Congresso Nacional.

A novidade no futebol após a Copa de 1974 veio com descoberta do marketing esportivo pelas empresas multinacionais, que passam a dedicar verbas anuais em seus planejamentos estratégicos, contracenando suas marcas com o futebol, esporte de maior apelo popular, para agregar valor na imagem institucional e investir com maior retorno na área promocional, tendo como principal instrumento de comunicação a mídia espontânea.

No Brasil coube a primeira gestão do presidente Márcio Braga no C.R. Flamengo o papel pioneiro na aplicação do marketing esportivo, servindo de

uma equipe tricampeã carioca em 1978-79 e depois campeã brasileira em 1980 e mundial interclubes em 1981, na chamada era Zico.

Mas o primeiro uso de patrocínio da camisa de clubes foi na disputa do título brasileiro de 1984 entre o C.R. Vasco da Gama e o Fluminense F.C. com a marca *Coca-Cola*.

Drummond chamou atenção desse processo de mercantilização do futebol brasileiro em 20/12/1977, no *Jornal do Brasil*, com a crônica *Anúncio na camisa*, corroendo com humor o golpe publicitário:

A idéia de estampar anúncios nas camisas dos jogadores de futebol vai progredindo. Tudo indica que amanhã ou depois será realidade. Mas problemas desde já. Indaga-se: o torcedor do time deverá também vestir o mesmo anúncio, para identificação da torcida?

E os cartolas do clube(...)

O juiz, que publicidade o juiz poderá exibir, que nem de longe signifique parcialidade com relação ao anúncio de qualquer time?(...)O mesmo quanto a bandeirinhas e gandalas.

A camisa não deve ser provocativa, é claro, para não aumentar a excitação da massa(...)

O problema do erotismo, não é dos mais graves... o transexualismo ganhou direito na cidade(...)

Locutores e cronistas esportivos passarão a referir-se à partida entre 'um raro prazer' e 'exportar é o que importa'. A 'marca mundial das três tiras' dá 2X0 no 'bonzão'(...)

Evidentemente é um exagero(...) o anúncio- tatuagem, no peito, braços e costas do jogador(...)

A bola, por sua vez, pode anunciar alguma coisa(...)

Na propaganda política não vejo futuro para as camisas dos atletas(...)

De resto camisa-propaganda não é nenhuma novidade. As ruas estão cheias de rapazes e moças portando camisas e blusas que reconhecem produtos americanos(...)

Todos nós venderemos alguma coisa, que consumimos ou não, mas do que daremos testemunho trazendo-lhe a imagem na roupa. Testemunho pago. Uma boa.<sup>98</sup>

Hoje todas hipóteses levantadas por Drummond já se tornaram procedimentos regulares, demonstrando em sua antevisão a preocupação com a descaracterização do patrimônio do futebol brasileiro, o que se deu após os anos 90, na adoção do “neoliberalismo” pelo Brasil.

Agora, em nome dos negócios do marketing esportivo, a mídia elege como modelo de gestão administrativa dos clubes e federações os dirigentes, ex-jogadores e comissões técnicas sintonizadas com tais modificações, utilizando os exemplos do voleibol e do presidente do Comitê Olímpico Brasileiro – COB, Carlos Arthur Nuzman, que modificou em sua presidência a Confederação Brasileira de Voleibol -CBV.

### **3.2.9- O que importa o não ter sido?- Argentina 78**

No Congresso da FIFA de 1966 em Londres ficaram estabelecidos os três próximos países a sediar a Copa do Mundo. De 1978 ficou para a Argentina, de 1982 para a Espanha e 1986 para a Colômbia. A Argentina perseguiu o direito de sediar a Copa desde 1930, rompendo em 1938 com a FIFA ao repetir a sede na Europa e só voltando a participar da competição em 1958, quando voltou a reivindicar a organização do evento. A decisão de 1966 foi confirmada no Congresso da Alemanha em 1974.

O futebol argentino surgiu em 1882, sendo pioneiro na América do Sul, contribuiu com várias gerações de renome internacional, desde os anos 30. Na década seguinte deteve a hegemonia do futebol sul-americano com

três títulos no continente em 1941, 1945 e 1946, período marcado pela 2ª grande guerra e sem a realização do certame mundial da FIFA, mesmo assim houve a exportação dos craques argentinos para vários países. O clube de maior contribuição da época para o celeiro argentino foi o River Plate, conhecido como a “Máquina”, campeão argentino em 1941-42-45-47, revelando os atacantes Muñoz, Moreno, Pedernera, Labruna, Peucelle, Lostau, no meio de campo Nestor Rossi e o extraordinário goleiro Carrizo. O Boca Juniors e o Independiente vieram em seguida. O Boca Juniors tinha Marante, Boyé e Pescia, enquanto o Independiente contava com Sastre e de La Mata.

Em 1945 surgiu a principal estrela do futebol argentino, o atacante Alfredo Di Stéfano, que atingiu a marca de 893 gols, sendo o 3º maior goleador da história. Atuou no River Plate, conquistando os títulos de 1945 e 1947, jogando em Los Cardales, Huracán e Millonários da Colômbia e em Real Madrid e Español da Espanha, obtendo os quatro campeonatos colombianos e oito campeonatos espanhóis.

No Real de Madri encontrou a consagração com quatro conquistas na Copa dos Campeões da Europa e o Mundial Interclubes em 1960. Participou dos selecionados argentino, colombiano e espanhol, sendo campeão no sul-americano de 1947 pela Argentina, mas não disputou nenhuma Copa do Mundo.

Em 24 de Março de 1976 eclodiu um novo golpe militar na Argentina derrubando o governo de Maria Estela Martinez de Perón, viúva e sucessora



do segundo período de Juan Domingo Perón, falecido em 31 de Junho de 1974. As Forças Armadas estavam respaldadas na burguesia local e o aliado capital estrangeiro, que nutriram a crise econômica acelerando a crise institucional, já nos limites das ações armadas tanto nas esquerdas - grupos guerrilheiros Montoneros e Exército Revolucionário do Povo - quanto na extrema-direita - Aliança Anticomunista Argentina, Triple A.

Este novo golpe na América Latina fez parte das operações norte-americanas voltadas para o Cone Sul, aplicada aos chilenos com Augusto Pinochet e aos paraguaios com Alfredo Stroessner. O comando ditatorial argentino ficou com o general Jorge Rafael Videla.

A repressão foi estruturada após treinamento de militares pela Escola das Américas com seqüestros, torturas e desaparecimentos de muitos argentinos. A ditadura implantada suspendeu a constituição, restringiu as liberdades democráticas e concentrou poderes excepcionais nas mãos do Chefe do Poder Executivo e comandante das Forças Armadas, aplicando a censura na imprensa e nas instituições culturais.

O general de brigada Omar Carlos Actis foi nomeado por Videla para organizar o evento da FIFA como presidente do Ente Autárquico Mundial – EAM, mas morreu em um atentado, o que aumentou o questionamento das condições internas para a realização da Copa.

Mesmo assim o presidente da FIFA João Havelange manteve a sede na Argentina em agosto de 1977, conseguindo em abril de 1978 o reforço da proposta do Movimento Peronista Montoneros de uma trégua durante a

competição, só desrespeitada quando faltavam três semanas do início da XI Copa com a explosão de uma bomba no Centro Cultural San Martín, que matou um policial. A Copa na Argentina transformou-se como anterior na Alemanha em um evento organizado com preocupação principal na segurança, mas transcorrendo de forma pacífica.

Dos 146 países filiados a FIFA somente 40 não disputaram a primeira fase eliminatória, estando apenas isentas da disputa as seleções da Alemanha Ocidental, última campeã e da Argentina, país-sede. O resultado da classificação inicial trouxe o retorno do México e do Peru, as primeiras participações do Irã e da Tunísia e as eliminações da Inglaterra, da URSS e do Uruguai, distribuindo os países classificados em: grupo 1-Argentina, Hungria, França e Itália; grupo 2- Alemanha Ocidental, Polônia, Tunísia e México; grupo 3-Brasil, Áustria, Espanha e Suécia; grupo 4- Holanda, Irã, Peru e Escócia.

O avanço tecnológico nos transportes facilitou a vinda e o deslocamento das delegações competidoras pelos centros urbanos argentinos. A rapidez e o conforto do transporte aéreo exemplificou-se no *Concorde* francês. A transmissão direta via satélite e a cores em cadeias de televisão por todo mundo programou os jogos a tarde e a noite, atendendo a diferença dos fusos horários dos telespectadores de cada continente, ampliando o retorno financeiro do evento.

A 11ª versão da Copa da FIFA não apresentou modificações em sua estrutura e regulamento, pela quinta vez o título ficou com o país anfitrião,

que novamente pôs os sul-americanos na frente das conquistas. A seleção da Argentina possuía jogadores de qualidade, sendo escolhidos pela imprensa internacional como os melhores de suas posições no torneio o goleiro Fillol, o zagueiro Passarella, o meio-campista Ardiles e o atacante Kempes, artilheiro da Copa com seis gols.

A conquista do primeiro campeonato mundial pelos argentinos assemelhou-se ao primeiro título dos ingleses em 1966. A seleção platina permaneceu em Buenos Aires na primeira fase e em Rosário na segunda fase, retornando no jogo da final à capital, ao contrário dos adversários em constantes deslocamentos. Em seus jogos árbitros falharam a seu favor e no momento decisivo da classificação para a partida final teve seu jogo marcado três horas depois do concorrente da vaga. Já sabendo do resultado conseguiu impor uma goleada à equipe adversária, que teve um estranho comportamento contestado pelos seus próprios patrícios.

A Holanda sem o Cruyff não produziu o mesmo desempenho da Copa anterior, que muitos concorrentes procuraram imitar, inclusive a seleção brasileira no comando técnico do capitão Cláudio Coutinho. O craque holandês negou-se a participar da competição em protesto à ditadura local. Como cabeça de chave do grupo 4 a Holanda obteve o segundo lugar ao vencer o Irã por 3X0, empatar com o Peru de 0X0 e perder da Escócia de 2X3. Na fase seguinte atingiu o seu objetivo, classificando em 1º lugar ao derrotar a Áustria por 5x1, a Itália por 2X1 e empatar com a Alemanha

Ocidental em 2X2. Disputou a final com a Argentina, perdendo de 1X3 na prorrogação, tornando-se novamente vice-campeão.

A última campeã Alemanha Ocidental também já não contava com as “gerações de ouro”, classificando em 2º lugar no seu grupo 2 com apenas uma vitória na goleada contra o México por 6X0, após dois empates sem gol contra a Tunísia e a Polônia, que ficou no 1º lugar vencendo os outros jogos – 1X0 na Tunísia e 3X1 no México. Alemanha Ocidental na chave A e Polônia na chave B foram desclassificadas, a primeira empatou dois jogos – 0X0 contra Itália e 2X2 contra Holanda, perdendo para Áustria por 2X3 e a seleção polonesa mais envelhecida perdeu da Argentina de 0X2 e do Brasil de 1X3 e venceu o Peru por 1X0.

A campanha da Argentina não foi superior à campanha brasileira, por isso os editores do livro de Drummond escolheram a frase do “Que importa o não-ter-sido?” retirada da crônica *Aos atletas* de 1966, titulando o capítulo em resposta à declaração do treinador brasileiro Cláudio Coutinho, que se considerou campeão moral. Os editores concluíram na legenda: “Entre a vitória real e a moral há margem para todos os argumentos”.<sup>99</sup>

O capítulo reuniu quatro textos, sendo *O locutor esportivo* e *O torcedor* analisados no tópico acima sobre O Torcedor, vinculados a sustentação da fantasia nos apaixonados do futebol como forma de alegria cotidiana muitas vezes anulada pelo precário princípio de realidade ou no medo da partilha com o outro.

A trajetória da conquista argentina deu-se em três etapas crescentes. Primeiro obteve o 2º lugar no seu equilibrado grupo 1 ao derrotar a Hungria e a França por 2X1 e perder de 0X1 da Itália, que se classificou em 1º lugar com mais duas vitórias - 2X1 na França e 3X1 na Hungria. Depois chegou ao 1º lugar da chave B vencendo a Polônia de 2X0 e o Peru de 6X0, empatando com o Brasil em 0X0, superando os brasileiros em saldo de gol.

A seleção platina ficou questionada por dois pontos: a diferença de horário dos jogos decisivos Brasil X Polônia e Argentina X Peru e a goleada sobre uma seleção classificada em 1º lugar do grupo 4 da Holanda, após um primeiro tempo só com dois gols, incluindo uma bola trave de Fillol.

A imprensa internacional denunciou um possível suborno com a ida do ditador argentino ao vestiário peruano no intervalo da partida, já que destacado goleiro Ramon Quiroga era argentino naturalizado peruano, o que levou a ser acusado de receber a quantia de U\$ 50 mil. O retorno da seleção peruana ao seu país ficou marcado pela hostilidade e rejeição dos compatriotas, acusando-a de traição.

Na decisão contra a Holanda o selecionado argentino saiu na frente com o gol de Kempes aos 38', confirmando seu domínio no primeiro tempo. Aos 37' do segundo tempo o holandês Hanninga empatou demonstrando a inversão de domínio, que quase virou o placar no último minuto com uma bola na trave direita de Ubaldo Fillol chutada pelo atacante Resenbrink. Na prorrogação a raça argentina superou a desfalcada e enfraquecida equipe laranja, fazendo dois gols com Mario Kempes e Bertoni.

A seleção brasileira participou da XI Copa bastante modificada. O novo presidente da CBD almirante Heleno Nunes substituiu Zagalo por Oswaldo Brandão até a primeira partida das eliminatórias contra a Colômbia, quando o inesperado empate de 0X0 lhe derrubou. O almirante não disfarçava a intervenção política da ditadura, primeiro na organização do campeonato brasileiro com a quantidade de clubes de todos os Estados, segundo o interesse eleitoral da ARENA.

A nova comissão técnica foi montada pelo comando técnico do militar Cláudio Coutinho, que adepto do futebol europeu implantou várias mudanças, embora antes de obter o passaporte da Copa da Argentina pediu ajuda do veterano Carlos Alberto, capitão de 1970. A classificação brasileira resultou de uma equipe mesclada de duas gerações segundo as indicações de Carlos Alberto Torres, ultrapassando duas etapas. Na primeira tiveram o segundo jogo contra Colômbia - 6X0 e os dois contra o Paraguai – 1x0 e 1X1. Na segunda etapa em confrontos únicos contra o Peru – 1X0 e contra a Bolívia – 8X0.

Cláudio Coutinho não selecionou os jogadores veteranos para disputar a Copa na Argentina, nem o meio-campista Paulo Roberto Falcão considerando a maior revelação gaúcha. Os jovens promissores Zico, ponta de lança do Flamengo e Reinaldo, centro-avante do Atlético Mineiro não se firmaram como titular. Zico alternou a vaga com o palmeirense Jorge Mendonça desde a segunda partida e Reinaldo ficou na reserva a partir da terceira partida. Suas modificações durante a Copa e a imposição de um

esquema tático baseado em conceitos retirados dos livros técnicos estrangeiros na área da Educação Física descaracterizaram a seleção brasileira.

Drummond em duas correspondências com o neto Luis Maurício no ano da Copa, manteve clareza em seus comentários esportivos. Em 07/2 explicitou sua descrença no comando de Cláudio Coutinho, pois “até agora não foi escalada. Será que os titulares só serão escolhidos depois de terminada a Copa?”<sup>100</sup> Na segunda carta lamenta a insistência de Cassius Clay em não abandonar o ringue, que deveria seguir o exemplo Pelé.

O Brasil não perdeu nenhuma partida, jogou 7 vezes com 4 vitórias e 3 empates, classificando-se em 2º lugar, primeiro no grupo 3 e depois na chave B, restando-lhe a bem sucedida disputa da 3ª colocação na final. Fez 10 gols e sofreu 3, tendo como artilheiros com 3 gols Roberto “dinamite” e o ponta-esquerda Dirceu, que juntos com o zagueiro central Oscar foram selecionados pelos jornalistas para a equipe da Copa.

Começou sua trajetória de forma insegura em Mar del Plata, empatando as duas primeiras partidas - 1X1 contra a Suécia e 0X0 contra a Espanha, conseguindo a classificação por saldo de gol na terceira partida com a dramática vitória de 1x0 contra a Áustria através do gol do atacante vascaíno Roberto “dinamite”, que jogou a pedido do torcedor Heleno Nunes.

Na chave B o desempenho melhorou com duas vitórias importantes em Mendonza, na primeira partida de 3X0 no Peru e na terceira partida de 3X1 na Polônia, mas jogando defensivamente na segunda partida contra a

Argentina, quando na verdade decidia a primeira colocação. O empate sem gols contra a Argentina, em Rosário, no dia 18/6, facilitou a armação dos organizadores da Copa no último jogo da segunda fase de cada seleção. Na disputa do 3º lugar o Brasil conseguiu ser mais solto, derrotando por 2X1 a renovada seleção italiana, que só perdera na etapa anterior de 1X2 para a Holanda.

Em *Brasil vitorioso na copa terá solução democrática*, publicado em 23/5/1978, no *Jornal do Brasil*, logo após o Tribunal Regional do Trabalho – TRT de São Paulo, declarar a ilegalidade das greves do ABC paulista e antes da viagem da delegação brasileira para Argentina, Drummond volta a relacionar o processo eleitoral específico da ditadura militar com o futuro desempenho do futebol brasileiro sob o comando do capitão Cláudio Coutinho:

A volta do país à normalidade democrática não depende em absoluto do resultado das eleições de novembro e da vitória da Arena(...)

Ainda segundo o informante categorizado, se os nossos atletas trouxerem para o Brasil o conforto da vitória um movimento popular irreprimível indicará o técnico Cláudio Coutinho para Presidente da República, e o General Geisel não fará objeção a essa iniciativa, pois sempre foi seu desejo terminar o mandato em plena harmonia com os anseios e aspirações do povo. O General Figueiredo, por sua vez, terá um *beau geste*, pedindo à Arena que retire a sua candidatura e satisfaça a aspiração geral.<sup>101</sup>

O presidente Ernesto Geisel tomou várias medidas de aproximação depois da reabertura do Congresso Nacional. Insistiu no comportamento conciliador do presidente do Senado Petrônio Portela, dando-lhe a missão de reabrir o diálogo com a oposição fortalecida nas urnas. Mas a distensão



só foi efetivada após Geisel anular a trama do Ministro da Guerra Sílvio Frota, líder da reação militar de “linha dura”, que articulou um bloco parlamentar no Congresso de apoio a sua candidatura para a sucessão presidencial de 1978, em oposição a escolha do Presidente pelo nome do Chefe do SNI João Batista Figueiredo. O Ministro Sílvio Frota foi quem sensibilizou os generais do comando militar para impedir o retorno de Leonel Brizola, cogitado por Geisel após o pedido de familiares.

Geisel preparou com Golbery do Couto e Silva e Hugo de Abreu um sólido apoio militar, organizando uma operação militar com tropas e pára-quedistas em Brasília, no dia 10 de outubro de 1977, quando exonerou Sílvio Frota abandonado pelo Alto Comando, substituindo-o imediatamente pelo general Fernando Belford Bethlem.

Em 8 de junho de 1978 o governo acabou a censura prévia, liberando o jornal *Estado de São Paulo* e a imprensa alternativa de *Opinião e Movimento*. Em 28/8 Congresso aprovou sem os votos do MDB a Emenda Constitucional nº 11, revogando o AI nº 5 e editando as “salvaguardas constitucionais”, compostas pelo tradicional “estado de sítio” e pelo novo “estado de emergência” nos casos não especificados de subversão durante um período de seis meses. Constatou ainda na emenda o abrandamento da Lei de Segurança Nacional com a abolição da pena de morte e da prisão perpétua e com a restauração do direito de *habeas corpus*.

O capitão Cláudio Coutinho comemorou o terceiro lugar como um título de vencedor moral do mundial e antes dessa decisão, em 24/6, no

*Jornal do Brasil*, com o texto *Foi-se a Copa*, Drummond desfechou seu comentário sobre o treinador-cientista:

Foi-se a Copa! Não faz mal.  
Adeus chutes e sistemas.  
A gente pode, afinal,  
cuidar de nossos problemas.

Faltou inflação de pontos?  
Perdura inflação de fato.  
Deixaremos de ser tontos  
se chutarmos no alvo exato.

O povo noutro torneio  
Havendo tenacidade,  
ganhará, rijo e de cheio,  
a Copa da Liberdade <sup>102</sup>

O treinador esquematizava um desenho tático cheio de operações ofensivas. Traçava ações baseadas no modelo do “carrossel holandês”, com marcação intensa por todo campo e jogadas ensaiadas de ultrapassagem pelas laterais e de deslocamento para um ponto futuro na área adversária. Enquanto isso Rivelino assistia no banco de reservas Batista, Chicão e Dirceu burocratizar as jogadas no meio de campo, Jorge Mendonça ou Zico e Gil não conseguindo proximidade com Roberto, deflacionando os gols necessários da classificação. A seleção brasileira jogou com medo e aprisionada por um esquematismo.

Drummond criticou essa submissão ao sistema, optando em seguida para o retorno ao centro do momento político brasileiro, em que se busca sair da intensa marcação dos inimigos da liberdade por meio de uma campanha corajosa baseada na participação de todos, com suas

contribuições singulares, sem se restringir aos resultados do torneio eleitoral de novembro, pois a única meta inadiável é de ressurreição da democracia abortada.

### **3.2.10- A hora dura do esporte - Espanha 82**

A Espanha organizou a XII Copa do Mundo conforme a decisão do Congresso da FIFA de 1966, em Londres, já com a estrutura ampliada de 24 países participantes pelo presidente João Havelange, em 13 de outubro de 1979, o que elevou a número de representantes de seu reduto eleitoral oriundos dos continentes americano, africano e asiático.

As 24 vagas divididas em 6 grupos promovem 12 classificados para as quartas de final, redistribuídos em 4 grupos de três, classificando o vencedor de cada grupo para as semifinais, restando para as finais a disputa do 3º lugar entre as seleções derrotadas dos jogos semifinais e a decisão do campeonato para as seleções vitoriosas.

Inscreveram-se 107 países dos 148 filiados, com a campeã Argentina e a sede Espanha incluídas automaticamente, ficando as 22 vagas ocupadas por 13 países europeus, 5 americanos, 2 africanos, 1 asiático, e 1 da Oceania, que se dividiram em: grupo 1 - Itália, Polônia, Camarões e Peru; grupo 2 – Alemanha Ocidental, Áustria, Argélia e Chile; grupo 3 – Argentina, Bélgica, Hungria e El Salvador; grupo 4 – Inglaterra, França,

Tchecoslováquia e Kuwait; grupo 5 – Espanha, Irlanda do Norte, Iugoslávia e Honduras; grupo 6 – Brasil, URSS, Escócia e Nova Zelândia.

A 12ª versão da Copa da FIFA realizada na Espanha, entre 13 de junho a 11 de julho, ampliou as dimensões mercantis do evento, ao se servir principalmente do circuito turístico de alta estação e da participação de cadeias de televisão na maioria dos países de cada continente, que atingiu 1,5 bilhão de telespectadores. A *Rede Globo* ficou com a exclusividade no território brasileiro, cedendo suas imagens apenas para a rede de TVs Educativas.

A Espanha preparou-se desde a Copa de 1966, enviando observadores em cada país-sede e em 29 de setembro de 1978 o rei Juan Carlos I nomeou Raimundo Saporta, ex-vice-presidente do Real de Madri, para dirigir o Comitê Organizador, que soube aproveitar a convergência de vários investimentos atraídos pelo marketing esportivo.

Na cerimônia de abertura em Madri estiveram presentes os campeões mundiais Gighia do Uruguai, Ferrari da Itália, Beckenbauer da Alemanha, Bellini do Brasil, Bobby Charlton da Inglaterra e Larrosa da Argentina, que assistiram a Argentina ser derrotada pela Bélgica por 0X1, quebrando a seqüência de empates nos jogos inaugurais desde 1966.

O ambiente da Copa não era só de festa, havia no fundo de seu cenário a guerra das Malvinas entre Argentina e Inglaterra, desdobrada pela ameaça no estreito de Gibraltar entre Espanha e Inglaterra. Os torcedores espanhóis não dissimularam, estenderam faixas com dizeres “Malvinas

argentinas, Gibraltar espanhol“. Outra ameaça vinha das torcidas organizadas européias.

Na Copa espanhola realizaram-se mais jogos, terminando empatadas 17 partidas, em compensação ocorreu a maior goleada da história das Copas com Hungria 10X1 El Salvador.

Brasil e França representaram o futebol-arte, ocupando a 5ª e a 4ª colocações. A Alemanha Ocidental e a Polônia chegaram novamente na final, exibindo um futebol calculado e determinado, colocando-se em 2º e 3º lugares. A Itália só cresceu a partir das quarta de finais, conquistando o seu terceiro título de forma inesperada.

A vice-campeã Holanda de 1974 e 1978 não passou da fase eliminatória e a campeã Argentina desclassificou-se com 3 derrotas e 2 vitórias, mesmo reforçada pelo jovem craque Diego Maradona. A ausência do Uruguai confirmou seu declínio, sendo desclassificado na fase eliminatória pelo Peru, que buscava se recompor do escândalo da Copa passada. A Inglaterra começou com três vitórias e na fase seguinte perdeu a vaga com dois empates sem gols.

No grupo 1 só uma partida teve vencedor, Polônia 3x1 Peru , dando aos poloneses a 1ª colocação. A outra vaga ficou com a Itália no saldo de gol, ao empatar de 0X0 com a Polônia e de 1X1 com o Peru e com Camarões.

No grupo 2 houve o arranjo da última partida entre Alemanha Ocidental e Áustria, logo após o gol alemão de Hrubesch no primeiro tempo,

com as duas seleções gastando o tempo para manter o placar, que os classificou com duas vitórias cada e com saldos de gols superiores da Argélia.

No grupo 3 a Argentina recuperou-se da derrota no primeiro jogo e venceu a Hungria por 4x1 e El Salvador por 2X0 , enquanto que a Bélgica depois da vitória inicial, derrotou El Salvador por 1X0 e empatou de 1X1 com a Hungria, ficando no primeiro posto.

No grupo 4 a Inglaterra foi 1ª colocada com 3X1 na França, 2X0 na Tchecoslováquia e 1X0 no Kuwait, a segunda vaga a França reservou ao derrotar o Kuwait por 4X1 e empatar com a Tchecoslováquia de 1X1.

No grupo 5 a seleção vencedora foi a Irlanda do Norte com dois empates – 0X0 com Iugoslávia e 1X1 com Honduras e uma vitória de 1X0 da Espanha, que ocupou a outra vaga com 1X1 contra Honduras e 2x1 contra Iugoslávia, sendo ajudada pela arbitragem e pelo saldo de gol.

Finalmente no grupo 6 o Brasil derrotou os três adversários - 2X1 da URSS, 4X1 da Escócia e 4X0 da Nova Zelândia e a URSS venceu a Nova Zelândia de 3X0 e empatou com a Escócia de 2X2, que se despediu pelo saldo de gol.

Polônia, Bélgica e URSS constituíram a chave A, que foi vencida pela Polônia com 3X0 na Bélgica e 0X0 com a URSS, que também derrotou a Bélgica por 1X0, mas somando um saldo de gol inferior.

Alemanha Ocidental, Inglaterra e Espanha faziam parte da Chave B, o que confirmou a força alemã nos momentos importantes, 0X0 contra Inglaterra e 2X1 contra Espanha, que se despediu sem vitória.

Brasil, Itália e Argentina compuseram a Chave C, em que a Itália surpreendeu com duas vitórias, 2X1 na Argentina e 3X2 no Brasil, classificando-se revitalizada.

Na chave D composta de Áustria, França e Irlanda do Norte, consolidou-se a França, que derrotou a Áustria por 1X0 e a Irlanda do Norte por 4x1.

Na fase semifinal a Itália impôs-se a Polônia por 2X0, candidatando-se ao título contra a Alemanha Ocidental, que derrotara com muito esforço a criativa França nos pênaltis por 5X4, já que no tempo regular o placar foi 1X1 e na prorrogação 2x2. Nas decisões, Polônia venceu a França por 3X2, conquistando o 3º lugar e a Itália dominou a Alemanha Ocidental, construindo o placar de 3X1 e se sagrando campeã.

A cobertura jornalística do campeonato selecionou da “Squadra Azzurra” o goleiro Dino Zoff, de 40 anos, o sagüeiro Scirea e o artilheiro da Copa com seis gols Paolo Rossi, consagrado aos 25 anos como o melhor jogador da Copa e da Europa. Da Alemanha foram destacados o lateral-esquerdo Briegel e o atacante Rummenigge. Da Polônia premiaram o meia-esquerda Boniek, selecionando da França o lateral-direito Amoros e o meia-direita Michel François Platini, considerado a revelação da competição.

A participação brasileira trouxe o retorno do futebol-arte com a quarta geração Maracanã, sob o comando técnico de Telê Santana, tomando como base os times do C.R. Flamengo, campeão da Copa Libertadores da América e do Mundial Interclubes em 1981 e campeão brasileiro em 1980 e 1982, São Paulo F.C, bicampeão paulista em 1980/1 e o Clube Atlético Mineiro, vice-campeão brasileiro em 1980 e pentacampeão mineiro.

A Copa da Espanha foi titulada como “A hora dura do esporte”, frase contida na crônica *Aos atletas*, complementada pelo fragmento “Mas será suficiente fazer tudo, e exigir da sorte um resultado infalível?” do texto *Perder, ganhar e vencer*, inserido no capítulo. Os editores aproximaram textos de copas distintas, mas de muitas expectativas, que resultaram em derrotas antecipadas. No capítulo reúne nove crônicas, com *O leitor escreve*, *O rio enfeitado* e *O incompetente na festa*, já abordadas no tópico anterior sobre O Torcedor, que estão ligadas ao clima de euforia com o desempenho da nova seleção canarinho desde 1980.

Nas duas cartas enviadas por Drummond, uma para a filha Maria Julieta antes da estréia brasileira na Copa de 82 e a outra para o neto Luis Maurício três dias depois da classificação para as quartas de final, o assunto sobre a euforia da torcida nacional ganha relevo, juntamente com indagações sobre a realidade e o futebol da Argentina.

Na primeira carta, de 12/6, escreve:



Eis-nos aqui, com a cidade enlouquecida pela Copa do Mundo, como se o simples fato de enfeitar as ruas nos garantisse a vitória. Um festival de inquilinismo invadiu todos os bairros, todos os horários de trabalho forma modificados ou suspensos – uma demência generalizada. E vocês, aí, com problemas seriíssimos, que carnaval ou Copa nenhuma resolverão.<sup>103</sup>

Na segunda carta, de 26/6, esclarece:

Aqui vivemos em plena euforia pelo futebol, como se o futuro do país dependesse dos pés de Zico, Éder e Sócrates. As ruas estão inundadas de flâmulas e faixas verde-amarelas, e até o asfalto foi pintado com as cores dos clubes e os retratos dos jogadores. Uma verdadeira loucura que tem um componente de alienação: procura-se esquecer a inflação torcendo pela vitória na Copa do Mundo. Será que o Maradona vai nos tirar essa alegria?<sup>104</sup>

A quarta geração a encantar no Maracanã os torcedores de todo o país estava favorecida por um novo cenário político, com as mudanças da CBD e a gestão presidencial de Giulite Coutinho.

Em 1980 CBD foi desmembrada em confederações de cada modalidade esportiva, surgindo a Confederação Brasileira de Futebol – CBF, sendo escolhido como seu primeiro presidente Giulite Coutinho, que comandou a entidade até 1985. Giulite Coutinho reestruturou o campeonato brasileiro de clubes com o enxugamento de equipes regionais, privilegiando os grandes clubes dos principais centros e estabelecendo o ranking e o processo de classificação sem interferência política na organização. A competição passou a ter 3 divisões: Taça de Bronze, Taça de Prata e Taça de Ouro. Construiu o moderno Centro de Treinamento de Teresópolis e renovou o comando da seleção brasileira.

Convidou Telê Santana para ser o treinador da seleção brasileira, dando-lhe independência para compor sua equipe de trabalho. Como jogador Telê foi disciplinado e habilidoso, como treinador dava a preferência para a habilidade técnica e o conjunto, mas exigindo dedicação e bom comportamento do jogador, assim como a prática do “futebol limpo”.

Desagradou em algumas convocações e no esquema tático baseado no congestionamento do meio de campo e ausência de pontas fixos, mas tinha o apoio da maioria dos profissionais da área, da mídia e da torcida nacional. Um dos fatores dessa popularidade estava na base do selecionado, que reunia os vários destaques nos principais clubes dos grandes centros, representando as diversas escolas do futebol brasileiro.

Na defesa o goleiro Valdir Perez conquistou a posição de titular na fase preparatória, fazendo companhia ao vigoroso zagueiro são-paulino Oscar, destaque da Copa anterior. Os laterais flamenguistas Leandro e Junior eram talentosos e ofensivos e o zagueiro-esquerdo atleticano Luisinho de bastante requinte técnico. O meio de campo estava composto por um “quadrado mágico”: O incansável e ágil atleticano Toninho Cerezo, o estilista da Roma Falcão, o líder corintiano e cerebral Sócrates e o maior craque flamenguista Zico buscavam intensa movimentação. No ataque o goleador são-paulino Serginho ficava fixo e enfiado na área adversária e o ponteiro atleticano Éder transitava pela ala esquerda com lançamentos e chutes precisos. O velocista gremista Paulo Isidoro, ex-Atlético Mineiro tornou-se o primeiro reserva, ocupando várias funções do meio de campo

para frente, ficando para o cabeça de área gremista Batista, ex-Internacional de Porto Alegre e o lateral-direito colorado Edevaldo, ex- Fluminense F.C, a função mais defensiva quando necessária.

Uma nova geração de jornalistas surgiu com a expansão da cobertura da mídia, que transformou o torneio da FIFA em mega-evento, adequando-o a mercantilização do espetáculo. Nesse sentido Drummond escreveu duas crônicas reconstituindo o excesso de expectativa criado pela mídia em detrimento ao debate político da reabertura.

O primeiro texto de Drummond sobre a Copa de 82 chamou-se *Balanço atrasado*, publicado em 20/01/81, no *Jornal do Brasil* remontando a primeira participação da nova seleção canarinho em uma competição internacional, chamada de Copa Oro ou Mundialito, disputado em janeiro de 1981 em Montevideu por quatro países campeões da Copa do Mundo.

Pensando bem, a Seleção Brasileira, no já distante Mundialito, conseguiu agradar a todos: aos nacionalistas apaixonados, vencendo uma partida; às pessoas moderadas, empatando outra; e aos pessimistas, perdendo a última.<sup>105</sup>

Como preparativos para as eliminatórias o time de Telê Santana jogou 10 amistosos em 1980 no Brasil (oito vitórias, um empate e uma derrota) na maioria contra as seleções do continente. A única derrota foi contra URSS por 1X2, em SP, no dia 15/6.

No Mundialito de 1981 a seleção brasileira empatou com a Argentina por 1X1, venceu a Alemanha Ocidental por 4X1 e perdeu do Uruguai por

1X2, terminando no 2º lugar. Mais três jogos-treino disputaram durante as eliminatórias, aproveitando os intervalos das partidas de ida e volta.

O Brasil venceu a fase eliminatória jogando contra a Venezuela – 1X0 e 5X0 e contra a Bolívia – 2X1 e 3X1. No dia 09/2/1981, o *Jornal do Brasil* publicou o texto *Variações em tempo de Carnaval* na manhã seguinte à primeira partida das eliminatórias contra a Venezuela, em Caracas, cuja magra vitória levou Drummond satirizar o “já ganhou”, não só com proximidade do carnaval, mas com a afirmativa “o melhor da festa é comemorar antes”.<sup>106</sup>

Após a fase eliminatória, em maio de 1981, a seleção canarinho realizou três amistosos na Europa, vencendo a Inglaterra por 1X0, a França por 3X1 e a Alemanha por 2X1. Completou a preparação com mais 10 jogos, um apenas fora de casa, em Santiago, 0X0 contra o Chile, totalizando 16 jogos amistosos entre 1981 e 1982, com 4 empates e 12 vitórias. O último jogo, em Uberlândia, no dia 27/05/1982, o Brasil goleou Eire por 7X0, confirmando a melhor fase desde 1970, o que desafogou o sentimento oprimido do torcedor por 18 anos de ditadura e 12 sem levantar a taça.

Drummond publicou no *Jornal do Brasil*, em 06/03/1982, o texto *Explosão* revelando “Se a gente ganha a Copa do Mundo, este país explode. Se perder, explode também. Não há alternativa”.<sup>107</sup>

João Saldanha escreveu *A Copa e os books*, em 29/5/1982, no *Jornal do Brasil*, comentando o momento positivo da seleção brasileira na véspera da Copa:

Nosso time está com o pé no avião e aparecem notícias da mais famosa bolsa de apostas em futebol, a da Inglaterra, nos apostando com nova cotação: dois por um(...)  
 Não se iludam. Vamos participar de um páreo duríssimo. Não tenho medo da primeira fase. Eu seria completamente surpreendido numa desclassificação aí. Como foi em 1966. Temos um grande time que, tudo indica, já está formado. Mas os outros também têm grandes times. Não pensem em moleza. Seria um erro gravíssimo<sup>108</sup>

O Brasil estreou com muitas falhas. Com a ausência de Toninho Cerezo cumprindo suspensão, Telê Santana escalou surpreendentemente Dirceu como falso ponta-direita. A Seleção estava nervosa, Valdir Perez deixou passar um chute sem perigo do russo Bal aos 34' do primeiro tempo. Luizinho cometeu dois pênaltis sem marcação do árbitro espanhol Castillo. Mas no segundo tempo o time melhorou com a entrada de Paulo Isidoro no lugar de Dirceu. Sócrates empatou aos 30' e Éder desempatou aos 43'.

Nas duas partidas seguintes o Brasil derrotou por goleada a engessada Escócia (4X1) e amadora Nova Zelândia (4X0), composta de um engenheiro, um operário de construção, um estudante de jornalismo, um jogador profissional de críquete e um ex-presidiário, classificando-se em 1º lugar no grupo 6.

No dia seguinte da classificação brasileira no *Jornal do Brasil*, foi publicada a crônica *Entre o céu e a terra, a bola*, em que Drummond demonstra um olhar otimista que atravessa o futebol, deslocando-se pelo movimento silencioso do processo eleitoral brasileiro:

A esta altura falar dos acontecimentos, falar em Santo Antônio, São João e São Pedro como três santos de junho talvez seja um anacronismo. Não faltará quem conteste, afirmando que os verdadeiros três santos do mês se chamam São Eder, São Sócrates e São Toninho Cerezo...

Não há unanimidade, como não houve na convocação do PDS em Belo Horizonte, que também se pode comparar a uma reunião vaticana para fins de canonização. São Magalhães Pinto recebeu um modesto segundo lugar, cedendo o primeiro a São João Marcos(...)

Não existindo dois céus paralelos, o espaço principal nas alturas há de ser ocupado, na primeira fila, por São Tancredo ou Santo Eliseu(...)

Por aí se vê como os outrora prestigiosos santos convencionais do calendário baixaram de cotação. Se ouvirmos o espocar de fogos, não é mais em homenagem a um deles, mas simples recurso de propaganda eleitoral(...)

Mais do que política, o futebol tomou conta do mês de julho, a menos que, com a provável vitória da Seleção Brasileira na Espanha, ele ocupe (...) até o final dezembro (...). Se o fascínio desse esporte alcança indistintamente todas as idades e classes sociais e se é difícil o conagraçamento nacional em torno de um modelo de organização social e política do país (e tal modelo ainda não foi concebido satisfatoriamente), resta-nos encontrar o ponto de convergência na única realidade aceita unanimemente entre nós: a bola e (...) nossos invencíveis atletas.

Os políticos tenham paciência, pois esta não é a vez deles (...) Dr. Maluf presume-se jogador de qualquer posição, capaz até de, como goleiro, fazer gol ao devolver a bola, mas uma sólida marcação pode lhe travar o ímpeto. Lula ensaia os primeiros chutes como artilheiro, Jânio deixou de ser confiável ao abandonar o campo nos primeiros minutos do jogo, e os generais pré-candidatos parece que embolarão o meio de campo no afã de ocuparem a mesma área, que não para todos.

No momento, o público pagante e exultante não está a fim de celebrar os santos de junho nem de assistir às mágicas reformistas do Governo, que perde longe do Circo Tihany. O pessoal não está presente. Está em Sevilha (...) Bola pra frente, os santos que nos desculpem e os candidatos também.<sup>109</sup>

As festas juninas e julhinas com seus fogos de artifício, os balões, a dança de quadrilhas com trajes caipiras, as brincadeiras, as comidas típicas da fazenda – aipim, bolo de fubá, canjica, pé de moleque, paçoca, cocada,

milho verde, cural, caldo verde, quentão, as fogueiras onde se assam as batatas doces e se arriscam em pular, a pesca de prendas, a cadeia e a realização do casamento foram invadidas pela Copa da Espanha, retirando o espaço das articulações e pequenos comícios.

Drummond preencheu essa lacuna na leitura comparativa de cada lance possível aos candidatos dos governos estaduais de Minas Gerais e São Paulo, demarcando tendências partidárias e de candidaturas nas eleições de novembro, em que o eleitorado poderá reconstituir as páginas rasgadas de sua triste história.

Em Minas o cronista deixou clara a crise situacionista favorável a Tancredo Neves do PMDB. Em São Paulo ironizou mais uma vez Paulo Maluf, acenando para o futuro do líder sindical do ABC Luiz Inácio Lula da Silva e o declínio de Jânio Quadros. A resposta das urnas paulistas veio com Franco Montoro pelo PMDB. Drummond depois do diagnóstico político, não hesitou em reafirmar a competência do futebol brasileiro na obtenção do resgate histórico.

Nas crônicas *Variações em tempo de Carnaval e Explosão* Drummond ao nomear a taça da FIFA manteve a lembrança do troféu já conquistado em definitivo pela seleção brasileira, chamando-a então de Jules Rimet. No texto *Copa de 20/3/1982*, no *Jornal do Brasil*, corrige o nome com outra jogada desconcertante: “Então retifico: a Copa do Mundo não tem nome de gente. E não há a menor chance de, no caso de vitória, ela vir a chamar-se de Taça Paulo Maluf “ .<sup>110</sup>

Nas eleições diretas de 1982 para governo de Estado e no Colégio Eleitoral de 1984 para Presidente da República Paulo Maluf candidatou-se sem sucesso, o que não inibiu suas outras candidaturas em São Paulo e em Brasília.

Nas quartas de final ocorreu o inesperado. Fim da linha. Uma vitória empolgante sobre a Argentina por 3X1 comemorada com samba “Voa canarinho voa” nos pés de Junior e a trágica derrota contra a Itália por 2X3.

O Brasil não foi ameaçado pela Argentina, deteve sempre o controle da partida, aumentando gradativamente a vantagem no placar. Zico aos 11' do primeiro tempo, Serginho aos 21' e Junior aos 30' do segundo tempo, ficando para o último minuto da partida o gol de honra de Dias para os argentinos. O time de Telê esteve impecável, ressaltando o “quarteto mágico” e o ousado Júnior.

No estádio de Sarriá, no dia 05/7, os “canarinhos” ficaram distraídos pelo próprio canto. A defesa cometeu três falhas que o atacante Paolo Rossi não perdoou, aos 5' e 25' do primeiro tempo e aos 29' do segundo tempo, neutralizando as duas reações brasileiras. Foi a maior chance de reerguimento do “bambino d'oro” após ser proibido por dois anos de jogar futebol como punição da Federazione Italiana Guoco Calcio ao seu envolvimento com a máfia na “totonero” - loteria esportiva italiana, compensando a aposta do treinador italiano Enzo Bearzot.

Os brasileiros reagiram duas vezes, primeiro Sócrates empatou aos 12' e depois Falcão empatou aos 23' da outra etapa do jogo, Zico sofreu um



penalti não primeiro tempo, trocando no intervalo sua camisa rasgada por Gentile e Antognoni fez o quarto gol italiano, mas anulado pelo confuso juiz israelita Klein. No último minuto do jogo o goleiro Dino Zoff defendeu uma forte e certa cabeçada de Oscar, garantindo a arrancada do título.

Os craques brasileiros escolhidos pela imprensa internacional para compor a seleção da Copa foram José Oscar Bernardi, Paulo Roberto Falcão e Artur Antunes Coimbra, conhecido como Zico. Oscar foi premiado novamente. Falcão na sua primeira Copa e única que jogou, foi o segundo destaque do torneio. Zico não alcançou os seus objetivos, mas se recuperou da Copa anterior, marcando quatro gols. O único finalista dos brasileiros foi o árbitro Arnaldo Cezar Coelho, que apitou a decisão do campeonato entre Itália e Alemanha Ocidental.

Drummond, dois dias seguintes publicou no *Jornal do Brasil* a crônica *Perder, ganhar e viver*, comentado novamente a presença do “deus fútil” no destino da seleção brasileira:

Vi gente chorando na rua, quando o juiz apitou o final do jogo perdido (...) vi tanta coisa, senti tanta coisa nas almas.  
 E chego a conclusão de que a derrota, para a qual nunca estamos preparados(...) é afinal um instrumento de renovação da vida (...)  
 Perder implica remoção de detritos: começar de novo...  
 Mas será suficiente fazer tudo e exigir da sorte um resultado infalível? Não é mais sensato atribuir ao acaso, ao imponderável, até mesmo ao absurdo, um poder de transformação das coisas, capaz de anular os cálculos científicos?  
 (...) A verdade é que não voltamos de mãos vazias (...)  
 Suplantamos quatro seleções (...) A Itália não tinha obrigação de perder para o nosso gênio futebolístico. Em peleja de igual para igual, a sorte não nos contemplou(...)  
 E agora, amigos torcedores, que tal a gente começar a trabalhar que o ano está na segunda metade? <sup>111</sup>

Pela segunda vez Drummond trata a derrota sem humilhação ao nosso futebol, ao contrário dos jornalistas especializados, que primeiro difundem manchetes de uma vitória antecipada, mas depois do resultado final estabelecem uma lista de erros e culpados, clamando por punições, até se explicitarem com negação do nosso verdadeiro futebol. Eles não admitiram perder, sustentando na torcida a cultura do vencedor, embora esta alimenta todos dias as relações institucionais, restando para a agenda noticiário o medo do derrotado. São esses covardes no cotidiano, que se escondem da realidade.

O Brasil fez uma campanha significativa, por isso que durante as vitórias procuraram substituir ídolos no espetáculo como maior mercadoria da Terra, traçando comparações indevidas e se comprometendo com o moralismo e o culto da “vaca premiada” como dizia Nelson Rodrigues, frutos do entulho autoritário de um regime em decomposição.

João Saldanha em seu comentário diário na cobertura da Copa de 82 para o *Jornal do Brasil* escreveu no dia 06/7, após a derrota brasileira no Sarriá, *O limite da estupidez*, retomando suas críticas quase solitárias a formação do time de Telê Santana:

Barcelona -Tantos crime contra o bom senso, contra o senso comum, não poderiam passar impunemente. O fato de possuímos jogadores extra-série como Zico, Falcão, Sócrates, Júnior e Cerezo dava a falsa impressão de que éramos superiores em tudo (...) Inventaram uma tática no Brasil abandonando preciosos espaços do campo. Ora, somente um primarismo infantil e teimoso poderia pensar que os adversários não iriam aproveitar o erro clamoroso...

Nosso time, com tão decantada preparação especial, estava muito cansado no final do jogo. De um lado, existe algo positivo, que é a

desmistificação do charlatanismo...Mas a estupidez tem um limite de tolerância.<sup>112</sup>

Drummond também salientou a teimosia de Telê, mas sua maior preocupação definiu-se no pedido para que os torcedores voltassem ao segundo semestre. Ela visava a retomada das ruas, limpando-as para o ano eleitoral e provocando no fracasso da mídia a desobstruir os seus canais fechados ao debate político, no momento decisivo da redemocratização. Renascer.

A Igreja Católica aliada do golpe militar ficou dividida entre a política conservadora do papa João Paulo II e o trabalho das Comunidades Eclesiais de Base suportadas pela Teologia da Libertação, respaldos pela nova visão progressista do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, em oposição ao regime militar.

O recrudescimento do movimento estudantil universitário e secundarista encorpado pelo comando do PCdoB desde 1979 e a politização da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC durante a década autoritária devolveram a participação acadêmica no processo político.

A renovação sindical brasileira ocorreu sob o comando do ABC paulista a partir de 1974, quando intensas mobilizações de greve e rearticulações intersindicais conquistaram uma nova de pauta de negociações nos dissídios coletivos, projetando a liderança do metalúrgico

de Luis Inácio da Silva, conhecido como Lula e o surgimento das Centrais Sindicais em oposição a CGT.

O movimento político crescente da redemocratização pressionou ao governo Geisel dar prosseguimento no processo da abertura com mais urgência e controle. O primeiro passo foi a sucessão, que Ernesto Geisel procurou a mediação entre as linhas militares dominantes, escolhendo o Chefe do SNI, general João Batista de Oliveira Figueiredo, tendo como vice o ex-governador mineiro Aureliano Chaves.

Geisel reformou o Colégio Eleitoral, dividindo o Mato Grosso, unificando o Rio de Janeiro e Guanabara, elevando o número de deputados federais nos Territórios e nos Estados das regiões menos desenvolvidas, limitando os representantes paulistas na Câmara para 55 e reduzindo a composição das Assembléias Legislativas. As medidas reformistas favoreceram os redutos arenistas, visando conter as tendências das últimas eleições de 1978, que o MDB obteve a maior densidade de votos, dominando os grandes centros urbanos.

A última batalha da sucessão para Geisel foi o surgimento da candidatura do general Euler Bentes Monteiro, idealizada pelo general Hugo de Abreu, contando como vice Paulo Brossard e recebendo o apoio do MDB. No Colégio Eleitoral o general Figueiredo obteve 355 votos, vencendo o general Euler Bentes Monteiro com 226 votos.

O governo do general João Batista Figueiredo desfechou o processo de abertura política, sendo orquestrada pelo Chefe da Casa Civil Golbery do

Couto e Silva, até os últimos atentados da extrema-direita, principalmente no Riocentro no dia 1º de maio de 1981. A abertura visou eliminar os instrumentos mais autoritários do regime ditatorial diante do acossamento de uma recessão econômica e de uma campanha pela anistia organizada por vários segmentos sociais, entidades e representações políticas.

O último presidente do regime militar compôs seu ministério com o predomínio dos civis, destacando-se o senador Petrônio Portela na Justiça, o economista Mário Henrique Simonsen no Planejamento, o economista Delfin Netto na Agricultura e depois no Planejamento e o professor Eduardo Portella na Educação e Cultura.

A campanha da anistia iniciada em 1964 com Carlos Heitor Cony e Alceu Amoroso Lima no *Correio da Manhã* cresceu a partir de 1968 com a CNBB, a OAB e o MDB, sendo que em 1972 os “autênticos” do MDB formularam a proposta da anistia ampla, geral e irrestrita. Em 1975, Teresinha Zerbini fundou Movimento Feminino pela Anistia e os exilados formaram 19 comitês. Em 1977 ocorreu o 1º Encontro Nacional pela Anistia. No ano seguinte, na ABI nasceu o Comitê Brasileiro pela Anistia presidido pelo general Peri Bevilaqua. A extensão da campanha em 1979 atingiu até os presos políticos, que fizeram greve de fome no RJ SP, PE e CE e a adesão total do senador Teotônio Vilela da ARENA.

O Projeto de Anistia governista articulado pelo Ministro da Justiça Petrônio Portela era limitado, excluindo 195 condenados por crimes de terrorismo, assalto, seqüestro e atentado pessoal, e recíproco, incluindo os

crimes conexos (seqüestro, tortura e assassinato dos opositores), encaminhado pelo deputado Djalma Marinho da ARENA no dia 27 de junho de 1979, foi rejeitado por cinco votos na primeira votação, mas depois sendo aprovado com apoio do MDB, com exceção dos “autênticos”. Em 28 de agosto de 1979, o general-presidente Figueiredo sancionou a Lei da Anistia.

Exilados e presos políticos retornaram em seqüência. Juscelino, Jango e Lacerda estavam mortos, ficando para Jânio, Brizola e Arraes o resgate de quinze anos. O governo Figueiredo realizou em 29/11 a reforma partidária segundo estratégias do Ministro Golbery do Couto e Silva, que planejou a extinção do bipartidarismo, inclusive das siglas ARENA e MDB, refazendo o partido governista com o nome de Partido Democrático-Social – PDS, presidido por José Sarney, sendo o grupo majoritário do Congresso. O plano foi bem sucedido, pois o antigo MDB acrescentou uma letra na sigla P de partido, mas teve a saída de 74 de seus 189 deputados federais e 4 dos 26 senadores com o advento de novos partidos. Continuou ser a maior bancada opositora, presidido por Ulisses Guimarães.

A nova legislação partidária exigia diretórios em 20% de municípios de 9 Estados e 5% da votação em 9 Estados. Manteve na ilegalidade o PCB e o PCdoB, internados no PMDB. Miguel Arraes ao desembarcar em Recife no dia 16/9, filiou-se ao PMDB.

Leonel Brizola, ainda no exílio, em 17/6/1979, preparou a retomada do PTB ao reunir os “trabalhistas históricos” em Portugal, publicando a *Carta de Lisboa*. Ao retornar ao Brasil, desembarcando em São Borja em 6/9

encontrou o primeiro cerco de isolamento, uma articulação do Golbery com a sobrinha-neta de Getúlio, Ivete Vargas, requisitando o registro da sigla, que era a maior base popular. O Tribunal Superior Eleitoral favoreceu Ivete Vargas. O PTB descaracterizou-se, abrigando inclusive Jânio Quadros, tornando-se um braço auxiliar do governo federal.

Brizola fundou um novo partido em 26 de maio de 1980, cujo ideário baseou-se no nacionalismo distributivista a partir da *Carta-Testamento* de Getúlio Vargas, sendo filiado a Internacional Socialista e por influência do antropólogo Darcy Ribeiro volta-se para as minorias étnicas com um “socialismo moreno”. Foi denominado de Partido Democrático Trabalhista – PDT, ficando concentrado nas bases tradicionais do RGS e do RJ.

Tancredo Neves fundou o Partido Popular – PP atraindo ala mais moderada do MDB, como por exemplo, o governador fluminense Chagas Freitas, incluindo também os liberais da antiga ARENA, principalmente o senador Magalhães Pinto. Passou a representar o terceiro partido nacional com 69 deputados e 8 senadores, concentrando-se em MG e RJ, Foi pensado por Golbery como o partido de centro, mas que se desfez diante das regras impostas pelo regime decadente, retornado para o PMDB em 14 de fevereiro de 1982.

A novidade no quadro político brasileiro foi o advento do Partido dos Trabalhadores – PT, com o silêncio da ditadura. Reuniu em sua fundação no Colégio SION em São Paulo no dia 10 de fevereiro de 1980 uma frente composta de várias tendências ideológicas, do socialismo cristão até o

comunismo revolucionário, retroalimentado pelos movimentos sociais, sobretudo, sindical através da Central Única dos Trabalhadores – CUT, surgida em 28 de agosto de 1983 sob influência dos metalúrgicos do ABC e da Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais – ANAMPOS. O PT entregou o comando para Lula, concentrando-se no ABC e na capital de SP como ponto de partida, visando se estender aos outros grandes centros urbanos. Fixou como ideário o socialismo construído pelas lutas sociais.

O quadro das organizações partidárias registradas no TSE em outubro de 1980 garantiu a supremacia do PDS com 3066 municípios, seguido pelo PMDB com 2127, depois pelo PT com 625, o PDT com 558 e o PTB com 334.

A extinção do AI nº5 e da censura política, mesmo com vários vestígios do regime de exceção, aprovação do Congresso Nacional das eleições diretas para Governador de Estado de 1982 em 13 de novembro de 1980 representarão o teste decisivo da arquitetura de Golbery no controle da redemocratização. Suas articulações não serão isoladas, terão a justiça eleitoral e as mídias conjugadas, estendendo-se até depois de sua retirada da cena política.

A extrema-direita insatisfeita com a abertura política fizeram seus últimos atos terrorismo, não conseguindo impedir um processo irreversível diante das forças sócias revitalizadas e reorganizadas politicamente, além



do governo federal vivendo uma profunda crise econômica com recessão, inflação elevada e endividamento externo.

Os atentados promovidos pela dissidência militar utilizavam explosão de bombas e tiroteios em bancas de jornal que vendiam jornais alternativos, no *Tribuna Operária*, na Igreja Católica progressista, na OAB, na ABI, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro e seqüestros de juristas, jornalistas, sindicalistas, estudantes, artistas e intelectuais, identificados por grupos extremistas de Comando da Caça aos Comunistas, Comando Delta, Falange Pátria Nova, Ação Anticomunista Brasileira, Vanguarda de Caça aos Comunistas e Movimento de Reorganização Nazista.

Dois atentados causaram mortes. A explosão da bomba na OAB matando a funcionária Lydia Monteiro no dia 7/1980 e no caso Riocentro com a explosão de duas bombas, uma dentro do carro de dois agentes DOI-CODI matando o sargento Guilherme Pereira do Rosário e a outra na casa de forças do prédio. Realizava-se no dia 1º de maio de 1981 um show comemorativo ao dia do trabalhador para um público de 18 mil no Centro de Convenções. A apuração de caso foi prolongada pela Justiça Militar até ser arquivada no dia 2/10 como uma operação secreta contra os comunistas, mas acarretou a saída de Golbery do governo, sendo substituído por Leitão de Abreu.

O seqüestro do jornalista Alexandre Von Baumgarten, sua esposa e o barqueiro, aparecendo mortos em 25 de outubro de 1982, após o questionamento do jornalista sobre a crise da revista *O Cruzeiro*,

demonstrou o comprometimento do governo Figueiredo com alenta e dissimulada apuração do caso, vinculado a uma pseudo Operação Dragão.

### 3.2.11-Sem revolta e sem pranto – México 86

Drummond só escreveu sobre a Copa de 86 três textos vinculados ao contexto da abertura política brasileira, demonstrando preocupação com uma possível candidatura do Brasil para a sediar a Copa de 1986, em consequência da decisão do presidente Belizário Bettancourt da Colômbia negar-se a organizar o evento em seu país.

O primeiro texto foi publicado vinte dias depois do título italiano na Copa de 82, no *Jornal do Brasil*, com o nome sugestivo *Futuro*, elaborando dois prognósticos curiosos:

O futuro Presidente da República será civil de quatro estrelas ou um general de paletó-saco. De qualquer maneira estarão satisfeitas as aspirações democráticas. Não será por falta de roupa de Presidente, ou roupa adequada, que deixaremos de ir em frente. O problema não está na sucessão de Figueiredo, mas escolha da Seleção para a Copa de 1986. Precisamos de pernas novas na Colômbia. O Brasil não suporta mais a perda de um campeonato mundial .<sup>113</sup>

Drummond satiriza a sucessão presidencial brasileira antecipando o perfil do candidato mais adequado ao retorno lento e gradual do voto, mas reconhecendo a conquista política mesmo com a vitória de um conservador.

A outra previsão surpreende pelo momento, a necessidade de renovação da seleção brasileira, refutando a continuidade dessa geração surgida em 1974.

No segundo texto chamado de *Copa*, publicada em 28/8/1982 no *Jornal do Brasil*, Drummond situou o risco do Brasil em sediar a Copa de 86 no lugar da Colômbia.

Vamos evitar que a Copa seja transferida para o Brasil. Quem fala é um patriota, não um traidor da Pátria. Já imaginaram o que será a vida da gente, o que será do Brasil se esta ameaça se consumir? Pára tudo (...)E se o Brasil ganhara Copa:ficará pedra sobre pedra? E se perder: restará alguém vivo/  
Pelo amor de Deus e de nossa terra, Presidente, não fale ao Giulite nem ao Havelange que estamos dispostos a promover a Copa!<sup>114</sup>

O medo de Drummond está subentendido na paralisação da rotina, dando lugar ao clima festivo nada favorável a uma definição política emergencial.

Ele esclarece mais seu temor com a crônica seguinte, de 19/2/1983, publicada no *Jornal do Brasil*, também denominada de *Copa*, explicitando o que se esconde nessa realidade:

Grande pedida para acalmar impaciência e sofrimento popular é a idéia da Copa do Mundo no Brasil (...) Mas até lá viveremos ao abrigo da inflação, do desemprego, da dívida externa, da confusão política e de tudo mais que atrapalha, chateia, assusta e torna impossível a vida cotidiana. Viva a Copa.<sup>115</sup>

A única menção à Copa disputada no México a partir de 31 de maio veio de uma carta endereçada ao neto Luis Maurício, com data de 30/6/86,

no dia seguinte da conquista do segundo título mundial da Argentina, que representou quase um ato solitário do craque Diego Maradona. A Copa de 1986 encerrou uma geração destacada por vários países, tais como o Brasil da era Zico, a França da era Platini, a Alemanha da era Rummenigge, a Itália da era Scirea e a Polônia da era Boniek.

Na carta Drummond comenta

Viva Maradona! Mas viva, sobretudo, o futebol argentino, que demonstrou mais uma vez sua força de conjunto, numa partida que coroou brilhantemente o longo esforço da Copa do Mundo. Foi uma vitória merecida, que nós aqui em casa acompanhamos reunidos, na maior torcida pela Seleção de vocês, depois que se desvaneceram as esperanças no time brasileiro. E que jogo emocionante o de ontem, hein? Ficamos aflitos quando a Alemanha empatou 2 a 2, mas felizmente Maradona fez aquela jogada genial, criando condições para o gol de Burruchaga selar a decisão final. Parabéns meu caro!<sup>116</sup>

A seleção brasileira novamente no comando de Telê Santana manteve a base da Copa de 1982 e não passou das quartas de final, perdendo para a França nos pênaltis por 4X3, após o empate de 1 a 1 na jogada corrida. A conquista portenha resultou do talento especial de Diego Maradona, que se consagrou como o craque da Copa, ao realizar as jogadas mais criativas e decisivas. Passes perfeitos, dribles desconcertantes e progressivos, chutes indefensáveis e dois gols antológicos contra a Inglaterra. O primeiro com uma arrancada arrasadora ultrapassou cinco defensores e mais o goleiro Peter Shilton, que no segundo foi enganado na

disputa de bola pela “mão de Deus”, como ele classificou seu toque, sem que o juiz percebesse.

### 3. 3- Pelé, o mágico e Garrincha, o encantador

A metáfora Pelé e a metonímia Garrincha estão sobredeterminadas no discurso figural, paralelo e assimétrico, demonstrando a subversão da arte futebolística brasileira, sempre apontada como restrita a um contexto, mesmo sendo uma pressão paradigmática no texto da bola e perene em seu campo da significação. Como sublinha a poesia de Drummond, o singular momento dessa enunciação é o instante da finalização, em que Pelé e Garrincha, sempre fizeram emergir o sujeito. E por meio do outro fundamento essencial da dupla exemplar que é o passe, situa-se a mensagem poética de Drummond, fazendo ultrapassar o texto sobre o contexto, definindo de vez a diacronia do “discurso do gol”.

A primeira homenagem selecionada no livro foi para “Pelé, o mágico”, com sete textos de Drummond. O primeiro tema abordado é a origem familiar de Pelé, em *Os pais de Pelé*, publicado no 3/07/1958 no *Correio da Manhã*, quatro dias após o título na Suécia, quando Drummond comenta:

Apareceram na televisão, depois da vitória, levados pelo repórter. O pai jogou futebol no interior de Minas, mas admite que o filho conseguiu ser esportista mais hábil do que ele. A mãe não queria que o menino chutasse: mandava-o fazer compras e ele não voltava; então punha o pai no encalço do filho, forçando Pelé a largar a bola. Dizem essas coisas com naturalidade e uma grande

ausência de vanglória. Ele fala pouco e tom sóbrio; ela sorri discretamente. O fato de serem pais de um campeão do mundo não lhes perturbou a cabeça. Sem saber, estavam dando lição a muita gente que, não sendo nem pai nem mãe de Pelé e dos outros campeões, está cobrando dos dividendos da vitória, em publicidade.<sup>117</sup>

Edson Arantes do Nascimento nasceu no dia 23 de outubro de 1940, no sul de Minas Gerais, filho de um ex-jogador de futebol João Ramos do Nascimento, conhecido como Dodinho, que teve a carreira abreviada por uma contusão no joelho. Sua mãe Celeste Arantes do Nascimento tentou impedir a mesma profissão para o filho, diante das dificuldades encontradas pelo pai para sustentar uma família com quatro filhos. Quando se transferiram para Bauru, em São Paulo, no ano de 1945, pois o seu pai foi jogar no Bauru Atlético Clube, o menino manifestou bem cedo sua opção, jogando no time infanto-juvenil do Canto do Rio com 10 anos, sem ter a idade mínima de 13. Começou a se destacar no time de Bauru até ser levado pelo seu técnico e ex-jogador da Copa de 1934, Waldemar de Brito, para atuar no Santos F.C., em 1955.

Aos quinze anos chega no Santos F.C., profissionalizando-se no ano seguinte. Com dezessete anos disputa pela seleção brasileira a sua primeira Copa do Mundo, que o revelou como um dos principais destaques na conquista do título inédito do futebol brasileiro. Aos vinte e um anos atinge a marca de 500 gols.

A partir daí obteve muitas conquistas, estabelecendo números surpreendentes. Fez do Santos F. C. a maior equipe do mundo, dando-lhe

títulos e fama até 1974. O sucesso atingiu o ponto de ter em qualquer estádio brasileiro e estrangeiro, a certeza de lotação máxima e de recepção calorosa.

Nelson Rodrigues dizia ser o Santos F.C., na era Pelé, o time mais carioca de todos, o que se comprovou com as decisões internacionais e nacionais realizadas pelo clube no templo do Maracanã, hoje denominado de Mário Filho.

Aos vinte nove anos, no mesmo estádio, conquistou o índice recordista do milésimo gol, cobrando um penalti contra o goleiro Andrada do outro clube de seu coração, o Vasco da Gama. Gols não faltaram, totalizando 1281, em 1375 partidas. Em 1959 foi o ano que mais marcou, 127 vezes. Sua maior artilharia em campeonato foi no paulista de 1958 com 58 gols e o jogo contra o Botafogo de Ribeirão Preto, em 1964, fez 8 tentos.

O Santos F.C. foi seu o único clube brasileiro que defendeu oficialmente, vestindo apenas em amistosos as camisas do C.R. Vasco da Gama, C.R. Flamengo e Fluminense F.C. Na vila santista conquistou 46 campeonatos, atuou em 1114 jogos, com 1086 gols, 11 vezes artilheiro da competição paulista, reunindo vários títulos importantes como 10 campeonatos paulistas, 4 Torneio Rio - São Paulo, 5 Taças Brasil, 1 Roberto Gomes Pedrosa e os bicampeonatos da Taça Libertadores da América e do Mundial Interclubes.

Com o famoso uniforme branco percorreu 66 países, nas cores da seleção brasileira em 31 e pelo Cosmos excursionou até a Índia e a China.

O Rei, como era chamado, só não jogou no lendário estádio inglês de Wembley.

No ano de 1962, ele conquistou tudo: tri paulista, bi da Taça Brasil, campeão da Taça Libertadores da América e do Mundial Interclubes, incluindo ainda o bicampeonato mundial da FIFA, realizado no Chile, mas que só participou dos dois primeiros confrontos, afastado por uma distensão muscular.

Poucas contusões como esta foram tão sérias mesmo sendo usado em intensas temporadas pelas injunções contratuais. Nos anos de 1960 e 1968 realizou 82 partidas, superadas apenas em 1959 com mais de 100 jogos.

Drummond publicou em 28/10/1969, no Jornal do Brasil, Pelé 1000, antecipando ao que se deu no dia 19/12, no estádio do Mário Filho, quando Pelé jogando contra C.R. Vasco da Gama, clube de simpatia do cronista e do jogador, derrotou-o por 2X1, completando o seu milésimo gol na cobrança de um penalti, quase defendido pelo goleiro vascaíno. O cronista mostra-se menos estatístico e mais poeta:

O difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé. Aquele gol que gostaríamos tanto fazer, que nos sentimos maduros para fazer, mas que, diabolicamente, não se deixa fazer. O gol.

O que adianta escrever mil livros, como simples resultado de aplicação mecânica, mãos batendo máquina de manhã à noite, traseiro posto na almofada, palavras dóceis e resignadas ao uso incolor? O livro único, este não há condições, regras, receitas, códigos, cólicas que o façam existir, e só ele conta - negativamente - em nossa bibliografia(...)



Então o gol depende de nossa vontade, formação e mestria? (...) Se é Deus, Deus se diverte negando-o aos que imploram, e, distribuindo-o a seu capricho (...) A obra de arte, em forma de gol ou de texto, casa, pintura, som, dança, outras mais, parece antes coisa-em-ser na natureza, revelada arbitrariamente, quase que à revelia do instrumento humano usado para a revelação. Se a obrigação é aprender, por que todos que aprendem não a realizam? (...)

O rei chega ao milésimo gol (sem pressa, até se permitindo o charme de retificar para menos a contagem) por uma fatalidade à margem do seu saber técnico e artístico. Na realidade, está lavrando sempre o mesmo tento perfeito, pois outros tentos menos apurados não são de sua competência (...) quando deixa de destacar-se no campo é porque até ele tem instantes de não-Pelé, como os não-Pelés que somos todos.

O mundo é feito de consumidores, servido por alguns criadores. O desequilíbrio é dramático, e só não determina a frustração universal porque não nos damos conta de nossa impotência criadora (...) Ainda por absurdo desajuste, a criação, em muitas áreas, nem sequer é absorvida pelos consumidores em carência (...) Para o consumo, sim, é necessário aprendizado. Mas os milhões de analfabetos, subnutridos e marginalizados, dos mundos ocidental e oriental, não desconfiam sequer de que há alimentos fascinantes para fomes não pressentidas.

Afortunadamente, no caso do Pelé, a comida de arte que ele oferece atinge o paladar de todos(...)

Os mil gols de Pelé são um só, multiplicado e sempre novo, único em sua exemplaridade.<sup>118</sup>

Drummond prefere o ato da enunciação, desprezando os índices alcançados por Pelé. Cada jogada de Pelé representa o verdadeiro achado significativo no momento de conclusão. Traz a autoria, tornando impossível separar na leitura da obra a inclusão do sujeito. O leitor analisando-se na obra e o autor localizado na mensagem. Uma verdadeira travessia da criação.

O texto de Drummond antecipa-se à realização do acontecimento em sintonia com a preguiça do criador, que prorrogou o feito até poder emitir a sua mensagem como cidadão. Entre o Pelé e o Edson Arantes do

Nascimento há uma hiância. Pelé mata a fome da arte popular e Edson pede pelo futuro das crianças desamparadas. Tem dias que Edson não joga como Pelé, tem outros momentos que Pelé não sustenta o prestígio de Edson. O ato só é único e exemplar em Pelé.

Os lances do Negão são outros. Mas não sabemos ao certo o que é mais criativo, os gols que Pelé não fez, os que ele serviu ou os que fez através dos outros. Não era de uma só jogada, as que inventava, repetia como um diálogo interminável e as que reproduzia, dava a forma mais acabada. Seu virtuosismo era jogar simples, surpreendendo pelo imprevisto na descoberta do inesperado, sempre em direção à meta. No trato com a bola chegou ao limite máximo do aprimoramento técnico, mas nunca temeu os “botinudos” da era do “ferrolho”.

O seu primeiro gol em Copa do Mundo, em 1958, contra o País de Gales, foi uma invenção, driblou a si mesmo, constituindo um espaço de arremate. Na última Copa que disputou e foi campeão pela terceira vez, no México, em 1970, realizou três jogadas que valeram mais do que um gol. Um chute do meio-de-campo pegando o goleiro tcheco adiantado; um drible sem bola no goleiro uruguaio pelo lado esquerdo, chutando para o lado oposto e uma cabeçada de cima para baixo no canto do goleiro inglês. Hoje, os jogadores mais habilidosos testam freqüentemente a execução dessas jogadas, sendo algumas bem sucedidas.

Essa antevisão do Pelé descobre o significante puro para a criação dos significados. Ultrapassa qualquer sentido da barreira da cogitação codificada. Uma lógica máxima passa a atuar, constituindo o tempo do sujeito, que invade o espaço não ocupado pelo pensamento, onde age silenciosamente o desejo.

Pelé jogou a bola no pé de apoio do adversário, sempre jogou duro contra a intenção faltosa do outro, que nunca sabia de onde viria a bola em sua direção, uma referência de arbítrio dentro da área inimiga e a verdadeira companhia de se pensar no outro. Dentre as companhias significantes, a mais intensa e de menor duração foi Coutinho, afastando-se aos vinte e quatro anos da camisa 9 santista.

Pelé é o Outro no lugar onde se cala, reconstituindo o silêncio na ruína, associando alegoria e alegria na fala da história dos vencidos.

No filme *Pelé Eterno*, de Aníbal Massaini Neto, lançado em 2004, podem ser vistos 400 gols reeditados, sendo que dois dos mais famosos estão recriados digitalmente com a falta do registro icônico. São o gol de “placa” feito contra o Fluminense, no Maracanã, em 1961 e o famoso “gol da Rua Javari”, considerado pelo próprio Pelé como o mais bonito de sua carreira, durante o jogo Santos 2 x 1 Juventus, em 2 de agosto de 1959.

Drummond não se afastou da pressão contextual um só instante, em *Dezembro, isto é o fim*, editado em 02/12/1969, no *Jornal do Brasil*, pede pelo fim desse calendário:

De fato, quem suportaria mais de 12 meses no calendário? Dez chegam de sobra. Para enfrentar novembro, já foi necessário suar a camisa, inventar dois feriados, reabrir o Congresso, antecipar as férias dos meninos e despachá-los correndo para Araruama, exigir de Pelé um milésimo gol que ele gostaria de ir adiando como promessa de felicidade. Foi necessário trocar algumas feras do Saldanha, dar novo passeio à Lua para verificar que lá não tem mesmo nada ( quem sabe se na milésima vez se encontrará um chaveiro de prata, uma ponta de cigarro, um *souvenir sexy*, a ser exibido como prova de que valeu a pena chegar àqueles paramos)

119

A crônica relacionou a campanha do milésimo gol de Pelé, os novos convocados por João Saldanha e o endurecimento do regime militar, que diante da luta armada elegeu o general Emílio Garrastazu, em momentos de muita tensão, retomando com ironia a viagem norte-americana ao nosso satélite, o que se vincula ao campo semântico do texto *A semana foi assim*.

Não há incompatibilidade entre a mídia e o jogador e sim entre o seu estrelato na mídia e o papel histórico do craque. O mito de massa é situacionista, não tem história, mas faz história tornando-se a própria versão da realidade. É um mito sem contradição, vacinado ideologicamente para a sobrevivência dos ciclos modistas. A fabricação do seu antivírus isola a compreensão conceitual e imagética da elaboração do produto mítico, atendendo o princípio mercantil da informação.

Ao contrário, o craque está inscrito historicamente, atua em uma realidade precária e estabelece a discussão crítica dos impasses sociais, culturais e ideológicos. Seu discurso não se alimenta apenas de uma época, escreve o significante que protege o amanhã do racismo vindouro. Recupera também em seu espaço de criação a veia alternativa de dizer o Outro.

Quando a mídia definiu Pelé como “rei” no futebol, ela instaurou o mito, que o tempo inscreveu na história. Depois houve uma reapropriação ao estendê-lo no topo olímpico de nosso século, permitindo novas fundações e adequando sua imagem ao momento mais recente, que segundo Andy Warhol, durará 15 séculos.

O Edson Arantes do Nascimento também não conhece Pelé, confunde -se, como todos, entre o conceito da marca através de sua imagem e o lugar da significação do craque que a história perdeu. A mídia supervaloriza as condutas pessoais de Edson, que se alimenta no cotidiano da marca Pelé, o que ele fez tão bem como quando vestia a camisa 10. Mas há um desemprego do herói diante da face da modernidade. Pelé faz parte desse declínio, porque nasceu e se desenvolveu na cultura imediatista e planetária, cuja pedagogia é estabelecer uma recepção de massas voltadas ao consumismo, através de segmentos de mercado e de padrões estandardizados.

Sempre a posição ideológica de Pelé foi integrada, primeira pela fala da mídia, que ele se pensou se reconhecer e passou a repetir, e segundo pelo seu lugar enquanto personagem do enredo social, de valor ascendente em campos e hábitos sociais. Aposentado do futebol escolheu um papel empresarial do setor e ocupou lugar político de Ministro Extraordinário do Esporte, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso. Sua chegada nos Estados Unidos antecipou essas relações, efetivando - se na diplomacia

norte-americana. A Lei Pelé editada em 1997 sintetiza a dimensão do novo universo: a nova alforria da Mais-Valia.

O Edson é um descendente africano cidadão do mundo, só assim podemos entender a maneira que o jornalista João Saldanha tratava Pelé, que tem até hoje o privilégio de ser conhecido em todos os continentes. Um negão feriado africano, que encarna a verdadeira alma do futebol brasileiro, mas continua pagando um preço muito alto. Por isso afirmou que tem que matar um leão a cada dia, numa sociedade excludente cujo tributo mais sufocante e violento é a miséria.

O técnico João Saldanha com sua contundente passagem na seleção brasileira, em 1970, soube cutucar Pelé, dizendo que ele estava cego. Houve então a resposta da fera, negando definitivamente o intervalo entre o negão e o rei, para além de qualquer míope ditadura.

Em *Despedida*, editada pelo *Jornal do Brasil* em 05/06/1971, Drummond comenta a decisão de Pelé parar de jogar na seleção brasileira, cujos jogos de despedida foram 11/7 no Morumbi, Brasil 1X1 Áustria e em 18/7 no Maracanã, para mais 138 mil pagantes, Brasil 2x2 Iugoslávia. Seu comentário sensibiliza o próprio jogador:

Pelé despede-se em julho da seleção brasileira. Decidiu está decidido. Querem que ele continue, mas sua educação esportiva se dilata em educação moral, e Pelé dá muito apreço à sua palavra. Se atender aos apelos, ficará bem com todo mundo e mal consigo. Pelé não quer brigar com Pelé. Não abandonará de todo o futebol, pois continuará jogando em seu clube. Não vejo

contradição nisto. Faz como grande proprietário de terras, que trocasse a fazenda pela miniatura de um sítio; continua a ter águas, plantas, criação, a mesma luminosidade das horas – menos imensidão, que acaba cansando (...) Não é só pelo ato de sabedoria, que é sair antes que exijam a nossa saída (...) É pelo ato de escolha – de escolher o mais simples, envolvendo renúncia e gentileza (...) E com isso, dará lugar a outro, ou outros, que por mais que caprichassem ficavam sempre um tanto encobertos pela sombra de Pelé – a sombra de que espontaneamente se desfaz. Bela Jogada, a sua; a de não jogar como campeão, sendo campeoníssimo.<sup>120</sup>

A resposta de Pelé foi em 29/06/1971, que Drummond publicou no mesmo jornal:

Estou comovido. Entre tantas coisas, que dizem a meu respeito, generosas ou menos boas, suas palavras tiveram a rara virtude de se lembrarem do homem, da pessoa humana que quero ser, demonstrando compreensão e carinho por essa condição fundamental. Recortei sua crônica, não porque fala de mim, mas porque traduz, no primor de seu estilo, um apoio que me incentiva e me conforta.<sup>121</sup>

Outras despedidas foram realizadas com vitórias, primeiro pelo Santos F.C. em 1974, no estádio de Vila Belmiro, contra a Ponte Preta (2X0), onde completou 18 anos, 6 meses e 26 dias, depois foi no New York Cosmos, em 1º de outubro de 1977, contra o Santos F.C.(2X1), completando duas temporadas, 111 jogos, 65 gols e 1 título norte-americano em 1977 aos 37 anos. As cerimônias de despedidas diferenciaram-se. No Morumbi prevaleceu o modelo caipira, em Vila Belmiro a simplicidade praiana e nos EUA o espetáculo mundial da mídia.

Em *Bolsa de ilusões*, editada em 15/07/1971 no Jornal do Brasil, Drummond critica a cerimônia organizada pela federação paulista:

– As coisas sem importância passaram a ter a maior importância no mundo de hoje, e as importantes perderam o sentido. Domingo, meteram uma coroa na cabeça de Pelé, porque ele, sem sombra de dúvida, é o maior jogador de futebol do mundo. Queriam vê-lo fantasiado de rei. Todo mundo delirou, vendo um rei dando a volta olímpica, e isto foi de maior importância. o importante, que é o futebol dele, ficou esquecido. Nós não pedíamos tanto. Ficaríamos satisfeitos com uma coroinha fácil: o nosso dia. <sup>122</sup>

Despediu-se da seleção brasileira em 1971, tendo conquistado três títulos mundiais em quatro copas, atuando nelas em 14 jogos, com 12 vitórias, 1 derrota e 1 empate e marcando 12 gols. Sua artilharia com a camisa canarinho soma em 114 jogos 95 gols. Com Garrincha jogou 40 vezes, sem perder. As únicas frustrações na antiga CBD resultam da carência de vitórias no campeonato sul-americano de seleções (apenas campeão pela seleção militar em 1959) e sua ausência em jogos olímpicos.

Resistiu ao máximo às propostas dos países estrangeiros, quase cedeu ao Internazionale de Milão, em 1963. Mas quando pretendia pendurar as chuteiras, aos 34 anos, aceitou o desafio norte-americano, que através de um convite irrecusável do Cosmos no valor de US\$ 7 milhões, aceitou a responsabilidade de incrementar na grama artificial de New York, um futebol pouco praticado e que lá chamam de soccer. Entre em 1975 a 1977 deslumbrou o público “ianque” com 64 gols, enraizando o esporte com sua majestade.

O último jogo foi em 1º de outubro, no Grants Stadium, com um público de 77 mil 891 torcedores e uma cobertura internacional de 343



jornalistas, 163 fotógrafos e 165 equipes de televisão, desfechando uma carreira inigualável de 83% de jogos vitoriosos.

Essa rica trajetória é lida pelo olhar redundante das ciências aplicadas aos esportes, que se restringem aos aspectos físicos, técnicos, táticos e disciplinares da formação atlética. Uma miragem que busca a autonomia do “discurso do corpo”, reunindo em tais os conhecimentos a sustentação tecnocrata da estatística.

Essa concepção chegou ao Brasil desde a entrada dos militares nos estudos da educação física, adaptando-se a uma outra realidade, o contexto político brasileiro instalado em 1964, o que lhe confere traços distintos da incorporação. A primeira consequência foi o crescimento das comissões técnicas, trazendo as especializações científicas, que passou a nortear a atividade fim e as produções materiais necessárias. O que mais se fortalece de imediato, é o alibi do argumento da notícia, propagando fatos em torno dos desempenhos dos atletas e equipes e possibilitando o processo de generalização dos novos procedimentos em cada modalidade. Ao mesmo tempo, ocorre a função estratégica da mídia na segmentação do mercado esportivo, possibilitando o ancoramento do marketing promocional das grandes corporações multinacionais. Assim se mercantiliza o esporte enquanto produto e evento culturais, a ponto de ocupar a maior audiência na “sociedade do espetáculo”, tornando-se também a mercadoria primordial de hoje.

Depois da calorosa despedida em seu templo sagrado, o Maracanã, Carlos Drummond de Andrade recria em palavras a poesia do nosso rei republicano, escrevendo o poema *Letras louvando Pelé*, bem cuidada no espaço gráfico do JB, em 20/07/1971.

Pelé, pelota, peleja. Bola, bolão, balaço. Pelé sai dando balõezinhos. Vai, vira, voa, vara, quem viu, que, previu? GGGGGoooooIIII.

Menino com três corações batendo nele, mina de ouro mineira. Garoto pobre sem saber que era tão rico. Riqueza de todos, a todos doada, na ponta do pé, na junta do joelho, na porta do peito.

E dança. Bailado de ar, bola beijada, beleza. A boa bola bólida, brasil-brincando. A trave não trava, trevo de quatro, de quantas pétalas, em quantas provas, que não se contam? Mil e muitas. Mundo.

O gol de letra, de ilustre, de louro. O gol de placa, implacável. O gol sem fim, nascendo natural, do nada, do nunca, se fazendo fácil na trama difícil, flóreo. Feliz. Fábula(...)

Ama a bola, que o ama, de mordente amor. Os dois combinam, mimam-se, ameigam-se. "Vem comigo", e entram juntos na meta. Quem levou quem? Onde um termina e a outra começa, mistura fina?

Saci-pererê, saci-pelelé, Pelé na pelada infantil (...) saci-bola, tatu-bola, roaz, reto, resplandece.

A arte que se tira do corpo (...) Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida. Pelé escultor de si mesmo. A esmo. Errante. Constante. Presente. Presciente. Próvido.

O sonho de todas as crianças a envolvê-lo. O sonho a continuar nos adultos, novelo, desvelo. Não é do Santos, é de todos os santos e pecadores. Sua foto leal, seu jeito legal. Um que sabe e não é prosa: a maior proeza.

Não quer tomar pileques de glória, vai para sua casa (...) Deu tanta alegria que também precisa viver a sua...

Mas leva a bola consigo, sem camisa amarela; só ela. Vai jogar em família, com seu clube, sua paz, seu número dez...

Pois é, responde Pelé. O nome rima no ar. Nome fácil de guardar. De dizer. Os sons se cruzam, se abarcam: Pelé no Maracanã.

O imenso coro ressoa. Pe-lé. Pe-lé. Pe-lé.

Até  
Amanhã.  
Não é adeus, é até  
logo, Pelé, até.

No Maraca, na esperança, no mundo, o nome, a lembrança, a presença de Pelé.<sup>123</sup>

No prefácio do livro *Quando é dia de futebol*, a convite dos editores, Pelé escreveu sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade, buscando um paralelismo entre eles:

Mineiro escrevendo sobre mineiro não é novidade, mas mineiro que usou os pés ao longo de sua carreira profissional ter que usar as mãos para poder expressar sobre alguém que usou as mãos para colocar os admiradores a seus pés é realmente um fato importante em minha vida(... )

A bela pacata Itabira viu nascer há um século aquele que se transformaria em um mais amados mestres no uso das letras(...)

Suas obras são auto-explicativas com relação à profundidade de seus pensamentos, o tamanho do seu talento e a ternura do seu coração. E veja que de coração eu entendo; afinal sou um homem de três!(...)

Atacava com palavras muito bem pensadas, defendia com opiniões fortes, mesmo que controversas, driblava os momentos da vida política do País com deliciosos pensamentos, e fazia gols memoráveis em textos de indescritível beleza.

Uma preferência sua me emociona em particular; seu amor pelo Vasco da Gama, cuja camisa vesti com muita honra no início de minha carreira (combinado Santos e Vasco), forma pela qual fui revelado e convocado pela primeira vez para a Seleção Brasileira que disputou a Copa Roca de 1957(...)

Peço licença aos netos de Drummond, Luis Maurício e Pedro Augusto, idealizadores desta obra, para poder pra frasear essas palavras do avô: O difícil, o extraordinário, não é escrever mil textos, como Drummond. É escrever um texto como Drummond.<sup>124</sup>

Pelé acompanhava seu pai e se identificava com o estilo de atacante goleador. Na passagem de Dodinho pelo time mineiro do São Lourenço as defesas do goleiro Bilé despertavam os gritos do menino Edson, ficando com essa alcunha, mas deformada pela fala infantil como Pelé. A primeira maneira familiar e carinhosa de chamá-lo foi “Dico”, que ele mantém até hoje.

Drummond em *Nomes* incluiu mais dois apelidos para Pelé, o primeiro revelou em 28/10/1975:

Gasolina - Pelé, que também se chama Edson Arantes do Nascimento, ao entrar para o Santos F.C., que não gostava que o

chamassem desse jeito, por se parecer com o artista Antônio Monte de Souza, detentor do apelido.<sup>125</sup>

O segundo em 02/12:

Mamãe Dolores - Os campeões brasileiros de futebol, em 1970, identificavam o companheiro Pelé com essa personagem, então popularíssima, de novela da TV.<sup>126</sup>

Seu nome foi escolhido pelo seu pai em homenagem a Thomas Edison, Pelé teve várias participações como ator, que seria sua segunda opção profissional. Atuou na novela *Estranhos* da TV Excelsior e em dez filmes. O primeiro documentário sobre ele foi *Rei Pelé*, de 1963, onde participou boa parte do elenco time do Santos F.C. Em 1974, aliado a *Globo Filmes*, ao produtor Luis Carlos Barreto do *Canal 100*, produziram *Isto é Pelé*. Em 1989 estrelou no filme *Os Trapalhões e o Rei do Futebol*.

Até uma experiência no cinema estrangeiro teve em 1981, protagonizando *Fuga para a Vitória*, de John Huston, representando um prisioneiro de um campo de concentração alemão durante a Segunda Guerra Mundial, contracenando com os atores Michael Caine e Sylvester Stallone e o ex-jogador inglês Bobby Moore.

No universo da mídia até de programas musicais participou cantando suas composições, acompanhado por Roberto Carlos, sendo que *Abre a porteira* foi gravada em 1981 por Jair Rodrigues.

Até hoje continua representando a maior expressão mítica nos esportes.

A segunda homenagem de Drummond só poderia ser para Garrincha, o encantador. Os editores coletaram 4 textos. A primeira crônica selecionada fez parte da coletânea *Cadeira de Balanço*, chama-se *Estrada*, onde Drummond descreve a trajetória dionisíaca de Mané Garrincha:

O moço de coração simples estava a beira da estrada, vendo passarinho voar. Passou o destino, bateu-lhe no ombro e disse:

- Vai brincar.

- Eu estou brincando - respondeu o rapaz.

-Vai brincar com os pés e coma as pernas, pois para isso nasceste.

O jovem foi para cidade e pediu que o deixassem ficar em companhia de outros, num lugar onde se brincava de movimento.

- Nunca poderás brincar direito – observaram os entendidos, examinando-lhe o corpo. – Tens pernas arqueadas. Pernas arqueadas são grande empecilho na vida.

E mandaram-no embora. Foi a outros lugares, ouviu a mesma resposta. Um dia, sem reparar em suas pernas, deixaram-no ficar e brincar.

Brincou melhor que todos os que tinham pernas clássicas. Seu brinquedo mágico, dentro do brinquedo comum, dava a quem o via uma felicidade intensa.

-Ninguém na terra brinca melhor do que este - disse a voz pública, maravilhada.

Os entendidos não explicavam por quê. Ninguém explicava. Poetas celebraram-no...

Sua cabeça, como seu coração, era simples. Ele não tinha que responder, senão brincar mais e melhor ainda.

Foi levado para outros países, e assombrava os povos pelo mistério das pernas cambotas, que sabiam bailar e enganar, enganar e bailar.

A glória não o perturbou, era simples o menino grande, brincando mais engraçado que os outros, e nisso se comprazia...

Com a fama, ganhou montes de dinheiro (...) fugindo aos prazeres da dissipação e da soberba, reservou-se o prazer do brinquedo.

Aí veio o amor, e disse:

- Eu venço este homem.

Fê-lo escutar uma canção, tornou-o inquieto. O rapaz começou a viajar de um lugar para o outro, a esconder-se dos companheiros e de si mesmo, a falar muito e com acidez. Reclamava atenções e mais dinheiro, sempre mais, alegando que merecia. E ameaçava.

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima (...) Sua intimidade foi fotografada como objeto público. E ele parou de brincar. A felicidade que distribuía a todos está suspensa.<sup>127</sup>

Manoel do Santos, nascido em Pau Grande, um pequeno lugarejo do município de Magé, no Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1933, era filho do índio alagoano Amaro Francisco dos Santos e da mulata pernambucana Maria Carolina Francisco dos Santos. Herdou do pai Amaro e do tio Manoel as pernas arqueadas, sendo a direita para dentro e a esquerda para fora.

Aos 14 anos começou a trabalhar na fábrica de tecidos América Fabril, que construiu vilas de casas para os operários, cuidando de toda infra-estrutura do lugar. Os proprietários ingleses formaram o Esporte Clube Pau Grande, uma dádiva para Garrincha e para o futebol brasileiro, pois sua única forma de garantir o emprego que nada fazia, era jogar no time da fábrica.

Cedo também se envolveu com as jovens, casando-se com Nair por engravidá-la, em 20 de outubro de 1952, aos 19 anos e mantendo ainda outra relação com Iracy. Garrincha com Nair foi pai de oito filhas e com Iracy de um casal.

Como seu futebol era incomparável, foi levado para treinar no Vasco da Gama e no São Cristóvão, sendo desprezado pelo seu tipo físico. Por meio do ex-jogador botafoguense Arati encontrou a oportunidade esperada, treinando com sucesso no Botafogo F.R., assinando em branco o seu primeiro contrato profissional em 1953. Em General Severiano permaneceu por doze anos, conquistando os títulos estaduais de 1957, 1961 e 1963 e as Copas do Mundo de 1958 e 1962, marcando 242 gols em 613 partidas.

Em 1958 Garrincha namorou a vedete Angelita Martinez, substituindo por um período Iracy, quem trouxera para Ipanema desde de 1957. Em 1962 apaixonou-se pela cantora Elza Soares, separando-se de Nair em janeiro de 1963. Garrincha rompeu também com Iracy e foi morar com Elza Soares, sendo pai novamente de um menino, Manoel Garrincha dos Santos.

Os companheiros inseparáveis das peladas e dos bares Pincel e Swing perderam o contato com Garrincha após seu afastamento de Pau Grande, sendo interditados por Elza Soares preocupada em eliminar o consumo da bebida alcoólica do companheiro.

O início da decadência veio em 1963, com dois anos de conflito entre o clube e o jogador, que além de reivindicar um novo contrato salarial, ficava regularmente impossibilitado de atuar, primeiro com os meniscos do joelho direito necrosados e depois com a fisioterapia pós-cirúrgica em 1964. Seu retorno aos gramados ampliou o desgaste, jogando sem brilho e até sendo substituído pela “prata da casa”, o jovem Jairzinho.

Tragédias familiares, desvalorização profissional e alcoolismo aceleram a queda, surgindo como as duas últimas chances a transferência para o Corinthians em 1965 e a participação na terceira Copa do Mundo em 1966. Esses dois fracassos aos 33 anos desfecharam uma trajetória inesquecível, mas que agonizou até 1972 com passagens insignificantes na Portuguesa do Rio de Janeiro, no Atlético Júnior de Barranquilla, no C.R. Flamengo e no Olaria A.C.

Garrincha ao retornar da Copa de 1962 recebeu do Governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda um mainá e como seus problemas pessoais e futebolísticos se revelaram em seguida, o pássaro ficou relacionado a sua má fase e foi eliminado. Em *O mainá*, publicado no *Correio da Manhã* em 24/6/1964, Drummond critica a trama desse pensamento místico e assassino:

Quem torceu o pescoço ao mainá de Garrincha certamente nunca leu o famoso soneto de Enrique González Martínez (...) Não leu, mas foi ao mainá e cassou-lhe a palavra para sempre...

O que sabemos é que inúmeras pessoas poderiam tê-lo cometido (...) podem até ser ótimas praças, mas cederiam à força de um pensamento mágico, que sempre paira entre o céu e os seres.

Desde o momento em que se correlacionam a proximidade da ave com as perturbações na arte futebolística de Garrincha, a idéia de eliminar o mainá assumiu um caráter libertário. Matar o mainá era evitar a morte de Garrincha...Se Abraão não hesita em imolar o próprio filho (...) por que poupar a vida de uma ave se a sua eliminação conjura poderes maléficos, que se encarniçam contra (...) o menos reflexivo dos campeões?

É o mesmo ato de Abraão às avessas: a morte em defesa do filho (...) Outros fundamentos do atentado estão em Frazer (...) o costume de matar o próprio deus, se daí resulta benefício para a comunidade. No caso, o benefício é colossal, pois a recuperação de Garrincha se salva aquilo que o filme de Joaquim Pedro de Andrade chamou inspiradamente de alegria do povo.

O que fica dito parece demonstrar que aprovo (...) não aprovo coisa nenhuma (...) Não posso, entretanto, contra a mentalidade mágica, e não sei se neste momento, na Índia, uma partícula da alma universal não se deslocou misteriosamente, tangida pela morte do mainá, e quem pode prever as repercussões disso em um caso tão complicado?<sup>128</sup>

O sentimento místico de Garrincha adiou por quase dois anos a cirurgia pedida pelo médico do clube Hilton Gosling, tratando-se com uma curandeira de Pau Grande.



O período que antecedeu a cirurgia no joelho direito de Garrincha em 29 de setembro de 1964 e sua lenta recuperação foram repletos de acidentes, ameaças, perseguições e perdas (a morte de Garrinchinha aos 9 anos por afogamento) para o casal Garrincha e Elza Soares, alimentando no jogador, parentes, amigos e principalmente fãs o presságio da destruição.

Mané tinha 15 irmãos, sua irmã Rosa foi quem lhe apelidou de Garrincha, pois uma de suas diversões era caçar pássaros e o pássaro Garrincha era o mais freqüente na região serrana de Petrópolis. Mané Garrincha gostava também de pescar e animava os ambientes com suas inúmeras brincadeiras, principalmente nas concentrações do Botafogo e da Seleção Brasileira. Nas concentrações fadonhas duas coisas eram fundamentais, um esquema de fuga com os amigos para namorar e os bares para beber. Garrincha apelidava a todos, companheiros, adversários, árbitros, funcionários e dirigentes. Nunca se encontrava aborrecido, nem se preocupava com o time contrário, tratando seus marcadores como um “João” a mais.

Em *Outro lado dos nomes*, publicado em 30/11/1976 no Jornal do Brasil, Drummond relembra essa alegre descontração desaparecida no craque, servindo-se de seu personagem João Brandão.

João Brandão passou a interessar-se pelo segundo significado dos nomes próprios. Mania como outra qualquer. A dele começou quando um amigo lhe disse que, no fundo, ele não passa de um jogador a quem se dribla facilmente.

-Como assim?

- Pega o dicionário e vê.

Foi ao *Aurélio* e lá verificou que, de fato, João não é só “agraciado por Deus”, o “pio” e “misericordioso” que são atestados no *Dicionário etimológico*, de Nascentes. Pode ser também o jogador ingênuo, que em vão tenta conquistar a bola do adversário mais esperto, capaz de enganá-lo negaceando com o corpo. Parece que foi Mané Garrincha o lançador do termo: o João, aparecendo no seu caminho, era objeto de riso dos torcedores .<sup>129</sup>

O lance era o mesmo, Garrincha recebia a bola pela ponta-direita e partia com ela para cima do adversário. Parava a bola, gingava e com um corte para a direita arrancava com velocidade até o cruzamento ou o chute. Novamente bola parada na frente de um ou vários adversários enfileirados, ginga de corpo e uma arrancada sem bola junto com os adversários, retornando em seguida para buscá-la, com a risada geral do público. Descobriu o drible mais simples e cômico, que resulta da impossibilidade do outro adivinhar seus pensamentos. Uma brincadeira que se repete na vida de qualquer um, desvendando o esconderijo do outro.

O personagem Manoel Francisco dos Santos, como passou assinar em homenagem ao seu tio protetor, ocupa uma função importante no universo mítico brasileiro. A mídia lhe deu fama, mas não conseguiu enquadrá-lo. Sua resistência reuniu esperteza, vícios e abandono da realidade. Foi retratado pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade em 1962 como a *Alegria do povo*, hoje virou livro do jornalista Ruy Castro e roteiro de um novo filme de mesmo título *A estrela solitária. Um brasileiro chamado Garrincha*, que a família tentou embargar.

Carlos Drummond de Andrade concluiu sua homenagem ao craque em *Mané e o sonho*, publicado em 22/1/ 1983, no *Jornal do Brasil*, dois dias depois de seu falecimento.

A necessidade de esquecer problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los com uma cota de despreocupação e alegria, fez com o futebol se tornasse a felicidade do povo (...) os grandes jogadores convertem-se numa espécie de irmãos da gente (...)

Mané Garrincha foi um desses ídolos providenciais com que o acaso veio ao encontro das massas populares e até dos figurões responsáveis periódicos pela sorte do Brasil, ofertando-lhes o jogador que contrariava todos os princípios sacramentais do jogo, e que no entanto alcançava os mais deliciosos resultados. Não seria mesmo uma indicação de que o país, despreparado para o destino glorioso que ambicionamos, também conseguiria vencer suas limitações e deficiências e chegar ao ponto de grandeza que nos daria individualmente o maior orgulho, pela extinção de antigos complexos nacionais? (...)

Garrincha, em sua irresponsabilidade amável, poderia, quem sabe?, fornecer-nos a chave de um segredo de que era possuidor e que ele mesmo não decifrava, inocente que era da origem do poder mágico e de seus músculos e pés. Divertido, espontâneo, inseqüente, com uma inocência que não excluía espertezas instintivas de Macunaíma – nenhum modelo seria mais adequado do que esse, para seduzir um povo que, olhando em redor, não encontrava os sérios heróis, os santos miraculosos de que necessita no dia-a-dia (...) Sua ambição ou projeto de vida (se é que, em matéria de Garrincha, se pode falar em projeto) consistia no papo do botequim, nos prazeres da cama, de que resultasse o prazer de novos filhos, no descompromisso, afinal, com os valores burgueses da vida.

Não sou dos que acusam dirigentes do esporte, clubes, autoridades civis e torcedores em geral de ingratidão para com Garrincha. Na própria essência do futebol profissional se instalam a ingratidão e a injustiça. O jogador só vale enquanto joga, e se jogar o fino (...) É pago para deslumbrar a arquibancada e a cadeira importante, para nos desanuviar a alma, para nos consolar dos nossos malogros, para encobrir as amarguras da Nação. Garrincha foi um entre muitos desses infelizes, dos quais só se salva um ou outro predestinado, de estrela na testa, como Pelé.

A simpatia nacional envolveu Mané em todos os lances de sua vida, por mais desajustada que fosse, e isso já é alguma coisa que nos livra de ter remorso pelo seu final triste. A criança grande que ele não deixou de ser foi vitimada pelo germe da autodestruição que trazia consigo: faltavam-lhe defesas psicológicas que acudissem ao apelo de amigos e fãs. Garrincha, o encantador, era folha ao vento (...) Quem viu Garrincha atuar não pode levar a

sério teorias científicas que revêem a parábola inevitável de uma bola e asseguram a vitória – o que não acontece.  
Se há um deus que regula o futebol, esse deus é sobretudo irônico e farsante, e Garrincha foi um de seus delegados incumbidos de zombar de tudo e de todos, nos estádios. Mas como é também um deus cruel, tirou do estonteante Garrincha a faculdade de perceber sua condição de agente divino. Foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho.<sup>130</sup>

Manuel dos Santos é a ironia de um pássaro Garrincha que voa em muitas leituras que se infiltram e corroem a realidade. Algumas já foram ditas, tais como o olhar macunaímico do cineasta Joaquim Pedro, o antidrível do jornalista Armando Nogueira e uma comparação com o Carlitos de Chalés Chaplin.

Garrincha é a melhor resposta para a apologia do atleta, sua deficiência física acentuada, como um “anjo das pernas tortas”, conforme Nelson Rodrigues, é pretexto para dar conta da falta que se estrutura no sujeito.

Sempre estiveram preocupados em acusá-lo de ser um insaciável driblador, mas na verdade ele nunca deu um drible, apenas sublinhou que todos são driblados. Ele vai e a bola fica e depois o outro fica e ele vai com a bola. Uma cena que se repetiu sempre na sua acidentada carreira, que se iniciou tardiamente por recomendação do jogador Araty, após um treino em que massacrou a “enciclopédia” Nilton Santos, em 1953 no Botafogo Futebol e Regatas.

Garrincha sabia construir vários tipos de jogadas, pois também era meia-direita no seu time da terra natal Pau Grande. Onde jogou, inventou os artilheiros. Na Copa do Mundo de 1962, no Chile, fez de tudo: passes, lançamentos e gols de falta, de cabeça e de canhota, além da famosa ginga que fazia dançar qualquer “João”. Trouxe a taça Jules Rimet quase sozinho, confundindo mais ainda os descrédulos de seu futebol.

Seu paralelo com Carlitos está na solidão de uma figura humana que atua de forma corrosiva, porém alegre, devassando os “tempos modernos” que prima pelo hedonismo conjugado ao perversismo. Muito mais que um caipira, foi “biscoito fino” de exportação, considerado pelos jornalistas internacionais como o “rei dos reis”, embora em seu território fosse tratado como incapaz, deficiente, tolo, mentiroso, indecente e irresponsável, conflitando o alcoólatra anônimo Manuel com a maior alegria de um povo humilhado.

A verdadeira despedida de Garrincha não foi no jogo beneficente de 1973 no Maracanã, quem a descreve no livro *Estrela solitário. Um brasileiro chamado Garrincha* é o jornalista Ruy Castro:

Em seu último dia Garrincha não bebeu mais que o habitual. Passou a manhã e parte da tarde na rua, mas seu organismo estava produzindo sensações que ele não conhecia. Voltou para casa por volta de duas da tarde e se deitou, gemendo muito. Uma hora depois tentou levantar-se sozinho, caiu e bateu com o rosto no chão...

Às sete da noite levaram-no para o Dr. Eiras(...)

Garrincha foi então deixado sedado e sozinho – uma estrela mais solitária do que nunca naquela noite imensa. Esse corpo já não lhe servia para as arrancadas de Pimpinela Escarlata pela ponta direita, para as freadas bruscas que faziam guinchar as chuteiras, para as torções de circo em que seus músculos e ossos pareciam de borracha nem para a mortífera potência e colocação de seus chutes. Não lhe servia também para ter prazer e dar prazer às muitas mulheres que ainda poderia possuir pela vida. Não lhe servia nem mesmo para absorver e metabolizar todas as garrafas que ainda pretendia beber. Já não lhe servia para nada. A autópsia revelaria que seu cérebro, coração, pulmões, fígado, pâncreas, intestino delgado e rins já estavam parcialmente destruídos.<sup>131</sup>

#### 4- CONCLUSÃO

Carlos Drummond de Andrade foi um dos responsáveis pelo reconhecimento da crítica literária sobre a importância das crônicas jornalísticas. Drummond com um longo percurso de publicação de crônicas em jornais e revistas, assim como de participações em programas de rádio construiu um vasto e rico acervo, que vem sendo selecionado para edição em coletâneas, antes pela Jose Olympio, agora pela Record.

Na comemoração de seu centenário de nascimento, por iniciativa dos netos Luis Mauricio e Pedro Augusto Grana Drummond, a editora Record, reuniu sua produção em prosa e verso sobre o futebol brasileiro, denominando-a de *Quando é dia de futebol*, surpreendendo pela atualidade e pelo resgate histórico dessa obra, que a tomamos como nosso objeto de estudo.

Primeiro situamos a relação da crônica com a ação da mídia, delimitando o intercâmbio entre o produto jornalístico e o discurso literário da crônica. Nesse sentido caminhamos pela reelaboração da crônica na matéria-prima da notícia, traçando uma rota invertida, que despova a ideologia ali habitada, norteadora da agenda da mídia, desertificando essa consistência imaginária da realidade.

Depois seguimos pelos rastros do cotidiano das crônicas em geral, recortando sua fragmentariedade moderna, então desembarcamos em Drummond, abrigado por uma longa estada no Rio de Janeiro, que

transporta-nos ao surpreendente inventário da cidade, suas personagens em episódios singulares. Ficamos diante de universo sem limites, com o peso histórico de uma leitura sobre o tempo, a arte e a vida em progressão. Fazendo-nos em crônicas, configuramos a relação indestrutível da memória com o desejo, o que nos previne da arrogância do saber e da negação à alteridade.

Escolhemos a travessia da fantasia bem brasileira do seu futebol-arte, percorrendo-o em três momentos de reflexão e que se conectam pela lição exemplar da seleção brasileira nos eventos da FIFA.

A primeira reflexão é sobre o torcedor, circundando entre a identificação imaginária, enquanto prisioneiro da paixão e o espaço da interlocução, enquanto fratura do espetáculo pela cogitação da arte.

A primeira menção à paixão futebolística em Carlos Drummond de Andrade data 20-21/07/31, Minas Gerais, com *Enquanto os mineiros jogavam*, descrevendo a concentração dos torcedores mineiros na Avenida Afonso Pena para se informar do jogo. Em *Calma, torcedor*, 31/03/59, o sofrimento do público é mediado pela transmissão esportiva com a sua impotência perante a realidade. Com esse olhar o torcedor disputa uma partida. Em *Jogo a distância*, 17/07/66, a cobertura esportiva revela insensatez, quando perturbada pela derrota da seleção brasileira. Nesse momento emerge o personagem João Brandão pontuando a mensagem, ao refutar o culto único da vitória.



No texto *O inoportuno*, 13/07/66, o poeta aproxima-se ainda mais da *Pátria de chuteiras* de Nelson Rodrigues, demonstrando um recesso nacional durante a Copa do Mundo.

Em *Garoto*, 13/01/65, há o impacto da primeira partida assistida no Estádio do Maracanã, que se torna uma lembrança inesquecível.

*No elevador*, 12/09/65, encontra-se o palco da rotina melancólica do trabalhador, mas que o ascensorista do Ministério da Educação e do Edifício Darke, conhecido como Amigo, supera através do Vasco, de que não abdica em nenhum momento.

Para Carlos Drummond de Andrade o clube também representa um partido organizado e de maior fidelidade. A própria escolha pelo Vasco da Gama revela uma opção ideológica, cujo enamoramento vem de uma história expressada pela presença das camadas populares.

A tensão entre futebol e política explicita-se. Em *Seleção, eleição*, 09/07/70, o aproveitamento político sustenta a eleição do partido governista, no contexto da ditadura militar. Em *Parlamento de rua*, 02/02/74, uma banca de jornal da Avenida Rio Branco, ligada à torcida botafoguense, atua como um parlamento aberto, devolvendo a opinião pública para o mesmo regime. Em *O leitor escreve*, de 13/11/76, a correspondência sublinha uma mobilização política até mesmo no uso dos palavrões pelo coro da torcida. Finalmente em *O torcedor*, 05/06/80, a imensa e torcida rubro-negra, em festa por toda cidade com o primeiro título de campeão brasileiro desnorteia

o elitista passageiro de ônibus, marcando um alegre encontro com a multidão.

O texto de Drummond acompanha as Copas do Mundo desde 1954 até 1982, com publicações até 1966 no Correio da Manhã e a partir de 1969, no Jornal do Brasil, caracterizando um olhar atento às lições e aos conflitos do acossamento contextual. Em três momentos há um transbordamento paradigmático, nos outros momentos os sintagmas do imaginário repressivo domam o discurso.

Em 1954, na Suíça, a única produção é *Mistério da bola*, 17/06/54, em que o cronista chama atenção para o novo tratamento da mídia esportiva privilegiando a linguagem técnica em detrimento da narrativa épica. Mas adiante, em *O locutor esportivo* de 24/05/79, o tema reaparece na reconstituição do sucesso de Anselmo Fioravanti em 1929, cuja locução era mais fascinante do que o jogo. Sustenta-se nesse contexto duas ocorrências, a seqüência das derrotas dos brasileiros em 1950 e dos húngaros em 1954 e o desenrolar da composição internacional de blocos hegemônicos.

Em 1958, na Suécia, chega-se pela primeira vez ao divino caneco no comando elegante de Didi, escrete de ouro revoluciona o futebol com o torto Mané e menino Pelé. *De 7 dias*, 22/06/58, *Celebremos*, 01/07/58 e *Situações*, 05/0758, o sentido épico-lírico conquista o cenário desenvolvimentista de JK. Tudo é bossa brasileira.

Em 1962, No Chile, consolida-se a supremacia e o personagem central é Garrincha. A versão épica ganha maior relevo em *Seleção de Ouro*, 20/06/62, no meio da segunda crise institucional do governo trabalhista.

Em 1966, estão de volta as amarguras, alternando excesso e desorganização. O prenúncio em *Voz geral*, 24/03/66, foi o roubo da Taça Jules Rimet. O excesso em *A seleção*, 03/04/66. O maior conflito está no descompasso da renovação de gerações do selecionado com o retrocesso econômico e político do regime militar em *Milagre da copa*, 03/4/66 e em *Concentração nacional*, 20/04/66.

Com *Aos atletas*, 24/07/66, rompe-se com o ressentimento da perda, os derrotados são recebidos com esperança. Em outras oportunidades, este evento se repete. Na Copa disputada na Espanha, novamente o Brasil foi derrotado, mesmo sendo superior, uma experiência amadurecida por 200 mil brasileiros presentes em 1950, no Maracanã, na decisão contra o Uruguai, só que desta vez um pouco mais cedo, após jogo contra a Itália, retratando a impotência salutar em *Perder, ganhar, viver*, 07/07/82.

Em *A semana foi assim*, 18/10/69, a ditadura militar perde a vergonha de seus atos, o futebol brasileiro renasce com as “feras” do Saldanha.

Em 1970, no México, deu-se a definitiva consagração, venceu-se com honra e graça, tendo como personagem central Pelé.

Na fase pós-eliminatória as intrigas reacionárias substituíram João Saldanha por Zagalo no comando técnico, retratadas nos textos *Entrevista*

*solta*, 12/03/70, *Com camisa, sem camisa*, 14/03/70, *Do trabalho de viver*, 16/04/70 e *Carta sem selo*, 18/04/70.

Durante a Copa, transmitida diretamente dos estádios mexicanos pela TV brasileira, junto de uma comoção coletiva promovida pelo ufanismo redentor, revelou-se a pura arte dos heróis humanos. *Copa do mundo de 70*, 20/06/70 e *Em preto e branco*, 16/06/70, separam-se os vencedores e os vencidos. Em *Prece do brasileiro*, *Falou e disse*, 17/08/71 e *Solucinática*, 29/09/71 descortina ainda mais o cenário nacional da intolerância e da impostura.

As Copas de 1974, na Alemanha, 1978, na Argentina e 1982, na Espanha, representaram participações frustrantes para a quarta geração do Maracanã. O burocrático sistema de Zagalo em 1974 e o perfoismo de Cláudio Coutinho em 1978, ambos membros da Comissão Técnica que derrubaram “João sem medo” ficam nus. A organização de um futebol criativo, alegre e cavalheiro por Telê Santana no declínio da ditadura, não conseguiu evitar o “deus fútil”.

Na primeira participação apresentamos uma seleção sem emoções, esperanças picadas. Em *A voz do Zaire*, 11/04/74, a preocupação precoce. Em *Sermão da planície*, 18/06/74, a paródia do martírio do futebol e *De bola e outras matérias*, 06/07/74, a derrota incontestável do escrete brasileiro diante do carrossel holandês, restando a indignação em votos nulos.

Na segunda participação a apologia da Escola de Educação Física demonstrou a consolidação da política desportiva, que se estende até hoje,

agora combinada à nova ética capitalista do marketing, denunciada em *Anuncio na camisa*, 20/12/77. O argumento do título moral de uma equipe sem derrota, dentro de um cenário com regime político similar e integrado é dissolvido, em *Brasil vitorioso na copa terá solução democrática*, 25/05/78 e em *Foi-se a copa*, 24/06/78.

Na terceira participação reascenderam as chamadas da esperança e a mídia tornou-se seu cavaleiro sem espada para Drummond. Em *Balanço atrasado*, 20/01/81 - a campanha regular no mundialito do Uruguai, *Variações em tempo de carnaval*, 09/02/82 - a ameaça do favoritismo antecipado, *Explosão*, 06/03/82 - a perspectiva política pós-torneio com o retorno das eleições diretas, *O leitor escreve* de 03/06/82 - explicitação da alienação, *O Rio enfeitado*, 10/06/82 - o carnaval de rua antecipado, *O incompetente na festa*, 15/06/82 - a única pauta é o futebol e *Entre o céu e a terra, a bola*, 24/06/82 - nem santos e nem política nos meses de junho e julho.

Drummond, que após a hora dura, previu as vitórias das urnas em *Futuro* de 31/07/82 e o encurralamento do impasse político, em *Copa* de 28/08/82 e de 19/02/83. De suas antecipações, o craque Maradona foi a última, que se concretizou na Copas de 1986 no México.

O futebol brasileiro se define em suas características a partir dos anos 40, e tem como seu período áureo as três décadas seguintes. No primeiro caso consolidou-se a sua história plebéia, e no período seguinte surgiram as

gerações de craques consagradas internacionalmente, que reinaram no Maracanã como palco mundial.

O salto qualitativo do futebol brasileiro a partir dos anos 50, não se limitou às repercussões internacionais e sim na formulação do futebol como arte, desenvolvido na leitura particularizante de sua história plebéia sobre os padrões dominantes do modelo europeu. Havia a companhia na América dos casos do Uruguai e da Argentina, cada um com uma lição diferente, que nos trazem influências regionais, mas que se distinguem do futebol ofensivo, alegre e ousado do eixo Rio / São Paulo.

Pelé, considerado por toda a imprensa o rei do futebol, também denominado de atleta do século, conterrâneo de Três Corações e vascaíno, fez o prefácio do livro *Quando é dia de futebol*, a pedido dos organizadores. Foi homenageado em várias crônicas de Carlos de Drummond de Andrade, como sendo a melhor tradução do craque enquanto autoria do discurso artístico. Recebeu a companhia de Garrincha na homenagem do poeta, o que representa o regime da linguagem enquanto o entrecruzamento da metáfora e da metonímia, assim como do discurso da paródia, percorrendo a alegoria e a ironia, respectivamente. Ambos são representantes de nossa civilização mestiça, um negro e um índio, pobres e moleques, brincando nos campos de várzea.

Em *Pelé: 1000*, 28/10/69, difícil é fazer o gol como Pelé e não superar a barreira dos mil por ele atingida em 1969.

O rei tem sua legitimidade bem cedo, desde 1958, e confirmada na significação da extensa obra, ao contrário da visão mercantil e sensacionalista do jornalismo esportivo, que atribuiu sua supremacia enquanto atleta, como portador de uma complexidade corporal ideal.

Em *Despedida*, 05/06/71, e *Letras louvando Pelé*, 02/12/75, o poeta penetra na jogadas de sua figura de linguagem, encerrando sua destinação de seus lances.

É a metáfora do trans-individual na criação. O Outro em outro lugar enquanto alegoria e alegria. Rei da raça de uma história como ruína. E como não há metáfora sem metonímia, o desejo chama-se Garrincha.

Manoel dos Santos, mais conhecido como Mané Garrincha, é pássaro encantador. O mestiço de pernas tortas é a ironia corrosiva da realidade, a infiltração no drible do real.

Em *Estrada* primeiro publicado em *Cadeira de Balanço*, sua incompletude enquanto percurso desnorteia qualquer princípio apolíneo, brincando com a carreira e a vida.

Interdita-se no trágico e revelador destino, que insistem mistificar com a má sorte de *O Mainá*, 24/06/64.

Representa a mais fiel companhia de Pelé no discurso paródico do oprimido na relação João e Mané em *O outro lado dos nomes*, de 30/11/76 e na prova dos nove do personagem Macunaíma, em *Mané e o sonho*, de 22/01/83.

Pelé, Garrincha e companhia realizaram a utopia brasileira.

## 5. BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

———. *Sobre o trabalho teórico*. Lisboa: Estampa, 1975.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *Brejo das Almas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

———. *Claro enigma*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

———. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *A falta que ama*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *A vida passada a limpo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *Rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *Fala Amendoeira*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *Cadeira de balanço*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

———. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro: Record, 2001.



- . *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- . *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- . *Moça deitada na grama*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- . *Auto retrato e outras crônicas*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- . *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- . *A bolsa e a vida*. 6.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- . *O poder ultrajovem*. 17.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- . *Os dias lindos*. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- . *Boca de luar*. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- et. al. *Quatro Vozes*. 11.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- . *As palavras que ninguém diz*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- . *Conversa de livraria*. Porto Alegre: Age, 2000.
- . BANDEIRA, Manuel. *O Rio de Janeiro em verso e prosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- BAGGIO, Luiz Fernando. *Copas do mundo - histórias e estatísticas*. São Paulo: Axel Books, 2003.
- BANDEIRA, Manuel. *Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2003.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. *Governo João Goulart - as lutas sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Renavan, 1985.
- BARRETO, Paulo. *Crônicas efêmeras – João do Rio na Revista da Semana*. São Paulo: Giordano, 2001.

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- . *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- . *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.
- . *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- BENEVIDES, Maria V. Mesquita. *O governo de Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – volumes 1, 2 e 3*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- . *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. *A crônica – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil – in: A vida ao rés-do-chão*. São Paulo: Unicamp, 1992.
- CASTRO, Ruy. *Ela é carioca – uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

———. *Carnaval no fogo – crônica de uma cidade excitante demais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

———. *Estrela solitária um brasileiro chamado Garrincha*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1995.

CONY, Carlos Heitor. *O ato e o fato*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

———. *JK – como nasce uma estrela*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DORIS, Fausto. *História da Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2001.

FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972

———. *As palavras e as coisas*. São Paulo Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. São Paulo: Global, 2003.

FREUD, Sigmund. *Obras completas (edição standard brasileira)*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GASPARI, Élio. *Ditadura envergonhada*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

———. *Ditadura escancarada*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

———. *Ditadura derrotada*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

———. *Ditadura encurralada*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

- . *Cadernos do Cárcere (6 volumes)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito (V. I e II)*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- HAAL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2000.
- KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . *Seminário 5 – As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- . *Seminaire 22 – RSI*. Paris: Seuil, 1977.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- . *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- LANCELOT, Silvio. *Almanaque da copa do mundo*. São Paulo: LPM, 2004.
- MARX, Karl. *O Capital – Livro 3, Volume IV*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/ data.

———. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MAXIMO, João. *João Saldanha sobre nuvens de fantasia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MENDONÇA, Antônio Sérgio. *Por uma teoria do simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1974.

———. *O ensino de Lacan*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1993.

———. *O ensino de Lacan II*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1994.

MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado – palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

———. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MORAES, Vinicius. *Para viver um grande amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

———. *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PILAGALO, Oscar. *História do Brasil no século XX*. Vol. 3 e 4. São Paulo: Publifolha, 2002.

PONTE PRETA, Stannislav. *FEBEAPA 1- Festival de besteiras que assola o país*. Rio de Janeiro: Autor, 1966.

———. *FEBEAPA 2- Festival de besteiras que assola o país*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

———. *FEBAAPA 3 Máquina de fazer doido..* Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

- PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.
- . *As impurezas da modernidade* (in: *Revista Tempo Brasileiro nº 140*). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- . *O ensaio como ensaio* (in: *Revista Tempo Brasileiro nº 141*). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- . *O intelectual e o poder*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- . *O Discurso da cidade*. (in: *Revista Tempo Brasileiro nº 150*). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- PORTO, Sérgio. *As cariocas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- RESENDE, Beatriz. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- . *Imagens da exclusão* (in: *Revista Tempo Brasileiro nº 141*). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- . *Literatura latino-americana século XXI*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.
- . *Rio Literário- breve roteiro para o leitor se perder na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- . *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SALDANHA, João. *Futebol e outras histórias*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

———. *O trauma da bola*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2002.

———. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1984.

SALES, Herberto (org.). *Antologia de crônicas*. São Paulo: Ediouro, 2002.

SARTRE, Jean Paul. *As palavras*. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

———. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZIZEK, Slovoj. *Eles não sabem o que fazem (o sublime objeto da ideologia)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

## 6. NOTAS

### Capítulo 2

1 – CÂNDIDO, Antônio. *A crônica – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil – in: A vida ao rés-do-chão*. São Paulo: Unicamp, 1992,p.13.

2- PORTELLA, Eduardo. O Discurso da cidade. (*in: Revista Tempo Brasileiro nº 150*). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.226-227.

3-Idem, p.236.

4- RESENDE, Beatriz. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002,p.172.

5- Idem, p.175.

### Capítulo 3

1- ANDRADE, Carlos Drummond. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002., p.20.

2- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.58.

3- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – vol. 1*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.167-168.

4- \_\_\_\_\_. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 199-201.

5- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.Cit., p.171.



- 6-Idem, p.171.
- 7- Idem, p.172
- 8- Idem, p.228.
- 9- Idem, p.167.
- 10- Idem, p.23.
- 11- Idem, p.27.
- 12- Idem, p.93.
- 13- Idem, p.28.
- 14- Idem, p.113.
- 15- Idem, p.223.
- 16- Idem, p.77.
- 17- Idem, p.169.
- 18- Idem, p.81.
- 19- Idem, p.83.
- 20- Idem, p.127.
- 21- Idem, p.141.
- 22- Idem, p.141-142.
- 23- SALDANHA, João. *O trauma da bola*. Rio de janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2002, p.178.
- 24- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.43.
- 25-Idem, p.152.
- 26- Idem, p.155.
- 27- Idem, p.55.

- 28- Idem, p.55-56.
- 29- CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.19.
- 30- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.57.
- 31-Idem,p.59..
- 32- Idem,p.59.
- 33- Idem,p.60
- 34- Idem,p.21.
- 35- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras: 1993, p.51.
- 36- UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p.149.
- 37- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.33.
- 38-Idem, p.223.
- 39- Idem, p.37-38.
- 40- Idem, p.41.
- 41- Idem, p.47.
- 42- Idem, p.47.
- 43- Idem, p.48.
- 44- Idem, p.48.
- 45- Idem, p.48.
- 46- Idem, p.224.
- 47- Idem, p.51.

- 48- Idem, p.51-52.
- 49- Idem, p.64.
- 50- Idem, p.65-66.
- 51- Idem, p.67.
- 52- Idem, p.224.
- 53- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária um brasileiro chamado Garrincha*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1995, p.281.
- 54-Idem, p.282.
- 55- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.225.
- 56-Idem, p.226..
- 57- Idem, p.227.
- 58- Idem, p.71-72.
- 59- Idem, p.73.
- 60- Idem, p.69.
- 61- Idem, p.74.
- 62- Idem, p.85-87.
- 63- Idem, p.89.
- 64- Idem, p.89.
- 65- Idem, p.89.
- 66- Idem, p.90.
- 67- Idem, p.90.
- 68- Idem, p.90-91.

69- MAXIMO, João. *João Saldanha sobre nuvens de fantasia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p.92-93.

70-Idem, p.95.

71- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.95.

72-Idem, p.227.

73- MAXIMO, João. Op. cit.,p.97.

74- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.97.

75- PONTE PRETA, Stannislaw.*FEBEAPA 1- Festival de besteiras que assola o país*. Rio de Janeiro: Autor, 1966, p.32.

76- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.98.

77-Idem,p.18.

78- Idem,p.98-99.

79- Idem,p.101.

80- Idem,p.103.

81- Idem,p.105.

82- Idem,p.106-107.

83- Idem,p.109.

84- Idem,p.109.

85- Idem,p.109.

86- Idem,p.110.

87- Idem,p.110.

88- Idem,p.111.

- 89- Idem,p.115.
- 90- Idem,p.229.
- 91- Idem,p..119-120.
- 92- Idem,p.123.
- 93- Idem,p.133.
- 94- Idem,p.135.
- 95- Idem,p.137.
- 96- Idem,p.230.
- 97- Idem,p.139.
- 98- Idem,p.143-145.
- 99- Idem,p.148.
- 100- Idem,p.149.
- 101- Idem,p.151.
- 102- Idem,p.231.
- 103- Idem,p.231.
- 104- Idem,p.158.
- 105- Idem,p.159.
- 106- Idem,p.161.
- 107- Idem,p.163.
- 108- SALDANHA, João. Op. cit.,p.70.
- 109- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit., p.175-177.
- 110-Idem, p.165
- 111- Idem, p.179-181.

- 112- SALDANHA, João. Op. cit.,p.154-155.
- 113- ANDRADE, Carlos Drummond. Op.cit , p.185.
- 114-Idem, p.187.
- 115- Idem, p.189.
- 116- Idem, p.231-232.
- 117- Idem, p.193.
- 118- Idem, p.195-197.
- 119- Idem, p.199.
- 120- Idem, p.201.
- 121- Idem, p.202.
- 122- Idem, p.203.
- 123- Idem, p.205-206.
- 124- Idem, p.7.
- 125- Idem, p.207.
- 126- Idem, p.207.
- 127- Idem, p.211.
- 128- Idem, p.213-214.
- 129- Idem, p.215.
- 130- Idem, p.217-219.
- 131- CASTRO, Ruy. Op. cit. ,p.486-487.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)